



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Reitora	<b>Gulnar Azevedo e Silva</b>
Vice-reitor	<b>Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues</b>
Pró-reitor de Graduação – PR1	<b>Antonio Soares da Silva</b>
Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa – PR2	<b>Elizabeth Fernandes de Macedo</b>
Pró-reitora de Extensão e Cultura – PR3	<b>Ana Maria de Almeida Santiago</b>
Diretor do Centro de Educação e Humanidades	<b>Roberto Rodriguez Dória</b>
Diretora do Instituto de Letras	<b>Janaina da Silva Cardoso</b>
Vice-Diretor do Instituto de Letras	<b>Rodrigo da Silva Campos</b>
Coord. da Pós-Graduação em Letras	<b>Carlos Eduardo Soares da Cruz</b>
Vice-Coord. da Pós-Graduação em Letras	<b>Vanessa Cianconi Vianna Nogueira</b>

*Matraga* é uma iniciativa da Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UERJ

#### **Editoras-Executivas do número 61**

Deise Quintiliano  
Roberta C. Sol F. Stanke

#### **Conselho Editorial**

Viviane da Silva Vasconcelos  
Ana Lúcia Machado de Oliveira  
Davi Ferreira de Pinho  
Andréa Sirihal Werkema  
Vania Lúcia Rodrigues Dutra  
Sandra Pereira Bernardo  
Marina R. A. Augusto (Editor-associado)  
Nabil Araújo (Editor-associado)

#### **Revisão**

Deise Quintiliano  
Roberta C. Sol F. Stanke  
Beta da Costa Melo

#### **Logomarca da revista *Matraga*, projetos gráficos de capa e miolo e editoração**

Cláudio Ricardo Corrêa (Egresso do Doutorado do PPG-Letras/UERJ)

Catálogo na fonte: UERJ/REDE SIRIUS/CEH-BWW

M 433 Matraga – vol. 31, n. 61 (2024) – . Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Letras, 1986- .  
v.

quadrimestral  
ISSN eletrônico 2446-6905

1. Letras – Periódicos; 2. Linguística; 3. Artes

CDU: 82(05)

# MATRAGA

ISSN eletrônico 2446-6905

Estudos Linguísticos & Literários

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ

61



## Miscelânea

Estudos Linguísticos & Literários

**EDITORAS**

Deise Quintiliano

Roberta Stanke

Matraga, Rio de Janeiro, v. 31, n. 61, jan./abr. 2024





## Conselho Consultivo

- ▶ Angela Del Carmen B. Romero de Kleiman (UNICAMP)
- ▶ Benjamin Abdalla Jr. (USP)
- ▶ Bethania Mariani (UFF)
- ▶ Carmem Lucia Pereira Praxedes (UERJ)
- ▶ Célia Marques Telles (UFBA)
- ▶ Charlotte Marie Chambelland Galves (UNICAMP)
- ▶ Claudio Cezar Henriques (UERJ)
- ▶ Claudius Armbruster (Universidade de Colônia)
- ▶ Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (UNICAMP)
- ▶ Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi (UNICAMP)
- ▶ Enylton de Sá Rego (Universidade do Texas)
- ▶ Esmeralda Vailati Negrão (USP)
- ▶ Eurídice Figueiredo (UFF)
- ▶ Frank F. Sousa (University of Massachusetts, Dartmouth)
- ▶ Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- ▶ Heidrun Friedel Krieger Olinto de Oliveira (PUC – RJ)



- ▶ Helena Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa)
- ▶ Ivo Biasio Barbieri (UERJ)
- ▶ Jacqueline Penjon (Paris 3, Sorbonne-Nouvelle)
- ▶ João Adolfo Hansen (USP)
- ▶ João Roberto Gomes de Faria (USP)
- ▶ Jorge Schwartz (USP)
- ▶ José Luíz Fiorin (USP)
- ▶ José Luís Jobim (UFF)
- ▶ Kenneth David Jackson (Yale University)
- ▶ Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)
- ▶ Laura Padilha (UFF)
- ▶ Letícia Sicuro Corrêa (PUC – RJ)
- ▶ Lucia Helena (UFF)
- ▶ Luiz Costa Lima (UERJ)
- ▶ Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)
- ▶ Márcia Atália Pietroluongo (UFRJ)
- ▶ Márcia Paraquett (UFF)
- ▶ Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)
- ▶ Maria Cecília de Souza e Silva (PUC – SP)
- ▶ Maria Conceição Monteiro (UERJ)
- ▶ Maria da Glória Bordini (PUC – RS)
- ▶ Maria da Glória di Fanti (UCPel/Pelotas; UNISINOS)
- ▶ Maria das Graças Dias Pereira (PUC-RJ)
- ▶ Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias (UNICAMP)
- ▶ Maria Lúcia Leitão (UFRJ)



- ▶ Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
- ▶ Maria Zina Gonçalves Abreu (Universidade da Madeira, Funchal)
- ▶ Marisa Philbert Lajolo (UNICAMP)
- ▶ Mary Theresa Seig (Ball State Unniversity)
- ▶ Mônica Rector (University of North Carolina, Chapel Hill)
- ▶ Nadiá Paulo Ferreira (UERJ)
- ▶ Paulo Elias Allane Franchetti (UNICAMP)
- ▶ Peonia Viana Guedes (UERJ)
- ▶ Regina Zilberman (PUC – RS)
- ▶ Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
- ▶ Roberto Acízelo de Souza (UERJ)
- ▶ Rosemary Arrojo (UNICAMP)
- ▶ Severino J. Albuquerque (University of Wisconsin, Madison)
- ▶ Sybille Große (Universidade de Heidelberg)
- ▶ Telê Ancona Lopez (IEB – USP)
- ▶ Victor J. Mendes (University of Massachusetts, Dartmouth)



## Sumário

### Apresentação

- A complexa miscelânea da criação** 9  
Deise Quintiliano e Roberta Stanke

### Artigos — ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

---

- Sociolinguística de Contato e Política Linguística: propostas de interseções teórico-metodológicas** 22  
Mônica Maria Guimarães Savedra, Telma Cristina de Almeida Silva Pereira
- Sustentabilidade no ensino de línguas estrangeiras: uma discussão atual e necessária** 37  
Paul Voerkel
- O podcast como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais** 55  
Raissa Goncalves de Andrade Moreira, Denilson Pereira de Matos,  
Ercilene Azevedo Silva Pessoa
- A negociação de objetos de discurso em interação digital polêmica no Twitter** 75  
Francisco Felipe de Oliveira Rocha, Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra
- Práticas, percepções docentes e democratização do ensino de francês: glotopolítica(s) para o reconhecimento do aluno periférico** 89  
Gilberto Ferreira de Souza
- A mentoria na formação docente: negociando sentidos na Prática como Componente Curricular (PCC)** 102  
Elaine Roschel Nunes



---

**Artigos — ESTUDOS LITERÁRIOS**

---

- Flaubert: la machine célibataire** 115  
Michel Sicard
- Flaubert: a máquina celibatária (Trad.)** 115  
Michel Sicard
- Mário Jorge, um poeta inquieto: do silêncio ao grito** 127  
Alexandre de Melo Andrade, Katherine de Albuquerque Mendonça
- Inscrição poética e epítáfio: representação e aprofundamento metapoético a partir de Jorge de Sena e Ruy Belo** 142  
Francisco Saraiva Fino
- Literatura, música, atmosferas: Senhorita Else** 154  
Maria Cristina Franco Ferraz
- A retórica amena de Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)** 166  
Isabel Scremin da Silva
- Jorge de Lima: Itinerário da Memória** 179  
Gilda Vilela Brandão

---

**ENTREVISTA**

---

- Deise Quintiliano e Roberta Stanke entrevistam Evanildo Bechara** 193  
Evanildo Bechara, Deise Quintiliano, Roberta Stanke

---

**RESENHAS**

---

- O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas, de Aldo Bizzocchi*** 198  
Jonathas de Cerqueira Castro
- Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral, de Éverton Barbosa Correia*** 202  
Eduardo da Silva de Freitas

- Editoras e colaboradores** 206





## A complexa miscelânea da criação

**M**iscelânea – Etim. do lat. *Miscellanĕa, ōrum*, no sentido de “alimentação dos gladiadores”, neutro pl., substv. de *miscellanĕus, a, um*, no sentido de “confundido, misturado”; 1 reunião de textos literários variados e freq. de autores diversos numa mesma obra (resolveu reunir seus escritos numa m.) 2 ext. conjunto confuso de coisas diferentes; mistura, mixórdia.<sup>1</sup> Do étimo à acepção corrente dicionarizada do vocábulo “miscelânea”, esse substantivo feminino remete à ideia geral de mistura, multiplicidade ou reunião de coisas distintas, variegadas, frequentemente de natureza heterogênea, ao mesmo tempo que é capaz de se referir a uma coletânea de textos, de escritos e de diferentes tipos de informação geralmente compilados num único volume ou obra.

Por outra via, desafiando noções tradicionais de identidade e pertencimento, numa compreensão mais plural da sociedade contemporânea, “modernidade tardia”, termo cunhado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck, no seu livro *Risikogesellschaft (Sociedade de Risco)*, encontra-se intimamente ligado ao sentido amplo de “miscelânea”. Tal nexos fundamenta-se em razão das complexas interações culturais e políticas vigentes no ambiente onde a “miscelânea” se torna uma característica marcante da vida social e cultural, amalgamando ideias e práticas na “modernidade tardia” – trabalho seminal que dissecas as mutações irruptivas da era pós-industrial e pós-Segunda Guerra mundial, marcada por novos desafios e incertezas.

A engenharia conceitual que conecta “miscelânea” e “modernidade tardia” ancora-se em fenômenos singulares de hibridização cultural, fundindo heranças culturais *sui generis*, traduzindo estilos de vida, gostos, gastos e gestos que produzem uma “miscelânea” de bens materiais e produtos culturais. Ditados pela diversidade da sociedade contemporânea, esses bens e produtos são pilotados pelo processo de globalização – espécie de tapeçaria interconectada, disseminando, para além de bem e mal, práticas culturais no mundo inteiro. A artilharia pesada de inúmeros filósofos, sociólogos e críticos culturais é calibrada em direção a alvos que orbitam a esfera delineada por Beck, sob outros matizes.

<sup>1</sup> (Houaiss digital)



“Pós-modernidade”, “era da globalização”, “sociedade pós-industrial”, “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento” são algumas das vestimentas que traduzem as interpretações particulares da fase histórica que sucede o período moderno, cada qual enfatizando aspectos específicos do contexto social, cultural, político e econômico contemporâneo. É também nessa trilha que Anthony Giddens (1991) denuncia a dupla face da modernidade: aquela voltada para o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala global, cujos avanços tecnológicos, num cenário favorável, contribuiriam para propiciar uma vida melhor à humanidade; e a que denota o aspecto sombrio da modernidade, já que as oportunidades não são iguais para todos.

A associação do pensamento de Jean-François Lyotard (1979) à ideia de “miscelânea” advém da ênfase na fragmentação, na diversidade e na ausência de uma metanarrativa unificadora na contemporaneidade. Na mesma dimensão analítica, para o teórico da “hipermodernidade” Gilles Lipovetsky (1993, p. 169-175), “é o ecletismo da cultura que reina”, numa fusão completa de todos os estilos: “não se trata mais de criar um estilo, mas de integrar todos os estilos, inclusive os mais modernos [...]. O pós-modernismo se insurge [portanto] contra a unidimensionalidade da arte moderna, apostando suas fichas em obras fantasiosas, serenas, híbridas”.

Em sua argamassa constitutiva, o pensamento de Zygmunt Bauman explora a ideia de uma sociedade contemporânea caracterizada pela “miscelânea” de identidades, relações e estruturas sociais. Ao esgrimir o conceito de “liquidez”, o sociólogo polonês sublinha o caráter volátil das interações humanas na era da “modernidade tardia”, vislumbrando a “miscelânea” como condição de enfrentamento das noções tradicionais de estabilidade e ordem social. Composição abrangente de fontes inabituais, cujo resultado é um mosaico de nuances, o ecletismo se manifesta não apenas como uma mistura aleatória, mas como uma cuidadosa seleção de elementos cambiantes formando uma síntese multifacetada, mas coesa.

“Miscelânea” reflete, ademais, uma pluralidade de perspectivas, culturas, práticas e valores, formando um todo composto por uma multiplicidade de partes. Qual uma colcha de retalhos resultante da sutura de várias peças de tecido distintas, compreende uma coleção de itens versáteis que, embora diferentes, combinam-se de alguma forma numa totalidade complexa. Num contexto mais amplo, a “miscelânea” pode ainda instar à sobreposição de diferentes recortes temporais e espaciais, implicando a incorporação de influências de épocas e lugares distintos numa única composição, obra ou conjunto.

Por outro lado, a coexistência de experiências e tradições díspares vigentes num mundo globalizado converge para um ângulo agudo em que a porosidade mescla influências, modos, estilos de vida e de comportamento. Com efeito, a “miscelânea” de recortes temporais e espaciais, não raro, reflete a natureza mutável e interdependente da experiência humana, demonstrando como heranças passadas e presentes se trançam para moldar a sociedade contemporânea. Essa fusão de recortes temporais e espaciais, por seu turno, enfatiza a possibilidade de interconexão entre diferentes períodos históricos e contextos culturais dissemelhantes.

Tal compreensão de uma “miscelânea” temporal e espacial pode ser observada na arte, na literatura, na música, na cultura em geral, convidando também a poética a assumir uma centralidade no debate. Derivada do termo grego *poiēsis* (ποίησις), a poesia está intrinseca-

mente ligada à criação/produção artística. Se superarmos o episódio em que Platão expulsa os poetas não apenas da sua república, mas também da filosofia, “[chegando] até a esquecer que a filosofia nasceu da poesia” (BORNHEIM, 1986, p. 61), resta claro que, desde a sua origem etimológica, a poesia é vista como uma expressão artística que transcende a mera representação da realidade, encapsulando pensamentos e emoções ao se vincular com o indivíduo num nível mais profundo.

Garcia-Roza (1990, p. 7) nos lembra que, antes do advento do racionalismo, poesia era *alétheia* (*ἀλήθεια*), isto é, as palavras faziam parte do mundo das coisas e dos acontecimentos. Eram voz e gesto, dia e noite, verão e inverno. Mediante o uso cuidadoso da linguagem, a *poiēsis* é ato criador que evoca imagens, sons e sentimentos, estimulando a imaginação e acessando a sensibilidade do receptor. Enquanto expressão artística pessoal, perpassou os séculos, influenciando a mutação da poesia em diversas culturas e contextos históricos, numa variedade de formas e estilos que abrangem desde as antigas tradições épicas e líricas até as figurações poéticas atuais.

Partindo de seu étimo, somos levados a reconhecer o seu potencial também na acepção de força vital apta a inspirar, comover e transformar perspectivas e vivências. Na poesia, os fenômenos de “miscelânea” e de hibridização frequentemente se manifestam pela fusão de diferentes estilos e temas. Os poetas muitas vezes recorrem a um sem-número de fontes e referências que vocalizam a diversidade de conhecimento e a trajetória de cada um. Dito de outro modo, a “modernidade tardia” e seus correlatos esteiam-se num alicerce descontínuo, modular, que se concretiza numa forma de disseminação, subsumida na complexidade da desordem vigente desde o início do século XX.

As inovações rápidas na tecnologia, na economia e na cultura criam um ambiente social *mutatis mutandi*, no qual as identidades podem se fragmentar e se multiplicar de modo difuso. Assim, a “miscelânea” pode ser igualmente vista como uma expressão simbólica dessa fragmentação, na representação de uma pletera de experiências definidoras da “modernidade tardia”. Cabe insistir que a “miscelânea” e a hibridização na poesia frequentemente denotam o dinamismo intrínseco às constantes mutações da arte, bem como a interconexão entre diferentes culturas e tradições literárias.

Esses fenômenos permitem aos poetas explorarem temas universais na sua singularidade e singulares na sua universalidade; experienciarem uma linguagem original; desafiarem convenções estabelecidas na elaboração de formas inauditas de expressão poética, disponibilizando uma maneira de refletir sobre questões, como amor, dor, angústia, solidão, finitude, luto e outras vertentes da condição humana. Ao considerar esses elos, podemos compreender como “miscelânea”, *poiēsis* e “modernidade tardia” podem vincular-se, oferecendo *insights* acerca do intrincado emaranhamento da cultura contemporânea e sobre os desafios enfrentados pelos poetas na era da globalização.

Na “modernidade tardia”, a poesia pode ser concebida como um dispositivo de resistência diante da experiência histórica vivida subjetivamente, a *poiēsis* sendo frequentemente contrastada com a práxis – atrelando-se à ação prática ou à execução de um projeto preexistente. Enquanto a práxis remete à realização de atividades práticas ou cotidianas, a *poiēsis* se conecta



ao ato inventivo ou imaginativo de algo genuíno, pioneiro, diferenciado. O processo criativo constitui, nesse sentido, o eixo pivotal para o qual convergem disciplinas, como a filosofia, a crítica literária, a teoria cultural e os estudos estéticos na arte, na literatura e no conhecimento em geral.

O ato de confeccionar, tecer, engenhar a *poiésis* revela-se passível de inter-relacionar-se com a “miscelânea”, à medida que poetas, na “modernidade tardia”, frequentemente recorrem ao leque de influências linguísticas e estilísticas, isto é, ao legado poético de idos remotos, com vistas a enriquecer seu entendimento da historiografia poética, reconhecendo seu contributo para a produção artística contemporânea. Sob a ótica da “modernidade tardia”, o exame da *poiésis* pretérita permite reconhecer como os poetas anteriores lidaram com questões de identidade, fragmentação e diversidade cultural, renunciando preocupações contemporâneas relacionadas à multiplicidade de perspectivas e à formação de uma identidade hermenêutica autônoma.

Essa abordagem ilumina paralelos entre o passado e o presente, registrando a persistência de certas temáticas ao longo do tempo e identificando como algumas se mantêm relevantes para a análise crítica e a exegese poética ao longo dos séculos. Poetas do passado incorporaram toda sorte de referências culturais, históricas, literárias em suas obras, propondo uma “miscelânea” de temas, tipos e matizes poéticos, ainda que obedientes ao cânone formal de determinado período estilístico em vigência.

Quando a *poiésis* de séculos precedentes é analisada sob a perspectiva da “modernidade tardia”, anui a emergência do conceito de “miscelânea”, iluminando a convergência de dilemas que, do antanho ao coetâneo, do outrora ao agora, refletem as complexidades da condição humana e a vertigem existencial inerente às sociedades de todas as épocas e aos homens e mulheres de todos os tempos, sintetizadas no seguinte poema contemporâneo, do filósofo Marcos Giusti:

O vão que se abre no chão  
ainda é chão.  
O chão que afunda no vão  
ainda é chão.  
O vão é o chão em vertigem.  
O chão é o vão na origem.  
O vão se abisma no chão.  
O chão do abismo é o vão.  
O vão sem o chão não existe.  
O chão sem o vão é planície.  
O vão é o chão que se estranha.  
O chão no vão é montanha.  
O vão e o chão vêm do pó.  
O chão e o vão são um só.

Concebida como um tecido híbrido, composto por retalhos cuidadosamente escolhidos e que, embora distintos, combinam-se formando uma totalidade complexa, conforme discorremos anteriormente, torna-se possível aproximar a ideia de “miscelânea” do “conceito de complexidade” descrito por Edgar Morin (2005, p. 13):



A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...

Para entender essa totalidade complexa, as ciências buscam ordenar fenômenos, afastar o incerto, precisar, distinguir, categorizar, hierarquizar... No entanto, para Morin (2005, p. 13-14), “tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do *complexus*”. A “Teoria da Complexidade” rechaça, dessa forma, uma visão fragmentada, linear e simplificada do pensamento, da língua e da linguagem, considerando que a compreensão de fenômenos complexos não pode estar calcada em uma lógica reducionista e inaugura uma nova forma de fazer ciência, considerando a desordem e a incerteza – o caos – para gerar entendimentos, conhecimento(s).

Assim, a “teoria da complexidade”, surgida no campo das Ciências da Natureza, avançou para outras áreas, como a Linguística Aplicada, por exemplo. O referencial lógico-epistemológico, sob a ótica da complexidade, “religa o que a análise separa, contextualiza o dissociado, reúne o disperso, complexifica o simplificado, historiciza o intemporal e considera o sujeito pensante como produtor e produto de seu pensamento e de suas construções” (MARTINAZZO, 2004, p. 45).

“Miscelânea”, “complexidade” e *poiēsis* afirmam-se, portanto, enquanto palavras-chave, na qualidade de mote, de lema, delineando como que o risco do bordado no tecido escritural dos artigos que integram o presente número da *Matraga*. Nesse sentido, “miscelânea” e “complexidade” são termos que transpassam, com maior densidade, a recolha de artigos que se inscrevem na rubrica dedicada à Língua e à Linguística; enquanto “miscelânea” e *poiēsis* permeiam os textos que articulam a rede de significantes que compõe o cardápio literário.

Abrindo este número de “miscelânea”, na área dos Estudos Linguísticos, contamos com o artigo “Sociolinguística de Contato e Política Linguística: propostas de interseções teórico-metodológicas” das pesquisadoras Mônica Maria Guimarães Savedra e Telma Cristina de Almeida Silva Pereira, da Universidade Federal Fluminense (UFF). As autoras nos agradecem com a apresentação da trajetória dos estudos nas áreas de Sociolinguística de Contato e Política Linguística realizados no Brasil a partir da década de 1990, além de estudos anteriores realizados em outros países. Savedra e Pereira nos mostram, com rigor teórico-científico e metodológico, a complexidade linguística do Brasil, demonstrando se tratar de um país multi e plurilíngue, e evidenciam de que forma a diversidade etnolinguística brasileira passa a ser reconhecida no âmbito da academia. Um dos grandes marcos, nesse sentido, conforme apontado pelas autoras, é a promulgação da Constituição de 1988, pois até então o plurilinguismo e o multilinguismo no Brasil foram, por diversas vezes, fortemente “reprimidos, negados e rechaçados por governos e ideologias autoritárias”. Savedra e Pereira evocam, por exemplo, pesquisas que pontuam a importância do combate ao preconceito linguístico, a cooficialização de línguas em municípios brasileiros, a observação e o estudo de línguas minorizadas (como as indígenas e de imigrantes).



O segundo artigo da área de Estudos Linguísticos é de autoria de Paul Voerker, professor e pesquisador da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha, intitulado “Sustentabilidade no ensino de línguas estrangeiras: uma discussão atual e necessária”. No ano de 2015, a Assembleia Geral da ONU adotou a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, em decorrência da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, ocorrida no Rio de Janeiro, no ano de 2012 – a chamada “Rio+20”. O objetivo central da *Agenda 2030* é guiar a humanidade por um caminho sustentável. Voerker nos apresenta, assim, a importância da discussão sobre a sustentabilidade para a sociedade e, em consequência, para a educação, o ensino de línguas e a formação de professores. O autor advoga que a sustentabilidade pode ser uma fonte potente para gerar conhecimento na sala de aula de línguas, alertando, no entanto, para o grande desafio de fomentar o desenvolvimento de competências para uma educação voltada para o desenvolvimento sustentável. Os escritos de Voerker certamente nos remetem aos estudos sobre a “complexidade” de Morin (1987), nos quais o conceito de auto-eco-organização, que nos leva a entender a indissociabilidade entre o sujeito e mundo, pode viabilizar uma sociedade sustentável.

Na esteira dos estudos de Giddens (1991), que revela a dupla face da modernidade, marcada, por um lado, pelos avanços tecnológicos e, por outro, por aspectos sombrios da globalização, apresentamos dois artigos. Em “O *podcast* como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais”, os pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Raissa Gonçalves de Andrade Moreira, Denilson Pereira de Matos e Ercilene Azevedo Silva Pessoa apresentam esse avanço tecnológico, entendido como um “sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet”, citando o trabalho de Rezende (2007, p. 2). Para os autores, o *podcast* é muito mais do que um ItemNet, de acordo com a pesquisa de Matos, realizada em 2020, mas um gênero, devido aos padrões responsáveis por sua materialização, com base nos estudos de Bakhtin (2006) e Marcuschi (2008).

O próximo artigo na toada de Giddens (1991) é “A negociação de objetos de discurso em interação digital polêmica no Twitter”, de Francisco Felipe de Oliveira Rocha e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra, pesquisadores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). No sentido de Giddens, o avanço tecnológico da interação via Twitter pode gerar situações conflituosas, haja vista a proliferação dos chamados *haters* nas redes sociais, propagando o que se poderia denominar *cyberbullying*. Com base na Linguística Textual e na Teoria da Argumentação no Discurso, os autores analisam a interação de usuários do Twitter, para comentar uma notícia da Agência Brasil (rede pública de comunicação do governo), na qual se emprega a linguagem neutra (“Parlamentares eleitos reúnem-se pela primeira vez em Brasília”), veiculada por um *tweet* da conta oficial de um jornal de grande circulação.

A complexidade inerente aos estudos linguísticos espalha-se para a área do ensino de línguas e adentra a sala de aula no próximo artigo desta edição da *Matraga*: “Práticas, percepções docentes e democratização do ensino de francês: glotopolítica(s) para o reconhecimento do aluno periférico”, de Gilberto Ferreira de Souza da Universidade Federal Fluminense (UFF). O pesquisador apresenta resultados preliminares de sua pesquisa de doutoramento, cuja proposta é voltar-se às práticas e às percepções docentes, de modo a reconhecer e valorizar o público

considerado periférico, almejando o que Souza chama de “reinventar” o ensino de francês na escola pública. Com base no Letramento Crítico e na Pedagogia Crítica freireana, o autor busca o que entende como adaptar o ensino de francês, visando emancipar o cidadão para atuar de forma crítica e solidária em um mundo marcado por formas de dominação, como individualismo, exploração, submissão e acumulação econômica. A pesquisa de Souza também nos remete à discussão de Morin (2005) a respeito da complexidade do mundo histórico-social, visto que o francês ainda guarda marcas do estereótipo de uma língua “de” e “para” uma elite socioeconômica, reforçada por diretrizes curriculares nacionais que insistem em fechar os olhos para a pluralidade, perpetuando políticas curriculares reducionistas ao “ofertarem” (isso para não se utilizar o termo “imporem”)<sup>2</sup> o ensino de apenas uma língua adicional, e isso somente a partir do 6º ano do ensino fundamental. Além disso, por meio de sua pesquisa, Souza almeja oferecer instrumentos para a luta por direitos e justiça social e para o enfrentamento das desigualdades agravadas pelo capitalismo e o neoliberalismo, promovendo solidariedade, protagonismo e, ao mesmo tempo, fortalecimento da coletividade, especialmente nas periferias do sul global.

Encerrando a seção de Estudos Linguísticos desta *Miscelânea*, Elaine Roschel Nunes, da Universidade Federal de Santa Catarina, regala-nos com o seu texto intitulado “A mentoria na formação docente: negociando sentidos na Prática como Componente Curricular (PCC)”, baseado em sua tese de doutoramento, ganhadora do Prêmio “Luiz Antônio Marcuschi” de Teses e Dissertações da Anpoll de 2023. O artigo de Nunes traz à tona a complexidade presente na relação entre teoria e prática que se configura como cerne da formação docente universitária brasileira, já prevista em Resoluções do Conselho Nacional de Educação do ano de 2002<sup>3</sup>. Com base no conceito da Criatividade Local, o foco do artigo de Nunes é a formação de professores nos entrelugares da práxis educativa, bebendo da fonte de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, buscando responder “Como ser criativo diante das amarras que nos cercam?”, “Até que ponto o professor pode ser criativo?”, “Será que ministramos aulas arcaicas, mesmo dispostos a acompanhar as mudanças?”, indagações essas que já baseavam trabalhos anteriores da autora. Além disso, Nunes discute uma questão de extrema relevância e que merece lugar de destaque na formação de professores, qual seja, a interação mentora/mentor-professoras/es em formação. Baseada em estudos da Psicologia Humanista, a pesquisadora evidencia como a compreensão empática, por meio da escuta ativa e sensível, contribui para a criação de um ambiente acolhedor com vistas a uma aprendizagem dialógica e significativa.

De “miscelânea” e “complexidade”, binômio que nos orientou na apresentação de cinco artigos que integram o volume 61 da revista *Matraga*, notadamente no campo da Língua e da Linguística, voltemos o nosso olhar, nesse momento, para a díade “miscelânea” e *poiêsis*, bússola que norteará a conclusão de nossa caminhada exploratória pelos próximos cinco artigos, lan-

<sup>2</sup> Cf. redação do §5º da Lei 13.415/2017: “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será **ofertada** a língua inglesa” (BRASIL, 2017, *on-line*, grifo nosso).

<sup>3</sup> Cf. RESOLUÇÃO CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: <[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECPN22002.pdf?query=curriculo](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN22002.pdf?query=curriculo)> e RESOLUÇÃO CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: <[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECPN22002.pdf?query=curriculo](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN22002.pdf?query=curriculo)>.



çando luz sobre a seção referente às investigações e pesquisas que compõem a esfera de Estudos Literários e seus respectivos articulistas.

Desembarca de Paris uma abordagem originalíssima do *Magnum opus* de Sartre, *O idiota da família*, elaborada pelo renomado *scholar* do projeto estético sartriano: o artista plástico, filósofo, crítico literário e professor Michel Sicard. Como um arqueólogo, os artefatos que traz à luz integram uma série de escritos inéditos, que ele organiza e publica, preenchendo importantes lacunas de um dos aspectos mais ricos e menos explorados no âmbito das perquirições sartrianas: a relação de Sartre com a arte. O artigo “Flaubert: máquina celibatária”, cujo título, como nos ensina Roland Barthes, funciona como a primeira “lexia” – segmento de texto que pode ser analisado separadamente, permitindo a exploração das diferentes camadas de significado –, nos instiga a perseguir o tracejado labiríntico deixado pelas pegadas do autor. Se Sartre cria um método – a psicanálise existencial – bisturi com o qual, ao longo de três mil páginas de análise, disseca o “homem” Flaubert, na mesma direção de desvelamento, Sicard lança mão de uma “miscelânea” de recursos inovadores, sustentada por uma metodologia caleidoscópica, visando desnudar aquilo que Sartre teima em subtrair ao “olhar do outro”: ele mesmo, desviando de si os refletores, apoiado na estratégia de desenvolvimento do “falar infinito” aplicado à sua presa mais célebre. Nesse sentido, passividade, inércia, perversão, fetiche, hermafroditismo, temporalidade, espacialidade são componentes explorados por Sicard não cientificamente, mas pelo viés da refração vítrea da imaginação. E se um complexo jogo de espelhos implicasse uma comutabilidade de papéis entre Sartre e Flaubert, não como cadáver, mas antecipando o “corpo sem órgãos”, de Deleuze e Guattari, afinal, não estamos diante de dois dos maiores celibatários da literatura mundial?

É gigantesca a dívida da academia brasileira para com o maior poeta contemporâneo de Sergipe – Mário Jorge –, hiato que a análise cuidadosa de Alexandre de Melo Andrade e Katherine de Albuquerque Mendonça fecham com incrível competência, no artigo “Mário Jorge, um poeta inquieto – do silêncio ao grito”. Por sua inserção na “geração de 60”, sua poética dialoga com o engajamento, ao se posicionar contra o arbítrio do autoritário regime militar e as desigualdades sociais. É desconcertante tomar ciência de que esse renomado escritor, cuja vida foi ceifada precocemente por um acidente de carro, tenha publicado apenas um livro – *Revolução* – no emblemático ano de 1968, os demais sendo póstumos. Uma relação com a ideia de “miscelânea” desvela-se, quando a *poiesis* jorgiana “[flutua] por movimentos literários diversos [...] revelando múltiplas facetas de um escritor inquieto”, mas também, pela radicalidade experimental de sua criação, que domina e acolhe técnicas da tradição lírica. Talvez o grande mérito de sua poesia se esteie justamente no aspecto multifacetado de suas composições. Membro do Partido Comunista, esse “artista” “fez dos seus poemas uma arma na luta contra as injustiças do período ditatorial”. É pela angústia (*Angst*) heideggeriana que Mário Jorge passa do silêncio ao grito, da passividade à ação, sofrendo influência das poesias de vanguarda, da poesia concretista, da práxis social e marginal, sendo histórica e dramaticamente contemporâneo de artistas resistentes, ícones geracionais que, como ele, propugnavam justiça social, tendo, como ele, perdido a vida aos 27 anos: Jimi Hendrix (1970); Janis Joplin (1970); Jim Morrison (1971); Mário Jorge (1973); Peter Ham (1975). Separada do presente por

mais de meio século, sua obra é, ainda, atual, pois segue vocalizando angústias da sociedade contemporânea da “modernidade tardia”

Com eficiência, rigor conceitual e uma seleção arguta de seu suporte teórico, da cidade de Évora, Francisco Saraiva Fino nos brinda com suas reflexões no artigo “A inscrição poética e epitáfio: representação e aprofundamento metapoético a partir de Jorge de Sena e Ruy Belo”, em texto apto a enriquecer a fortuna crítica de ambos os escritores. Nesse sentido, não é de menor importância o estabelecimento de uma relação dialógica entre poesia e luto, nem o entendimento do epitáfio como “tensão e resistência do discurso ao apagamento do sujeito no tempo”, afinal, o epitáfio é o limite extremo de uma meditação acerca “do tempo, do sujeito e da palavra poética”. Como em Eliot, “*Every poem an epitaph*”, o epitáfio se apresenta como refém de sua própria fantasmagoria e impossibilidade de consecução, conforme teoriza Derrida, ao aludir ao “luto impossível” a Paul de Man, e Blanchot, na propositura de um “epitáfio impossível” a seu amigo Bataille. Desenvolvido no âmbito de uma lógica contemporânea de abordagem da questão, o autor evoca a temporalidade, ao se referir ao “desafio do tempo”, fato que remete à “miscelânea” de recortes temporais e espaciais, relacionados à experiência humana, demonstrando como influências passadas e presentes se trançam para moldar a sociedade contemporânea, traduzindo angústia humanas atemporais. Nesse oceano em que a *poiesis* se faz mar, a instabilidade frágil do sujeito produz experiências criativas que dançam na corda bamba sem sombrinha, denominadas fragmentação, heteronímia ou impersonalização. Afinal, se como mostra Eliot, berço e túmulo são corolários, numa dimensão tanatológica, também o são o livro e o ataúde, o literário e o funerário, o escritural e o sepulcral a ponto de questionarmos: não seria todo epitáfio um autoepitáfio metapoético?

No artigo intitulado “Literatura, música, atmosferas: senhorita Else”, Maria Cristina Franco Ferraz enfrenta o desafio de mapear a grande variedade de referências estéticas no texto de Arthur Schnitzler, – cujo pai foi médico de Freud – e históricas, retratando aspectos da sociedade vienense do entreguerras. O fator “miscelânea” faz-se perceber no tabuleiro sobre o qual a autora organiza articulações entre a narração da novela (transcorrida num único dia), a música, mas sobretudo mediante o entrelaçamento de excertos da partitura do *Carnaval* de Shumann com outros fragmentos de uma escrita musical que ritmam a crise final em que a protagonista se abisma. Essa crise é hiperbolizada por um desfecho poético anunciador da ingerência da *poiesis* textual, por meio de uma vasta gama de técnicas literárias: incorporação de metáforas, simbolismos, imagens vívidas, que enriquecem a prosa pela sobreposição de camadas adicionais de significantes. A musicalidade adiciona uma dimensão sensorial à obra, no uso de tonalidades líricas na descrição meticulosa de cenários e ambientes. A escolha cuidadosa das palavras e a atenção aos detalhes contribuem para a sedimentação de uma atmosfera única capaz de desnudar as emoções e os dilemas das personagens, espargindo-se para a psicanálise freudiana, (era a capacidade de avaliação psicológica do autor que chamava a atenção de Freud, a ponto de o pai da psicanálise considerá-lo “o seu duplo”, alguém que, como ele, era “explorador das profundezas”). Todos esses ingredientes amalgamam-se num fluxo narrativo marcado por uma cadência que intensifica a experiência do leitor, oferecendo-lhe subsídios motivadores à atenta recepção da novela.



“A retórica amena de Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)” é uma pesquisa corajosa, proposta por Isabel Scremin da Silva, em artigo que analisa a obra de um autor pouco estudado pela crítica brasileira atual – o padre Alexandre de Gusmão –, a partir de critérios retórico-poéticos vigentes na época em questão. Apoiada numa bibliografia atualizada, a análise, que segue os passos do jesuíta responsável pela edificação do Seminário de Belém da Cachoeira, apresenta-se de maneira “sutil em sua persuasão, [em] estilo que simula [...] fluidez sem demonstrar simulacro”. Enquanto as duas primeiras seções do artigo concentram-se em investigar a concepção de retórica para Alexandre Gusmão, passando por suas noções de *estilo*, de *simplicidade*, de *humildade*, de *sinceridade* e de *verdade*, contrapondo-se aos exageros de ornamentação elocutória, a terceira seção penetra no terreno da mansidão de afetos brandos e deleitosos, propícios à memorização e ao aprendizado da doutrina católica pós-tridentina. O jesuíta Gusmão era conhecido por sua habilidade tanto argumentativa quanto persuasiva e sua retórica refletia uma abordagem direta e pragmática, com vistas a comunicar seus pontos de vista de maneira clara e eficiente. Sua escrita foi muitas vezes elogiada por sua capacidade de transmitir ideias complexas de maneira acessível e compreensível, o que foi fundamental para o sucesso de seus propósitos de transmitir a palavra de Deus. As metáforas, as imagens, a estética gusmanianas exalam um sabor e um odor sutilmente poéticos que se espriam pelo *corpus* da autora, como um tempero utilizado estrategicamente pelo jesuíta ao equilibrar a unidade retórica apoiada na simplicidade, sinceridade e verdade da palavra divina à mansidão suave, capaz de captar corações para a causa cristã na América Portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Numa argumentação bem fundamentada e grande desenvoltura no manejo da crítica especializada, é de Alagoas que Gilda Vilela Brandão nos traz um estudo necessário sobre o escritor Jorge de Lima. Em seu artigo, a autora confronta uma obra desafiadora, num percurso investigativo que lhe permite transitar por seus poemas, conduzida por um fio de Ariadne, graças ao qual, penetrará no coração da poética limiana, marcada pela noção de temporalidade. Detalhando seus propósitos já no início do texto, o artigo contribui para confirmar ilações da autora sobre o escritor, desvelando as linhas de força que subjazem a essa poética – as temáticas de versatilidade de uma lírica pluridimensional e palimpséstica. O aspecto multifacetado de nosso poeta-poliedro, isso é, o item “miscelânea” que caracteriza essa obra faz-se notar desde o resumo do artigo: “Poesia neoparnasiana, modernista, surrealista, hermética, social, católica, são esses os paradigmas críticos atribuídos [...] à criação poética de Jorge de Lima”. O ecletismo artístico do poeta se abre, assim, ao hibridismo estilístico da criação, devido à grande porosidade existente nas sucessivas fases dessa poética: num primeiro momento, valorizando a precisão formal e a musicalidade na poesia, avançando para a fase religiosa da *Invenção de Orfeu*, acolhendo, em nova mutação, o sincretismo multicultural da cultura afro-brasileira, na sua arte experimental aberta a formas e estilos inéditos. A inserção do escritor nas fileiras do modernismo é problematizada e a pedra de toque do pensamento do poeta, que, segundo a autora, reside na intrincada tessitura da memória, amarrando o conjunto da poética limiana, emerge numa leitura que evoca todo o prazer do texto contido em “Jorge de Lima: itinerários da memória”.

Além dos artigos até aqui anunciados, abrilhanta esta edição da *Matraga*, a entrevista com uma figura proeminente na cena acadêmica nacional – o professor Evanildo Bechara. Após oito

décadas de dedicação ao estudo rigoroso da língua portuguesa, o renomado filólogo, linguista e gramático prossegue uma trajetória irretocável em suas contribuições ao estudo da evolução histórica e das características linguísticas de textos. Detentor de notável erudição, o professor Bechara participou do processo de elaboração da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* – obra de referência que aborda as normas e as modificações recentes da língua portuguesa e que, revista e ampliada, chega à sua 39ª edição. Em seu compromisso com o aprimoramento do idioma, Bechara publicou diversos títulos, incluindo livros sobre gramática normativa e estudos linguísticos. Suas contribuições abrangem uma ampla gama de temas, desde aspectos históricos da língua até questões contemporâneas. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2003, onde ocupa a cadeira número 33, defende a tese segundo a qual “os professores devem transformar o aluno em um poliglota dentro da sua própria língua” (CAMARGO, 2022), ou seja, capacitá-lo a compreender a língua em todas as suas variantes, que podem ser regionais e sociais.

Encerramos o número 61 da *Matraga*, com duas belas resenhas. A primeira, referente à área de Estudos Linguísticos, é de Jonathas de Cerqueira Castro, da Universidade do Estado do Piauí (UEPI), que nos apresenta a obra *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas*, do renomado linguista brasileiro Aldo Bizzocchi, autor de contribuições significativas para os estudos da linguagem. Neste livro, o autor nos traz uma abordagem acessível e informativa sobre questões relacionadas à linguagem, abrangendo tópicos, como a estrutura da língua, a diversidade linguística e até mesmo aspectos culturais relacionados à linguagem. Segundo o resenhista Castro, a obra é recomendada para quem deseja iniciar seus estudos em linguística, proporcionando uma visão abrangente, desde a origem da disciplina até ramos específicos, como sociolinguística e psicolinguística. Esta é, certamente, uma relevante contribuição para lidar com um dos mais complexos fenômenos humanos: a linguagem articulada.

No campo dos Estudos Literários, os pressupostos da *poiesis* também se fazem perceber. “*Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral*” é estudo crítico-analítico de Éverton Barbosa Correia, que estabelece uma relação dialógica entre duas expressões da poética pernambucana: João Cabral (o poeta-diplomata), numa contradança com Joaquim Cardozo (o poeta-engenheiro). Num estilo impecável, o resenhista Eduardo da Silva Freitas destrinça as etapas do processo organizativo do volume: da segmentação dos capítulos ao delineamento do *corpus*, do estabelecimento de subséries às cisões entre composição e peças. Uma vez mais, a “miscelânea” se apresenta à medida que nos defrontamos com a sobreposição de diferentes recortes temporais, pois Cabral “adota o expediente de inverter a cronologia de publicação das composições, começando, [...], pelo último poema em direção ao primeiro”. Na contracorrente de outros teóricos que se ocupam da obra cabralina, Freitas esclarece como o autor enxuga a generalidade para melhor mergulhar em profundidade, estreitando a quantidade de *corpora* dos quais extrai a solidariedade entre forma e conteúdo, haurida da interlocução metonímica vigente em ambas as poéticas. Divergindo da tentativa do poeta-engenheiro em se manter apartado do reconhecimento público, Cabral – o homem da “educação pela pedra” – coloca no centro do palco todas as qualidades poéticas de Cardozo, exercendo os seus poderes de medusa, petrificando-o com o olhar, instando à apreciação atenta da profundidade de sua expressão artística. A publicação do livro do qual resulta a presente resenha deixa dúvidas de que tenha logrado êxito em seu intento?



No rico universo da expressão artístico-estilística, buscamos explorar as nuances da poética, a intrincada trama da miscelânea, a “teoria da complexidade” e os matizes do hibridismo e ecletismo. Em meio a essa jornada, deparamo-nos com a complexa miscelânea da criação, na qual as fronteiras entre formas, estilos e influências se dissolvem, dando lugar a um terreno fértil para a inovação e a originalidade. À medida que mergulhamos nas interseções desses elementos, descobrimos que a verdadeira magia da criação reside na capacidade de transcender as categorias predefinidas, abraçando a diversidade e desafiando as convenções. Assim, na complexa miscelânea da criação, encontramos o espaço para a singularidade e a ressonância duradoura, testemunhando a riqueza inesgotável da expressão artística que continua a transmutar, expandindo-se além das fronteiras estabelecidas. Esperamos que este feixe complexo, composto pelos artigos, pela entrevista e pelas resenhas desta edição de “Miscelânea” da *Matraga*, traga *insights* valiosos e contribuições significativas aos pesquisadores dedicados à investigação dos mais variados fenômenos oriundos das áreas de Estudos Linguísticos e Literários.

Deise Quintiliano & Roberta Stanke

## REFERÊNCIAS

BAUMAN Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECHARA, E. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. Tese de concurso uma cátedra de Língua e Literatura do instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>>. Acesso em: 02/12/2023.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa. Nova edição revista e ampliada pelo autor**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BECK, Ulrich et al. **Sociedade de risco**. São Paulo: Editora 34, p. 49-53, 2010.

BORNHEIM, G. A. Filosofia e Poesia. **Revista Matraga**, vol. 1., n. 0, p. 61-69, 1986.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2 de 19 de fevereiro de 2002**, 04 de março de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13207-resolucao-cp-2002#:~:text=Código%20para%20do%20Twitter.,de%20licenciatura%2C%20de%20graduação%20plena>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2 de 19 de fevereiro de 2002**, 04 de março de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13207-resolucao-cp-2002#:~:text=Código%20para%20do%20Twitter.,de%20licenciatura%2C%20de%20graduação%20plena>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política



de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CAMARGO, T.N. Devemos ser políglotas na nossa língua, afirma Bechara, 94, gramático da ABL. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 30 jul. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/devemos-ser-poliglotas-na-nossa-lingua-afirma-bechara-94-gramatico-da-abl.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2023.

GARCIA-ROZA, L. A. **Palavra e Verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GIUSTI, M. V. G. **Meditações pandêmicas: solilóquios de um professor de filosofia em quarentena**. Ponta Grossa: Atena, 2021.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 Dez. 2023.

LIPOVETSKY, G. **L'Ere du vide**. Paris : Gallimard, 1993.

LYOTARD, J-F. **La condition postmoderne**. Paris : Minuit, 1979.

MARTINAZZO, Celso José. **A utopia de Edgar Morin: da complexidade à consciência planetária**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MORIN, E. **O método I. A natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.



# Sociolinguística de Contato e Política Linguística: propostas de interseções teórico-metodológicas

**Mônica Maria Guimarães Savedra**

Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1056-9391>

E-mail: [msavedra@id.uff.br](mailto:msavedra@id.uff.br)

**Telma Cristina de Almeida Silva Pereira**

Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9244-1783>

E-mail: [tcaspereira@uol.com.br](mailto:tcaspereira@uol.com.br)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de discussões e reflexões a respeito das interseções teórico-metodológicas entre a Sociolinguística de Contato e Política Linguística. Para alcançar esse objetivo, o texto mostra a trajetória de ambos os estudos realizados no Brasil a partir da década de 1990, bem como estudos prévios realizados em outros países. Dentre os marcos citados no curso dessas pesquisas, serão mencionadas as escolhas terminológicas realizadas, alguns dos principais eventos acadêmicos da área, a criação de grupos de trabalho, além de comentar a importância e repercussão que tais empreendimentos tiveram no Brasil, tanto no âmbito científico como no político. Tal repercussão será ilustrada através da seleção de alguns artigos, dissertações e teses escritos pelos pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Contato Linguístico (LABPEC), que ricamente trataram de objetos dentro da temática da Sociolinguística de Contato e Política Linguística. A ênfase no reconhecimento do Brasil como país multi- e plurilíngue, o combate ao preconceito linguístico em todos os níveis, a cooficialização de línguas em municípios brasileiros, a observação e estudo de línguas minorizadas (como as indígenas e de imigrantes) estiveram presentes nos trabalhos citados aqui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística de Contato; Política Linguística; Glotopolítica.



## Contact Sociolinguistics and Language Policy: proposals for theoretical-methodological intersections

### ABSTRACT

This paper aims to present the results of discussions and reflections concerning the theoretical-methodological intersections between Contact Sociolinguistics and Language Policy. To achieve this goal, the text shows the trajectory of both studies carried out in Brazil since the 1990s, as well as previous studies carried out in other countries. Among the key milestones mentioned in the progress of these studies, the terminological choices made, some of the main academic events in the area, the creation of working groups will be mentioned, as well as commenting on the importance and repercussions that these projects have had in Brazil, both scientifically and politically. This repercussion will be illustrated through a selection of articles, dissertations and theses written by researchers from the Language Contact Research Laboratory (LABPEC) who have brilliantly dealt with objects within the theme of Contact Sociolinguistics and Language Policy. The emphasis on the recognition of Brazil as a multi- and plurilingual country, the fight against linguistic prejudice at all levels, the co-officialization of languages in Brazilian municipalities, the observation and study of minority languages (such as indigenous and immigrant languages) were all present in the works cited here.

**KEYWORDS:** Contact Sociolinguistics; Language Policy; Glotopolity.

## 1. “Línguas em/de contato” e “Sociolinguística de contato”

Há 20 anos, os estudos sobre Contato Linguístico (CL) no Brasil foram reunidos em um volume temático, da extinta *Revista Palavra* editada pela PUC-Rio, intitulado *Línguas em contato*. Nesta publicação, os organizadores propuseram o uso da expressão “Línguas em/de contato”, para se referir à perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística que aborda o CL como um processo dinâmico e relativo de fatores identificáveis em diferentes contextos: familiares, sócio-históricos, profissionais e de ensino (SAVEDRA; HEYE, 2003). A partir de então, Savedra e Heye passaram a utilizar essa expressão, para definir e catalogar estudos que tratam de aspectos sociolinguísticos e políticas de línguas minoritárias. No trabalho de 2006, os autores confirmam a escolha da expressão “Línguas em/de contato” aplicada desta vez aos estudos sobre bilinguismo.

Nesse estudo, os autores afirmam que os primeiros trabalhos considerados sociolinguísticos são, na realidade, trabalhos sobre línguas em contato (WEINREICH, 1953; GUMPERZ, 1958; FERGUSON, 1959; BRIGHT, 1964). Nesse sentido, os pesquisadores destacam que a Sociolinguística se dedica inicialmente a estudos de variação interlinguística e, somente mais tarde, a partir dos trabalhos de Labov (1964, 1966), a estudos de variação intralinguística (SAVEDRA; HEYE, 2006, p. 142). Os autores também enfatizam a questão da distinção terminológica entre a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem. Tal distinção remete a duas maneiras de abordar o mesmo objeto de estudo, que é a língua em uso. A primeira é a variação de uso no sentido “micro”, tendo como base a abordagem quantitativa, representada pelos estudos orientados por Labov na década de 1960, e a segunda, a variação no sentido “macro”, tendo como base os estudos qualitativos, como nos trabalhos de Joshua Fishman, em especial os da década de 1970 e 1990. A segunda vertente, a “macro”, representa a perspectiva qualitativa da Sociolinguística, que apresenta trabalhos qualitativos de cunho etnográfico (cf. GUMPERZ, 1985; BORTONI,



1988). Nesse viés, Savedra e Heye incluem os trabalhos sobre bilinguismo a partir do ponto de vista da comunidade bilíngue, e não simplesmente fazendo referência a um falante bilíngue. Nesse contexto, alinham-se os trabalhos que discutem a necessidade de separar os dois fenômenos (individual e social), reservando o termo “bilinguismo” ao estudo do uso de duas línguas do ponto de vista comunitário ou societal e o termo “bilinguagem”, ao estudo de uso de duas línguas por um único falante (Cf. SAVEDRA, 2003; HEYE, 2003). Assim, o estudo de CL envolve todas as formas e manifestações de bilinguismo, além de fenômenos como padronização de línguas nacionais, o estabelecimento de línguas oficiais, línguas *pidgin*, línguas crioulas, línguas francas, coínés e outras manifestações de CL, sendo assim necessário o seu estudo no âmbito de “Línguas em/de contato”.

Nessa vertente, identificada na primeira década do século atual, encontram-se os trabalhos desenvolvidos sobre línguas minoritárias e/ou minorizadas, línguas indígenas, línguas de imigração, línguas de contato da grande fronteira hispânica nacional, da fronteira francesa (Guiana francesa), fronteira inglesa (Guiana) e fronteira holandesa (Suriname), além de grupos étnicos específicos (ciganos, quilombolas, dentre outros) e os estudos sobre manutenção, revitalização e extinção dessas variedades. A diversidade etnolinguística do Brasil é, assim, reconhecida no âmbito da academia. Podemos constatar uma retomada do que, anteriormente, era considerado (Macro)Sociolinguística ou Sociologia da Linguagem, sendo estudado e pesquisado sob o novo rótulo de Linguística de Contato, como historicizado na Revista da ANPOLL na ocasião da comemoração dos 25 anos do GT de Sociolinguística da Associação (SAVEDRA, 2010).

Dando continuidade a essa perspectiva histórica, os estudos sobre Línguas em/de Contato passam a ser considerados estudos em Sociolinguística de Contato (SC), como apresentado por Savedra numa entrevista concedida a ABRALIN<sup>1</sup> e posteriormente discutidos em uma mesa da mesma Associação, no evento *Linguistics on line*. Essa perspectiva vai ao encontro do trabalho de Jacky Simonin e Sylvie Wharton (2013) que propõem uma tipologia para as situações de contato linguístico, a qual denominam de *Sociolinguistique du contact*.

A mesa, intitulada “Estudos em Sociolinguística de Contato”<sup>2</sup>, foi realizada durante o período pandêmico da COVID-19 e a discussão que surgiu durante o evento está fundamentada na publicação do Cadernos da ABRALIN em 2021 (SAVEDRA, CHRISTINO, SPINASSÉ, ARAÚJO, 2021). Nesse artigo, a área de SC é apresentada como sendo a área que estuda a influência mútua que indivíduos e grupos de indivíduos desempenham uns sobre os outros. Assim, as autoras agrupam diferentes fenômenos típicos do CL em quatro categorias:

- i) fenômenos que tratam de mudança induzida pelo contato (...)
- ii) fenômenos que envolvem manutenção de línguas em situação minoritária, com ou sem prestígio, e também a revitalização linguística, como consequência da manutenção e do reconhecimento linguístico e cultural dessas línguas (...)
- iii) fenômenos que tratam desde o apagamento ou *language shifting* até a morte de línguas, o que ocorre quando uma língua tende a desaparecer ou a se modificar – embora, em muitos

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://soundcloud.com/user-665371374/monica-savedra?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/user-665371374/monica-savedra?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://aovivo.abralin.org/lives/estudos-da-sociolinguistica-de-contato/>>.

casos, a tendência seja que a língua desapareça, (...) iv) fenômenos do CL que levam à criação de novas línguas, como os *pidgins* e os crioulos, com reestruturação total da gramática (SAVEDRA et al., 2021, p. 5).

Ao propor essa classificação, as pesquisadoras põem em evidência a particularidade de cada situação de contato, que é relativizada pelo contexto de aquisição das línguas e pelo seu uso em diferentes domínios de uso linguístico (familiar, social, educacional, profissional, administrativo, comercial, entre outros). A partir de então, adotamos a denominação de SC para nos referirmos aos estudos desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa (LABPEC-UFF) e na Linha de História, Política e Contato Linguístico do Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

## 2. Sociolinguística de Contato e Política Linguística

Os estudos na área do SC desenvolvidos no Brasil, na primeira década do século XXI, foram incentivados pelo contexto de abertura política, a partir da promulgação da Constituição de 1988, que reconhece, pela primeira vez na História do país, sua diversidade etnolinguística e cultural. O plurilinguismo e o multilinguismo aqui existentes foram muitas vezes reprimidos, negados e rechaçados por governos e ideologias autoritárias, como já pontuado em estudos anteriores sobre o tema, descritos em várias teses e dissertações do nosso Laboratório<sup>3</sup>.

É importante ressaltar a publicação do livro *Preconceito linguístico, o que é, como se faz* de Marcos Bagno, em 1999, e a tradução do livro *Políticas Linguísticas* de Louis-Jean Calvet, em 2007, que contribuíram para o reconhecimento na abordagem no campo dos estudos linguísticos sociolinguísticos, e essas obras passaram a figurar nas referências das pesquisas em SC e Política Linguística.

A abertura política possibilitada pela Constituição permitiu, no final da década de 1990, a criação de ações glotopolíticas, como definidas por Lagares (2018). Dentre essas ações, destacamos: i) o Grupo de Trabalho sobre Políticas Linguísticas do Setor Educacional do Mercosul (GTPL), que atuou no período de 1997 a 2001. O GTPL era formado por especialistas que se reuniram com o objetivo de propor, coletivamente, políticas linguísticas para o Bloco voltadas ao ensino do espanhol e do português e à construção do plurilinguismo no Mercosul e na América Latina (Carvalho, 2020 citado em Savedra, 2008); ii) o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), organização não-governamental de pesquisa e assessoria linguística que passou a atuar na assistência da elaboração e execução de políticas linguísticas, num processo evolutivo de intervenção político-linguística à frente de várias ações introduzidas pelo já citado GTPL, tais como o movimento das escolas bilíngues de fronteira (2004), entre outros (MORELLO, 2015). O IPOL foi ainda pioneiro no processo de cooficialização de línguas em situação minoritária. Assim, em 2002, as línguas *Tukano*, *Baniwa* e o *Nheengatu* foram as primeiras línguas indígenas cooficializadas no município de São Gabriel

<sup>3</sup> Os estudos estão disponíveis na página do LABPEC: <[www.labpec-uff.com.br](http://www.labpec-uff.com.br)>.

da Cachoeira, no Amazonas e, em 2007, o Pomerano foi a primeira língua de imigração cooficializada no município de Pancas no Espírito Santo. Posteriormente, com o Decreto 7.387 de dezembro de 2010, é criado o INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística), quando então ocorre a primeira política pública para o inventariar as línguas reconhecidamente brasileiras (MORELLO, 2012)<sup>4</sup>.

Acompanhando o reconhecimento da diversidade linguística nacional, o GT de Sociolinguística da ANPOLL organizou, em 2007 na PUC-Rio, seu primeiro encontro internacional, que trouxe o tema de SC associado aos estudos em Política Linguística (PL). O Encontro contou com a participação de renomados pesquisadores do GT, bem como de especialistas internacionais: Louis-Jean Calvet, da Université de Provence (França), Ulrich Ammon, da Universität Duisburg-Essen (Alemanha) e Norbert Dittmar, da Freie Universität Berlin (Alemanha)<sup>5</sup>. A constelação de pesquisadores então reunidos reafirmou a importância dos estudos em nível macro para a Sociolinguística e estabelece fortes parcerias internacionais para o GT, que se manifestaram em projetos de colaboração entre o Brasil e a Alemanha (PROBRAL).

A parceria acadêmica, consolidada nesta época com a equipe estrangeira que participou do Encontro, foi ampliada na Universidade Federal Fluminense (UFF), no âmbito da Linha de pesquisa História Política e Contato linguístico do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, criado em 2010, como consequência do desmembramento do antigo Programa de Pós-graduação em Letras. O novo PPG de Estudos de Linguagem reformula suas Linhas em 2013 e com isso, introduz a Linha História, Política e Contato Linguístico, que tem como temas centrais pesquisas sobre a gestão da diversidade linguística; processos de padronização; questões de identidades linguística e cultural; representações linguísticas; direitos linguísticos e educação linguística.

Paralelamente à criação dessa nova Linha, fundamos o Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico da UFF (LABPEC) que se constituiu em um espaço de pesquisas que reforçou ainda mais a interseção entre a SC e a PL. A configuração atual do LABPEC reúne pesquisadores do Brasil e do exterior, da área de SC e de PL e adota propostas teórico-metodológicas de cunho predominantemente qualitativo, para analisar as diversas ações que uma sociedade faz sobre a linguagem revestidas sob a forma do político, como sintetizado em Lagares (2018). Com a criação do LABPEC, aprofundamos os estudos em SC em consonância com os estudos de PL, divulgados nas teses e dissertações do PPG de Estudos de Linguagem, bem como em publicações de revistas, séries e livros.

Em relação às Revistas, destacamos aquelas do Instituto de Letras da UFF: i) a *Revista Gragoatá*: número 32, intitulado “Política Linguística” (SAVEDRA; LAGARES, 2012); número 42, intitulado “Práticas de linguagem e políticas linguísticas” (SAVEDRA; JUNGBLUTH, 2017); número 54, intitulado “Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas” (GUDRUN; PEREIRA,

<sup>4</sup> Atualmente, 13 línguas indígenas são cooficializadas em 10 municípios e 9 línguas de imigração, em 41 municípios. Chamamos à atenção que esse processo, desde 2022, é um processo dinâmico, que precisa sempre ser atualizado. Esses números são os divulgados na página do IPOL. Disponível em: <www.ipol.org>. Acessado em: 26 ago. 2023.

<sup>5</sup> Os trabalhos apresentados neste encontro estão disponíveis no CD de encarte do livro *Sociolinguística no Brasil*, organizado por Savedra e Salgado (2009).

RA, 2021), e ii) o *Caderno de Letras da UFF*: número 53, intitulado “Línguas e culturas em contato” (SAVEDRA; PEREIRA, 2017) e número 62, intitulado “Multilinguismo, discurso e direitos linguísticos” (PEREIRA; SAVEDRA, 2021).

No âmbito da cooperação internacional, destacamos que a *Revista Gragoatá 54* e a *Cadernos de Letras 62* foram organizadas como produtos do projeto Capes-Print-UFF, “Multilinguismo, Direitos Linguísticos e Desigualdade Social” (2018-2024). Também como produto do projeto Print-UFF, na perspectiva dos estudos desenvolvidos em SC, citamos a publicação do livro intitulado *Estudos em Sociolinguística de Contato* (SAVEDRA; ROSENBERG, 2021) e da série *Sprachliche Konstruktion sozialer Grenzen: Identitäten und Zugehörigkeiten / Linguistic Construction of Social Boundaries: Identities and Belonging*, editada por Jungbluth e Savedra pela Editora Peter Lang, como produto das cotutelas do PROBRAL II (CAPES-DAAD) entre a UFF e a Europa-Universität Viadrina. As demais publicações dessa parceria estão resenhadas na página do LABPEC.

No que diz respeito aos conceitos e definições da área de PL, as pesquisas produzidas no LABPEC são articuladas, principalmente, pelo aporte teórico dos trabalhos de Calvet, Cooper, Hamel, Spolsky, Lagares, Del Vale, Lucchesi, Blanchet e Bagno. De Louis-Jean Calvet, aludimos ao histórico da área de PL nos estudos sociolinguísticos, à definição dos diferentes tipos de gestão (*in vivo* e *in vitro*), ao lugar das representações linguísticas, à crítica ao colonialismo linguístico. Quanto a Cooper, sua contribuição é bastante valiosa, para avaliarmos as PL na perspectiva de políticas públicas. Hamel tem sido uma referência nos estudos das línguas em situação minoritária e nos estudos em educação linguística, especialmente do bilinguismo entre línguas indígenas e o espanhol. Bernard Spolsky, com sua proposta de análise baseada na tríade prática, gestão e crenças linguísticas, se apresenta com uma das teorias que mais vai ao encontro da perspectiva da SC. A perspectiva da glotopolítica foi difundida no Brasil por Lagares, com base nos trabalhos de Guespin & Marcellesi (1986). Essa perspectiva amplia a interdisciplinaridade dos estudos em PL e ressalta a importância de um olhar crítico para as situações de CL. Finalmente, Lucchesi, Blanchet e Bagno vêm sendo referências para as temáticas relacionadas ao preconceito linguístico.

Em comemoração aos 10 anos do Laboratório, promovemos, no ano de 2023, um debate histórico entre os pesquisadores do LABPEC Louis-Jean Calvet e José Del Valle, mediado por Xoán Lagares, em torno dos conceitos de PL e de glotopolítica<sup>6</sup>.

Durante esse debate, observamos que a gestão *in vitro*, como definida por Calvet, vem sendo analisada nas pesquisas do Laboratório de forma articulada com a perspectiva glotopolítica, afinal, a produção de leis também pode ser um dos primeiros passos para a garantia dos direitos linguísticos. De fato, os trabalhos que se debruçam sobre leis e decisões não abstraem de sua análise os contextos sócio-históricos nos quais são produzidos e sobre os quais incidem, tampouco abstraem as dinâmicas de poder que subjazem a essa gestão, nem a relação das decisões

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?app=desktop&fbclid=IwAR1GWicDQY6ZYCVImBb12oeVJsvJTpkouWVP-FDEVmWg3sliBhD-MzDyDC0k\\_aem\\_Ad\\_FR0jAee4dtwvc30rXl4\\_eFbILLhGwcmIbl4o-6F12Dg3sVJ90uGA3m4XfGITImhM&v=C-0QZln\\_nNZI&feature=youtu.be&mixtid=Zxz2cZ](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&fbclid=IwAR1GWicDQY6ZYCVImBb12oeVJsvJTpkouWVP-FDEVmWg3sliBhD-MzDyDC0k_aem_Ad_FR0jAee4dtwvc30rXl4_eFbILLhGwcmIbl4o-6F12Dg3sVJ90uGA3m4XfGITImhM&v=C-0QZln_nNZI&feature=youtu.be&mixtid=Zxz2cZ)>. Data de acesso 24/11/2023>.



com as práticas linguísticas. Além disso, as pesquisas consideram que o espaço da gestão linguística é sempre de conflito, e a gestão *in vivo* é geralmente o lugar do movimento de resistência dos falantes. Daí, a política para a cooficialização das línguas minoritárias, o movimento do “Fica Espanhol” na esfera legislativa de ensino de línguas adicionais e o reconhecimento da LIBRAS.

Um conjunto de leis linguísticas é a base do trabalho de Rodrigues (2010), conjunto este que a autora denomina de “arquivo” e o divide em dois grupos: os arquivos judiciais e os arquivos legislativos. Os primeiros correspondem às leis imperativas, decididas verticalmente (normas jurídicas, sanções etc.). O segundo grupo compreende documentos de diferentes gêneros e dizem respeito ao processo de tramitação. De acordo com Rodrigues, os dados mais interessantes para análise emanam dos discursos relacionados às proposições, às justificativas e aos pareceres durante esse processo.

Nos exemplos a seguir, os pesquisadores do LABPEC ilustram essa articulação, com base nos estudos de PL defendidos no Programa de Estudos de Linguagem, na Linha História, Política e Contato Linguístico.

### 3. LABPEC: exemplos de estudos na interseção SC-PL

Dentre as temáticas mais abordadas nas teses e dissertações<sup>7</sup> desenvolvidas no LABPEC, destacamos: i) migração (manutenção, revitalização e perda); ii) refúgio e acolhimento; iii) representação linguística; identidade e normas; iv) línguas em situação minoritária; v) línguas de sinais e educação linguística.

Relatamos aqui alguns exemplos desses estudos. No contexto que envolve o CL provocado pelas línguas de imigração, podemos citar a tese de Gaio (2017). O autor aponta a perda do uso da língua italiana em contexto de imigração urbana no eixo Rio de Janeiro-Juiz de fora. Gaio realizou uma pesquisa qualitativa, com uso de entrevistas e questionários dirigidos aos descendentes de italiano da região, além da análise de documentos que tinham o uso da língua no início da imigração no século XIX. O autor conclui que processos de etnicidade linguística em movimento apontam para o apagamento da língua, apagamento este que convive com movimentos particulares de preservação da cultura italiana provocada por processos de transculturalidade, revelados nos “Brasileíritos” da região: brasileiros para todos os efeitos, mas que têm sua italianidade despertada em momentos particulares, para expor os traços da imigração italiana. Fica, assim, provada a perda da língua, mas a manutenção da cultura de herança de imigração.

O segundo exemplo desse tipo trata da imigração pomerana que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX. Mazzelli (2022), ao analisar o contexto de imigração pomerana em determinados municípios do Espírito Santo, em especial em contextos de imigração rural, conclui que houve manutenção da língua ao longo de várias gerações, favorecida pelo isolamento. Nesse caso, a assimilação da língua e da cultura local (brasileira/capixaba) não acarreta a perda da

<sup>7</sup> Até o momento, já foram defendidas 30 dissertações de Mestrado e 21 Teses de Doutorado.

língua e cultura originais do contexto de imigração. A autora analisa os efeitos glotopolíticos gerados pela presença da língua pomerana em ambientes digitais e sua incidência sobre o uso da língua na região. A metodologia de pesquisa também é qualitativa, indutiva, interpretativa e de base etnográfica, e Mazzelli também utiliza do campo físico e do campo digital para concluir sua pesquisa, posto que a mesma ainda ocorreu em período de pandemia. Os resultados encontrados com a investigação da pesquisadora apontam para a manutenção e revitalização do Pomerano, língua minoritária e sem prestígio, mas que é reconhecido pela política de cooficialização desde 2007 em vários municípios do estado. A autora reforça ainda a tese apresentada por Savedra e Mazelli (2017) de que o Pomerano já se tornou uma língua neautóctone brasileira.

Ainda no contexto migratório do início do século XX, citamos a tese de Carlos Neto (2020) que aborda as manifestações etnolinguísticas e culturais de uma coíné “Nipo-brasileira”: a *Koroniago*. O trabalho investiga esta variedade linguística decorrente do contato entre a língua japonesa e a língua portuguesa no contexto imigratório em questão, buscando evidenciar, através de obras escritas por nipo-brasileiros, traços de “nipo-brasilianidade” existentes no léxico dessas produções escritas. O autor utilizou em seu estudo testes de inteligibilidade dialetal estabelecidos por Casad (1974, 2005), que permitiram aferir a distância e/ou proximidade de variedades linguísticas inteligíveis, assim como questionários, para verificar a identidade “nipo-brasileira” dos sujeitos. Os resultados apontam para a distância dialetal existente entre a *Koroniago* no nível lexical e o japonês padrão, já que há um baixo grau de inteligibilidade pelos informantes japoneses nos léxicos levantados na investigação. O autor conclui que há evidência de um dos fenômenos da SC, aquele que ocorre pela mudança induzida pelo contato com empréstimos e alternância de códigos (*code-switching*, *code-mixing*).

A tese de Castro (2022), por sua vez, é um bom exemplo da importância de olharmos para o passado, para combatermos as sombras glotofóbicas. A pesquisadora analisa o primeiro governo Vargas (1930-1945), período no qual as comunidades de imigrantes sofreram muitas restrições contra o uso e aprendizagem de suas línguas. A pesquisadora lança luz principalmente sobre o papel da Associação Brasileira de Educação, que apoiou abertamente a gestão linguística do Estado em uma revista publicada trimestralmente. Com base nos estudos em PL, ela examinou documentos do acervo da Associação Brasileira de Educação (ABE), composto por originais conservados na sede da ABE, na cidade do Rio de Janeiro, e também os arquivos digitalizados armazenados no *site* do Museu Virtual da Educação. O *corpus* principal da pesquisa é composto por 20 números da *revista Educação*, publicados de fevereiro de 1939 a dezembro de 1944, e pelos *Anais do VIII Congresso Brasileiro de Educação*, realizado em junho de 1942. Além disso, Castro também analisou outros documentos históricos auxiliares (atas de reuniões, relatórios, correspondências etc.). A autora conclui que “As políticas linguísticas repressivas implementadas pelo governo Vargas durante o Estado Novo não foram capazes de eliminar totalmente as línguas de imigrantes”, fazendo uma referência ao processo de cooficialização de línguas em situação minoritária em curso no Brasil.

Ainda sobre as propostas de intervenção político-linguística na primeira metade do século XX, temos como exemplo a tese de Luciano Monteiro. O trabalho de Monteiro (2021), de natureza qualitativa e documental, tem como foco o *I Congresso da Língua Nacional cantada*,



organizado em 1937 por Mário de Andrade, em São Paulo. Dentre as contribuições dessa pesquisa, destacamos o intento bem-sucedido do autor em demonstrar como esse evento articulou “interpretações políticas, estéticas e científicas daquilo que se entendia como língua nacional” (p. 8). Monteiro aponta que participantes do congresso tentaram estabelecer um padrão “culto” de pronúncia para o português falado no Brasil, padrão esse que deveria ser adotado desde os cursos de teatro, passando pelo canto erudito até chegar às escolas públicas de todo o país. Para o autor da pesquisa, a imposição de uma versão modificada da fala carioca, eleita por eles como a mais evoluída em detrimento da realidade linguística do país, corresponde a uma estratégia de dominação que caracteriza as práticas colonialistas, como bem salienta Calvet (2002). O trabalho de Luciano Monteiro recebeu o prêmio CAPES 2022 de melhor tese em Linguística e Literatura.

Os contextos contemporâneos de refúgio e de acolhimento também fazem parte do escopo das pesquisas do Laboratório. A tese de Débora Costa (2018) focaliza a migração haitiana no Rio de Janeiro. Sua tese foi desenvolvida em cotutela com a Europa-Universität Viadrina. A metodologia utilizada foi qualitativa, de cunho etnográfico, e o *corpus* foi composto por entrevistas, abertas e semiabertas, e de notas de campo oriundas de observação participante (a pesquisadora morava no mesmo bairro que o grupo de refugiados e trabalhou diretamente com eles, como sua professora). Costa apresenta uma proposta metodológica de análise baseada em narrativas, para estudar as representações sociolinguísticas. No que se refere ao estudo das representações, a pesquisadora sugere a separação entre o enfoque no fenômeno *per se* e no fenômeno enquanto ferramenta de reconstrução/negociação identitária, sobre a qual ela destaca três funções: ideológica, social e comunicativa.

Os estudos de Balestro et al. (BALESTRO; PEREIRA, 2019; BALESTRO, 2020; CASTELLAIN; BALESTRO; PEREIRA, 2020) propõem uma reflexão sobre os direitos linguísticos, as barreiras linguísticas e o aparato linguístico com que se depara um solicitante de refúgio no estado do Rio de Janeiro. Os Direitos Linguísticos vêm sendo discutidos no Brasil nos trabalhos de Abreu (2016) e Rodrigues (2018) e o tema passou a ser abordado na disciplina Políticas Linguísticas, do PPG Estudos de Linguagem da UFF. Assim, em sua pesquisa de mestrado, Balestro (2020) utiliza uma metodologia descritiva e documental, baseada ainda em seu conhecimento empírico do contexto, considerando que se trata de uma pesquisadora engajada em trabalhos voluntários voltados para o acolhimento. Balestro atuou no projeto Abraço Cultural e na Cáritas, no Rio de Janeiro, e no atendimento a refugiados no Instituto Migrações e Direitos Humanos, em Brasília. Em sua pesquisa, a autora detalha o quanto a falta de informação e de acesso a direitos básicos, bem como o não reconhecimento das diversidades linguística e cultural envolvidas no processo migratório podem agravar a situação de vulnerabilidade dos refugiados.

Quanto às línguas em situação minoritária, foram tratados nos últimos cinco anos alguns temas de inclusão, representações sociais sobre surdos e línguas de sinais, estudos sobre glotopolítica no âmbito da comunidade surda, além de outras investigações formais sobre questões estruturais da Libras. Nesse tema, citamos dois trabalhos. O primeiro refere-se à tese de Tathiana Prado Dawes (2021), que envolveu a PL para a Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS. A tese teve como objeto de estudo compreender como acontecem os processos de validação de sinais

terminológicos da área de Biologia, a partir de pesquisa de campo realizada no Projeto Surdos desenvolvido na UFRJ e, mais especificamente, os critérios e métodos de aceitação/rejeição de sinais. A metodologia utilizada é qualitativa, tendo como etapas a análise documental e o trabalho de campo no Projeto Surdos do Laboratório Didático de Ciências para Surdos – LadiCS, do Instituto Bioquímica Leopoldo Meis – IBqM, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A pesquisa bibliográfica abrangeu obras lexicográficas impressas e digitais de Libras do século XIX até a primeira metade do século XXI, resultando na análise de estruturas micro e macro. A autora discute métodos de validação, apontando questões de política linguística identificadas na escolha dos sinais. Nesse trabalho, também é feito um histórico das leis que se ocupam da forma da língua, do uso que as pessoas surdas e ouvintes fazem da língua e da defesa da língua. A autora destaca o primeiro documento de 2002, ano que o Brasil deu um grande passo em direção a uma sociedade inclusiva, ao reconhecer a Libras como “meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais [...] com estrutura gramatical própria” (BRASIL, 2002), garantindo o direito linguístico da comunidade surda. Nessa tese, há também a menção à publicação do segundo documento, o decreto nº 5.626, de 2005, que estabelece, dentre outras recomendações, o ensino de Libras como disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura em Letras, Fonoaudiologia, Pedagogia, e nos demais cursos, como disciplina optativa. Nesse sentido, para além de uma língua utilizada nas comunicações cotidianas, a Libras pode ser e tem sido mais presente em contextos escolares e acadêmicos, dada a cada vez mais numerosa presença de estudantes surdos nas escolas e universidades, o que tem impulsionado, nos últimos vinte anos, uma enorme expansão lexical dessa língua nos mais variados campos do conhecimento. A autora aponta a importância da questão da legislação como ideologia de estado para línguas minoritárias.

O segundo exemplo de trabalhos com ênfase em línguas em situação minoritária é o de Alexandre Guedes Pereira Xavier (2023) que teve por objetivo, no âmbito das relações entre língua e direitos humanos, dimensionar o alcance da igualdade linguística – igualdade de línguas, variedades e falantes –, a partir da condição e da ação das pessoas surdas. O autor desenvolveu uma pesquisa qualitativa, partindo do pressuposto de que a afirmação do direito às línguas de sinais é um instrumento internacional, vinculante de direitos humanos. Xavier elaborou seu estudo em torno dos seguintes tópicos: i) da condição liminar na vida de pessoas surdas; ii) das relações entre o princípio da igualdade linguística e mecanismos desigualitários no Sistema Internacional de Proteção dos Direitos Humanos das Nações Unidas; iii) de atos de cidadania para as pessoas surdas. A pesquisa concluiu que o princípio da igualdade linguística vem pautando os processos de subjetivação política e afirmação das línguas de sinais e das pessoas em comunidades surdas. O autor mostrou ser necessário tornar tal princípio um eixo de luta política e construção coletiva de mudança, ao lado da igualdade de gênero e da igualdade racial.

O último exemplo que trazemos refere-se à questão das línguas indígenas. Luciana Oliveira Farina (2022) investigou, em sua dissertação, as ações glotopolíticas voltadas para o reconhecimento e uso da língua *guarani mbya* nas aldeias *Ka'aguy Hovy Porã* (Aldeia Mata Verde Bonita) e *Pevaé Porã Ará Hovy Py* (Aldeia Sítio do Céu), em Maricá, município da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Moradora do município, Farina destaca o reconhecimento do direito dos indígenas à diferença e ao uso de suas línguas. A pesquisa foi desenvolvida durante o



período da COVID-19, o que limitou bastante a metodologia planejada anteriormente pela pesquisadora. Assim, ela desenvolveu um estudo qualitativo-interpretativo, de cunho documental, com análise de narrativas e representações relacionadas aos grupos indígenas, fragmentadas em múltiplos espaços de enunciação. Sua análise demonstrou as relações de conflito e de preconceito por parte dos demais moradores da região.

## Considerações finais

Em 1973, quando o professor Paulino Vandresen afirmou que existe um grande “campo de pesquisas sociolinguísticas nas áreas de colonização estrangeira aguardando pesquisadores que determinem todos os fatores sociais que expliquem o comportamento linguístico destas populações” (VANDRESEN, 1973, p. 10), certamente não podia aprofundar a vertente política desses fatores em seus trabalhos na área da Sociolinguística e das LC, posto que ainda era uma época de liberdade cerceada. Além disso, a PL ainda era uma área de estudo muito recente, e praticamente inexistente no Brasil. Felizmente, os tempos são outros e nossos jovens pesquisadores vêm se dedicando a olhar as práticas linguísticas sob o viés das relações de conflito que permeiam as línguas em/de contato.

Com a apresentação desses trabalhos, procuramos demonstrar não apenas os resultados das pesquisas elaboradas pelo LABPEC, mas também parte do percurso teórico e metodológico das disciplinas que ministramos no PPG Estudos de Linguagem: Línguas em Contato e Políticas Linguísticas. Embora oferecidas separadamente, na prática elas constituem o cerne do nosso grupo de pesquisa e da Linha na qual são ofertadas. Assim, para além dos estudos ancorados na área da SC, a análise dos contextos de CL demanda uma abordagem multidisciplinar, razão pela qual nossos alunos são convidados a dialogar com leituras e experiências advindas de outras áreas.

Afinal, como entender a diversidade e os conflitos linguísticos, os efeitos linguísticos do colonialismo, da escravização, dos fluxos migratórios, a discussão em torno das normas, as ideologias opressoras, sem visitar museus, vasculhar documentos e leis, conversar com moradores e reconhecer suas práticas, sem passar, por exemplo, pela leitura de *Nós e os outros*, de Todorov (1993), do *Imigrante ideal*, de Mario Koifman (2012), de *Rio Babel*, de Bessa Freire (2004), entre tantas outras leituras e convivências que tornam as produções acadêmicas do LABPEC genuinamente inteligentes?

Concluimos o presente estudo trazendo questões para a reflexão e a partir das quais se mantém um debate constante em torno do tema das PL nas diferentes situações de CL:

- i. A importância da análise de práticas linguísticas (orais e escritas) como material de referência político-ideológica para diferentes situações de contato, estabelecidas em diferentes contextos geográficos, históricos e sociais, que possam resultar em um dos princípios apontados nesse estudo como sendo fatores de SC;
- ii. A importância da análise das leis como elementos de construção de políticas públicas e, conseqüentemente, como elemento central para análise da questão ideológica, perpassan-

do pela regularidade dos discursos legislativos. E, neste ponto, citamos a tese de Rodrigues (2010).

- iii. A importância das políticas de reparação à repressão e discriminação linguísticas tão presentes na história do nosso país. A relevância do documento elaborado em colaboração entre a Defensoria Pública junto a pesquisadores da UnB e como tais discriminações e repressões se relacionam com as PL vigentes num movimento de redução das línguas do Brasil em indigenismos, africanismos e regionalismo (MORELLO, 2019).

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ambas as autoras contribuíram igualmente.

## CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Ricardo Nascimento. Prolegômenos para a compreensão dos direitos linguísticos: uma leitura a partir da Constituição da República Federativa do Brasil. *In: FREITAG, R. M. K. et al. Sociolinguística e Política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2016, p.161-18.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2014.
- BALESTRO, Ana Cristina; PEREIRA, Telma. Língua e cultura na feminização das migrações no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Unicamp, Campinas, v. 58, p. 779-794, 2019.
- BALESTRO, Ana Cristina. **Acolhimento linguístico no Rio de Janeiro: uma odisseia**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- BAPTISTONE, Shirlei Almeida. **O processo de construção de uma língua “legítima”**: o caso do FLE no Brasil. 156 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ/Atlântica, 2004.
- BLANCHET, Philippe. **Discriminations: combattre la glottophobie**. Paris: Éd. Textuel, 2016.
- BRIGHT, William. The dimensions of Sociolinguistics. *In: Sociolinguistics: Proceeding of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964*. The Hague: Mouton, p.17-22, 1966.
- CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola. 2007.
- CALVET, Louis-Jean. **Linguistique et colonialisme: petit traité de glottophagie**. Paris: Payot, 2002.



CASTELLAIN, Maria Clara; BALESTRO, Ana Cristina; PEREIRA, Telma. Políticas linguísticas em contexto de migração e refúgio: o direito fundamental de se expressar. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-15. 2020. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/190>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CASTRO, Pedrina Barros de. **Tramando redes, silenciando vozes**: a Associação Brasileira de Educação e a Campanha de Nacionalização do Ensino do Estado Novo. 132 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

COSTA, Débora Amaral da. **Negociação de identidades e formação de novas representações sociais em narrativas de migração**: uma proposta metodológica. 280 f. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DAWES, Tathianna Prado. **Validação de sinais em contexto institucional específico**: sinais-termo para Biologia. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

FARINA, Luciana Oliveira. **O Direito ao uso da Língua Mbya como ato político e de reexistência**: um olhar glotopolítico sobre o contexto das Aldeias Guarani Mbya em Maricá-RJ. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. **WORD**, v. 15, p. 325-340, 1959.

FREIRE, José. Rio Babel: Histórias das Línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

GAIO, Mário. **Etnicidade linguística em movimento**: os processos de transculturalidade revelados nos brasileiros do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. 303 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. 2017.

GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. **Pour la glottopolitique**. *Langages*, França, n. 83, p. 5-34, 1986.

GUMPERZ, John. Dialect Differences and Social Stratification in a North Indian Village. **American Anthropologist**, v. 60, n. 4, p. 668-682, 1958.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilingualidade. *In*: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português Brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 229-235, 2003.

HEYE, Jürgen; SAVEDRA, Mônica (Orgs.). **Revista Palavra**, n. 11, Volume Temático “Línguas em Contato”, 2003.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o ministério da justiça e o aperfeiçoamento da raça (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. Stages in the acquisition of standard english. *In*: SHUY, R. (Ed.). **Social dialects and language learning Campaign**: National Council of Teachers of English, p.77-103, 1964.



LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LEDEGEN, Gudrun; PEREIRA, Telma. Línguas em contato: perspectivas sociolinguísticas. **Gragoatá**, v. 26, n. 54, 5-10, 2021.

MAZZELLI, Letícia. **Língua Pomerana em ambientes digitais**: efeitos glotopolíticos em Domingos Martins, Espírito Santo. 416 f. Tese. (Doutorado em Estudos de Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). **Gragoatá**, v. 17, n. 32, 30 jun. 2012.

MORELLO, Rosângela (Org.). **Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015.

MORELLO, Rosângela. Multilinguismo e ensino nas fronteiras. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 43, p. 217-236, 2019. DOI: 10.20396/lil.v0i43.8658350. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8658350>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

MONTEIRO, Luciano. **Modernismo como política de língua**: o Congresso da Língua Nacional Cantada (1937). 258 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica. Multilinguismo, discurso e direitos linguísticos. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 32, n. 62, p. 8-12, 30 jul. 2021.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. A noção de direitos linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 42, n. 42, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661563>>.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. **Língua viva, letra morta**: obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivado jurídico e legislativo brasileiro. 342 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

SAVEDRA, Mônica. Línguas majoritárias e minoritárias no Mercosul: a questão de línguas oficiais, línguas de trabalho e língua de ensino. *In*: DA HORA, D.; LUCENA, R. M. (Orgs.). **Política linguística na América Latina**. João Pessoa: Editora Universitária, p. 115- 126, 2008.

SAVEDRA, Mônica. Estudos e Pesquisas em Sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista da ANPOLL: 25 anos. Linguística: percursos e perspectivas**, v. 1, n. 29, p. 219-234, 2010.

SAVEDRA, Mônica. Línguas em contato e educação bilíngue no Brasil. Revista **Palavra**, n. 11. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

SAVEDRA, Mônica; HEYE, Jürgen. Línguas em contato: aspectos sociolinguísticos e políticas de línguas minoritárias. *In*: RAMOS, Jânia (Org). **Estudos Sociolinguísticos**: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SAVEDRA, M. M. G.; LAGARES, X. C. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. **Gragoatá**, v. 17, n. 32, 30 jun. 2012.



SAVEDRA, Mônica; SALGADO, Ana Cláudia. **Sociolinguística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

SAVEDRA, Mônica; PEREIRA, Telma. Línguas e culturas em contato. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, p.11-16, 15 jan. 2017.

SAVEDRA, Mônica; JUNGBLUTH, Konstanze. Apresentação. **Gragoatá**, v. 22, n. 42, p. 5-12, 2017.

SAVEDRA, Mônica; MAZZELLI, Leticia. A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 6-22, 2017.

SAVEDRA, Mônica; CHRISTINO, Beatriz.; PUPP SPINASSÉ, Karen.; ARAÚJO, S. S. de F. Studies in contact sociolinguistics in Brazil: ethnolinguistic diversity in focus. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e315, 2021. Disponível em: <<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/315>>. Acesso em: 27 aug. 2023.

SAVEDRA, Mônica; ROSENBERG, Peter (Orgs). **Estudos em sociolinguística de contato**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SIMONIN, Jacky; WHARTON, Sylvie. **Sociolinguistique du contact. Dictionnaire des termes et concepts**. ENS Éditions: Lyon, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1993.

VANDRESEN, Paulino. Tarefas da Sociolinguística no Brasil. **Revista de Cultura Vozes**, n. 8, Petrópolis, Rio de Janeiro, p.605-611, 1973.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact, findings and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

XAVIER, Alexandre Guedes Pereira. **Língua e direitos humanos**: pessoas surdas na construção da igualdade linguística. 423 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.



# Sustentabilidade no ensino de línguas estrangeiras: uma abordagem atual e necessária

Paul Voerke

Friedrich-Schiller-Universität, Jena (DE-TH), Alemanha.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4596-1350>

E-mail: [paul.voerke@gmail.com](mailto:paul.voerke@gmail.com)

Tradução de Vitória Escher Feldeckircher

Instituto Ivoti, Ivoti (RS), Brasil.

## RESUMO

O conceito de Sustentabilidade tem evoluído constantemente e novas abordagens de ensino vêm sendo associadas a ele, tornando a discussão sobre sua importância para a sociedade e para a educação necessária e pertinente para a atualidade. O presente artigo tem como objetivo abordar como a Sustentabilidade pode ser integrada como um objeto de conhecimento potente na sala de aula de língua estrangeira, gerando novos caminhos para o ensino além da gramática e da aquisição de vocabulário. Para isso, explica-se a origem do termo Sustentabilidade e seu percurso até chegar no conceito que se conhece nos dias de hoje. Em seguida, por meio de dois exemplos, demonstra-se como a Sustentabilidade pode ser integrada em cursos de formação inicial e continuada de professores de alemão como língua estrangeira. Observa-se que um dos maiores desafios está no desenvolvimento de competências para uma educação com vistas ao desenvolvimento sustentável. Com base em pressupostos teóricos e exemplos práticos, enfatizam-se as oportunidades do ensino de línguas estrangeiras sob uma nova perspectiva, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; Aprendizagem significativa; Desenvolvimento sustentável; Alemão como língua estrangeira.

## Sustainability in foreign language teaching: a current and necessary approach

### ABSTRACT

The concept of Sustainability has constantly evolved, and new approaches have been associated with it, turning the discussion about its importance for society and education into a necessary and relevant issue. This article aims to show how Sustainability can be integrated as a powerful object of knowledge in the foreign language classroom, generating new ways of teaching beyond grammar and vocabulary acquisition. To this end, we explain the origin of the term Sustainability and its journey to the concept we know today. Two examples then give insights in how sustainability can be integrated into training and further education courses for teachers of German as a foreign language. One of the key challenges relies in the development of competencies for education in sustainable development. Based on theoretical arguments and practical examples, we emphasize the opportunities of teaching foreign languages in a new way, making learning more meaningful and dynamic.

**KEYWORDS:** Sustainability; Foreign language teaching and learning; Meaningful learning; Sustainable development; German as a foreign language.



## 1. Introdução – ou: Por que falar de sustentabilidade?

Nos dias de hoje, e mais acentuadamente a partir do início do milênio, é possível observar fortes mudanças climáticas e fenômenos meteorológicos sempre mais críticos, tanto no Brasil como em todo o mundo. Na mídia, cada vez mais informações sobre desastres naturais são veiculadas, e os fenômenos meteorológicos extremos têm um grande impacto na vida de muitas pessoas: sejam as enchentes fortes, que derrubam casas inteiras, ou ondas de frio que perturbam a agricultura, experimentados ultimamente no Brasil. As causas de tantas alterações climáticas se dão em decorrência de muitos fatores, causados principalmente pelos seres humanos, motivo pelo qual determinados autores já se referem à era do “Antropoceno” (HOISS, 2019). Nesse contexto, é dever dos seres humanos reconhecerem-se tanto como parte integrante dos novos desafios quanto agentes capazes de solucionar esses problemas, perspectiva defendida com veemência pelo movimento mundial *Fridays for Future*<sup>1</sup>, por exemplo.

Para enfrentar a situação do mundo atual, observam-se constantes buscas por soluções a serem atingidas em comum, que abrangem diferentes níveis, podendo ser local, regional, nacional ou global. Nesse sentido, a Sustentabilidade<sup>2</sup> destaca-se como o fator principal nas soluções dos diversos desafios presentes nas sociedades atualmente, pois ela interfere nos âmbitos da ecologia, da economia, da sociedade e da política, os quais muito influenciam o mundo ao nosso redor em todos os sentidos (SCHREIBER e SIEGER, 2016). A Sustentabilidade em si não é apenas uma mera palavra, mas um conceito que está cada vez mais presente no nosso dia a dia e em escalas cada vez maiores. Em nível organizacional, podemos mencionar dois exemplos muito visíveis que serão desenvolvidos a seguir.

Em primeiro lugar, vale mencionar a Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1948 como órgão internacional para garantir a paz e o desenvolvimento humano. Um dos campos de atuação da instituição é a organização de eventos internacionais sobre meio ambiente e desenvolvimento, tais como a “Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento”, conhecida como “Eco-92”, no Rio de Janeiro (1992), e a “Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável” em Joanesburgo (2002). Fruto dessas reuniões em escala global, que contaram com a participação de chefes de estado do mundo inteiro, são, por exemplo, a “Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável” (realizada entre 2005 e 2014), as propostas para implementação local (entre essas, da Agenda 21) e a formulação de numerosas metas e de conceitos teóricos (por exemplo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os SDG, do inglês *Sustainable Development Goals*) (RIECKMANN, 2019). Em um plano contínuo de trabalho, que se realiza para colocar as ideias na prática, o tema da Sustentabilidade na ONU está sendo conduzido por organizações subordinadas (por exemplo, a UNESCO) e munido de um mandato para projeto de implementação (KLÄNHARDT e SIMON, 2023).

<sup>1</sup> *Fridays for Future* é um movimento internacional, conduzido principalmente por estudantes, para exigir ações dos líderes políticos, a fim de evitar as mudanças climáticas e fazer com que a indústria de combustíveis fósseis faça a transição para energias renováveis. Maiores informações disponíveis em: <<https://fridaysforfuture.de/>>. Acesso em: 08 dez. 2023.

<sup>2</sup> Neste texto, utilizamos a palavra “Sustentabilidade” com letra maiúscula, por ser concebido aqui como conceito holístico e abrangente, e não só como termo técnico.

Um outro exemplo é a legislação educacional, criada, dependendo do país, principalmente em nível nacional ou em seus respectivos estados federais. Em várias regiões do mundo, a Sustentabilidade é um assunto em pauta nos dias de hoje, sendo um objeto de conhecimento relevante nos diferentes componentes curriculares das escolas públicas e privadas. Podemos aqui mencionar a Alemanha, onde foi elaborado, ao longo da “Década da Sustentabilidade”, um “Marco de orientação para um desenvolvimento sustentável” (SCHREIBER e SIEGER, 2016), e onde podemos notar paralelamente um aumento considerável na elaboração de projetos nas instituições educacionais (KÖHNLEIN, 2012).

Observamos, através desses exemplos, que o tema da Sustentabilidade é, em primeiro lugar, muito importante e atual, e que, em segundo lugar, está sendo ativamente discutido no âmbito de organizações públicas e extragovernamentais, como também no setor da educação. Considerando a relevância da abordagem do tema, o presente artigo tem como perguntas norteadoras investigar qual a base teórica da Sustentabilidade e em que proporção ela possui um papel importante no ensino de línguas estrangeiras<sup>3</sup>. Para isso, traçaremos inicialmente um panorama histórico, teórico e conceitual (seção 2), para em seguida estabelecermos a relação do tema com o ensino de línguas (seção 3). Em seguida, por meio de dois exemplos da área de Alemão como Língua Estrangeira (ALE), relacionamos o estudo do tema Sustentabilidade com a prática escolar (seção 4). Por fim, serão relatadas as conclusões e reflexões surgidas ao longo dos estudos.

Além disso, faz-se necessário mencionar que a presente contribuição foi elaborada a partir do olhar da formação de professores de Alemão como Língua Estrangeira (ALE)<sup>4</sup> na Alemanha, junto do fundamento teórico, cuja maioria advém de fontes em língua alemã. Destacamos, ao mesmo tempo, que os argumentos expostos podem ser estendidos para outras disciplinas e componentes curriculares além do Alemão, haja vista a interdisciplinaridade inerente aos cursos de Letras. O objetivo deste artigo é, também, dessa forma, impulsionar reflexões sobre a possibilidade de integrar o tema da Sustentabilidade à sala de aula de línguas estrangeiras.

## 2. A sustentabilidade além da educação ambiental

### 2.1. Origens e ideia geral

Na linguagem comum, o termo “sustentabilidade” é utilizado principalmente em relação ao meio ambiente e à ecologia, embora, em última análise, englobe muito mais aspectos. A origem do conceito, em língua alemã, tem a ver diretamente com o ambiente, especificamente com a sil-

<sup>3</sup> Consideramos importantes as discussões que são conduzidas, no Brasil, sobre os conceitos “língua estrangeira” vs. “língua adicional”. Neste artigo, optamos por manter o termo “língua estrangeira”, por ser este utilizado como denominação da disciplina acadêmica “Alemão como Língua Estrangeira” (*DaF*, sigla em alemão para *Deutsch als Fremdsprache*), estabelecida na Alemanha há mais de 50 anos.

<sup>4</sup> Maior informação sobre as características da disciplina acadêmica “Alemão como Língua Estrangeira” (principalmente quando comparado com a habilitação “Alemão” dos cursos de Letras no Brasil) pode ser encontrada em Voerkel (2020).



vicicultura: é com a palavra *Nachhaltigkeit* que em alemão se refere à Sustentabilidade, e que pela primeira vez aparece no livro *Sylvicultura oeconomica als Prinzip der Forstwirtschaft*, escrito por Hans Carl von Carlowitz (1645-1714) e publicado em 1713. Como administrador das florestas reais e públicas no estado da Saxônia, Carlowitz tinha uma visão geral das minas de minério da região e do imenso consumo de madeira, o que o preocupava e o levou a exigir que não fossem derrubadas mais árvores do que aquelas que poderiam crescer num determinado período. Esta reivindicação já inclui a ideia central da Sustentabilidade, segundo a qual, a longo prazo, não devemos viver às custas das gerações futuras ou também das pessoas em outras regiões do mundo (PUFÉ, 2014).

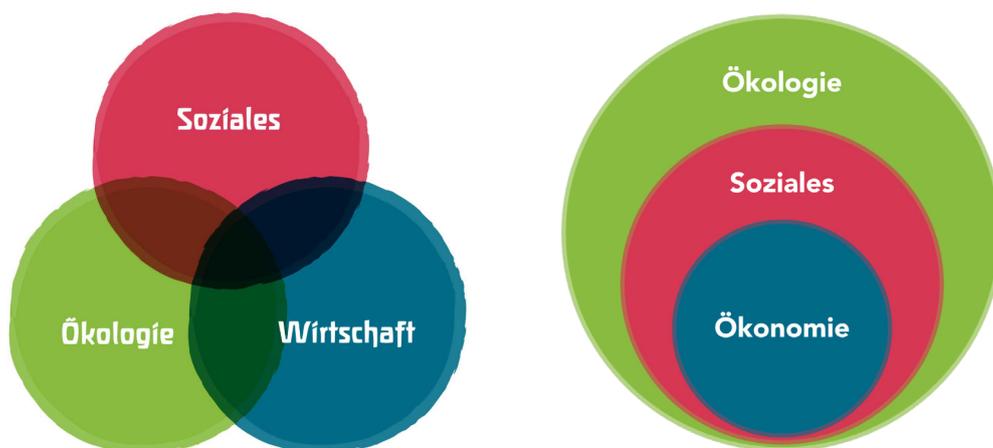
A ligação estreita com a conservação das florestas continua a ressoar na utilização alemã de Sustentabilidade, mas, ao mesmo tempo, o termo mudou consideravelmente com o passar do tempo e o seu significado foi ampliado. No século XIX, o termo foi traduzido para o inglês e o francês, nos quais se estabeleceu gradualmente e é utilizado, de forma semelhante ao alemão, como *sustainability* ou *développement durable*. Foi mais tarde, na segunda metade do século XX, que a Sustentabilidade foi incorporada a outras disciplinas e domínios, saindo, desse modo, do campo meramente ecológico. O termo ficou conhecido pelo público em geral a partir dos anos 1960, por exemplo, por meio das atividades do Clube de Roma, com a publicação inovadora *The Limits to Growth* (1972). Houve ainda uma guinada adicional muito importante, por meio da perspectiva da pedagogia crítica (FREIRE, 1970), e mais tarde, nos conceitos acadêmicos da aprendizagem global (FREITAG-HILD, 2021).

## 2.2. Modelos para descrever a sustentabilidade

Com a expansão do significado e o crescente debate público sobre os fundamentos e as implicações da Sustentabilidade, diversos modelos foram desenvolvidos ao longo das últimas décadas, para se refletir sobre a Sustentabilidade de forma significativa. Certamente há representações complexas, como a do mercado financeiro (PUFÉ, 2014), mas também modelos mais básicos que visam principalmente levar em consideração diferentes perspectivas sobre o assunto e que chegaram a uma divulgação geral na sociedade alemã desde os anos 1990.

Os principais aspectos da Sustentabilidade, reunidos desde a virada do milênio, são as dimensões: ambiental, social e econômica (descritos como *Ökologie*, *Soziales* e *Wirtschaft* em alemão). No Modelo A (Figura 1, à esquerda), todas as dimensões são vistas como igualmente importantes (e, portanto, de igual valor), com a afirmação de que a sustentabilidade só pode ser alcançada com a mesma consideração para todas as três áreas. No Modelo B (Figura 1, à direita), por outro lado, as áreas individuais são vistas em seu relacionamento e dependência umas das outras, com a indicação de que nenhuma economia funcionaria sem uma sociedade e nenhuma sociedade sem a ecologia.

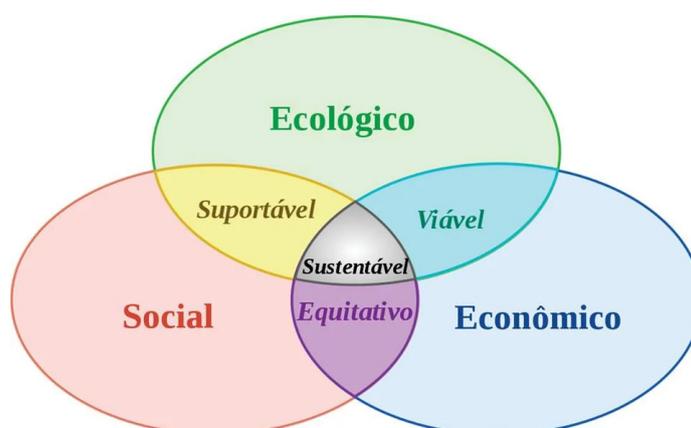
FIGURA 1. Modelos de Sustentabilidade 1



Fonte: Felix Müller – Lizenz CC-BY-SA-40/ Licença de código aberto.

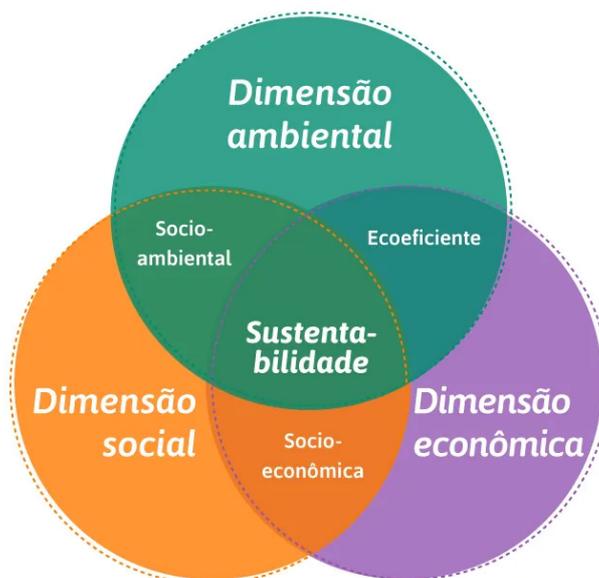
Em discussões em língua portuguesa, também é possível encontrar uma série de representações nas quais as três principais dimensões de meio ambiente, sociedade e economia são abordadas. É importante entender que a relação entre essas dimensões é caracterizada por interdependências, efeitos de reforço e objetivos conflitantes que se complementam e se sobrepõem parcialmente. Assim, a mesma medida – por exemplo, a construção de um grande projeto de infraestrutura – pode ser avaliada de forma muito diferente, dependendo da perspectiva (Figura 2). O que também é instigante nesse contexto é que, com as sobreposições, novas categorias de praticabilidade também se tornam claras, o que determina a ação humana em uma base individual e pública (Figura 3).

FIGURA 2. Modelos de Sustentabilidade 2



Fonte: Recicloteca. Disponível em: < [bit.ly/3FEIC2H](https://bit.ly/3FEIC2H) >. Acesso em: 29 out. 2023.

FIGURA 3. Modelos de Sustentabilidade 3



Fonte: Medium. Disponível em: <bit.ly/3QivVuF> Acesso em: 29. out. 2023.

Deve-se enfatizar que outra dimensão tem sido cada vez mais enfocada nos últimos anos, a saber, a perspectiva política. Isso se baseou na observação de que, embora o meio ambiente, a sociedade e a economia tenham um forte impacto sobre a Sustentabilidade, eles também são altamente determinados por tendências e atores políticos. É nesse ponto que se pode estabelecer uma conexão estreita com a sala de aula de língua estrangeira, já que todo aprendizado de idiomas estrangeiros também é lido como um ato político (BYRAM, 2008).

O que também está claro na nomenclatura e no uso de determinados modelos, como também nas considerações a eles associadas, é a importância de uma discussão mais aprofundada para esclarecer determinados conceitos que fundamentam a Sustentabilidade. Termos esses, que serão ilustrados na subseção 2.3 usando três conceitos básicos como exemplos.

## 2.3. Termos-chave sobre a temática

### 2.3.1. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Em 2015, a Assembleia Geral da ONU adotou a “Agenda 2030”, a qual se baseia em um plano fundamental e de grande impacto para o desenvolvimento da humanidade, sendo definida como “um projeto compartilhado de paz e prosperidade para as pessoas e o planeta, agora e no futuro” (ONU, 2015).

Parte dessa agenda é composta por 17 objetivos abrangentes, cada um dos quais define uma direção desejada para o desenvolvimento, mas que repetidamente se sobrepõem e se complementam. Esses “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS – frequentemente também chamados de SDG, iniciais do termo em inglês *Sustainable Development Goals* – Figura 4) in-

cluem, entre outros, segurança dos meios de subsistência, paz, segurança, respeito aos direitos humanos, diversidade cultural, governança democrática e participação política. Deve-se enfatizar que a classificação dessas metas não conta apenas com aprovação: alguns grupos de interesse as consideram muito intangíveis e/ou orientadas para o material, enquanto outros criticam a forte orientação para os modelos de pensamento europeu-ocidental. No entanto, na atualidade, esses objetivos auxiliam como “estrutura” para projetos concretos, tanto no setor privado quanto no setor público. Essas metas estão refletidas em um grande número de publicações, especialmente as da ONU e de suas instituições subordinadas.

**FIGURA 4.** Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Nações Unidas Brasil. Disponível em: <[bit.ly/3SKYBWA](https://bit.ly/3SKYBWA)>. Acesso em: 29. out. 2023.

### 2.3.2. Educação para o desenvolvimento sustentável (EDS)

Considerando que a educação é a chave para o desenvolvimento de uma consciência sustentável, no ano de 2003, por intermédio do comitê da ONU, foi criada uma declaração sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), a qual foi considerada um investimento para o futuro. Por meio da EDS, é possível que as pessoas entendam o impacto de suas próprias ações no mundo e tomem decisões responsáveis e sustentáveis, compreendendo que as ações tomadas hoje têm consequências futuras diretas. Portanto, é possível reconhecer que a meta da EDS é a transformação da sociedade através de práticas educativas que visam à conscientização sustentável.

A EDS baseia-se principalmente na convicção de que a educação é a chave para a mudança real e o desenvolvimento da sociedade (RIECKMANN, 2019, p. 81-83). Não por acaso, a “Educação de Qualidade” é uma das metas de desenvolvimento (ODS 4) e é considerada uma ques-

tão transversal para a Sustentabilidade em geral. Ela também é vista como essencial dentro das instituições e sua relevância está apresentada, por exemplo, na resolução da Comissão Alemã da UNESCO que determina a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005, *online* – sem página)<sup>5</sup>:

Temos a tarefa de garantir que os fundamentos naturais da vida sejam preservados para todas as criaturas da Terra e que as chances de vida das pessoas sejam distribuídas de forma justa e equitativa em todo o mundo. Ao mesmo tempo, em termos de desenvolvimento sustentável, precisamos garantir que as gerações futuras tenham as mesmas oportunidades de uma vida plena que nós temos. O caminho para uma maior sustentabilidade passa pela educação.

No contexto escolar alemão, as etapas sugeridas nos currículos nacionais baseiam-se nas propostas de De Haan (2008) e compreendem os estágios “Reconhecer”, “Avaliar” e “Agir”. O objetivo é que os alunos possam desenvolver um tipo de “letramento crítico” por meio do ensino (FREITAG-HILD, 2022). Aqui também há uma conexão direta com a didática de línguas estrangeiras, pois essa área do conhecimento também se ocupa do uso da linguagem como uma “ferramenta de poder” (UNESCO, 2017) e com o fortalecimento das habilidades de discurso crítico em geral (DIEHR, 2022).

### 2.3.3. *Gestaltungskompetenz* ou Competência de realização

Se pensarmos mais a fundo na ideia de EDS e nos perguntarmos como ela pode ser implementada, rapidamente nos deparamos com o conceito de De Haan, que confirma que a EDS pode ser implementada por meio da promoção de diferentes competências (DE HAAN, 2008). A ideia por trás disso é que os alunos sejam capacitados a desenvolver habilidades adequadas para moldar o futuro de acordo com o conceito de desenvolvimento sustentável. Na discussão em língua alemã, figura a chamada *Gestaltungskompetenz*.

O conceito *Gestaltungskompetenz*, comumente usado em alemão no contexto acadêmico, não é fácil de se traduzir. O termo deve ser entendido como a capacidade de aplicar o conhecimento sobre desenvolvimento sustentável e reconhecer problemas de desenvolvimento não sustentável. Dessa forma, traduções para o português, como “Capacidade de colocar em prática” ou “Competência de realização”, seriam aproximações apropriadas. Ambas as traduções ressaltam que os indivíduos (sejam eles alunos ou outros membros da sociedade) não estão à mercê das rápidas mudanças e desenvolvimentos no mundo, mas podem ser estimulados constantemente a atingir as competências necessárias para lidar com a questão (e que também deveriam fazer uso dessa oportunidade).

Seguindo essa ideia, deve-se observar que a EDS não é apenas uma medida educacional, mas, acima de tudo, uma qualificação para a ação. Nesse sentido, temos uma conexão com a “competência de ação”, um dos princípios básicos da didática de línguas estrangeiras – uma linha

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.unesco.de/bildung/hochwertige-bildung/bildung-fuer-nachhaltige-entwicklung/un-dekade-bildung-fuer-nachhaltige>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

que será seguida na próxima seção –, competência essa, entre outras, considerada como base de aprendizagem no Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas.

Diante do exposto até o momento neste texto, já é possível tecer algumas reflexões preliminares. Em primeiro lugar, deve-se observar que a Sustentabilidade é uma questão extremamente relevante e atual para a sociedade, tanto na esfera política quanto nas esferas social e ecológica, entre outras (SURKAMP, 2022). Portanto, o tema está muito presente na mídia e no discurso em geral. Ao mesmo tempo, há uma discrepância entre o uso geral e o uso específico do termo, sendo que o último abrange um espectro consideravelmente mais amplo.

Até o presente momento, continua sendo verdade que as questões ambientais ainda são constitutivas e, acima de tudo, tangíveis à Sustentabilidade e, portanto, inseparáveis dela (NANZ et al., 2021). Especialmente nesse tópico, há inúmeras oportunidades de encontrar acesso e conexões com o campo da educação e abordagens correspondentes, principalmente por meio do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras (SURKAMP, 2022). A crescente consolidação de conceitos e fundamentos teóricos (KLÄNHARDT e SIMON, 2023) e a forma como podem ser abordados pela didática de línguas estrangeiras é parte da discussão da próxima seção.

### 3. Conexão entre sustentabilidade e a sala de aula de língua estrangeira

Apesar de o tema Sustentabilidade já ser nomeado, de maneira geral, desde a educação básica, a compreensão das suas responsabilidades ainda é um grande desafio. Não basta reconhecer a palavra, é necessário identificar as ações que a permeiam, para que ela seja de fato considerada. Para isso, a escola tem o importante papel de abordar o tema através de diferentes vivências, que permitirão aos estudantes identificarem-se como sujeitos ativos no processo de desenvolvimento sustentável, seja no âmbito ecológico, como também no econômico e no social.

Sabe-se que, no caso do Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento normativo que referencia as diretrizes oficiais escolares, sendo também um importante suporte para as instituições quando o assunto é Sustentabilidade. Apesar de o documento abordar o tema na área do conhecimento Ciências da Natureza, acredita-se que ele possa ser inserido também em outros componentes curriculares através do trabalho transdisciplinar, principalmente nas línguas estrangeiras, quebrando os paradigmas de que o tema Sustentabilidade se refere somente ao ramo das ciências naturais e colocando em prática a 10ª competência geral da BNCC através de diferentes campos, a qual destaca:

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 9).

A partir disso, mesmo que os documentos oficiais não abordem o ensino da Sustentabilidade nos objetos de conhecimento da língua estrangeira, isso não impede que educadores desenvolvam e ampliem os horizontes das suas práticas educativas. Sabe-se que o ensino da gramática, do vocabulário e demais competências exige uma grande demanda da carga horária, mas, com



um embasamento teórico e prático adequado, o professor poderá vislumbrar a possibilidade de relacionar a Sustentabilidade à sua prática e aos objetos de conhecimento pré-estabelecidos, possibilidades essas que serão apresentadas e exemplificadas ao longo da próxima seção.

De qualquer modo, o ensino de línguas estrangeiras deve ir além das competências linguísticas. Com o passar do tempo, ampliaram-se as discussões referentes ao assunto e, hoje, a aprendizagem de um idioma é considerada também a possibilidade de um amplo desenvolvimento cultural e midiático, por exemplo (ALTMAYER et al., 2021; KOREIK, 2021; SURKAMP, 2021). Esses fatores tornam o aprendizado contextualizado e significativo, diversificando o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira.

No que se refere à aprendizagem significativa, é relevante refletir sobre as possibilidades que a EDS e a Sustentabilidade trazem consigo para tornar a aprendizagem diversificada. Por serem objetos de conhecimento atuais e essenciais, é possível integrar tais temas a um planejamento rico em conhecimento, gerando discussão e ampliação de conceitos. Em termos gerais, o objetivo é incorporar conteúdo relevante às aulas de línguas e, assim, torná-las mais atraentes e acessíveis para os alunos (FUNK et al., 2014). Da mesma maneira, as aulas de língua estrangeira podem contribuir muito para fomentar as competências exigidas no âmbito da EDS, e, por sua vez, a maneira sustentável de aprender é um fator decisivo para a aquisição eficiente da língua-alvo (SCHÄDLICH, 2021).

Muito mais do que um novo idioma, o momento do seu ensino também é abundante em aprendizagem cultural, seja através de conhecimentos geográficos, como também costumes e tradições do local de origem do idioma (KOREIK, 2021; FREITAG-HILD, 2022). E, novamente, momentos como esses são possíveis de serem relacionados com temáticas atuais e pertinentes a discussões. A aprendizagem cultural, entre outras coisas, também oferece oportunidades de conexão com a temática da Sustentabilidade (HOLZ, 2016).

No que diz respeito à disciplina Alemão como Segunda Língua e Língua Estrangeira, pode-se dizer que houve uma expansão significativa na área de *Landeskunde*<sup>6</sup>, desde a virada do milênio, o que é particularmente visível na inclusão de tópicos e abordagens de estudos culturais (KOREIK e FORNOFF, 2020). Uma vertente dessa nova orientação pressupõe que a aquisição de idiomas estrangeiros deve servir especialmente para permitir a participação nos discursos da língua-alvo (ALTMAYER, 2023).

Nesse sentido, o empoderamento linguístico e cultural é um dos elementos constitutivos para aulas de língua estrangeira, que inclui, por assim dizer, uma missão educacional e de formação de valores. A partir disso, podemos constatar um aumento no debate sobre modelos e abordagens a serem empregados para o uso da Sustentabilidade em sala de aula, sendo exemplo para essas discussões as conferências sobre didática de ensino de línguas estrangeiras, como o congresso da Sociedade Alemã de Pesquisa de Línguas Estrangeiras (DGFF)<sup>7</sup> ou o Simpósio sobre

<sup>6</sup> Palavra em língua alemã referida ao estudo das ciências cultural, geográfica e histórica de um país, e, dessa forma, relacionado ao conceito de “estudos de cultura alemã”. Por sua especificidade, mantemos aqui o termo na sua versão original em alemão.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://dgff.de/>>. Acesso em: 24 out. 2023.

EDS e didática de idiomas estrangeiros na Universidade de Essen<sup>8</sup>, que ocorreram na segunda metade do ano de 2023, nos quais a integração da Sustentabilidade ao ensino de línguas foi um dos temas principais.

Além das discussões teóricas, é justamente na prática que se encontram inúmeros exemplos de como a Sustentabilidade é implementada em sala de aula. A base para o ensino de Alemão como Língua Estrangeira (DaF) no exterior é principalmente o “Plano de estrutura para escolas alemãs no exterior”, que foi publicado em 2009 e inclui, entre outras questões, o ensino consciente de valores (SCHREIBER e SIEGER, 2016). Dessa forma, muitas escolas alemãs no exterior decidiram, nos últimos anos, iniciar projetos e trazer a Sustentabilidade para suas aulas<sup>9</sup>. Além disso, a criação, o uso e a divulgação de materiais é um pilar importante para abordar a Sustentabilidade em sala de aula<sup>10</sup>.

Além da estrutura curricular e dos materiais didáticos / de ensino, os professores desempenham um papel fundamental na incorporação de determinados tópicos na sala de aula. Por esse motivo, a formação inicial e continuada de professores e sua conscientização sobre as questões de Sustentabilidade são de especial relevância. Cursos específicos dentro do marco de formação de professores, que incluem seminários com duração de um semestre letivo, estão sendo cada vez mais oferecidos na área da didática de línguas estrangeiras, por exemplo, na Universidade de Göttingen e na Universidade de Jena, ambas localizadas na Alemanha. Além disso, há numerosos exemplos de cursos de formação continuada, por exemplo, por meio do FaDaF (*Fachverband für Deutsch als Fremd- und Zweitsprache*, ou Associação Profissional de Alemão como Língua Estrangeira e Segunda Língua), que representa os interesses dos professores desta área de conhecimento na Alemanha.

Outro exemplo importante, nos âmbitos da didática e da metodologia, é a abordagem CLIL (siglas em inglês para *Content and Language Integrated Learning*), a qual tem se mostrado cada vez mais relevante nos últimos vinte anos e tem sido empregada com sucesso em escolas bilíngues, inclusive no Brasil (BUHLMANN e FEARNES, 2018). Através dessa abordagem, os objetos de ensino de diversas disciplinas – por exemplo, biologia ou história – são trabalhados em sala de aula utilizando-se a língua-alvo, e a aprendizagem ocorre tanto em termos de conteúdo quanto de desenvolvimento linguístico. Não há dúvida de que a Sustentabilidade também poderia ser um tema legítimo, propiciando a integração de tópicos relevantes relacionados à Sustentabilidade em aulas de disciplinas que já fazem parte do currículo, como crescimento e corpo humano (em biologia) ou medidas para o estabelecimento da paz (em história).

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.uni-ue.de/imperia/md/content/geisteswissenschaften\\_en/einladung\\_programm\\_unterricht\\_auf\\_einem\\_bedrohten\\_planeten\\_300823.pdf](https://www.uni-ue.de/imperia/md/content/geisteswissenschaften_en/einladung_programm_unterricht_auf_einem_bedrohten_planeten_300823.pdf)>. Acesso em: 17 out. de 2023.

<sup>9</sup> Um exemplo – entre muitos – é a iniciativa “PASCH” (*Schulen: Partner der Zukunft* – Escolas: parceiros do futuro, em tradução livre para o português), uma rede de escolas com ensino de alemão, que contam com o apoio de agências de fomento alemãs e que utilizam a Sustentabilidade como um dos pilares para seu cotidiano escolar. Exemplos das ações realizadas encontram-se na página da iniciativa PASCH, por exemplo no link: <<https://www.pasch-net.de/de/lernmaterial/wissen-umwelt/umweltfreundliche-schule.html>>. Acesso em: 8 out. 2023.

<sup>10</sup> Nessa área, o Goethe-Institut assumiu um papel importante, ao desenvolver materiais que seriam acessíveis ao público e que, além dos “clássicos” formatos impressos, incluem materiais digitais e *on-line*, como *podcasts* e vídeos. Devido ao seu grande impacto no ensino de alemão, o envolvimento do Goethe-Institut será discutido em mais detalhes na próxima seção.

Outros tópicos apropriados – que incluem, por exemplo, comidas e bebidas, lazer e tempo livre, moradia, escola, profissões ou até animais domésticos – podem ser facilmente identificados nos livros didáticos existentes e usados nas escolas e no ensino de idiomas em geral. Esses tópicos também são possíveis de serem relacionados com práticas sustentáveis e, ao mesmo tempo que o educador fará o uso do material didático adotado, também poderá inovar suas práticas e as temáticas em sala de aula.

## 4. Exemplos de inclusão da sustentabilidade na formação de professores

Apresentamos, a seguir, dois exemplos que associam a sustentabilidade à aprendizagem de línguas estrangeiras. Em ambos os casos, o foco é o professor de alemão como língua estrangeira, mais uma vez sob a perspectiva da educação continuada, e outra, sob a perspectiva da formação inicial.

### 4.1. Goethe-Institut

O Goethe-Institut (GI) é um instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha, o qual promove o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional<sup>11</sup>. Como instituição, é uma organização intermediária<sup>12</sup> e agência de fomento que trabalha principalmente com fundos públicos e implementa as diretrizes da política, cultural e educacional, externa alemã (VOERKEL, 2016). Nesse sentido, ela também adota os objetivos da EDS, tanto em suas ofertas de cursos quanto em sua própria autoimagem, como uma grande e ativa organização internacional. Fruto dessa reivindicação é a frase “Nossas ações são guiadas pelos princípios da sustentabilidade”, extraída da página específica de Sustentabilidade do Instituto<sup>13</sup>.

Os dois campos centrais de atividades do GI são o trabalho com a língua alemã e a divulgação cultural, realizados em mais de 140 institutos em cerca de 100 países em todo o mundo. Em ambas as áreas, o Goethe-Institut reconhece a necessidade de uma estreita cooperação não só com instituições educacionais e professores, mas também com a sociedade como um todo.

Os professores desempenham um papel particularmente importante na área do ensino de línguas. O próprio GI não oferece formação básica para professores, mas se considera responsável por oferecer apoio contínuo e uma gama de cursos de alta qualidade para esses profissionais. Por esse motivo, o Instituto conta com muitos anos de experiência na área de formação de professores “em serviço” e formação continuada, e na elaboração de cursos e programas de capacitação específicos, como o programa *Deutsch Lehren Lernen* (VOERKEL, FERREIRA e SILVA, 2022).

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/rio.html>>. Acesso em: 07 dez. 2023.

<sup>12</sup> O termo “organização intermediária” é uma tradução do alemão, *Mittlerorganisation*, a qual designa as entidades e instituições que colocam em prática as ações da política cultural alemã, através da utilização de recursos públicos.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.goethe.de/de/uun/auf/nac.html>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

Digno de nota é o fato de que o Goethe-Institut também oferece cursos que não só estão abertos aos professores, mas também a todos os interessados. Quando se trata de sustentabilidade, dois cursos em particular se destacam: (a) o curso de autoaprendizagem sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS)<sup>14</sup>, criado tanto para educadores como para aprendizes de alemão, que conta com 5 unidades de aprendizagem, incluindo bases teóricas, materiais e reflexões; assim como (b) palestras em vídeo sobre a EDS, nas quais dicas para pais de alunos e para professores de línguas estão inclusas<sup>15</sup>. Existem, de igual maneira, diversos outros artigos e materiais produzidos pelo Instituto que são de grande qualidade e de fácil acesso.

## 4.2. Universidade de Jena como exemplo de formação acadêmica

Quando mencionamos a Universidade Friedrich Schiller, situada na cidade de Jena, na Alemanha central, rapidamente a Sustentabilidade vem à tona: já há alguns anos que um “escritório verde” foi criado, o qual está elaborando uma estratégia de Sustentabilidade, referência para toda a instituição. De igual modo, Sustentabilidade é um dos focos no consórcio formado com mais sete universidades europeias, o grupo EC2U<sup>16</sup>.

Dentro da universidade, na Faculdade de Filosofia, está situado o “Instituto de Alemão como Língua Estrangeira e Segunda Língua e Estudos Culturais”, o qual abriga em torno de 1.000 estudantes em cursos de Bacharelado, Licenciatura, Mestrado e Doutorado. Fundado em 1975, o Instituto possui a cátedra de Didática em Alemão como Língua Estrangeira mais antiga da Alemanha, a qual desenvolve numerosas atividades até hoje. Destaca-se, entre outros aspectos, por uma formação sólida em didática e metodologia, um núcleo de pesquisa de materiais didáticos, e uma forte inclinação para o *research based learning*. O ambiente aberto no Instituto permite oferecer uma ampla gama de temas, que inclui assuntos como gênero, poder, discursos ou abordagens pós-coloniais.

A partir do semestre de verão de 2023, foi ofertado no Instituto um seminário sobre Sustentabilidade, sendo considerada uma disciplina opcional, da qual participam discentes de Mestrado e de Licenciatura. O seminário, que reuniu aproximadamente 20 estudantes, sendo muitos deles internacionais, contou com a utilização de projetos didáticos, para garantir uma conexão com a prática, a qual é desenvolvida através da parceria com instituições de ensino de diferentes partes do mundo. Outro foco presente no seminário é a pesquisa constituída durante todos os encontros e também como avaliação final da disciplina, momento em que os estudantes desenvolvem seus trabalhos finais relacionados à temática da Sustentabilidade relacionada à prática em sala de aula.

<sup>14</sup> Nome do curso na língua original: *DaF und BNE – Selbstlernkurs zu Bildung für Nachhaltige Entwicklung (BNE) beim Deutschlernen*. Disponível em: <<https://www.dafundbne.de/>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

<sup>15</sup> Nome do curso na língua original: *Bildung für nachhaltige Entwicklung (BNE)*. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/ru/de/spr/eng/bne.html>>. (Acesso em: 22 nov. 2023).

<sup>16</sup> EC2U é a abreviação do consórcio que inclui as universidades tradicionais europeias de Coimbra (Portugal), Salamanca (Espanha), Poitiers (França), Pavia (Itália), Jena (Alemanha), Iasi (Romênia) e Turku (Finlândia). Maiores informações disponíveis em: <<https://ec2u.eu/pt/ec2u-european-campus-of-city-universities-5/>>. Acesso em: 08 dez. 2023.

A estrutura do seminário é constituída por quatro partes essenciais: (a) bases teóricas, oriundas da literatura acadêmica pertinente da área; (b) exemplos sobre Sustentabilidade (como aprendizagem sustentável, EDS em determinadas instituições, ODS da ONU e Agenda 2030, formas alternativas de desenvolvimento como a cosmovisão andina ou vias alternativas de educação); (c) parte prática para elaborar, em equipes, propostas concretas e planos de aula para a integração de temas ligados à Sustentabilidade em sala de aula de língua estrangeira, e (d) espaço para reflexão didática. Dessa forma, o seminário permite que os futuros professores se envolvam de forma abrangente com conceitos didáticos relacionados à Sustentabilidade e à didática de línguas estrangeiras.

Um exemplo concreto que pode ser citado e que foi discutido ao longo dos encontros entre os acadêmicos, é a base teórica das ODS para o ensino e a conscientização sobre o uso sustentável de energia. Na ocasião, os estudantes discutiram sobre a importância de conhecer, por exemplo, as definições de eficiência energética e as classificações (A, B, C etc.) utilizadas na União Europeia, assim como em outros países do mundo para o uso consciente de energia. Para isso, discutiu-se a possibilidade do trabalho com a conta de energia elétrica, na qual consta consumo, valores e comparações entre diferentes meses do ano. Inicialmente pode parecer um exemplo simples, mas com um trabalho fundamentado, os alunos compreenderão o quanto os eletrônicos e eletrodomésticos são fatores cruciais no consumo de energia, principalmente os que pertencem a classificações energéticas C e D, por exemplo. Com base no exemplo mencionado, podemos perceber o quanto o ensino de uma língua estrangeira pode e deve ser contextualizado, além de ser relacionado a acontecimentos atuais e que necessitam de discussão, como o consumo de energia elétrica.

## 5. Considerações finais

Constatamos que a discussão sobre Sustentabilidade deve ir muito além do que hoje é trabalhado nas escolas. Seu conceito é complexo e a sua implementação concreta na sala de aula de língua estrangeira se torna um grande desafio, afinal, sua prática não é corriqueira e exige conhecimento teórico.

Acredita-se que há um grande caminho já percorrido para o desenvolvimento de competências sustentáveis. Todavia, surpreende o pouco conhecimento prévio e prático sobre a temática por parte dos estudantes observado no seminário brevemente apresentado na seção anterior. Por isso, é necessário que atitudes sejam tomadas, pois a responsabilidade com a Sustentabilidade não se encerra apenas com o estabelecimento de um componente curricular ou disciplina que a aborde, essa responsabilidade é de todos juntos, inclusive da área de línguas estrangeiras, que também tem a importante tarefa de educar para a Sustentabilidade.

A sala de aula é um local rico em aprendizagem e, por isso, acredita-se que é nesse espaço que os estudantes terão a oportunidade de enxergar a vida de uma nova maneira, pensando no bem comum e no desenvolvimento sustentável. Sendo assim, a missão dos educadores é também modelar ou complementar o conhecimento prévio, estabelecer referências próprias, fornecer tempo suficiente para troca de ideias e reflexões pertinentes ao assunto, pois tudo isso é de extrema relevância para o processo de aprendizagem.



Com esse pano de fundo, o conceito de Sustentabilidade não deve mais ser reduzido ao olhar ecológico, mas ampliado para outros campos. Para isso, é importante uma busca constante por conhecimentos teóricos e práticos, e atualmente podemos encontrar uma miríade de informações através de variados meios de pesquisa. Todos esses materiais podem ser agrupados sistematicamente e transformados em sequências didáticas, mas, sem a convicção e sensibilização dos professores, será difícil colocar as ideias em prática. Sendo assim, acredita-se que a grande necessidade central e atual está na preparação dos docentes para perceberem as potencialidades do ensino sobre a Sustentabilidade.

Para isso, são oferecidos diversos seminários temáticos em instituições e universidades, sobre os quais deve-se discutir e incluir nos currículos escolares. Além de estudos no âmbito nacional, há a formação de redes temáticas internacionais em andamento. Contudo, acredita-se que são necessários mais seminários, pesquisas, levantamentos de impacto e ações para o aperfeiçoamento de práticas sustentáveis nas escolas e para que os educadores se sintam encorajados para essa missão.

Ao refletir sobre as práticas em sala de aula, torna-se importante entender que o educador tem o papel fundamental de modelar e complementar o conhecimento prévio dos estudantes, como mencionado. Porém, tudo isso só será possível no momento em que houver a discussão e o compartilhamento de experiências, dedicando tempo suficiente para a troca de ideias e reflexões, elementos fundamentais para o processo de aprendizagem. Nesse momento, acredita-se que surgirão diferentes reflexões e incertezas, as quais são compreendidas como naturais, pois não existem soluções preestabelecidas. Pelo contrário, é tempo de inovação.

Através das discussões realizadas ao longo do presente artigo, foi possível compreender a importância de discutir sobre e trabalhar com a Sustentabilidade e suas competências. Ao mesmo tempo, ainda permanecem diversos questionamentos e incertezas que precisam ser aprofundados, significando, também, que as pesquisas não devem parar por aqui.

Neste momento, estamos nos concentrando principalmente em questões pedagógicas e didáticas, ou seja, questões relacionadas às possibilidades de realmente fazer uso significativo da Sustentabilidade em sala de aula. Por um lado, isso pode ter relação com o desenvolvimento linguístico específico na língua-alvo – por exemplo, exercícios de vocabulário e gramática – e, por outro lado, com a própria incorporação específica da disciplina – por exemplo, conexão com estudos regionais ou seu estabelecimento como um tópico transversal e interdisciplinar (SURKAMP, 2022).

Em uma escala maior, podemos nos perguntar se a Sustentabilidade deve ser considerada um problema “ocidental” (HOLZBAUR, 2020) e qual a sua relevância em diferentes partes do mundo, principalmente no Brasil. Isso nos mostra que ainda há muitos tópicos de pesquisa não debatidos relacionados à Sustentabilidade como tema no ensino de línguas estrangeiras, mas definitivamente isso vale a pena.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.



## AGRADECIMENTOS

À profa. Roberta Stanke, organizadora do n. 61 da *Matraga*, que realizou a revisão técnica da tradução deste artigo.

## REFERÊNCIAS

ALTMAYER, Claus et al. **Handbuch Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Kontexte – Themen – Methoden**. Berlin/Wiesbaden: J.B. Metzler/Springer Nature, 2021.

ALTMAYER, Claus. **Kulturstudien. Eine Einführung für das Fach Deutsch als Fremd- und Zweitsprache**. Berlin: J.B. Metzler, 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUHLMANN, Rosemarie; FEARNES, Anneliese. **Handbuch des fach- und berufsbezogenen Deutschunterrichts – DaF, DaZ, CLIL**. Berlin: Frank & Timme, 2018.

BYRAM, Michael. **From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship: Essays and Reflections**. Bristol: Blue Ridge Summit/ Multilingual Matters, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.21832/9781847690807>>. Acesso em: 04. nov. 2023.

DE HAAN, Gerhard. Gestaltungskompetenz als Kompetenzkonzept der Bildung für nachhaltige Entwicklung. *In*: Bormann & De Haan (Orgs.). **Kompetenzen der Bildung für nachhaltige Entwicklung**. VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.

DIEHR, Bärbel. Warum Bildung für nachhaltige Entwicklung den Fremdsprachenunterricht braucht. *In*: BURWITZ-MELZER, Eva et al. (Orgs.). **Entwicklung von Nachhaltigkeit beim Lehren und Lernen von Fremd- und Zweitsprachen**. Tübingen: Narr, 2021, p. 32-43.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAG-HILD, Britta. Fremdsprachenunterricht global denken. *In*: BURWITZ-MELZER, Eva; RIEMER, Claudia; SCHMELTER, Lars (Orgs.). **Entwicklung von Nachhaltigkeit beim Lehren und Lernen von Fremd- und Zweitsprachen**. Tübingen: Narr, 2021, p. 67-76.

FREITAG-HILD, Britta. Kulturelles Lernen und Bildung für nachhaltige Entwicklung im Fremdsprachenunterricht. *In*: SURKAMP, Carola (Org.). **Bildung für nachhaltige Entwicklung im Englischunterricht**. Grundlagen und Unterrichtsbeispiele. Hannover: Klett Kallmeyer, 2022, p. 60-77.

FUNK, Hermann et al. **Aufgaben, Übungen, Interaktion**. München: Klett Langenscheidt, 2014.

HOIß, Christian. **Deutschunterricht im Anthropozän: didaktische Konzepte einer Bildung für nachhaltige Entwicklung**. Tese de doutorado, LMU München: Fakultät für Sprach- und Literaturwissenschaften, 2019. Disponível em: [Deutschunterricht im Anthropozän \(uni-muenchen.de\)](https://www.uni-muenchen.de).

HOLZ, Verena. **Bildung für eine nachhaltige Entwicklung. Kulturwissenschaftliche Forschungsperspektiven**. Berlin/Toronto: Budrich, 2016.

HOLZBAUR, Ulrich. **Nachhaltige Entwicklung. Der Weg in eine lebenswerte Zukunft**. Wiesbaden: Springer, 2020.



KLÄNHARDT, Katina; SIMON, Nina. Nachhaltigkeit im Fremd- und Zweitsprachenunterricht. Chancen und Grenzen einer Bildung für nachhaltige Entwicklung in DAFZ-Kontexten. **Fremdsprache Deutsch**, 68/2023, p. 3-10.

KÖHNLEIN, Walter. **Schulunterricht und Bildung**. Bad Heilbrunn: Julius Klinkhardt, 2012.

KOREIK, Uwe; FORNOFF, Roger. Landeskunde/Kulturstudien und kulturelles Lernen im Fach DaF/DaZ – Eine Bestandsaufnahme und kritische Positionierung. *In: Zeitschrift für Interkulturellen Sprachunterricht (ZIF)*, 25:1, 2020, p. 563-648.

KOREIK, Uwe. Kulturvermittlung im DaF-/DaZ-Unterricht. *In: BURWITZ-MELZER, Eva; RIEMER, CLAUDIA; Schmelter, Lars (Orgs.). Entwicklung von Nachhaltigkeit beim Lehren und Lernen von Fremd- und Zweitsprachen*. Tübingen: Narr, 2021, p. 77-89.

NANZ, Patrizia et al. **Klimaschutz: Wissen und Handeln**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2021.

ONU. Sustainable Development. 2015. Disponível em: <<https://sdgs.un.org/goals>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

PUFÉ, Iris. Was ist Nachhaltigkeit? Dimensionen und Chancen. *In: Aus Politik und Zeitgeschehen*. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung (bpb). Disponível em: <<https://www.bpb.de/shop/zeitschriften/apuz/188663/was-ist-nachhaltigkeit-dimensionen-und-chancen/>>. Acesso em: 04. nov. 2023.

RIECKMANN, Marco. Beiträge einer Bildung für nachhaltige Entwicklung zum Erreichen der Sustainable Development Goals. *In: HORNBERG, Clemens; RIECKMANN, Marco (Orgs.). Bildung und Erziehung im Kontext globaler Transformationen*. Opladen et al.: Verlag Barbara Budrich, 2019. p. 79-94.

SCHÄDLICH, Birgit: Nachhaltigkeit im Fremdsprachenunterricht – Nachhaltiges Sprachenlernen? *In: BURWITZ-MELZER, Eva; RIEMER, Claudia; SCHMELTER, Lars (Orgs.). Entwicklung von Nachhaltigkeit beim Lehren und Lernen von Fremd- und Zweitsprachen*. Tübingen: Narr, 2021, p. 164-175.

SCHREIBER, Jörg-Robert; SIEGER, Hannes. **Orientierungsrahmen für den Lernbereich Globale Entwicklung im Rahmen einer Bildung für nachhaltige Entwicklung**. Bonn: Engagement, 2016.

SURKAMP, Carola. Bildung für nachhaltige Entwicklung durch kulturelles und literarisches Lernen. *In: BURWITZ-MELZER, Eva; RIEMER, Claudia; SCHMELTER, Lars (Orgs.). Entwicklung von Nachhaltigkeit beim Lehren und Lernen von Fremd- und Zweitsprachen*. Tübingen: Narr, 2021, p. 197-209.

SURKAMP, Carola. Blick zurück: Geschichte und Ziele einer Bildung für nachhaltige Entwicklung. *In: SURKAMP, Carola (Org.). Bildung für nachhaltige Entwicklung im Englischunterricht. Grundlagen und Unterrichtsbeispiele*. Hannover: Klett Kallmeyer, 2022, p. 7-19.

UNESCO. **Education for Sustainable Development Goals. Learning Objectives**. Paris: UNESCO, 2017.

VOERKEL, Paul. Linhas da política externa cultural alemã como base da cooperação educacional com o Brasil. *In: Ecos de Linguagem*, 2016. p. 145-155.

VOERKEL, Paul. Alemão como oportunidade: formação, qualificação e desenvolvimento profissional de graduados em Letras Alemão no Brasil. *In: PORTINHO-NAUIACK, Catarina; BOHUNOVSKY, Ruth; WRUCK, Virgínia (Orgs.). Ensinar Alemão no Brasil*. Percursos e Procedimentos. Curitiba: Editora UFPR, 2020, p. 53-74.

VOERKEL, Paul; VAZ FERREIRA, Mergenfel; FERREIRA SILVA, Renato. O programa *Deutsch Lehren Lernen* (DLL): um reflexo dos atuais caminhos na formação de professoras(es) de língua. In: REDEL, Elisângela; MARTINY, Franciele; BERGER, Isis (Orgs.). **Línguas, Ensino e Formação: Experiências e aprendizagens da pandemia**. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 131-152.

von CARLOWITZ, Hans Carl. **Sylvicultura oeconomica oder Hauswirthliche Nachricht und Naturmäßige Anweisung zur Wilden Baum-Zucht**. Herausgegeben von Joachim Hamberger. München: oekom, 2022.



# O *podcast* como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais

**Raissa Gonçalves de Andrade Moreira**

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba (PB), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8653-2072>

E-mail: [raissamoreira28@gmail.com](mailto:raissamoreira28@gmail.com)

**Denilson Pereira de Matos**

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba (PB), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6101-4831>

E-mail: [denilson@cchla.ufpb.br](mailto:denilson@cchla.ufpb.br)

**Ercilene Azevedo Silva Pessoa**

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba (PB), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5323-1580>

E-mail: [ercileneazevedo@hotmail.com](mailto:ercileneazevedo@hotmail.com)

## RESUMO

O presente texto constitui um estudo sobre o *podcast*, definido por Rezende (2007, p. 2) como um “sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet”. Apesar do amplo acesso, observamos que há uma escassez da literatura sobre o assunto. O *podcast* é uma presença constante em diversas esferas de nossa vida cotidiana e sua grande versatilidade torna sua definição bastante complexa. Portanto, é necessária uma proposta taxonômica em relação ao seu uso. Com base na classificação de Carvalho, Aguiar e Marciel (2009), bem como nas pesquisas de Uchôa (2010), Jesus (2014) e Cardoso (2021), que exploraram a integração do *podcast* em práticas pedagógicas, e em Oliveira (2018), que focou no âmbito jornalístico, buscamos estabelecer uma nova taxonomia que englobasse aspectos relevantes para a compreensão do *podcast*. Como resultado, ampliamos e criamos doze categorias, considerando tanto os aspectos funcionais quanto formais de sua composição. Assim, sendo o *podcast* um gênero versátil e dinâmico, e ainda que ele opte pelo áudio como seu principal meio, ele não é construído de maneira aleatória. Além disso, um *podcast* se desenvolve com base em padrões que são responsáveis por sua materialização. Portanto, com base na abordagem de Bakhtin (2006 [1952-1953]) e nas pesquisas de Marcuschi (2008), podemos afirmar que o *podcast* se configura como um gênero, admitido como um “ItemNet” (MATOS, 2020; 2022) de suporte.

**PALAVRAS-CHAVE:** ItemNet; *Podcast*; Gênero discursivo; Gênero digital.



## Podcast as a digital-discursive genre: history, uses and current definitions

### ABSTRACT

This text constitutes a study on the podcast, defined by Rezende (2007, p. 2) as a “system for producing and disseminating sound content over the internet”. Despite wide access, we observed that there is a scarcity of literature on the subject. The podcast is a constant presence in different areas of our daily lives, and its great versatility makes its definition quite complex. Therefore, a taxonomic proposal regarding its use is necessary. Based on the classification of Carvalho, Aguiar and Marciel (2009), as well as research by Uchôa (2010), Jesus (2014) and Cardoso (2021), who explored the integration of podcasts into pedagogical practices and in Oliveira (2018), which focused on the journalistic scope, we sought to establish a new taxonomy that encompasses relevant aspects to understanding the podcast. As a result, we expanded and created twelve categories, considering both the functional and formal aspects of their composition. So, even though the podcast is a versatile and dynamic genre, and even though it opts for audio as its main medium, it is not constructed randomly. Furthermore, a podcast is developed based on patterns that are responsible for its materialization. Therefore, based on Bakhtin’s (2006 [1952-1953]) approach and Marcuschi’s (2008) research, we can state that the podcast is configured as a genre, admitted as an “ItemNet” (MATOS, 2020; 2022) of support.

**KEYWORDS:** ItemNet; Podcast; Discursive genre; Digital genre.

## 1. Introdução

É indiscutível a crescente popularidade do *podcast* nos tempos atuais. No entanto, percebemos a ausência de uma bibliografia que aborde, mais amiúde, o *podcast* em suas características mais peculiares, admitindo-o como suporte ou gênero. Diante dessa lacuna, propomos uma análise, visando contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

Assim, apresentaremos o *podcast* reconhecido tanto como um ItemNet – definido como “o conjunto composto de: aplicativo, *site*, fórum, *blog*, rede social e tudo mais que possa servir de matéria-prima para uma ferramenta virtual”, conforme Matos (2020, p.10) – quanto como um recorte de observação de suas possibilidades como gênero discursivo-digital.

A estrutura do trabalho está organizada da seguinte maneira: nesta seção inicial, apresentamos uma introdução ao nosso estudo. Na seção 2, revisamos algumas pesquisas relevantes relacionadas ao *podcast*. Na seção 3, realizamos uma contextualização, destacando o *podcast* como uma manifestação de tecnologia da oralidade, desenvolvendo uma taxonomia para sua utilização, evidenciando que o *podcast* não é produzido aleatoriamente. Além disso, exploramos as ideias de Bakhtin (2006 [1952-1953]), para abordar a questão dos gêneros discursivos, e apresentamos o *podcast* como um gênero digital.

Por fim, constam as considerações finais, que pretendem concluir as reflexões constantes nas páginas deste artigo, e as referências bibliográficas.

## 2. O que dizem as pesquisas sobre *podcast*

A literatura que explora as características do *podcast* e os usos da língua ainda é escassa, em grande parte devido à evolução constante e ao aprimoramento das necessidades comuni-

cativas da sociedade. Diante disso, nesta seção, pretendemos analisar como algumas pesquisas têm investigado a inserção do *podcast* no âmbito acadêmico, particularmente em relação a sua composição.

O critério adotado para a inclusão de trabalhos acadêmicos, particularmente dissertações, foi a disponibilidade *online*, completa e gratuita, do material publicado nos últimos 12 anos, além da sua abordagem direta ou relação com o tema de nossa pesquisa. A maioria das dissertações que abordam o *podcast* como tema se concentram na avaliação positiva do seu uso na educação e na apresentação de práticas realizadas. Nesse contexto, destacamos quatro pesquisas: Uchôa (2010), Jesus (2014), Oliveira (2018) e Cardoso (2021). Embora guardem alguma relação com a educação, essas pesquisas adotam abordagens distintas e contribuem para uma compreensão mais abrangente do funcionamento do *podcast*.

A pesquisa de Uchôa (2010), *O gênero podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional*, analisa o *podcast* sob a perspectiva dos gêneros textuais, argumentando que os gêneros são responsáveis pela estruturação das práticas discursivas dos sujeitos, de acordo com o contexto em que estão inseridos e de como se organizam as práticas sociais.

Nessa direção, o objetivo desta pesquisa é fazer a descrição do gênero *podcast educacional*, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana. Pontualmente, o pesquisador demonstra que a prática de *podcast* permite estimular a imersão em outras culturas, o que favorece a efetiva comunicação entre as comunidades de difícil acesso, como as remotas aldeias situadas no extremo oeste da Amazônia Ocidental, lugares de pouca interação com os centros urbanos. A partir destas impressões iniciais, é possível considerar o *podcast* um ItemNet, nos termos de Matos (2020; 2022).

A proposta do termo ItemNet visa a simplificar o trabalho dos profissionais que precisam conviver com a virtualidade em suas demandas de trabalho. Nesse sentido, admite-se que:

Quaisquer ferramentas disponibilizadas na virtualidade, em suas mais diversas formas e funções, é um ItemNet. A partir desta escolha, eliminam-se, substancialmente, dúvidas e incoerências conceituais que, de fato, não alteram a ação do professor que enfrenta questões muito mais pragmáticas, nesta seara tecnológica que surgiu desde o advento do computador. (...) Da mesma maneira, mais relevante do que saber a diferença estrutural, técnica entre um *site*, uma plataforma ou aplicativo, por exemplo, seria ser capaz de manusear com quaisquer deles (...) com algum sucesso. Todavia, de maneira alguma, esta escolha despreza as diferenças intrínsecas existentes em cada termo destes: *blog*, *site*, plataforma, app, dentre outros. No entanto, supomos que (...) a utilização indistinta de tais termos gera confusão e cria um ambiente de insegurança sobre os docentes que tornam sinônimos, por vezes, quaisquer destes termos, provocando questionamento de alguns interlocutores, mais afeitos a discussões teórico-filosóficas sobre tais ferramentas, fazendo crer que estes equívocos podem prejudicar o entendimento e a atuação com as ferramentas virtuais (Matos, 2022, p. 20-21).

Por isso, eleger tal termo em nossa pesquisa, objetiva essencialmente eliminar dúvidas e questionamentos que não agregariam valor à discussão central deste trabalho.

É importante ressaltar que, na etapa de análise dos dados, foram utilizados, como categorias de análise, o *conteúdo temático*, o *estilo da linguagem* e a *construção composicional*, levando em

conta as definições de Bakhtin (2006 [1952-1953]). Conforme Uchôa (2010), esses elementos estão intrinsecamente interligados e, na totalidade, compõem todos os tipos de enunciados relativamente estáveis disseminados em diversas esferas da atividade humana.

Uchôa (2010) observou que o *podcast* proporciona a oportunidade de explorar o estudo das línguas, considerando a multiplicidade de contextos comunicativos em que os falantes estão inseridos. Portanto, a hipótese do pesquisador se confirma ao destacar a relevância do *podcast* como uma ferramenta para a aprendizagem de línguas, levando em consideração a ampla variedade de contextos comunicativos.

No seu estudo intitulado *Podcast e educação: um estudo de caso*, Jesus (2014) destaca a crescente utilização do *podcast* em uma variedade de cenários, abrangendo contextos empresariais, programas de telejornais, entretenimento e divulgação científica.

Cada vez mais ganhando destaque na área da educação, o *podcast* se mostra eficaz na disseminação de informações e materiais didáticos para serem aplicados em sala de aula. Consequentemente, o autor tem como objetivo realizar um estudo de caso, com o propósito de investigar as possibilidades educacionais do *podcast* na educação básica, especificamente no ensino de música.

Fundamentado em diretrizes teórico-metodológicas e seguindo uma abordagem de estudo de caso, o autor Jesus (2014) resume quatro características do potencial educacional do *podcast*, conforme delineado no Quadro 1:

**QUADRO 1.** Potencialidades educacionais de um *podcast*

CARACTERÍSTICAS	PROPRIEDADES
Interação	Intensa ou moderada
	Direta ou indireta
Linguagem	Formal
	Informal
Conteúdo	Tradicional
	Criativo
Temporalidade	Datado
	Não datado

Fonte: JESUS, 2014

O autor enfatiza que as características do *podcast* são fundamentais para avaliar sua aplicação na educação e que servirão como categorias de análise em uma experiência de uso mais abrangente em atividades de ensino. Jesus (2014) realizou uma experiência em uma escola pública em Portugal, onde investigou o tópico “Música na Web” por meio do uso do *podcast*, com o propósito de examinar de que forma a interação, a linguagem, o conteúdo e a temporalidade influenciaram a exploração do potencial do *podcast* como uma ferramenta pedagógica no ambiente escolar.

Nota-se ainda que o trabalho com o *podcast* na sala de aula auxilia os estudantes a compreender as características situacionais e suas relações com os contextos sociocomunicativos

dos usuários da língua. Isso incentiva os alunos a refletirem, frequentemente, sobre os usos linguísticos encontrados no *podcast* utilizado, muitas vezes em detrimento de outros usos que já se encontram estabelecidos na língua.

Continuando nossa pesquisa, abordamos o estudo de Oliveira (2018), intitulado *Tretas e textos em áudio: historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros*, no qual o *podcast* vai além do ambiente educacional e assume uma abordagem jornalística, destacando, dessa forma, sua versatilidade, ao abranger diferentes áreas.

Em sua pesquisa, Oliveira (2018) salienta que a imprensa, pesquisadores e produtores alegavam que os *podcasts* representariam uma alternativa revolucionária ao rádio, viabilizando um acesso ilimitado a plataformas de produção e divulgação de conteúdo. O objetivo da pesquisa é compreender a natureza dos *podcasts* brasileiros, sob a perspectiva dos estudos culturais, investigando como as sensibilidades são incorporadas nesses programas e levando em conta a influência da tecnicidade na forma de ouvir e nas linguagens utilizadas.

A pesquisadora encara o *podcast* como uma tecnologia e uma expressão cultural, desviando-se da abordagem de estudos que o enxergam apenas como uma mera ferramenta. Por meio da aplicação do conceito de *mediação da tecnicidade*, de Martín-Barbero (2006), a autora investiga os discursos presentes nos *podcasts*, identificando as sensibilidades contemporâneas e os valores associados à tecnologia e à internet. A pesquisa destaca a existência de disputas discursivas relacionadas aos *podcasts*, as quais refletem os valores predominantes na sociedade.

Por fim, Oliveira (2018) percebeu que os *podcasts* evocam habilidades técnicas relacionadas às nossas memórias do rádio, combinando influências de mídia e cultura associadas a programas de áudio, bem como a programas audiovisuais, como debates e *talk shows*<sup>1</sup>, incorporando, simultaneamente, técnicas inerentes à internet e à cultura da conectividade.

O quarto estudo, conduzido por Cardoso (2021) sob o título *O podcast nas aulas de Língua Portuguesa: práticas de multiletramento na escola*, tem como objetivo fomentar práticas de multiletramento com especial ênfase no letramento digital, por meio da criação de um *podcast* com alunos do 9º ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal em São José do Rio Preto (SP).

Um ponto relevante na análise de dados de Cardoso (2021) ocorre quando a pesquisadora apresenta informações de um estudo realizado pela Associação Brasileira de *Podcast*, em 2018, especificamente a 4ª edição da PodPesquisa, cujo objetivo era traçar um perfil dos ouvintes e produtores de *podcasts* no Brasil. A Tabela 1 ilustra as preferências de conteúdo dos ouvintes brasileiros, conforme os resultados dessa pesquisa.

<sup>1</sup> O termo “*talk show*” se popularizou no Brasil no final dos anos 1980. É empregado para designar qualquer programa que utiliza a conversação como base estruturante. Programas de entrevistas, com ou sem a presença de uma plateia, e programas de debate (SILVA, 2009).

**TABELA 1.** Preferência de conteúdo dos ouvintes brasileiros de *podcast*

Dos assuntos abaixo, qual(is) você mais consome por meio de <i>podcast</i> ?		
Resposta	Nº	%
Humor e comédia	12.320	65,0%
Cinema, séries e TV	12.224	64,5%
Cultura Pop	11.891	62,7%
História	9.968	52,6%
Ciências	9.924	52,3%
Tecnologia	9.699	51,2%
Games	8.614	45,4%
Política	7.942	41,9%
Notícias	6.796	35,8%
HQ	5.928	31,3%
Literatura	4.556	24,0%
Línguas e idiomas	4.502	23,7%
Música	4.475	23,6%

Fonte: ABPod – Associação Brasileira de *podcast* (2019)

Fonte: CARDOSO, 2021

O trabalho da autora não só fornece uma definição abrangente de *podcast*, mas também destaca diferentes usos educacionais. Ela faz referência a Freire (2013), que propôs uma taxonomia para diferentes tipos de *podcasts* usados no ambiente escolar. Essas categorias incluem: (I) Ampliação Tecnológica, que seria a transposição de conteúdos de outras tecnologias para o *podcast* (um CD, por exemplo); (II) Registro, que seria a captura da fala em um contexto de sala de aula; e (III) Produção Original, que seria a produção originalmente voltada para o *podcast*.

Além dessa classificação, Cardoso (2021) ressalta alguns benefícios do *podcast*, no contexto educacional, que foram apresentados por Bottentuit Junior e Coutinho (2009), incluindo: a) um interesse maior para aprendizagem dos conteúdos, devido a uma nova modalidade de ensino; b) possibilidade de aprendizagem tanto dentro quanto fora da escola; c) maior aprendizado, visto que precisam organizar o conteúdo e disponibilizar para seus colegas.

A partir das pesquisas mencionadas, é possível inferir que o *podcast* é um meio de comunicação versátil e amplamente acessível, sendo explorado em diversos cenários, tornando-se reconhecido – de acordo com nossa proposta – como um ItemNet bastante multidisciplinar. Assim, cada pesquisa apresentou uma contribuição distinta e relevante para o nosso estudo, como será detalhado a seguir.

A abordagem de Uchôa (2010), que enfatiza o *podcast* como um gênero textual, é de relevância para o nosso estudo, uma vez que compartilhamos dessa mesma perspectiva, reconhecendo que o *podcast* não se restringe a ser apenas um ItemNet, mas possui uma composição que o torna parte de um gênero, seja ele discursivo ou digital, por exemplo.

A pesquisa conduzida por Jesus (2014), ao analisar o uso do *podcast* na educação básica, identifica várias potencialidades que podem enriquecer não apenas o processo de ensino, mas

também as práticas sociais de qualquer pessoa. Nesse contexto, as quatro características ressaltadas pelo autor contribuirão de forma significativa para a nossa pesquisa, já que comprovam a versatilidade do *podcast*.

A funcionalidade do *podcast* se torna evidente em várias áreas, incluindo o ensino da Língua Portuguesa, conforme evidenciado por Jesus (2014), e o campo jornalístico, como demonstrado na análise de Oliveira (2018). Nesse estudo, o *podcast* é reconhecido como uma manifestação cultural que combina elementos do rádio e de outros gêneros audiovisuais, ressaltando a sua versatilidade e a mediação técnica envolvida tanto na produção quanto no consumo desses programas.

Por último, na sua investigação sobre o uso do *podcast* como uma ferramenta para fomentar práticas de multiletramento e letramento digital em sala de aula, Cardoso (2021) aborda tanto a produção do *podcast* quanto a expressão oral dos alunos, inclusive incorporando a música como um campo das múltiplas linguagens. A autora destaca a relevância do fácil acesso ao *podcast*, reforçando a versatilidade mencionada anteriormente neste trabalho.

De maneira geral, as pesquisas enfatizam a importância do *podcast* como um gênero textual versátil, capaz de promover a comunicação, a imersão cultural, bem como práticas de multiletramento e letramento digital.

### 3. O que se sabe sobre *podcast* até o momento

O *podcast* é considerado um ItemNet, conforme definido por Matos (2020; 2022), proporcionando aos usuários acesso a uma ampla variedade de tópicos, tanto dentro de disciplinas específicas quanto em contextos interdisciplinares. A história, desenvolvimento e caminho percorrido deste ItemNet, que hoje denominamos *podcast*, incidem-se em 2004, a partir de programas de áudio com características semelhantes às de programas de rádio, mas que eram disponibilizados na internet como arquivos de áudio, geralmente em formato MP3<sup>2</sup> ou equivalente. Para ouvir um desses arquivos, os internautas precisavam acessar o *site* que os hospedava, fazer o *download* para seus computadores e, então, reproduzi-los.

Com o surgimento de dispositivos portáteis para reprodução de arquivos de áudio, foram criados inúmeros programas de *software*<sup>3</sup> para facilitar o acesso a *audioblogs*<sup>4</sup> e outros programas de áudio. O pesquisador Luiz (2010, p. 2) destaca que o método mais eficaz para o *download* automático foi a utilização de RSS (*Really Simple Syndication*), uma tecnologia que já estava sendo empregada em *blogs*<sup>5</sup>. Segundo o autor,

<sup>2</sup> O formato “mp3” é um arquivo de áudio com uma compressão forçada sobre a onda final de uma música. Essa compressão é o que faz o arquivo ter um tamanho reduzido, e é esse tamanho reduzido que faz o formato ser popular e ser compartilhado (ARAÚJO; FEDICZKO, 2011).

<sup>3</sup> O *software* consiste em programas que comandam a operação do computador (DE AMORIM, 2015).

<sup>4</sup> É um blog de áudio que é gravado individualmente com uma variedade de técnicas e pode cobrir qualquer tópico imaginável (LUIZ, 2010).

<sup>5</sup> São páginas *on-line*, atualizadas com frequência, que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais (idem, 2010).

O RSS é uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que essa pessoa precise visitar o *site*. Ou seja, em vez de o internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que vai para o internauta (LUIZ, 2014, p. 10).

Contudo, esse sistema estava inicialmente limitado a formatos de texto. Entretanto, em 2003, o estadunidense Adam Curry, um entusiasta de computadores e ex-VJ<sup>6</sup> da MTV<sup>7</sup>, apelidado de “*podfather*”<sup>8</sup>, destacou-se como um dos pioneiros mais reconhecidos dessa prática (CASTRO, 2005, p. 6). Curry discutiu com o programador Dave Winer a viabilidade de criar uma função de incorporação de arquivos de áudio digital, conhecida como “*enclosure*,” para permitir a inclusão de arquivos MP3 no RSS. Em 2004, Curry desenvolveu uma maneira de transferir o áudio disponibilizado através do RSS para o agregador *iTunes*<sup>9</sup>. Segundo Luiz (2014, p. 10), naquela época, o *iTunes* era a única forma de “alimentar os conteúdos dos *iPods*, populares tocadores de mídia da Apple”.

Assim, de acordo com Rezende (2007, p. 2), o *podcast* é um “sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet”, permitindo aos seus usuários “acompanhar a sua atualização de modo automático mediante o que se convencionou chamar de assinatura”. Esse sistema se apoia em programas de *softwares* que agregam arquivos de áudio e que são usados diretamente “no navegador de internet ou baixados no computador [...] ou com o uso da tecnologia RSS (*Real Simple Syndicate*)”. A autora complementa seu argumento ao afirmar que:

Uma vez que as tecnologias são neutras em si mesmas, consideramos aqui o *Podcast*, não como uma tecnologia isolada, mas como um sistema que reproduz a cadeia completa de produção e distribuição de conteúdo sonoro na Internet, cujo crescimento tem sido geométrico e seus usos desdobram-se numa multiplicidade de formas de expressão cultural (REZENDE, 2007, p. 1).

Dessa forma, conforme destacado pela autora, observamos que a entrega do *podcast* se caracteriza pela não presença de *streaming*<sup>10</sup>, “condição que possibilita ao usuário a autonomia sobre o momento, a ordem e a duração de seu contato com o conteúdo”. Os episódios não seguem uma programação fixa, como é comum nos programas de rádio tradicionais, permitindo ao consumidor o “acesso direto ao arquivo de áudio, podendo armazená-lo numa espécie de audioteca digital para ouvi-lo no momento que lhe convier” (REZENDE, 2007, p. 3).

Quanto a sua estrutura, Uchôa (2010) salienta que o *podcast* possibilita a inclusão de músicas, notícias, entrevistas e informações sobre uma ampla gama de assuntos. Esse gênero

<sup>6</sup> O termo VJ foi cunhado a partir da palavra DJ (disk-jóquei), utilizada para designar os profissionais responsáveis por animar festas e boates, com uma cuidadosa seleção musical, a partir dos anos 70 (TEIXEIRA, 2013).

<sup>7</sup> Music Television (MTV), um canal de televisão voltado para música e entretenimento (TEIXEIRA, 2013).

<sup>8</sup> Em tradução livre, “pai do podcast” (FREIRE, 2017).

<sup>9</sup> É um reproduzidor de áudio (e vídeo, a partir da versão 4.8, chamado de media player), desenvolvido pela Apple.

<sup>10</sup> Tecnologia que permite o envio de informação multimídia através de pacotes, utilizando redes de computadores, sobretudo a Internet (REZENDE, 2007).

oferece a possibilidade de empregar diversas linguagens, incluindo o uso do verbo-visual nos *podcasts* contemporâneos. Os *podcasts* podem adotar diversos estilos, que vão desde abordagens formais até informais, e são dedicados a temas escolhidos pelo *podcaster*, o criador dos arquivos, com o objetivo de atender aos interesses dos destinatários que buscam as informações compartilhadas. Logo, o propósito comunicativo do *podcast*, de acordo com Uchôa (2010), é “similar ao propósito comunicativo dos *blogs* ou *sites* de relacionamento”. Ainda, segundo o autor:

o *podcaster* procura disseminar conteúdo de sua autoria sem que seja necessário enquadrar-se nas regras do rígido comércio eletrônico. O produtor de *podcast* não precisa se preocupar em atender às demandas do mercado publicitário ou muito menos as regulamentações impostas pelos sistemas de censuras dos governos autoritários (UCHÔA, 2010, p. 27).

Com isso, notamos que, da mesma forma que os *blogs*, os *podcasts* têm o propósito de simplificar a troca de informações entre os usuários do gênero. Essas informações podem ser compartilhadas em diversos formatos, dependendo da escolha do autor e do contexto comunicativo em que ele se insere. Além disso, a versatilidade de formatos dos *podcasts*, torna-os um recurso dinâmico e de fácil acesso ao público em geral.

Um aspecto significativo na definição do *podcast* é destacado por Freire (2017), quando ele aponta que, embora o *podcast* esteja relacionado a plataformas digitais de áudio, é mais apropriado considerá-lo não como uma tecnologia de áudio, mas sim como uma tecnologia de oralidade. Assim, pode ser caracterizado como um “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução da oralidade, também podendo veicular músicas e sons” (FREIRE, 2013, p. 47).

Essa característica contribui para definir o *podcast* como uma das “tecnologias de oralidade”, um termo que, conforme Freire (2013, p. 42), “pode ser aplicado àquelas tecnologias que permitem a sofisticação do manejo da oralidade em suas instâncias de produção e distribuição, como o *podcast* e o rádio”. Para o autor,

No campo produtivo, essas tecnologias permitem, por exemplo, a modificação das dinâmicas vocais pelo uso de edição, bem como pela inserção de sonoplastias, além de disporem, para a oralidade, da possibilidade de revisão expressiva, tida como típica da escrita (FREIRE, 2013, p. 42).

Chamou nossa atenção quando o autor sugere que, embora o *podcast* tenha como característica principal o áudio, ele o classifica como uma tecnologia de oralidade. Ele justifica essa abordagem, afirmando que é possível aprimorar a manipulação da oralidade durante a reprodução através de técnicas de edição, por exemplo.

Nessa acepção, é possível confirmar que definir o *podcast* é uma tarefa complexa, dado que sua tipologia é caracterizada principalmente pela versatilidade. Nesse contexto, Carvalho, Aguiar e Maciel (2009) propõem uma taxonomia para o uso de *podcasts* no contexto escolar, dividindo-a em categorias que incluem tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade, conforme ilustrado no Quadro 2.

QUADRO 2. Taxonomia dos *podcasts* educacionais

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Tipo	<b>Informativo/expositivo:</b> Análise; resumo; síntese; excerto de textos; poemas, etc. <b>Feedback:</b> Comentários a trabalhos dos Alunos. <b>Instruções/recomendações:</b> Indicações e/ou procedimentos para realização de trabalhos práticos; orientações de estudo; recomendações. <b>Materiais autênticos:</b> Entrevistas, notícias, programas de rádio, etc.
Formato	Áudio, Vídeo, <i>Vodcast</i> ou <i>videocast</i> , <i>Screencast</i> , <i>Enhanced Podcast</i> .
Duração	Curta (1–5 minutos); moderada (6–15 minutos); longa (> 15 minutos).
Autor	Professor, Aluno, outros (Jornalista, cientista, político, etc.).
Estilo	Formal ou informal.
Finalidade	Informar; motivar/sensibilizar; incentivar a questionar.

Fonte: CARVALHO; AGUIAR; MACIEL, 2009, p. 132.

Com base nesse quadro, os autores têm o objetivo de incorporar o *podcast* à prática pedagógica, abrangendo essas seis categorias. No que diz respeito ao formato, semelhante a Uchôa (2010), eles incluem, além dos já mencionados no quadro 2, como *áudio*, *vodcast* ou *videocast* e *screencast*, o *Enhanced Podcast* (*podcast* aprimorado). Este é definido como uma extensão de um *podcast* de áudio ou vídeo, que incorpora materiais adicionais, como texto, imagens, animações, filmes, entre outros, bem como elementos interativos, como *links*, áreas de texto ou imagem dependentes do contexto, entre outros (CARVALHO; AGUIAR; MACIEL, 2009).

Nesse contexto, e tomando como base a proposta de Carvalho, Aguiar e Maciel (2009) para uma taxonomia do *podcast* educacional e considerando a ausência de uma literatura abrangente que englobe a tipologia geral do *podcast*, surgiu a necessidade de elaborarmos nossa própria taxonomia, abrangendo os aspectos amplos que definem o *podcast* conforme o conhecemos. Com isso, ampliamos as categorias e introduzimos novas, que contemplam tanto os aspectos funcionais quanto formais de sua composição. Estas categorias incluem tipo, formato, modelo, duração, estrutura, autor, interação, público-alvo, estilo, temática, plataforma e finalidade, conforme ilustrado na Figura 1:

FIGURA 1. Taxonomia do *podcast*

Fonte: Elaboração própria.

Com base na figura 1, podemos verificar uma possível taxonomia do *podcast* a partir das suas diversas características, tendo como apoio os seus meios de circulação. Assim, em relação ao **tipo** de *podcast*, confirmamos sua diversidade e o poder de abarcar vários contextos, dependendo do **formato** que o produtor irá escolher trabalhar e promover. Admitindo-se que a natureza constitutiva do gênero *podcast* é relativamente estável, chamamos atenção para o **modelo** de *podcast*, que pode variar do modelo clássico, constituído de áudio como principal característica, até os modelos mais atuais, que fazem o uso do verbo-visual. Essa versatilidade é encontrada também em relação à sua **duração**, que pode variar em *podcasts* considerados curtos, moderados ou longos.

A outra categoria que inserimos, a **estrutura**, relaciona-se com a organização composicional, isto é, possui relação com o tipo de estruturação que o enunciado assume dentro do gênero, assim, a estrutura do gênero *podcast* não leva em consideração apenas a temática a que está associado, mas também a constituição estrutural, que possibilita o seu reconhecimento enquanto gênero do discurso que se adapta a determinadas situações de comunicação.

O **autor** do *podcast*, para fazer jus à sua versatilidade, pode ser qualquer pessoa que tenha interesse em realizar um programa de transmissão e queira compartilhar algum tema de seu interesse, desde que siga as características tipológicas. Esse autor possui relação com a quantidade de participantes que estarão dentro de um programa de transmissão de *podcast*, o que classificamos, em nossa taxonomia, como **interação**, tendo em vista que estaria relacionada com a troca e compartilhamento de informações por parte dos locutores para com seus interlocutores. As escolhas do autor estão inteiramente relacionadas com a categoria do **público-alvo**, pois a decisão para quem será direcionado determinará o seu público, propósitos que queira alcançar, como também a ideologia pertencente a este grupo: conjunto de ideias, de pensamentos, de doutrinas ou de visões de mundo que são orientados para suas ações sociais e políticas.

A categoria de **estilo** está diretamente ligada à maneira de se expressar e produzir o conhecimento, por isso, as escolhas enunciativas do interlocutor são percebidas através da seleção dos recursos lexicais, sintáticos e discursivos que estão disponíveis no sistema linguístico. O estilo não está relacionado apenas à estrutura gramatical, mas também à possibilidade de construção dos mais diversos discursos instaurados na e pela língua.

A **temática** ou **conteúdo temático** depende do tema que será abordado e terá influência direta nas escolhas lexicais, gramaticais, discursivas e, conseqüentemente, servirá para a organização do gênero: início, meio e fim. Ainda assim, a temática é mais que meramente o conteúdo ou tópico principal de um *podcast*, é o elemento fundamental para a sua produção, já que ele é todo construído para fazer ecoar um tema, um propósito.

Outra categoria que destacamos da taxonomia diz respeito à **plataforma** que o produtor irá hospedar o seu *podcast*. Eles ficam armazenados nas plataformas de *streaming* (Spotify, Deezer, etc.), já que possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade de o usuário fazer *download* para ter acesso ao conteúdo, o que permite que o serviço aconteça praticamente em tempo real. Por fim, a última categoria que elencamos diz respeito ao **objetivo** que o produtor de um *podcast* quer alcançar. Isto significa a finalidade que se deseja atingir, a meta que se pretende alcançar.

Por meio de uma análise taxonômica, foram identificadas doze categorias que abarcam os diversos tipos de *podcasts* presentes na sociedade até o momento. Isso evidencia que o *podcast* possui uma tipologia versátil e dinâmica, sendo construído de acordo com padrões específicos, e não de maneira aleatória. Como nossa taxonomia demonstra, a conformidade a esses padrões é essencial para a materialização do *podcast*. Partindo, assim, da estrutura composicional do *podcast*, na seção seguinte, exploraremos a questão dos gêneros.

### 3.1. Um pouco sobre gênero textual e discursivo

As investigações acerca do conceito de gênero remontam aos tempos de Platão e Aristóteles, no entanto foi com os estudos de Mikhail Bakhtin e seu círculo que tal tema passou a ser amplamente reconhecido e, até os dias atuais, serve como referência essencial para as pesquisas relacionadas a gênero. Importante destacar que, antes de Bakhtin, os estudos sobre gênero estavam predominantemente ligados às áreas de retórica, gramática e literatura, negligenciando a “natureza linguística do enunciado” (BAKHTIN, 2006 [1952-1953], p. 280).

Nesse sentido, iniciamos nossa exploração das concepções de gênero sob a perspectiva discursiva da linguagem. Conforme Bakhtin (2006[1952-1953]), a configuração de um gênero no discurso é influenciada por três elementos fundamentais: o **conteúdo temático**, o **estilo** e a **construção composicional**. Esses elementos estabelecem os parâmetros da situação de produção dos enunciados, levando em conta a avaliação do locutor em relação ao tema e aos interlocutores do discurso. Os gêneros textuais são considerados como entidades sociodiscursivas e manifestações de ação social.

Com base nisso, é relevante lembrar que, segundo Bakhtin (2006[1952-1953]), os gêneros são a materialização da língua, e a língua, por sua vez, está intrinsicamente ligada à vida. Portanto, os gêneros atuam como os elos que conectam a língua à experiência humana. Nesse contexto, podemos afirmar que os gêneros textuais que permeiam a comunicação cotidiana dos falantes são notavelmente diversos e, frequentemente, são utilizados de maneiras natural e espontânea. Mesmo em uma conversa informal entre amigos, o discurso é moldado pelo gênero que é empregado na interlocução.

Nesse contexto, ao afirmar que os gêneros do discurso são relativamente estáveis em termos de enunciados, o pesquisador demonstra que, embora mantenham uma certa estabilidade, eles não são imutáveis, pois podem ser sujeitos a modificações. Essas alterações podem ocorrer à medida que as sociedades se desenvolvem, sendo influenciadas por outras culturas e até mesmo por mudanças na própria língua. Segundo Bakhtin (2006[1952-1953], p. 285),

As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. (...) Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua.

Diante do exposto, constatamos que a evolução dos gêneros é praticamente inevitável, pois eles estão intrinsecamente ligados às práticas sociais. As mudanças que ocorrem na vida social exercem uma influência direta nas transformações dos gêneros textuais. Portanto, para o autor, os gêneros textuais são concebidos como produtos sociais, caracterizados pela sua heterogeneidade e sujeitos a mudanças.

É a partir dessa perspectiva que Marcuschi (2008) descreve os gêneros textuais como eventos maleáveis, dinâmicos e plásticos. De acordo com o autor, os gêneros textuais emergem em resposta às necessidades e atividades socioculturais, assim como aos avanços tecnológicos. Ele os define como “formas de ação social”. Essa concepção é fundamentada na ideia de que os gêneros textuais representam entidades sociodiscursivas fundamentais em qualquer situação comunicativa, seja ela escrita ou oral. O autor destaca que é impossível se

expressar sem recorrer a textos, visto que os gêneros textuais constituem textos sociocomunicativos usados no cotidiano. Em outras palavras, toda comunicação ocorre por meio dos gêneros textuais.

Esse pensamento do autor nos leva a estabelecer uma conexão com a evolução do *podcast*. Inicialmente concebido como um formato de arquivo de áudio curto, o *podcast* se adaptou às TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) e às necessidades comunicativas em constante mudança. Hoje, existem *podcasts* que incorporam vídeos e episódios de diversas durações. Semelhante aos gêneros textuais, o *podcast* não é uma forma estática, podendo transformar-se de acordo com as díspares situações sociocomunicativas. Marcuschi (2008) também argumenta contra a dicotomia que tenta separar os gêneros textuais dos gêneros do discurso e ele fundamenta essa posição da seguinte forma:

Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão “gênero textual” ou a expressão “gênero discursivo” ou “gênero do discurso”. Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambialmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Segundo o autor, os gêneros discursivos estão contidos nos gêneros textuais, o que torna desnecessária uma separação entre os termos, a menos que se busque uma caracterização específica para cada categoria. Também é válido destacar quando Marcuschi (2008, p. 58) informa que “a tendência é ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sociointerativa e discursiva envolvendo outros aspectos”. Sob esta lógica, na seção seguinte, observamos o gênero discursivo por meio do *podcast*.

### 3.2. O gênero circunscrito no *podcast*

Com o intuito de alcançar nossos objetivos, analisamos o *podcast* buscando identificar uma possível convergência de elementos que o caracterizem como um gênero, à luz da abordagem bakhtiniana. Para isso, coletamos amostras que evidenciam os traços formais, temáticos e linguísticos que refletem a influência da produção discursiva desde a sua criação até a recepção dos conteúdos abordados nos *podcasts*. Essa abordagem reforça a noção de que os gêneros são considerados relativamente estáveis (BAKHTIN (2006[1952-1953])).

Lenharo e Cristovão (2006) destacam que a natureza constitutiva do gênero *podcast* é relativamente estável, uma vez que está inserida em um cenário espacial e temporal no qual o gênero é produzido e publicado na atualidade. Os *podcasts* circulam em diversas esferas sociais, incluindo as áreas jornalísticas, científicas, educacionais, literárias, entre outras. Esses conteúdos são veiculados por meio de plataformas digitais, como Spotify<sup>11</sup>, Youtube<sup>12</sup>,

<sup>11</sup> Spotify é um serviço de *streaming* de música, *podcast* e vídeo que foi lançado oficialmente em 7 de outubro de 2008 (SPOTIFY, 2022).

<sup>12</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia (YOUTUBE, 2022).

GooglePodcasts<sup>13</sup> e Deezer<sup>14</sup>, e encontram suporte em dispositivos, como *smartphones*, computadores/*notebooks*, *tablets* e tocadores MP3.

Nesse sentido, os gêneros do discurso estão presentes em todas as atividades da sociedade, desempenhando o papel de organizadores dos enunciados que se ajustam à funcionalidade em um dado campo de interação. Além disso, esses gêneros contribuem para a economia linguística, uma vez que, segundo Uchôa (2010, p. 39), “quando o enunciador se expressa, ele não precisa criar um novo gênero para aquele determinado ato de fala, e sim, se apossa de características ou funcionalidades de gêneros existentes”.

Assim como Bakhtin (2006[1952-1953]), Uchôa (2010) concorda que os gêneros não são estáticos ou completamente estáveis, argumentando que eles evoluem no decorrer do tempo e em diferentes espaços, à medida que os campos de atuação se tornam mais complexos. O pesquisador afirma que existe uma similaridade nas configurações textuais desses gêneros ou até mesmo nos modos de produção e sua veiculação:

afirmo que o gênero *podcast* surge da “transmutação” de outros gêneros digitais, que usa outras tecnologias, emprega novas linguagens, faz uso principalmente da Internet como suporte, possui outros propósitos comunicativos, demanda novas estratégias de produção e disseminação e precisa ser compreendido sistematicamente para sua melhor apropriação (UCHÔA, 2010, p. 42).

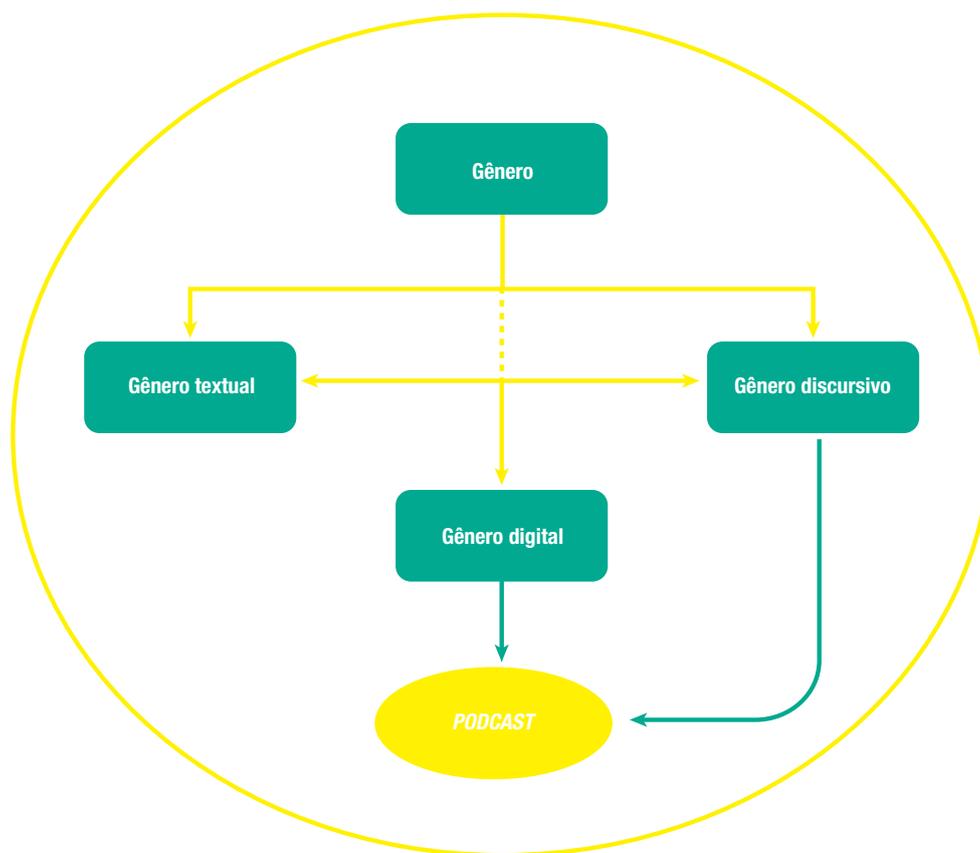
Uchôa (2010) argumenta que o gênero *podcast* teve sua origem em outros gêneros midiáticos, alinhando-se com a noção de hibridização proposta por Marcuschi (2008). Esse ponto de vista enfatiza a crescente popularização da cultura digital em nossa sociedade, refletida em atividades cotidianas, como o uso de aplicativos em dispositivos móveis e a participação em videoconferências. Esse cenário propicia o surgimento e o desenvolvimento de novos gêneros digitais que se adaptam às demandas comunicativas, em consonância com a perspectiva discursiva de gêneros proposta por Bakhtin (2006[1952-1953]).

Garofalo (2018) categoriza os gêneros digitais em várias gamas e menciona exemplos, como *vlogs*, *podcasts*, *gifs*, *chats* e memes. Além disso, o autor destaca as diversas funções desempenhadas pelos gêneros digitais, ainda que, inicialmente, direcionadas ao contexto de ensino-aprendizagem, ressaltamos a amplitude do uso desses gêneros na sociedade em geral, ultrapassando um contexto específico.

Diante desse cenário de gêneros textuais, discursivos e digitais, torna-se evidente a ausência de homogeneidade em relação ao gênero no qual o *podcast* está circunscrito. Dada a escassez de teorias consolidadas sobre o tema, surgiu a necessidade de desenvolver um esquema para mapear o posicionamento do *podcast* no contexto das teorias de gênero. A Figura 2 pretende representar como a teoria de gênero se aplicaria ao *podcast*:

<sup>13</sup> Google Podcasts é um agregador de *podcasts* desenvolvido pelo Google e que foi lançado em 18 de junho de 2018 para dispositivos Android (GOOGLE PODCASTS, 2022).

<sup>14</sup> Deezer é um serviço de *streaming* de áudio lançado em 2007 (DEEZER, 2022).

FIGURA 2. Gênero circunscrito no *podcast*

Fonte: Elaboração própria.

A figura 2 representa nosso posicionamento em relação à classificação do *podcast* como gênero. Ao analisá-la, podemos observar a divisão do estudo de gênero em duas categorias: gênero textual e gênero discursivo. Dentro dessas categorias, surgem os gêneros digitais, que englobam uma ampla variedade de novos gêneros, como é o caso do *podcast*. É importante destacar que essa hierarquização não é arbitrária, mas segue princípios culturais, funções e objetivos claramente definidos pela pré-configuração do gênero, que possui uma organização composicional constituída por elementos formais e funcionais.

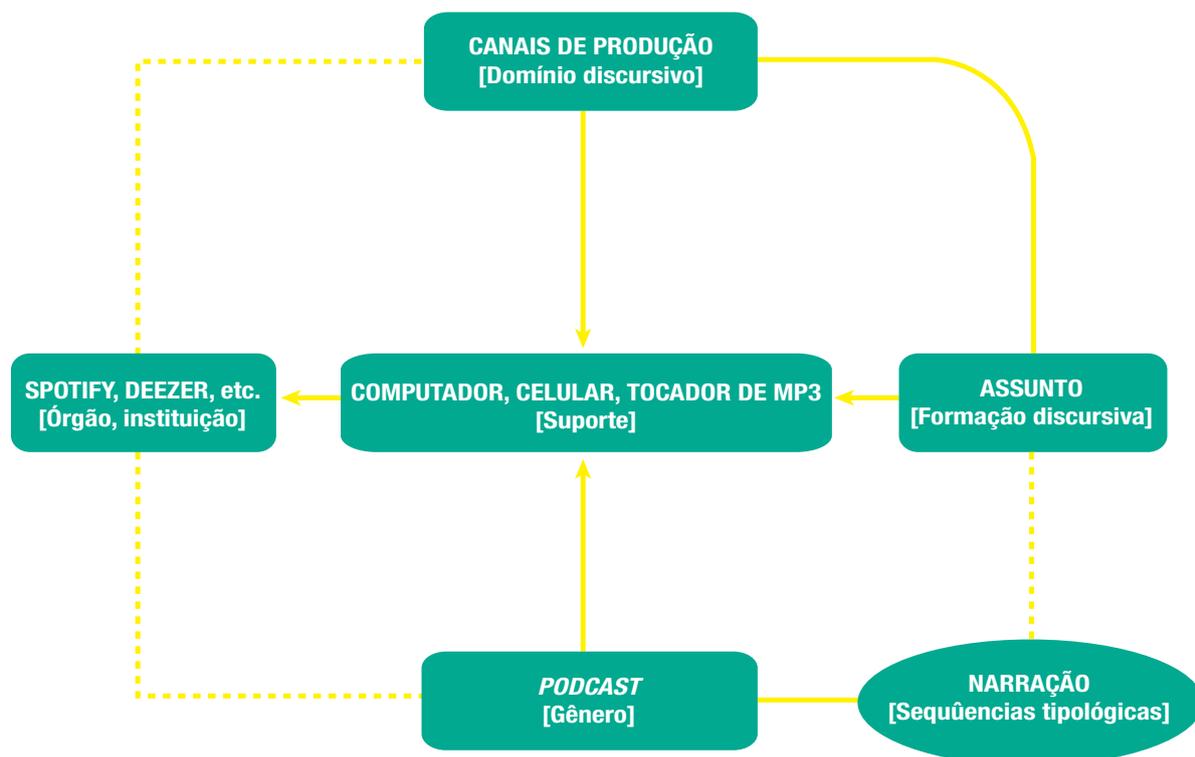
No caso da Figura 2, argumentamos que o *podcast* pode ser considerado um gênero, uma vez que sua concretização envolve configurações, ações discursivas, seleção de conteúdo, tipo de linguagem e, em última análise, a decisão sobre o gênero e seu funcionamento discursivo.

Dessa forma, apoiamos a afirmação de Marcuschi (2008, p. 87): o texto “se ancora no contexto situacional com a decisão por um gênero que produz determinado discurso [...] ele concerne às relações semânticas que se dão entre os elementos no próprio texto. Portanto, um texto tem relações situacionais e contextuais”.

Dentro deste cenário, é frequente que haja incertezas quanto a saber se os gêneros digitais são realmente gêneros ou se constituem apenas como suportes, devido à constante proliferação de novos gêneros dentro dessa esfera. Marcuschi (2008, p. 174) define o suporte de um gênero como “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de

fixação do gênero materializado como texto”. Então, como o *podcast* também se configura como um gênero digital, surgem questionamentos sobre tal mídia: afinal, oferece meramente o suporte para os textos que nele circulam ou se configura-se de fato como um gênero, embora já tenhamos comprovado que o *podcast* se apresenta como um gênero digital e discursivo, como demonstrado na Figura 3:

**FIGURA 3.** Suporte do gênero *podcast*



Fonte: Adaptação de Marcuschi, 2008, p. 177.

Ao analisar a figura 3, podemos afirmar que os canais de reprodução presentes no contexto do ItemNet *podcast* correspondem ao domínio discursivo, enquanto o assunto tratado pelos episódios do *podcast* contribui para a formação discursiva. Quanto ao suporte, este engloba dispositivos, como computadores, *smartphones*, tocadores de MP3, entre outros. Esse suporte pode estar associado a organizações ou instituições, como é o caso de plataformas de *streaming*, como o Spotify e o Deezer. Em conjunto, esses elementos constituem o gênero *podcast*, uma vez que ele apresenta narrativas que seguem sequências tipológicas, ao mesmo tempo em que incorpora aspectos linguísticos e funcionais específicos.

Assim, enfatizamos que a concepção de um gênero consta além de sua composição estrutural. Portanto, a principal questão reside na conceitualização entre o gênero e o texto que é veiculado por meio desse suporte, e não entre o gênero e a superfície material que o hospeda, embora seja importante reconhecer que a classificação do gênero se materializa em alguma superfície. Reforçamos que os domínios presentes no *podcast* facilitam a emergência de diversos discursos que se tornam específicos, de acordo com a formação discursiva do autor ou produtor.

## 4. Considerações finais

A definição do *podcast* é complexa, a literatura sobre o assunto ainda é escassa e muitas discussões ainda estão por vir sobre tal ItemNet. É neste ambiente de reflexão que nosso artigo repousa, propondo que semelhantemente aos gêneros discursivos e digitais, o principal objetivo do *podcast* é compartilhar algum tipo de conteúdo: escolhe-se um tema e cria-se um programa de transmissão ou episódio para compartilhar o que se sabe sobre determinado assunto. Inclusive, esses temas podem ser diversos, tais como: sociedade, cultura, educação, estilos de vida e saúde, religião e espiritualidade, dentre outros, identificados em diferentes formatos e com diferentes durações.

Ademais, na tentativa de descrição do *podcast*, afirma-se que sua configuração em arquivos de áudio e vídeo, disponível em dispositivos com acesso à internet e suas publicações, é feita por *podcasting*, por meio de um sistema que segue um padrão de *feed RSS*, permitindo que os internautas possam subscrever determinado *post* de seu interesse e acompanhar automaticamente todas as suas recentes atualizações, considerando que os episódios ficam disponíveis sob demanda, ou seja, pode-se ouvir o que quiser, na hora que quiser e onde quiser, o que facilita o acesso ao conteúdo.

Dessa forma, o *podcast* não é apenas um suporte que serve para armazenamento de textos, mas se configura como um gênero, discursivo e digital. Essa classificação muito tem a ver com a sua definição; conforme ilustrado na Figura 1, ele possui uma taxonomia que diz respeito à sua estrutura composicional, como também aos elementos funcionais que contribuem para a sua formação enquanto gênero.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

O trabalho foi realizado em equipe, com cada autor contribuindo de maneira específica. O autor 1 foi responsável pela conceitualização do projeto. Junto com o autor 2, o autor 1 desenvolveu as ideias em torno dos quadros e figuras apresentados. O autor 3 supervisionou o processo e o texto, trazendo à tona discussões que suscitaram ajustes e reformulações textuais/ conceituais.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que nos acompanharam em nossa jornada, participando de diversos eventos, como *workshops*, aulas-conversa, minicursos, seminários e palestras. Queremos expressar nossa gratidão especial aos Grupos de Pesquisa TLB/FVNEXA/PROLICEN/PIBIC. O apoio da coordenação e de cada membro desses grupos foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafael; FEDICZKO, Igor. Impactos do mp3 na música: reprodutibilidade, compartilhamento e regressão. **Revista autora**, n. 12, p. 163-175, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/7418/5401>>. Acesso 04 nov. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006[1952-1953].

CARDOSO, Gabriela Pedrosa. **O podcast nas aulas de Língua Portuguesa: práticas de multiletramento na escola**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana. A Taxonomy of *Podcasts* and its Application to Higher Education. **ALT-C**, p. 132-140, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10040/1/Carvalho%20et%20al%20-ALT-C%202009.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CASTRO, Gisela G. S. *Podcasting* e consumo cultural. **E-Compós**, [S. l.], v. 4, 2005. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/53>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DE AMORIM, Diego Felipe Borges. *Softwares* de sistemas e de aplicações livres: benefícios e limitações no uso dessas tecnologias nos negócios. **Revista Semana Acadêmica**, ano MMXV, n. 000069, 2015. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/softwares-de-sistemas-e-de-aplicacoes-livres-beneficios-e-limitacoes-no-uso-dessas>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de *podcast*: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35-51, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5021361>> Acesso em: 29 nov. 2021.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. *Podcast*: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, 2017. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>> Acesso em: 05 jun. 2022.

GAROFALO, Débora. **Como usar os gêneros digitais em sala de aula**. Nova Escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/11857/como-usar-os-generos-digitais-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

JESUS, Wagner Brito de. **Podcast e educação: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Biociências) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Podcast*, Participação Social e Desenvolvimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 307-335, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/fqTjw5mQ9ZLYBVCjdLDsxSm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 mar. 2022.



LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 13, Caxias do Sul, 2010, Anais Caxias do Sul: Intercom, 2010, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2021.*

LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o podcast**. Marsupial Editora: Nova Iguaçu/Rio de Janeiro, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, Denilson Pereira de. **FVNexA: ferramentas virtuais não exclusivas à aprendizagem em tempos de COVID-19**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MATOS, Denilson Pereira de. **FVNexA: agentes, contextos e ItemNet**. Curitiba: CRV, 2022.

OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves de. **Tretas e textões em áudio: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

REZENDE, Djaine Damiani. *Podcast: Reinvenção da comunicação sonora*. *In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 30. 2007, Santos. Anais Intercom, 2007. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0708-1.pdf>> Acesso em: 25 fev. 2022.*

SILVA, Fernanda Maurício. *Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento*. **E-Compos**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2009. DOI: 10.30962/ec.289. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/289>>. Acesso em: 6 nov. 2023.

TEIXEIRA, Carla Cristina da Costa. **A linguagem visual das vinhetas da mtv: videodesign como expressão da cultura pós-moderna**. Dissertação (Mestrado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

UCHÔA, José Mauro Souza. **O gênero podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional**. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.



# A negociação de objetos de discurso em interação digital polêmica no Twitter

Francisco Felipe de Oliveira Rocha

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros (RN), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9711-2289>

E-mail: [felopezoliveira.rocha@gmail.com](mailto:felopezoliveira.rocha@gmail.com)

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros (RN), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9569-5567>

E-mail: [lidianemorais@uern.br](mailto:lidianemorais@uern.br)

## RESUMO

Este trabalho objetiva investigar de que forma os interlocutores negociam os objetos de discurso ou referentes numa interação digital polêmica via Twitter. O *corpus* constitui-se das respostas de usuários da referida rede social a um *tweet* do perfil da *Folha de S. Paulo* que veicula uma notícia sobre o uso da linguagem neutra pelo governo Lula. Para alcançar o objetivo pretendido, valemo-nos das contribuições teóricas de alguns autores, entre os quais: Amossy (2020), Cavalcante et al. (2020) e Macedo (2018), para abordar as bases teóricas da Teoria da Argumentação no Discurso e de sua interface com a Linguística Textual; Amossy (2017), para tratar da modalidade polêmica de argumentação; e Mondada e Dubois (2003), Custódio Filho (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), para discutir o fenômeno da referenciação. Nossa análise revelou que a configuração da modalidade polêmica passa diretamente pelo modo como os interlocutores negociam conflituosamente os referentes mais salientes na interação. Confirmou-se, assim, a proficuidade da interface entre Linguística Textual e Teoria da Argumentação no Discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Referenciação; Interação digital; Modalidade polêmica; Twitter.

## The negotiation of discourse objects in a polemical digital interaction on Twitter

### ABSTRACT

This work aims to investigate how interlocutors negotiate discourse objects or referents in a polemical digital interaction on Twitter. The *Corpus* is constituted of answers from users of the aforementioned social network to a *tweet* of *Folha de S. Paulo* profile that conveys news about the use of neutral language by Lula's government. To reach the intended aim, we used the theoretical contributions of some authors, including: Amossy (2020), Cavalcante et al. (2020) and Macedo (2018), to approach the theoretical bases of the Theory of Argumentation in Discourse and its interface with Textual Linguistics; Amossy (2017), to deal with the modality polemic in argumentation; and Mondada and Dubois (2003), Custódio Filho (2011) and Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), to discuss the phenomenon of referencing. Our analysis has revealed that the modality polemic configuration passes directly through the way interlocutors conflictly negotiate the more salient referents in the interaction. It's been confirmed, thus, the usefulness of the interface between Textual Linguistics and Theory of Argumentation in Discourse.

**KEYWORDS:** Referencing; Digital interaction; Modality polemic; Twitter.



## 1. Introdução

O desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação culminou na expansão das possibilidades de interação humana. As redes sociais, como o Facebook, o Instagram e o Twitter<sup>1</sup>, têm-se revelado um terreno fértil para a investigação de aspectos da interação humana por parte de estudiosos de variadas vertentes dos estudos da linguagem. O presente trabalho filia-se teórica e metodologicamente à Linguística Textual (doravante LT), uma disciplina que se volta para a explicação das estratégias de textualização. Mais especificamente, situamo-nos na interface estabelecida entre a LT e a Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD), proposta por Ruth Amossy.

Nosso objetivo é investigar de que forma os interlocutores negociam os objetos de discurso ou referentes numa interação digital polêmica via Twitter. Nosso *corpus*, portanto, se constitui de respostas de usuários da referida rede social a um *tweet* do perfil da *Folha de S. Paulo* que veicula uma notícia sobre o uso da linguagem neutra por parte do governo Lula. Tanto a notícia quanto o *tweet* da *Folha de S. Paulo*, e as respostas dos usuários, datam de janeiro de 2023. A linguagem neutra, que consiste na proposta de adaptar a língua para incluir pessoas que não se encaixam no padrão de gênero, é um tema recorrentemente debatido nas redes sociais, e tem gerado uma polêmica aparentemente insolúvel entre os que defendem e os que rejeitam seu uso. Assim, a justificativa por trás da escolha dos dados a serem analisados é a relevância que o tema linguagem neutra tem alcançado no debate público brasileiro.

A polêmica – que nos interessa neste trabalho, uma vez que atravessa a interação a ser analisada – tem sido discutida por Amossy (2017). A autora, indo na contramão do estigma que, segundo ela, tradicionalmente reveste a polêmica no espaço público, defende sua importância nas sociedades democráticas e dedica, inclusive, uma das modalidades argumentativas da sua TAD, a modalidade polêmica, especificamente para ela. Em relação à referenciação, que é a estratégia de textualização que elegemos como categoria de análise, seguimos de perto os postulados de Mondada e Dubois (2003), que concebem o fenômeno de forma dinâmica, rejeitando a visão referencialista de linguagem. Além disso, valemo-nos dos avanços alcançados pela segunda tendência de estudos em referenciação (CUSTÓDIO FILHO, 2011), que tem tratado a construção dos referentes de forma ainda mais complexa e difusa, considerando a dinâmica textual como um todo.

Quanto à organização, o trabalho divide-se em quatro partes, além das considerações iniciais e finais: na primeira parte, discutimos a interface entre LT e TAD; na segunda, tratamos especificamente da modalidade polêmica de argumentação; na terceira, abordamos o fenômeno da referenciação; e na quarta, por fim, apresentamos a análise dos *tweets*.

<sup>1</sup> Depois de comprado pelo empresário Elon Musk, o Twitter mudou de nome, passando a ser chamado, a partir de julho de 2023, de X.

## 2. Linguística Textual e Teoria da Argumentação no Discurso: construindo o diálogo

A interdisciplinaridade é uma marca indisfarçável da LT: foi estabelecendo diálogo com diversas disciplinas e orientações teóricas que ela pôde refinar, ao longo de sua trajetória, a concepção de texto com que opera. Se hoje é truísmo afirmar que o texto não se limita à materialidade linguística e incorpora dimensões como a pragmática, o discurso e a sociocognição, muito se deve a tais diálogos. Sabendo da importância desses contatos teóricos, situamo-nos aqui especificamente em mais um deles, o qual tem se mostrado bastante frutífero: o diálogo com a TAD, de Ruth Amossy, que tem sido desenhado especialmente por pesquisadores do grupo Protexoto, da Universidade Federal do Ceará. Trabalhos como o de Macedo (2018), Cavalcante (2016) e Cavalcante et al. (2020) – os quais seguimos de perto – lançam as bases do diálogo.

Importa destacar, logo de saída, como o faz Cavalcante (2016), que a teorização sobre a argumentação não compete à LT, mas às diferentes teorias argumentativas. O que a LT tem feito é tomar “[...] a argumentação como um pressuposto inegável e como uma motivação para a análise de diversas estratégias de organização textual” (CAVALCANTE, 2016, p. 107). Tem-se aceitado, assim, que a construção da textualidade é necessariamente argumentativa, e é como dimensão subjacente à tal construção – e que, portanto, ajuda a explicá-la – que a argumentação interessa à LT.

Passemos, então, a entender como se caracteriza a TAD de Amossy e como ela pode ser vinculada à LT. A TAD surge da tentativa de Amossy (2007, 2011, 2020) de incorporar a retórica (a clássica e a nova) à Análise do Discurso (AD). Um movimento teórico dessa natureza requer alguns ajustes, uma vez que as disciplinas envolvidas no diálogo concebem de forma distinta algumas categorias teóricas fundamentais. É o caso, por exemplo, da noção de sujeito. Como apontam Macedo (2018) e Cavalcante et al. (2020), a noção de sujeito da TAD é o resultado de um ajuste entre o sujeito da AD (tido como coagido ideológica ou discursivamente ou, ainda, submetido ao inconsciente) e o sujeito da retórica (um sujeito soberano, dono de seu dizer, apto a conduzir a interação de modo a efetivar seus propósitos persuasivos). Equilibrando-se entre essas duas concepções, o sujeito da TAD é, ainda na esteira dos autores mencionados, ao mesmo tempo estrategista, já que opera sobre a linguagem para alcançar seus propósitos, e coagido pelos fatores de ordem social. Essa concepção é semelhante à assumida pela LT, o que favorece o diálogo que buscamos estabelecer.

Outra noção fundamental que precisa ser discutida é a de argumentação. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970, p. 5 citado por AMOSSY, 2020, p. 21), fundadores da Nova Retórica, concebem a argumentação como “as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento”. Essa concepção, como se depreende, assenta-se na defesa de teses: o objetivo último da argumentação seria convencer o auditório a aceitar uma determinada tese. Tomando a concepção da Nova Retórica como ponto de partida, Amossy (2020) formula sua própria conceituação de argumentação, com algumas ampliações fundamentais. Para a autora, a argumentação pode ser definida como:



[...] os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (AMOSSY, 2020, p. 47).

Como facilmente se percebe, a defesa de uma tese é apenas uma das facetas da concepção de argumentação sustentada pela TAD, já que a teoria se assenta no princípio básico de que a argumentação é indissociável de toda e qualquer manifestação de linguagem. Assim, a argumentação estaria presente também em discursos que funcionam de modo a apenas orientar os modos de ver. É esta a base da distinção entre *visada* e *dimensão* argumentativa proposta por Amossy (2020): o discurso é de visada argumentativa, quando há uma programação estratégica e consciente, por parte do locutor, para persuadir o alocutário através da hierarquização de argumentos – é o caso, por exemplo, de um editorial jornalístico; a dimensão argumentativa, por sua vez, recobre todo e qualquer discurso, inclusive aqueles a que faltam essa programação estratégica e consciente e centram-se tão somente em modificar os modos de ver e de sentir do alocutário, pois mesmo, nesses casos, há a negociação de pontos de vista – isso acontece, por exemplo, em descrições (de personagens, cenários e situações) presentes em gêneros literários.

Quanto aos princípios de análise, a TAD comporta, segundo Amossy (2020), seis abordagens: 1) uma abordagem linguageira; 2) uma abordagem comunicacional; 3) uma abordagem dialógica; 4) uma abordagem genérica; 5) uma abordagem figural; e 6) uma abordagem textual. Sobre esse último tipo de abordagem, a textual, fazem-se necessárias algumas considerações para o diálogo que estamos estabelecendo. Para Amossy (2020, p. 41), a argumentação deve ser estudada no nível de sua construção textual, sendo o texto “[...] um conjunto coerente de enunciados que formam um todo”. Ocorre que essa definição de texto já foi há décadas superada pela LT e não encontra respaldo nos estudos atuais da disciplina. Atualmente, entre as definições de texto aceitas na LT, está aquela discutida em Cavalcante et al. (2020), que o consideram um evento comunicativo que acontece de modo único e irrepetível, no qual os interlocutores constroem sentidos de modo negociado, tendo como pano de fundo o contexto sócio-histórico.

Operando com essa concepção de texto mais refinada, a LT amplia os horizontes da abordagem textual da TAD, oferecendo, como contribuição para a interface, critérios ou estratégias textuais para a análise da argumentação. Macedo (2018) aborda em detalhes três critérios textuais que podem ser utilizados para a análise da argumentação no discurso: a intertextualidade, a composicionalidade (que diz respeito à composição do texto e se desdobra em plano de texto e sequencialidade) e a referenciação. Cavalcante (2016) menciona, além desses três, a escolha do gênero discursivo, a organização da manutenção e da progressão tópica, as marcas de heterogeneidade enunciativa e de outras indicações do agenciamento de vozes, as formas de metadiscurso (isto é, as sinalizações quanto ao posicionamento e o engajamento do locutor) e as indicações interacionais da polidez linguística.

O diálogo entre LT e TAD, como sugerem Cavalcante et al. (2020), fica, portanto, assim estabelecido: a LT se aproveita dos princípios gerais da TAD e passa a adotar o postulado de que todo texto é argumentativo; em contrapartida, oferece o seu programa analítico, com seus critérios de análise textual, à TAD.

### 3. A modalidade polêmica de argumentação

A argumentação, sendo intrínseca ao discurso, como propõe a TAD, é descrita por Amossy (2008), a partir de modalidades argumentativas que se caracterizam, de acordo com Macedo (2018, p. 51), com base em três parâmetros:

- i) os papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo (parceiros, adversários);
- ii) a maneira pela qual ocorre a tentativa de persuasão (apaixonada, racional, colaborativa, instrutiva); e iii) o modo como o interlocutor é concebido (ser de razão e/ou de sentimento, aluno ou discípulo, cúmplice ou rival etc.).

Tais parâmetros já revelam, de saída, como são variadas as possibilidades de estruturação da interação argumentativa, indo desde uma deliberação racional entre parceiros a uma discussão apaixonada entre adversários. Amossy (2008) discute seis modalidades argumentativas: a) a modalidade demonstrativa (que se vale do raciocínio partilhado), b) a modalidade patética (que apela ao sentimento), c) a modalidade pedagógica (que almeja gerar um conhecimento), d) a modalidade de coconstrução (que se assenta na colaboração), e) a modalidade negociada (que visa negociar as diferenças) e f) a modalidade polêmica (que se caracteriza pelo conflito). Aqui nos interessa descrever apenas a modalidade polêmica, à qual Amossy dedicou-se exaustivamente em sua obra *Apologia da polêmica* (2017).

As reflexões de Amossy (2017) acerca da polêmica partem da constatação de uma posição bem enraizada culturalmente: a polêmica é malvista, estigmatizada. A razão dessa visão negativa, como argumenta a autora, reside na associação estrita entre polêmica e desacordo – o que entra em choque com o ideal de harmonia social das sociedades democráticas, que valorizam o acordo, o consenso. É essa posição de valorização do consenso que Amossy (2017) encontra ao revisitar a Retórica, de Aristóteles; e a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Há, na base das duas retóricas (a clássica e a nova), a ideia de que o fim último de toda interação verbal que se pretenda racional é chegar a um acordo em relação a questões de interesse da coletividade. Sendo assim, o dissenso é tido como algo a ser superado.

Na contramão disso, Amossy (2017) reconhece a importância da polêmica nas sociedades democráticas modernas – tão marcadas pelo pluralismo, o que inviabiliza, muitas vezes, o acordo –, ao defender, entre outras coisas, que ela permite gerir os conflitos no espaço público sem que se apele à violência física. Assim, definindo a polêmica como “[...] um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedade (*sic*) mais ou menos importantes numa dada cultura” (AMOSSY, 2017, p. 49), a autora estabelece a polêmica como uma das modalidades argumentativas, conforme apontamos anteriormente. Examinaremos, a partir de agora, o que caracteriza essa modalidade argumentativa.

Amossy (2017) caracteriza a modalidade polêmica a partir de três traços definidores: a dicotomização de teses, a polarização ou divisão social e a desqualificação do adversário. De acordo com a autora, a dicotomização de teses está atrelada à própria natureza conflitual da polêmica, que prima pelo choque de opiniões contrárias, as quais se combatem e se excluem, de modo a marcar a dicotomização. Essa configuração contrasta fortemente com aquele tipo de interação



argumentativa em que os sujeitos envolvidos buscam superar as diferenças para chegar ao acordo – algo que é bastante difícil na polêmica. Amossy (2017) chama à atenção, ainda, o fato de que a dicotomização nem sempre se apresenta de forma absoluta e bem delimitada como na confrontação entre, por exemplo, coletivismo e individualismo, tolerante e intolerante, direita e esquerda. Seria preciso, então, recorrer ao contexto sociocultural, já que as circunstâncias históricas podem revelar desdobramentos e nuances entre crenças.

A polarização ou divisão social, por sua vez, seria, conforme Amossy (2017), um fenômeno social que consiste no reagrupamento dos participantes do embate discursivo em campos diferentes. Tem-se, assim, um Proponente, um Oponente e um Terceiro – entendidos como papéis actanciais, e não como pessoas –, configurando a estrutura actancial. Ao Proponente, cabe o papel de defender uma das teses que se entrecrocaram no conflito polêmico; o Oponente, por seu turno, se opõe à posição defendida pelo Proponente, de modo a marcar sua posição no lado oposto do embate; o Terceiro, por fim, atua como ouvinte-espectador da interação, exposto aos posicionamentos do Oponente e do Proponente. As diferenças entre Proponente e Oponente são tão profundas que as chances de se chegar a um acordo são basicamente nulas; eles não argumentam, portanto, para convencerem-se um ao outro: é a adesão do Terceiro, que acompanha o debate, que eles almejam.

Por fim, a desqualificação do adversário consiste, para Amossy (2017), no movimento de depreciação do outro ou do grupo por ele representado. Essa estratégia tem o objetivo claro de, ao desacreditar o Oponente, enfraquecer ou anular os argumentos defendidos por ele. O procedimento mais atenuado de desqualificação do outro, segundo a autora, seria atacar a sua palavra, de modo a atingi-lo apenas indiretamente. No entanto, os ataques mais diretos à identidade do outro e/ou de seu grupo são também bastante comuns nos conflitos polêmicos. Em casos mais extremados, pode-se considerar o Oponente um “[...] um inimigo irreduzível e tentar reduzi-lo ao silêncio, até mesmo excluí-lo do diálogo” (AMOSSY, 2017, p. 60). Ocorre muitas vezes, nesses casos em que o confronto é mais exacerbado, a metáfora da diabolização do outro, como aponta Amossy (2017), com o adversário passando a ser representado como o mal absoluto, visto como indigno até mesmo de participar da troca argumentativa.

Considerando tudo o que foi exposto, ressalta-se que a investigação sistemática em torno da polêmica tem enriquecido o debate no campo da argumentação, especialmente ao mostrar as importantes funções desempenhadas pelos conflitos polêmicos em sociedades democráticas pluralistas. Tem-se desenvolvido, de forma bem-sucedida, a “retórica do dissenso” advogada por Amossy (2017).

#### 4. A referência

Como o critério de textualidade que elegemos para nossas análises é a referência, fazemos-nos necessárias algumas considerações teóricas sobre esse fenômeno. Começamos por contrapor, apoiando-se em Marcuschi (2008), as duas tendências básicas no tratamento da referência. A primeira delas, como aponta o autor, fundamenta-se numa visão realista e objetiva de lingua-

gem, que é vista como transparente e referencialista. Essa tendência, apostando numa estrita correspondência entre as palavras e as coisas, pode ser ilustrada pela metáfora do espelho: a linguagem refletiria, de modo preciso, o mundo. A segunda tendência, por sua vez, concebe a linguagem como atividade sociocognitiva e salienta que é preciso considerar, na construção da referência, a interação, a cultura, a experiência e aspectos da situação.

As pesquisas em LT, já há mais de duas décadas, têm assumido, consensualmente, os postulados da segunda tendência, cujas bases foram lançadas por estudos pioneiros, como o de Mondada e Dubois (2003). Essas autoras foram responsáveis, inclusive, por cunhar o termo *referenciação*, para designar o ato de referir, que era até então nomeado de *referência*. As autoras destacam, no trecho a seguir, as implicações dessa mudança:

[...] passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito ‘incarnado’, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

É no discurso, portanto, que os sujeitos constroem essas entidades – daí a referenciação ser considerada uma atividade discursiva. Em decorrência disso, Mondada e Dubois (2003) designam os referentes como objetos de discurso, que são representações construídas discursiva e sociocognitivamente, não se confundindo com os objetos *a priori* do mundo. Um conceito de referenciação que se assenta nessas bases (e que adotamos neste trabalho) é o proposto por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que concebem o fenômeno como a construção sociocognitivo-discursiva e negociada de objetos de discurso reveladores de versões da realidade.

Os objetos de discurso, também chamados de referentes, são construídos no texto a partir de processos referenciais, a saber: a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. É de nosso interesse discutir apenas os dois primeiros, e o faremos com base em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). A introdução referencial, destacam os autores, consiste, em linhas gerais, na “estreia” do referente no texto, podendo essa estreia se realizar por meio de uma expressão referencial ou da utilização de imagem, por exemplo. A anáfora, conforme os mesmos autores, concerne à continuidade referencial, isto é, à retomada de um referente. Tal retomada pode acontecer de três diferentes formas: com uma anáfora direta, quando se retoma um mesmo referente, havendo, pois, correferencialidade; com uma anáfora indireta, quando a remissão se dá a outros referentes, ancorados no co(n)texto; com uma anáfora encapsuladora, quando se retoma e resume porções contextuais de extensão variável.

Custódio Filho (2011) propõe que a (re)construção dos referentes seja examinada a partir dos processos de *apresentação* e de *mudança*. A apresentação, que corresponde à introdução referencial, refere-se ao modo como o referente se manifesta pela primeira vez no texto. A apre-

sentação serve de base para a efetivação da mudança, que corresponde ao procedimento anafórico e consiste nos acréscimos feitos aos referentes ao longo do texto. Para o autor, o processo de mudança pode se efetivar por três tipos diferentes: a *mudança por acréscimo*, que adiciona novos traços ao referente, modificando sua situação inicial; a *mudança por correção*, que imprime mudanças no sentido contrário ao que se vinha estabelecendo, de maneira a promover o efeito surpresa; e a *mudança por confirmação*, que diz respeito à manutenção de traços anteriormente acrescentados ao referente. Cavalcante e Brito (2016) rejeitam essa subdivisão do processo de mudança, por considerá-la redundante, e propõem que todos os tipos de mudanças sejam concebidos como recategorizações. As autoras estabelecem, assim, que a (re)construção dos referentes seja descrita em termos de *apresentação e retomada recategorizadora*.

A (re)construção dos referentes tem sido tratada à luz de duas tendências<sup>2</sup> de estudo, como aponta Custódio Filho (2011). Essas duas tendências assumem os mesmos fundamentos básicos propostos por Mondada e Dubois (2003), diferenciando-se pelo foco analítico e pelo ponto de vista metodológico: a primeira tendência, de acordo com Custódio Filho (2011), privilegia a análise das expressões referenciais, atentando-se para as funções que estas desempenham no texto. Há, portanto, certa limitação formal no tratamento dos referentes. A segunda tendência, destaca o mesmo autor, interessa-se pela construção dos referentes dentro de uma dinâmica textual muito ampla, o que significa considerar, além das expressões referenciais, toda a superfície textual, bem como aspectos sociais, circunstanciais e históricos, e o aparato cognitivo. Essa segunda tendência, pois, confere maior complexidade e dinamismo à (re)construção dos referentes, razão pela qual assumimos seus procedimentos metodológicos e analíticos neste trabalho.

Interessa-nos, por fim, tratar da relação indissociável entre referenciação e argumentação, relação essa que tem sido explorada por um enorme volume de pesquisas em LT. Cavalcante et al. (2020) chamam atenção para o fato de que os sujeitos (re)elaboram os referentes no texto, para tentar interferir na visão de mundo uns dos outros, e é nisso, basicamente, que consiste o caráter argumentativo da referenciação. Se aceitamos, com base no diálogo entre LT e TAD, que todo texto é irremediavelmente argumentativo, podemos postular que a construção da argumentação passa diretamente pelo modo como os referentes são (re)elaborados no texto. Pode-se dizer, portanto, que a referenciação é uma das mais eficazes estratégias argumentativas.

Em relação à modalidade argumentativa polêmica, especificamente, Custódio Filho (2017) salienta que os sujeitos envolvidos na troca polêmica – a qual se assenta na manutenção do dissenso, como já dissemos – propõem traços distintos (e conflitantes, diríamos) para um mesmo referente. Dizendo de outro modo, o embate entre opiniões conflitantes, característico da polêmica, passa pelos modos distintos de (re)elaboração, por parte do Proponente e do Oponente, dos referentes em jogo na interação.

<sup>2</sup> Essas duas tendências de estudo não se confundem com as duas tendências básicas *no tratamento da referência* discutidas por Marcuschi (2008), as quais apresentamos anteriormente.

## 5. Análise dos dados

No dia 24 de janeiro de 2023, a conta oficial do jornal *Folha de S. Paulo* no Twitter publicou um *tweet*<sup>3</sup> contendo o título, o *lead* e o *link* de uma notícia veiculada pelo referido jornal sobre a utilização de linguagem neutra por parte da Agência Brasil. A título de contextualização, a notícia aborda o conteúdo da reportagem da Agência Brasil (a rede pública de comunicação do governo), intitulada “Parlamentares eleites reúnem-se pela primeira vez em Brasília”, na qual se faz uso da linguagem neutra, cujo objetivo pretendido é incluir pessoas que não se encaixam no padrão de gênero binário. Além de conter trechos da reportagem e informações sobre o evento coberto por ela, a notícia destaca, por exemplo, o fato de a linguagem neutra já ter sido usada outras vezes no governo Lula, bem como as críticas que seu uso tem sofrido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores e por alguns gramáticos.

O próprio tema da notícia funciona como gatilho para a polêmica, já que a viabilidade do uso da linguagem neutra tem sido recorrentemente debatida na sociedade brasileira, com opiniões conflitantes que se dividem entre os que apoiam e os que rejeitam a proposta. Nas respostas ao *tweet* da *Folha de S. Paulo*, os usuários da rede social Twitter concretizam a polêmica. Vejamos como isso ocorre no bloco de respostas<sup>4</sup> apresentado a seguir:

No decorrer da história, a linguagem sempre muda, principalmente a gramática. Óbvio que é difícil se acostumar com a linguagem neutra, ainda mais em um país preconceituoso como o nosso. Mas não há nada de anormal. (Participante 01).

O terraplanismo ideológico que chama, só muda o lado do cercadinho. (Participante 02).

A linguagem muda quando a sociedade quer mudá-la, e são mudanças que facilitam a linguagem, não aberrações linguísticas que felizmente não vão longe. (Participante 03).

Se daqui a 50 anos esse negócio tiver capilarizado no país eu concordo com você. (Participante 04). Mudou de forma natural, acompanhando a linguagem natural. Nunca foi a agenda de um movimento autoritário (não estou falando do grupo de pessoas não binárias) querendo impor uma invencionice. (Participante 05).

Não é questão de “acostumar-se”, a linguagem neutra não é aplicável à nossa gramática.

Ex: “Meus dois primos de Natal estão exaustos após a viagem.

Como essa frase ficaria em linguagem neutra? Trocaria só o “exaustos” por “exaustes”? E a parte inicial da oração, não? (Participante 06).

A linguagem muda de baixo para cima e não de cima para baixo. É com a utilização popular que os gramáticos vão ajustando e não essa forçação de barra. (Participante 07).

Mudanças ..e mudanças. Essa é bastante questionável. Continuarei sem usá-la. (Participante 08).

A resposta do Participante 01 dá início ao debate polêmico. Ele assume o papel social de Proponente da tese (não explicitada, mas inferível) de que o uso da linguagem neutra é viável. Para

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/folha/status/1617854990407663616?t=jhrlAq564arjvyjniQwn1g&s=19>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/7\\_Donadone/status/1617857511738183681?t=KLh7SKhQKeLLhsejXqYJ6w&s=19](https://twitter.com/7_Donadone/status/1617857511738183681?t=KLh7SKhQKeLLhsejXqYJ6w&s=19)>. Acesso em: 28 jan. 2023.



defender sua posição, o usuário se apoia inicialmente no argumento linguístico de que a linguagem sempre muda. Na construção desse argumento, o Participante 01 põe em cena o referente “linguagem”, recategorizando-o com o traço “mutável”, traço esse apreensível pela predicação “sempre muda”. Outro referente saliente na construção do argumento é “a gramática”, ali posto para sustentar a ideia de que é principalmente nesse componente da linguagem que recaem as mudanças pelas quais ela passa. A proposta da linguagem neutra, vale dizer, passa diretamente pelo componente gramatical, especificamente pelo uso de desinências para marcar o gênero dos nomes, como no exemplo de “eleites”, utilizado na reportagem sobre a qual a notícia da *Folha de S. Paulo* trata. Assim, o destaque dado à gramática pelo usuário tem um papel importante no desenvolvimento da argumentação. Temos, até aqui, um movimento argumentativo que poderia ser assim organizado: se a linguagem muda (especialmente na gramática) e a linguagem neutra é um tipo de mudança, então não há motivos para opor-se a ela.

Em seguida, o Participante 01 promove a retomada do referente “linguagem neutra” – apresentado no *tweet* da *Folha de S. Paulo* ao qual o usuário responde – e o recategoriza ao atribuir-lhe o traço “difícil (de) se acostumar”. O usuário acentua essa dificuldade, ao dar destaque ao referente “Brasil” (onde o uso da linguagem neutra em questão está sendo discutido), que é categorizado como um “país preconceituoso”. Ocorre, nesse caso, um processo metonímico, pois quem se quer taxar de preconceituosas são as pessoas do Brasil, uma vez que um país não é preconceituoso em si mesmo. Verifica-se, do ponto de vista argumentativo, uma estratégia de desqualificação do outro, bastante característica da modalidade polêmica: os Oponentes da tese de que a linguagem neutra é viável são desqualificados como preconceituosos, sendo essa a razão (ou uma das razões), segundo o Participante 01, que torna a linguagem neutra “difícil de se acostumar”. Por último, o usuário efetua mais uma retomada recategorizadora ao referente “linguagem neutra”, reelaborando-o a partir da predicação “não há nada de anormal”. Tal recategorização fortalece a argumentação em defesa do uso da linguagem neutra.

Na sequência, vemos as respostas de sete outros usuários ao *tweet* do Participante 01. Todos os sete assumem o papel social de Oponente, uma vez que rejeitam a tese de viabilidade da linguagem neutra defendida pelo Proponente. O Participante 02 se utiliza da anáfora encapsuladora “terraplanismo ideológico”, para resumir e retomar todo o posicionamento expresso pelo Participante 01. Essa anáfora é carregada de um forte teor avaliativo, vinculado à alusão ao movimento terraplanista, que se caracteriza pelo anticientificismo e pelo negacionismo na defesa de que a Terra é plana. Ao avaliar a proposta da linguagem neutra como “terraplanismo ideológico”, o Participante 02 ataca a tese de seus defensores, julgando-a descabida e sem fundamento. Além de desqualificar a tese, há uma desqualificação mais direta de seus Proponentes, já que uma recategorização autorizada pelo texto é a de defensores da linguagem neutra como “terraplanistas ideológicos”. O Participante 02 mobiliza, ainda, o referente “o lado do cercadinho”, no qual situa os defensores da linguagem neutra.

O Participante 03 confirma o traço “mutável” (inicialmente imputado pelo Participante 01) ao referente “linguagem”, mas, logo em seguida, opera uma recategorização por acréscimo, ao declarar que as mudanças que recaem sobre a linguagem ocorrem apenas quando a sociedade quer e que tais mudanças são do tipo “que facilitam a linguagem”. Outro referente retomado

e recategorizado pelo usuário é “linguagem neutra”, o qual ele avalia negativamente como “aberrações linguísticas que felizmente não vão longe”, de modo a atacar a tese adversária. Nota-se, assim, que Proponente e Oponente, ao dicotomizarem suas teses, propõem traços distintos para os mesmos referentes, com destaque para o referente “linguagem neutra”, o centro do debate, que o Proponente recategoriza com o traço “nada de anormal”, enquanto o Oponente recategoriza com a expressão “aberrações linguísticas que felizmente não vão longe”. A negociação dos referentes, portanto, é conflituosa, acompanhando a própria natureza da modalidade polêmica.

O Participante 04 mobiliza os referentes “linguagem neutra” (recategorizado pela expressão referencial “esse negócio”) e “Brasil” (que ele retoma pela expressão “o país”), para expressar seu ceticismo em relação à distribuição do uso da linguagem neutra pelo Brasil. O Participante 05, por sua vez, apresenta o referente “um movimento autoritário”, que seria liderado pelos defensores da linguagem neutra (isto é, os Proponentes da polêmica em questão), mas que não incluiria, segundo o próprio usuário, o grupo de pessoas não binárias. O uso dessa expressão referencial, sobretudo pela carga axiológica do modificador “autoritário”, configura-se, pois, como uma estratégia de desqualificação do Proponente, já que se busca atacar sua imagem. Outro referente retomado, também decisivo na tomada de posição do Participante 05, é “linguagem neutra”, que é recategorizado como “uma invenção”, de modo a atacar a tese adversária e acentuar a rejeição do usuário pela proposta.

Na resposta seguinte, de autoria do Participante 06, o referente “linguagem neutra” é mais uma vez retomado. O usuário recategoriza esse referente com o traço “não aplicável à nossa gramática”, traço esse atribuído via predicação e que constitui um ataque direto à tese adversária: ao dizer que a linguagem neutra não se aplica à gramática da língua portuguesa – um argumento de cunho linguístico –, o usuário se lança contrariamente às próprias bases teóricas da proposta de linguagem neutra, isto é, a ideia de que a língua poderia se adaptar estruturalmente para incluir pessoas que não se encaixam no padrão de gênero binário. Para ilustrar seu posicionamento, o Participante 06 utiliza-se de um exemplo (uma sentença, ao que parece, artificialmente criada) e, a partir dele, reflete sobre a dificuldade que seria adaptar a estrutura das palavras presentes na sentença para atender às necessidades da linguagem neutra.

Na sequência, o Participante 07 opera uma recategorização por correção ao referente “linguagem”. Lembremos que o Participante 01 (o Proponente) é quem primeiro imprime o traço “mutável” ao referente em questão. A correção do Participante 07 vai no sentido de destacar que a linguagem muda, mas “muda de baixo para cima e não de cima para baixo”. Para reforçar essa ideia, o usuário apresenta dois novos referentes: “a utilização popular”, que consistiria no movimento “de baixo para cima” e “os gramáticos”, a quem seria dada a tarefa de “ajustar” as mudanças acolhidas pelo povo. A argumentação desenvolvida pelo Participante 07, assim, apoia-se no entendimento de que a linguagem neutra não tem apelo popular – o que é reforçado pela recategorização que o usuário imprime ao referente “linguagem neutra” por meio da expressão referencial “essa força de barra”, de claro valor depreciativo. Todos os referentes mobilizados pelo Participante 07 convergem para o ataque da tese em defesa do uso da linguagem neutra. Por fim, o Participante 08 também se contrapõe ao uso da linguagem neutra, ao recategorizá-la



como um tipo de mudança “bastante questionável”, e explicita sua decisão de não aderir à proposta, embora não descarte a possibilidade da mudança.

Como vimos, a interação desencadeada nas respostas ao *tweet* da *Folha de S. Paulo*, que se configurou como um texto poligerido (CAVALCANTE et al., 2022), reveste-se dos três traços definidores da modalidade polêmica: a dicotomização de teses, marcada pelo conflito entre a tese que sustenta a viabilidade do uso da linguagem neutra e a tese que defende o exato oposto; a polarização social, com os sujeitos envolvidos na interação assumindo os papéis sociais de Proponente (no caso do usuário Roberto) e Oponente (no caso dos demais usuários) – além do Terceiro (os leitores dos *tweets*, neste caso), uma espécie de participante indireto que acompanha o debate e que é o alvo da persuasão tanto do Proponente quanto do Oponente; e a desqualificação do adversário, seja pelo ataque à sua tese – a forma mais moderada –, seja por meio de um ataque mais direto. Nesse último caso, encaixam-se, por exemplo, o ato do Proponente de caracterizar os adversários como preconceituosos, bem como, ao contrário, o ato dos Oponentes de caracterizar os defensores da linguagem neutra como pertencentes a “um movimento autoritário” e como “terraplanistas ideológicos”.

Essa configuração da modalidade polêmica em torno da linguagem neutra passou diretamente pelo modo como Proponente e Oponente negociaram os referentes mais importantes do texto. O conflito dessa negociação se explicitou sobretudo em relação ao referente “linguagem neutra”, que recebeu, por parte do Proponente, o traço “nada de anormal”, enquanto os Oponentes trataram o mesmo referente, por exemplo, como “uma invenção” ou como “aberrações linguísticas”.

## 6. Considerações finais

Já se pode, acreditamos, considerar truísmo a afirmação da produtividade do diálogo entre LT e TAD que sustenta este trabalho: o grande volume de pesquisas que dele se valem falam por si. Trata-se, como salientam Cavalcante et al. (2020), de um diálogo “simbiótico” e “retroalimentar”, o que significa que as duas disciplinas em interface têm a ganhar. A LT ganha com pressupostos sobre argumentação que enriquecem sua forma de abordar a construção textual dos sentidos. A TAD, por sua vez, ganha com categorias de análise com as quais pode refinar o modo com que apreende a argumentação inerente ao funcionamento discursivo.

Como demonstramos, a referenciação é fundamental para a argumentação, uma vez que os interlocutores envolvidos na interação buscam, por meio da (re)elaboração dos referentes, influenciar-se uns aos outros. No texto que analisamos, que se configura na modalidade polêmica de argumentação, os sujeitos envolvidos (um no papel de Proponente e os demais no papel de Oponente) negociam os referentes de maior destaque no texto de modo conflituoso, pois é intrinsecamente conflituosa a própria modalidade polêmica, e isso não poderia deixar de refletir na (re)construção dos referentes.

Esperamos contribuir para reforçar a ideia de que a interface entre LT e TAD é frutífera e aberta a muitas possibilidades investigativas. A modalidade polêmica é apenas um dos modos

de configuração da argumentação. Há ainda outros sendo investigados e por serem investigados. De igual modo, a referenciação é apenas uma das estratégias textuais pela qual se pode apreender a argumentação. Sendo assim, há muito a ser explorado a partir do contato entre LT e TAD.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Os autores participaram de todas as etapas de produção do artigo.

## FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para a realização desta pesquisa.

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 121-146, 2007.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, C. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. de Mônica Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, ed. especial, v. 14, p. 106-124, 2016.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In*: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (org.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 119-133.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística Textual e argumentação**. Campinas: Cortez, 2020.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência. 2011. 331p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V. Rediscutindo o princípio de construção negociada dos objetos de discurso. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 63-77, jul./dez.2017.

MACEDO, P. S. A. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto. 2003, p. 17-52.



# Práticas, percepções docentes e democratização do ensino de francês: glotopolítica(s) para o reconhecimento do aluno periférico

Gilberto Ferreira de Souza

Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0560-739X>

E-mail: [gibadesouza@gmail.com](mailto:gibadesouza@gmail.com)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar nossa pesquisa de doutorado em andamento, que propõe voltar-se às práticas e às percepções docentes com vistas a reconhecer e a valorizar o público considerado periférico, com o desafio de reinventar o ensino de francês em escolas públicas. Logo, visto que as línguas estrangeiras, sobretudo o francês, têm sido implementadas e estudadas em contextos socialmente elitizados, uma pergunta nos interessa: quais seriam as estratégias de ensino de língua estrangeira em contexto popular? Objetivamos, também, investigar perspectivas mais democratizantes para o ensino da língua francesa em duas escolas municipais: a Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo. Logo, a fim de discutir os letramentos e percepções docentes de adaptação do ensino de francês, para reconhecer e valorizar esse público, bem como refletir sobre a implantação dos projetos aqui analisados, compartilharemos as concepções em Política Linguística (CALVET, 1997), Glotopolítica (GUESPIN, MARCELLESI, 1986), assim como os conceitos de Transperiferia (WINDLE et al., 2020), e os novos estudos de Letramento (MATTOS, VALÉRIO, 2010; SOUZA, 2011). Os resultados parciais nos indicam a relevância desses projetos para o fomento às práticas de reconhecimento do aluno periférico, para a reformulação e a democratização do ensino de francês nas escolas públicas, e para a valorização do ensino plurilíngue nessas instituições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Glotopolítica; Letramento; Ensino de francês; Ensino bi/plurilíngue.



## Practices, teaching perceptions and democratization of French teaching: glotopolitic(s) for peripheral student

### ABSTRACT

This work aims to present our doctoral research in progress, which proposes to return to teaching practices and perceptions to recognize and value the public considered peripheral, with the challenge of reinventing the teaching of French in public schools. Since foreign languages, especially French, have been implemented and studied in socially elite contexts, a question interests us: What would be the foreign language teaching strategies in a popular context? We also investigate more democratizing perspectives for teaching French language in two municipal schools: the Municipal School Anísio Teixeira, in Niterói, and the Municipal School Nice Mendonça de Souza e Silva, in São Gonçalo. Therefore, to discuss literacies and teaching perceptions of adaptation of French teaching to recognize and value this public, as well as reflect on the implementation of the projects analyzed here, we will share the concepts in Linguistic Policy (CALVET, 1997), Glotopolitics (GUESPIN, MARCELLESI, 1986), as well as the concepts of Transperiphery (WINDLE et al., 2020), and the new Literacy studies (MATTOS, VALÉRIO, 2010; SOUZA, 2011). The partial results indicate the relevance of these projects for promoting peripheral student recognition practices, reforming and democratizing French teaching in public schools, and valorizing multilingual teaching in these institutions.

**KEYWORDS:** Glotopolitics; Literacy; Teaching French; Bi/plurilingual teaching.

## 1. Introdução

Em 2014, quando foi implantado o projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, doravante LEC, no município de Niterói, este pesquisador não tinha a dimensão de todos os desdobramentos que esta política linguística atravessaria até chegar aos dias atuais, junho de 2023. Enquanto professor de francês do referido projeto, oportunidade que se deu de 2014 a 2016, isto é, período referente aos 3 anos de duração da contratação, lançávamo-nos, os outros 9 professores da língua e eu, frente aos múltiplos desafios que se apresentam em decorrência da dificuldade de lecionar para os primeiros anos do ensino fundamental.

A primeira adversidade se apresentava em decorrência da desconfiança dos próprios colegas sobre o porquê de ensinar francês a crianças tão jovens, que não eram alfabetizadas ou acabavam de se alfabetizar na sua própria língua materna. Porém, nada mais inapropriado e hostil do que a fala: “se não sabem nem mesmo português, por que aprendem francês?”; sentença que denota um agudo preconceito linguístico e social, mesmo por parte de profissionais do campo educacional.

Sob outra perspectiva, algumas tensões estavam atreladas à questão do comportamento dos alunos. Não era tarefa fácil administrar em média 30 alunos em uma mesma sala de aula, e as dificuldades provenientes da reação violenta de alguns deles. Esse fato pode ser parcialmente explicado, se considerarmos que a maioria desses discentes pertencem a comunidades carentes dominadas pelo narcotráfico e que, por esse motivo, convivem cotidianamente com a acen-tuada violência presente nessas regiões periféricas. À guisa de exemplo, a Escola Municipal Anísio Teixeira<sup>1</sup>, unidade em que atuamos por 3 anos, foi implantada para atender as crianças

<sup>1</sup> É importante destacar que as escolas participantes do estudo autorizaram a pesquisa, o que foi igualmente submetido à avaliação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.

provenientes das comunidades que estão em seu entorno, como o morro do Palácio, o morro do Estado, o morro do Preventório, entre outras comunidades.

Outrossim, é válido observar que o ensino de línguas para crianças antes do 6º ano do ensino fundamental não está previsto pela Lei 9.394/96, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, por isso, há uma carência com relação à regulamentação e a orientações oficiais relativas a esse ensino, o que torna o desafio do professor de línguas para a referida faixa etária ainda maior.

Se por um lado as tensões e os desafios, acima relatados, levaram-nos à pesquisa de mestrado sobre o projeto político linguístico de ensino do LEC, em Niterói, atualmente, no doutorado, este pesquisador se debruça sobre outra perspectiva. A proposta do nosso trabalho, agora, justifica-se pela necessidade de analisar práticas de ensino da língua francesa adaptadas a um público que pode ser classificado como periférico.

A propósito, os objetivos estabelecidos para nossa tese compreendem a análise de perspectivas e práticas de ensino de francês que permitam reconhecer e valorizar esse público, o entendimento das percepções docentes de adaptação do ensino de francês nesse contexto de escolas públicas de bairro, além da reflexão sobre as representações e os múltiplos sentidos compreendidos, para o ensino de francês, nas duas escolas municipais pesquisadas (a Anísio Teixeira, em Niterói, e a Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo), como *ensino bilíngue, centro-periferia, humanismo e democratização*. O fomento ao fortalecimento do ensino plurilíngue na escola pública circunscreve-se igualmente como um importante objetivo para a referida pesquisa.

No âmbito do ensino de línguas no Brasil, são escassas as propostas de ensino de francês para a escola pública. Além disso, são poucos os estudos que contemplam a especificidade desse público popular, oriundo, em grande parte, dos bairros mais desfavorecidos dos grandes centros urbanos, como é o caso dos programas aqui investigados, a saber, as já citadas Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, ambas pertencentes ao projeto das escolas bilíngues, estabelecido no ano de 2018.

Consequentemente, neste capítulo, apresentamos nossa pesquisa de tese que também tem, como já dissemos, o objetivo de entender as práticas e percepções docentes de adaptação do ensino de francês em contexto popular, não somente nas unidades por nós investigadas, mas igualmente no contexto da escola pública em geral, o que é importante para democratizar o acesso e o aproveitamento desse acesso ao francês nessas instituições. Portanto, as reflexões sobre as noções de *transperiferia*, de *glotopolítica* e de *democratização* do ensino de francês nos conduzem à questão central de nossa pesquisa: Como propor um ensino de francês menos elitizado e mais democrático nas referidas instituições públicas de ensino, que possa valorizar e reconhecer o aluno periférico?

Inicialmente, analisaremos práticas relatadas em publicações referentes a ações desenvolvidas em escolas bilíngues e, posteriormente, na tese, nas entrevistas com os participantes da pesquisa (professores, gestores e o representante do Consulado da França), as práticas, as percepções docentes e as representações sobre o ensino de francês nas duas escolas investigadas



que, em parceria com o Consulado Francês, se esforçam para implantar a abordagem bilíngue. Além disso, analisaremos, igualmente, algumas práticas e letramentos desenvolvidos por este pesquisador, enquanto professor de francês no projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, no ano de 2014, em uma escola municipal de Niterói, o que se dará à luz das teorias abordadas nas seções a seguir.

## 2. As políticas linguísticas para o ensino de francês em Niterói e São Gonçalo

Para este trabalho, mobilizaremos concepções que compreendem conceitos presentes na esfera da Política Linguística e dos novos estudos de Letramento, e contribuem para uma compreensão mais abrangente de como constituíram-se os projetos das escolas bilíngues em Niterói e São Gonçalo e, conseqüentemente, para refletir e propor um ensino de francês que reconheça e valorize esse público que pode ser considerado periférico.

Notadas como intervenções de poder, as políticas linguísticas são as ações governamentais que, ao promoverem sua ingerência na sociedade, as realizam por meio de ações *in vitro* e *in vivo*. O planejamento, por sua vez, designa a passagem à ação, formando um binômio importante para a compreensão das ações empreendidas nessa esfera de políticas (CALVET, 2007, p. 68).

Assim sendo, começamos esta verificação por Niterói, município do estado do Rio de Janeiro. Em 2014, uma relevante política linguística se destaca, ao implantar os ensinamentos de espanhol, francês e inglês, em nove escolas municipais da cidade, para os anos iniciais do ensino fundamental. Visto que o ensino de línguas na faixa etária em questão não era estipulado pela LDB 9.394/96, isto é, antes do sexto ano do Fundamental, o projeto de ensino de línguas estrangeiras para crianças, idealizado pelo professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Waldeck Carneiro, apresenta-se como grande novidade, dado que essa modalidade de ensino de línguas é recente no Brasil. A iniciativa, que fomenta a oferta de ensino de línguas estrangeiras para crianças, também se evidencia por contemplar alunos oriundos de periferia urbana, portanto, socioeconomicamente vulneráveis.

Ter vivenciado o projeto como professor de francês e, conseqüentemente, ter experimentado as tensões, desafios, superações e triunfos dessa importante política linguística, nos traz, por outro lado, grande aflição, tendo em conta as incoerentes políticas governamentais que, nos últimos anos, acometeram a escola pública, privando os discentes mais vulneráveis de práticas e bens culturais indispensáveis à sua formação cidadã, como uma apropriada e bem planejada educação plurilíngue.

A Lei 13.415/2017, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de inglês, apresenta-se como um contratempo para os projetos que fomentam a pluralidade linguística na escola pública, como para o projeto aqui investigado. Na contramão da despropositada lei federal, uma outra política de promoção do ensino de francês se destaca no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Do centro para a periferia, a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, integra igualmente nossa pesquisa. A unidade, em companhia da Escola

Municipal Anísio Teixeira e da Escola Municipal Professora Didia Machado Fortes, na Barra da Tijuca, compõe o projeto das três escolas que adotaram o ensino bilíngue, com intervenção do Consulado Francês.

A escola Nice Mendonça, oficialmente inaugurada em junho de 2019, torna-se a primeira escola no município de São Gonçalo a implantar o ensino bilíngue de francês. Situada no Bairro da Venda da Cruz, dentro do condomínio do projeto “Minha Casa, Minha Vida” (MCMV), a escola foi construída para atender, inicialmente, os moradores da comunidade do Morro do Bumba, assolados pelo desabamento ocorrido em abril de 2010. Hoje, após treze anos, a escola contempla, além dos moradores do referido condomínio, alunos provenientes do entorno periférico, como o Morro do Martins, comunidade refém do narcotráfico.

A escola municipal Didia Machado Fortes também foi uma das escolas a adotar o ensino bilíngue de francês. Mesmo situando-se em uma região prestigiada do Rio de Janeiro, a unidade constitui-se, em boa parte, de alunos socioeconomicamente desfavorecidos. Apesar disso, por uma questão de proximidade e vínculo com as escolas de Niterói e São Gonçalo, o presente trabalho não compreende o projeto da escola bilíngue da Barra que, inclusive, envolve outras ações e atores glotopolíticos.

Aliás, dado que uma das ações pretendidas para este trabalho é o chamado à valorização e à manutenção do ensino plurilíngue nas escolas municipais de Niterói e São Gonçalo, recorreremos a outros necessários conceitos presentes nos estudos de Políticas Linguísticas: a Glotopolítica (LAGARES, 2018; GUESPIN, MARCELLESI, 1986) e a Avaliação de políticas linguísticas (COOPER, 1997).

A respeito da Glotopolítica, em 1986, a revista *Langages* dedica seu número a essa abordagem. Ela surge com Guespin e Marcellesi, dois linguistas da periferia francesa. Conforme os autores, essa perspectiva designa “as diversas abordagens que uma sociedade faz da ação sobre a linguagem, tenha ela ou não consciência disso” (GUESPIN, MARCELLESI, 1986, p. 5). Guespin e Marcellesi reiteram que [...] “toda decisão que modifica as relações sociais é, do ponto de vista do linguista, uma decisão glotopolítica” (GUESPIN, MARCELLESI, 1986, p. 15).

Na pesquisa empreendida em nosso mestrado, defendida no ano de 2019, sobre o projeto de ensino do LEC, em Niterói, apontamos diferentes ações glotopolíticas que ali insidiam. Aliás, uma perspectiva aponta para uma decisão autoritária referente à implantação da referida política. Como não teria ocorrido uma consulta à sociedade, essa decisão, como indica Calvet (2007), configuraria uma ação *in vitro*.

No entanto, em entrevista<sup>2</sup> com o principal agente responsável pela implantação do projeto de ensino de LEC em Niterói, Waldeck Carneiro, uma outra perspectiva glotopolítica manifestou-se, dado que nos levou a registrar que:

O surgimento do projeto político-linguístico, em Niterói, resultou de uma série de acontecimentos até a sua efetiva implantação. PEP aponta que, inicialmente, em 2005, a sua intenção, enquanto

<sup>2</sup> Entrevista realizada no ano de 2018, para nossa pesquisa de mestrado, sobre a política linguística de ensino do LEC nas escolas municipais de Niterói. Na ocasião, as entrevistas aconteceram somente após a avaliação e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa.



secretário de educação, e a do prefeito de Niterói na ocasião, Godofredo Pinto, era “jogar mais peso na formação geral dos alunos [...]” de “ampliar o repertório cultural dos alunos”, e “ter a capacidade de aprofundar valores altruístas, humanistas, capacidade de percepção estética, enfim, não é apenas um lugar para [...] aprender os conteúdos que compõem o currículo, embora isso seja muito importante também”, afirma PEP. Dessa maneira, o participante declara que determinadas áreas de formação, como “a língua estrangeira, a educação física, as artes não precisavam ficar restritas ao segundo seguimento” (SOUZA, 2019, p. 77).

Além disso, ao indagarmos sobre as motivações da implantação dessa política linguística e a importância da inserção de línguas estrangeiras/adicionais para as crianças nas escolas niteroienses, Waldeck Carneiro aponta que:

[...] diante da difícil realidade socioeconômica dessas crianças e de suas famílias, que vivem frequentemente em situação de desigualdade face as crianças mais abastadas, é necessário garantir oportunidades, abrir a visão do aluno para outras realidades, outras línguas e culturas, ampliando, assim, seu repertório cultural (SOUZA, 2019, p. 79).

Lançando mão da mesma concepção, em São Gonçalo, o projeto das escolas bilíngues teria partido da iniciativa de um agente glotopolítico<sup>3</sup>, isto é, de uma professora de francês que integra a Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, unidade oficialmente inaugurada em junho de 2019, e que propõe o ensino da língua francesa, também para os anos iniciais do Fundamental.

Conforme a difusão de comunicados pela secretaria de educação da cidade, a expectativa envolvendo a implantação dessa política linguística estaria voltada para uma preparação dos alunos ao mercado de trabalho, o que sugere uma concepção economicista da educação por parte dos gestores educacionais da cidade gonçalense.

O trecho a seguir concerne à veiculação de uma notícia divulgada pelo *site* da prefeitura de São Gonçalo, a respeito de um projeto piloto de escola bilíngue pretendido para a Escola Municipal Ernani Faria, em parceria com o Consulado Geral da França, o que reforça a relação entre aprendizagem de língua estrangeira e mercado de trabalho:

Aulas de francês na rede municipal – Os alunos do Colégio Municipal Ernani Faria, em São Gonçalo, começaram a ter aulas de francês. A iniciativa é fruto de uma parceria entre a secretaria municipal de Educação e o Consulado Geral da França. Além de aprenderem uma nova língua, o objetivo da parceria é garantir aos estudantes emprego nas cerca de 30 empresas estrangeiras que irão se instalar junto ao Comperj [...].<sup>4</sup>

Segundo o filósofo húngaro Mészáros (2008), a educação deve preparar o aluno para a vida, e não somente para o mercado, uma vez que ela não é uma mercadoria. Segundo o autor, é preciso

<sup>3</sup> Agentes glotopolíticos: aqueles que fazem política com sua ação pedagógica, gestora, implementando ações que modificam as relações sociais, englobando igualmente todos os fatos de linguagem que a sociedade, através de sua ação, reveste a forma do político.

<sup>4</sup> Prefeitura de São Gonçalo. Disponível em: <[http://www.pmsg.rj.gov.br/educacao/noticias\\_simples.php?cod=4428](http://www.pmsg.rj.gov.br/educacao/noticias_simples.php?cod=4428), 2016>.

pensar a sociedade pelo viés humano e, assim, fugir da lógica desumanizadora do capital, que vê no lucro, no individualismo e na competitividade, sua motivação.

Outrossim, acreditamos igualmente na importância de refletir mais detidamente sobre ambos os projetos glotopolíticos; o da Escola Municipal Anísio Teixeira, em Niterói, e o da Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo. Para tal, com o escopo de avaliar uma determinada política linguística, Cooper (1997) apresenta questões relevantes para a compreensão de como se dá a sua implementação.

Dessa forma, o autor preconiza diferentes maneiras para solucionar, em âmbito macro e micro, problemas de natureza político-linguística. Ele anuncia que os indicadores descritivos usados pelo planejamento linguístico consideram as seguintes questões: ‘o que’ se implementa, ‘quem’ implementa e ‘para quem’ se implementa; além dos itens ‘quando’, ‘onde’, ‘por que’, ‘como’, ‘com que condições’ e ‘com que efeitos’. Pressupõe-se, a partir daí, que tais enfoques compreendem a política e o planejamento linguístico.

Ao lançar mão dessas perguntas como modelo, deve-se averiguar as relações desenvolvidas entre aqueles que elaboram a política e a comunidade em que a política será adotada, uma vez que Cooper (1997) também questiona a relevância em saber quem sai beneficiado do planejamento e sobre qual aspecto da realidade social ele acaba promovendo uma verdadeira mudança. Consequentemente, atendendo ao escopo do presente trabalho, delineia-se a proposta de ensino de francês abordado de modo mais crítico e democrático, que possa reconhecer e valorizar a especificidade desse público que tem, na periferia urbana, sua trajetória de vida, de reexistências e de enfrentamentos.

Considerando a importância em propor uma análise mais detalhada da política linguística das escolas bilíngues, em Niterói e São Gonçalo, evocamos os conceitos de avaliação e planificação, presentes em Cooper (1997), a fim de compartilhar alguns dados preliminares, obtidos até o momento, no Quadro 1.

**QUADRO 1.** Estudo da política linguística das escolas bilíngues em Niterói e São Gonçalo

QUESTÕES	NITERÓI	SÃO GONÇALO
O que implementa?	O ensino de francês para os primeiros anos do ensino fundamental – abordagem “bilíngue”. 1h40 de aula por semana Futuramente: oferta de 5 tempos de ensino de/em língua francesa. Aulas de 50 minutos cada.	O ensino de francês para os primeiros anos do ensino fundamental – abordagem: ensino de LEC. 1h40 de aula por semana A oferta de 5 tempos de ensino de/em língua francesa (abordagem bilíngue) foi cancelada. <sup>5</sup> Aulas de 50 minutos cada.

(continua)

<sup>5</sup> Segundo a gestão da Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva, em São Gonçalo, com a implantação desse projeto, a escola e funcionários se deram conta de que o ensino bilíngue seria inviável. Para a gestão, para ser uma escola bilíngue, seria necessário que todos os funcionários: professores, merendeiras, porteiros falassem francês. Logo, diante desses desafios, a implantação dessa abordagem foi (momentaneamente) cancelada, o que impede o aumento da carga horária de cinco aulas por semana.

(continuação)

QUESTÕES	NITERÓI	SÃO GONÇALO
Quem implementa?	FME – Fundação Municipal de Educação de Niterói.	SME – Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo.
Para quem implementa?	Aproximadamente 180 alunos do 1º ao 5º ano do EF.	300 alunos (11 turmas) do 1º ao 5º ano do EF.
Quando implementa?	LEC – 2014 / Escola bilíngue – 2019.	A escola começa suas atividades em 2018. Escola bilíngue (assinatura do convênio com a Embaixada da França e o município de São Gonçalo – 18/06/2019).
Onde implementa?	Escola Municipal Anísio Teixeira.	Escola Municipal Nice Mendonça de Souza e Silva.
Por que implementa?	Ampliação do repertório cultural dos alunos, acesso aos saberes, aos bens culturais, qualificação do currículo. Compromisso firmado pelo ex-Secretário de Educação, Prof.º Waldeck Carneiro.	Melhor preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Conforme publicado pelo <i>site</i> da prefeitura de São Gonçalo.
Como implementa?	Escolha pela escola de referência do município (Anísio Teixeira) pela FME, em parceria com o Consulado Geral da França.	O projeto glotopolítico teria sido elaborado por uma professora de francês da escola Nice Mendonça. A implantação teria se efetivado pela parceria entre a SME-SG e o Consulado Geral da França.
Com que condições implementa?	Adoção do projeto das escolas bilíngues, após três anos do projeto de ensino de LEC, na unidade.	Primeira escola pública do município de SG a adotar a abordagem bilíngue para os anos iniciais do EF.
Com que efeitos implanta?	Os resultados do projeto ainda não foram analisados.	Os resultados do projeto ainda não foram analisados.

Fonte: Elaborado pelo autor. Informações de acordo com dados preliminares fornecidos por profissionais de ambos os projetos.

A partir do Quadro 1, observa-se que as concepções vinculadas à Política Linguística oferecem grande contribuição para a análise dos projetos aqui investigados. Esse aporte é indispensável, se considerarmos a importância da compreensão do motivo pelo qual optou-se pela modalidade de ensino bilíngue nas duas escolas em questão.

A seguir, apresentaremos algumas estratégias de ensino de língua estrangeira em contexto popular, visando a entender as práticas e as percepções docentes de adaptação do ensino de francês, para reconhecer e valorizar o aluno periférico, medida importante com o intuito de democratizar o acesso e o aproveitamento da língua francesa na escola pública.

### 3. Práticas e letramentos para a valorização do aluno periférico: por um ensino de francês mais democrático

Tendo em vista que geralmente os cursos regulares de ensino de idiomas e as escolas particulares lançam mão de métodos e de abordagens baseadas em modelos eurocêntricos e hegemônicos, e que essa prática se multiplica no contexto das escolas públicas, nossa pesquisa de doutorado visa a justamente refletir sobre caminhos mais democratizantes para o ensino de francês.

Aliás, salientamos que, para o projeto de ensino de LEC, o livro adotado estava distante da realidade dos alunos. Visto que a maioria era negra e socioeconomicamente desfavorecida, eles não se reconheciam nos personagens embranquecidos e europeizados do referido método. Portanto, a fim de que essa prática não esteja alheia ao contexto local do público periférico, investigamos algumas práticas que se aproximavam da proposta de nossa pesquisa. Além disso, valer-nos-emos igualmente de nossa própria experiência enquanto professor no projeto de LEC, e apresentaremos, a seguir, os letramentos que integraram nossas aulas de francês, na escola Anísio Teixeira, que se deram de 2014 a 2016.

Antes de apresentarmos algumas práticas para o ensino de francês analisadas em nosso trabalho, é imprescindível identificar os letramentos sobre os quais elas se fundamentam. Como vimos na seção anterior, as políticas linguísticas caracterizam-se por agirem de cima para baixo. Por seu turno, os novos letramentos circunscrevem-se na contestação de perspectivas hegemônicas historicamente estabelecidas, portanto, agindo de baixo para cima. No âmbito das teorias decoloniais, algumas perspectivas manifestam-se como caminhos contra-hegemônicos, socialmente engajados, ao concebermos sua relevância no que concerne à contestação de desigualdades no contexto dos espaços e posicionalidades marginais, tal qual preconiza o conceito de transperiferia (WINDLE et al., 2020).

Podemos mencionar, igualmente, outros dois letramentos que auxiliaram no ensino de LEC, em Niterói: o letramento de reexistência que, no trabalho de Souza (2011), compreende o universo *hip hop*, e propõe uma reflexão crítica às desigualdades sociais por meio da poesia, das leituras, dos gestos, das falas, escritas e imagens; e o letramento crítico de Mattos e Valério (2010), inspirado na pedagogia crítica de Paulo Freire (1974).

Ademais, os letramentos de reexistência são marcados por estratégias subversivas que conduzem o indivíduo negro e periférico a superar tanto as dificuldades atreladas à busca por uma educação emancipadora quanto a desigualdade de sua inserção na escola. Já o letramento crítico, marcado por sustentar-se em valores revolucionários, apresenta-se em posição inversa à vocação mercadológica, considerando perspectivas como a metodologia comunicativa e o ensino bilíngue, amplamente empregadas nos dias atuais. Além disso, essa abordagem crítica também se configura por perceber o texto como um produto de forças ideológicas e sociopolíticas (MATTOS; VALÉRIO, 2010). O *hip hop*, movimento cultural pertencente ao público pobre e negro das periferias, destaca-se por produzir um discurso de orientações e denúncias. Na experiência junto à escola Anísio Teixeira, o *hip hop*, a música francófona e o *funk* enriqueceram nosso trabalho com a língua francesa, o que corrobora as ações e as



perspectivas democratizantes, críticas, transperiféricas e glotopolíticas empreendidas nesse contexto. A partir desses gêneros musicais, nossos discentes puderam expressar seus anseios e habilidades, além de validar essa prática, incorporando-a ao ensino da língua estrangeira. Por intermédio da música, os conhecimentos em francês, os letramentos e as culturas francófonas traziam satisfação e esperança para resistirmos e reexistirmos face ao impetuoso e violento cotidiano periférico.

É pertinente informar que o letramento com o *funk* e o *hip hop* não surgiu por acaso. Em 2015, ano seguinte à implantação da política linguística de ensino de LEC, tínhamos a impressão de que as “*comptines*”<sup>6</sup> do método adotado não surtiam mais o efeito esperado em sala de aula. Porém, naquele mesmo ano, três alunos nos propuseram criar *funk* e *hip hop* em francês. A partir desse momento, somados à música de Stromae, célebre cantor francófono da atualidade, os ritmos musicais recorrentes nas favelas e nas periferias cariocas foram um grande estímulo para seguirmos motivados até 2016, ano final de nossa passagem pelo projeto.

A propósito, para o levantamento de dados em nossa pesquisa de tese, recorreremos, além das entrevistas que serão realizadas com os sujeitos participantes dos projetos investigados, à revisão bibliográfica que se inicia com a publicação do livro organizado pelas professoras Del Carmen Daher, Telma Pereira e Mônica Savedra, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (GLE), da Universidade Federal Fluminense. Com o título *O ensino plurilíngue na escola pública: desafios em tempos de globalização* (2020), o trabalho anuncia a importância de tal modalidade de ensino para a escola pública. Para este capítulo, portanto, visto que a análise das entrevistas para a tese ainda se encontra em uma etapa inicial de elaboração, selecionamos, na referida revisão, duas práticas que nos interessam, uma vez que apresentam propostas similares àquelas que acreditamos encontrar nas entrevistas com os participantes de pesquisa, e atendem ao escopo de nossa tese: valorizar o aluno periférico por meio de letramentos para o ensino de francês que contemplem suas realidades e interesses.

Por uma questão de semelhança às nossas vivências na escola Anísio Teixeira, começamos com o trabalho de Josué de Souza, professor de alemão para crianças na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (SME), em uma escola municipal periférica. Conforme nos relata o autor, em seu capítulo intitulado “O ensino de alemão na rede municipal do Rio de Janeiro: ações, desafios, descobertas e soluções”, a escola está inserida em uma região socioeconomicamente vulnerável, de modo que grande parte dos estudantes não têm outro espaço de lazer, de alimentação, de cuidados emocionais e pessoais, senão a própria escola. O autor também trata da importância da formação crítica do professor sobre a realidade na qual está inserido, o que o possibilita promover a inserção do aluno e sua formação cidadã.

Souza (2020) narra uma experiência em que percebe o letramento crítico em suas práticas. Ao lançar mão da temática do *Halloween*, e valendo-se do trabalho com as partes do corpo humano, ele solicitou que cada aluno desenhasse um monstro de sua preferência. Porém, inesperadamente uma questão surgiu: um de seus alunos o questionou a respeito da possibilidade de pintar o seu monstro com o lápis “cor de pele”, ao passo que uma outra aluna, que é

<sup>6</sup> Como são chamadas as músicas infantis na França.

negra, respondeu: “– Mas de que pele você está falando? – *Ich bin braun! Das ist mein Haut!* A tradução para o português é: Eu sou marrom (negra)! Essa é a minha pele!” (SOUZA, 2020, p. 210).

Conforme Souza (2020), o menino assentiu, olhando para a sala e constatando a diversidade. O autor, por sua vez, orgulhou-se por perceber que a situação se solucionou sem contenda, e que todos haviam aprendido. Ademais, a reflexão sobre a capacidade da criança em fazer uma leitura crítica da situação, utilizando a língua alemã como condutor de seu pensamento, surpreendeu o autor, além de lhe confirmar as perspectivas críticas sobre as quais se respaldou.

Souza (2020) nos leva a destacar uma curiosa equivalência com nossa experiência. Segundo o autor, alguns alunos que apresentavam dificuldade e desinteresse no aprendizado da língua estrangeira passaram a reproduzir frases na língua alemã por meio do *funk*. Com frases emprestadas do cotidiano da sala de aula, como pedir para beber água, dizer a hora do almoço, ir ao banheiro e que gosta de aprender alemão, entre outras, os discentes cantavam conforme o ritmo presente na cultura local (SOUZA, 2020, p. 210), o que denota claramente a empreitada do referido professor em não negligenciar o contexto local do aluno periférico.

No mesmo livro, Victor Ribeiro, atual professor de francês na escola na qual este pesquisador foi professor, a Anísio Teixeira, apresenta seu trabalho, intitulado “*De Super-normal à super-héros: pedagogia de projetos e motivação discente*”<sup>7</sup>. Nesse texto, o autor propõe uma reflexão sobre três perspectivas: a da motivação dos alunos inseridos no projeto de ensino de línguas adicionais nos primeiros anos do Fundamental, a perspectiva da escola integral e a perspectiva da pedagogia de projetos. O projeto aborda as diferentes etapas que integram uma experiência curricular desenvolvida numa turma de terceiro ano do Fundamental. A proposta se notabiliza pela escolha do conteúdo trabalhado, o que se dá pela decisão dos próprios alunos da turma, de acordo com seus interesses. Essa característica da pedagogia de projetos, que eleva o educando à condição de protagonista, transporta-nos mais uma vez à experiência no projeto de LEC, em que a decisão de trabalhar o *funk* e o *hip hop* partiu dos alunos da escola.

Em vista disso, ao considerar o trabalho a partir da motivação do aluno, Ribeiro (2020) sugeriu aos alunos um projeto inicial. Para tanto, o tema escolhido foi os super-heróis. Em consequência, os alunos estariam livres para decidir quais conteúdos lexicais seriam trabalhados para a realização do referido projeto.

Ao final de seu texto, Ribeiro (2020) relata como colocou em prática o projeto concernente ao tema “super-heróis” e seus “superpoderes”. O autor apresentou a canção, “*Super-pouvoirs pourris*”, do cantor francês Aldebert. A atividade se desenvolveu por meio da identificação de palavras relativamente transparentes ao contexto imagético, e um desfile baseado no vestiário dos super-heróis (capa, luvas, máscaras etc.) e dos supernormais da escola – (*maillot* (uniforme)), *t-shirts*, *jupes*, *pantalons*, e *chaussures*<sup>8</sup> de verdade –, como descreve o autor.

<sup>7</sup> “De Super-normal a super-herói: pedagogia de projetos e motivação discente”. Tradução nossa.

<sup>8</sup> Camisas, saias, calças e sapatos. Tradução nossa.

## Considerações finais

No presente capítulo, apresentamos as ações glotopolíticas de incentivo ao plurilinguismo na escola pública, bem como as práticas para um ensino de francês mais democrático nessas instituições. Aliás, vimos que a glotopolítica é definida por Guespin e Marcellesi (1986) como toda e qualquer abordagem sobre a linguagem que esteja implicada uma dimensão política. Da mesma maneira, lançamos mão de alguns conceitos de letramentos, como o de reexistência (SOUZA, 2011). No Brasil, essas perspectivas marcam uma maneira de pensar o pluralismo e a difusão de conhecimento de forma mais situada, isto é, nos movimentos entre centro-periferia e entre periferia-periferia.

Ao mesmo tempo, identifica-se, no trabalho dos colegas, estratégias mais socialmente situadas no reconhecimento de um público periférico nas escolas, o que caracteriza a relevância deste trabalho, que trata de nossa pesquisa de tese, ao propor formas de democratizar o acesso e o aproveitamento desse acesso ao francês na escola pública.

Como proposta, firmados no referencial teórico de Mattos e Valério (2009) e de Windle et al. (2020), também tratamos da importância de um letramento transperiférico e crítico adaptado ao ensino de francês, orientação que, para além de uma pedagogia meramente estruturalista, indica a necessidade de emancipar o cidadão, preparando-o para atuar de forma crítica e solidária num mundo cujas diferentes formas de dominação não levam a outros caminhos senão os do individualismo, da exploração, da submissão e da acumulação econômica desenfreada por parte das frações dominantes da sociedade. Logo, uma proposta em favor de práticas que ofereçam instrumentos para a luta por direitos e por justiça social, e para o enfrentamento das desigualdades que se agravam pelas condições impostas pelo capitalismo e pelo neoliberalismo. O combate a modelos individualistas, também impostos por esses sistemas dominantes, integra igualmente a proposta das perspectivas críticas e transperiféricas que pleiteamos para a tese; orientações que visam à solidariedade, ao protagonismo e ao fortalecimento da coletividade, questões essenciais à reorganização e ao desenvolvimento das periféricas, sobretudo as do sul global.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13. 415 de 16 de fevereiro de 2017 – Altera a Lei nº 9.394, passando a vigorar, dentre outras alterações, a oferta do ensino da língua inglesa como única língua obrigatória a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e nos currículos do Ensino Médio, referente ao artigo 26 do parágrafo 5, [...] revoga a Lei n. 11.161[...]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm)>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília, 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.



- CALVET, Jean Louis. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- COOPER, Robert Leon. **La planificación lingüística y el cambio social**. Cambridge University Press, 1997.
- DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública: desafios em tempos de globalização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean Baptiste. Pour la glottopolitique. **Langages**, 21e année, n. 83, 1986.
- LAGARES, Xoán Carlos. **Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida; VALÉRIO, Kátia Modesto. **Letramentos crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções**. Belo Horizonte: RBLA, 2010.
- MÉSZARÓS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- RIBEIRO, Victor Augusto Menezes. *De super-normal à super-heróis: pedagogia de projetos e motivação discente*. In: DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública** [livro eletrônico]: desafios em tempos de globalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SOUZA, Gilberto Ferreira de. **Desafios (tensões) e superações na implantação do projeto político-linguístico de ensino de francês para crianças no município de Niterói**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2019.
- SOUZA, Josué Santos de. O ensino de alemão na rede municipal do Rio de Janeiro: ações, desafios, descobertas e soluções. In: DAHER, Del Carmen; PEREIRA, Telma; SAVEDRA, Mônica (orgs.). **O ensino plurilíngue na escola pública** [livro eletrônico]: desafios em tempos de globalização. 1. ed. Rio de Janeiro: Editorarte, 2020.
- WINDLE, Joel Austin et al. Por um paradigma transperiférico: uma agenda para pesquisas socialmente engajadas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. (59.2), p. 1563-1576, mai./ago. 2020.





# A mentoria na formação docente: negociando sentidos na Prática como Componente Curricular (PCC)

Elaine Roschel Nunes

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0474-3464>

E-mail: [roschel.elaine@ufsc.br](mailto:roschel.elaine@ufsc.br)

## RESUMO

O objetivo deste artigo é revisitar a proposta de mentoria na formação inicial de professoras/es de línguas com vistas a incentivar a Criatividade Local, como um entre-espaço contingente e dinâmico de negociação de sentidos entre condições locais e demandas globais (NUNES, 2022). Para investigar como um programa de mentoria contribui para a percepção desse entrelugar e do valor das práticas locais, foram propostas atividades de saída a campo em um curso que tem como eixo a prática como componente curricular (PCC). Como suporte teórico, entrelaçam-se a Psicologia da Criatividade, a Psicologia Humanista, as premissas da agência pedagógica no modelo KARDS de Kumaravadivelu (2012), além de estudos acerca do papel da mentoria na formação inicial de professoras/es, envolvendo perspectivas decoloniais e interculturais. Os resultados deste processo são comparados com o panorama da tese, considerando a extensão da proposta de mentoria, o tempo e a disponibilidade para sua realização na disciplina. A análise dos resultados revela a emergência de espaços dialógicos de negociação e criação para a práxis pedagógica, além de apontar para a necessidade de lidar com os desconfortos provocados pelos deslocamentos a partir de perspectivas críticas e decoloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criatividade Local; Decolonialidade; Interculturalidade crítica; Mentoria.

## Mentoring in teacher training: negotiating meanings in Practice as a Curricular Component (PCC)

### ABSTRACT

The aim of this article is to revisit the proposal for mentoring in initial teacher training with a view to encouraging local creativity as a contingent and dynamic in-between space for negotiating meanings between local conditions and global demands (NUNES, 2022). In order to investigate how a mentoring programme contributes to the perception of this in-between space and the value of local practices, field trip activities were proposed in a course focused on Practice as Curricular Component (PCC). As theoretical support, the psychology of creativity, humanistic psychology, the premises of pedagogical agency in Kumaravadivelu's (2012) KARDS model are interwoven, as well as studies on the role of mentoring in the initial training of teachers, including decolonial and intercultural perspectives. The results of this process are compared with the panorama of the thesis, taking into account the scope of the mentoring proposal, the time and availability to carry it out in the discipline. The analysis of the results reveals the emergence of dialogical spaces of negotiation and creation for pedagogical practice, as well as the need to address the discomfort caused by the displacement of critical and decolonial perspectives.

**KEYWORDS:** Local Creativity; Decoloniality; Critical Interculturality; Mentoring.



## 1. Introdução

Neste artigo, retomo a proposta de mentoria na formação inicial de professoras/es de língua alemã<sup>1</sup>, desenvolvida na tese de doutorado “Entre ‘becos sem saídas’ e o ‘pulo do gato’: Criatividade Local e mentoria na formação inicial de professores de alemão no Brasil”. O objetivo desta pesquisa foi apresentar e discutir o conceito de Criatividade Local (CL) no contexto da formação inicial docente, entendido como um “entre-espço de negociação de sentidos”, fluido e dinâmico, no qual “a articulação entre as demandas locais e globais permite ir além de padrões determinados e fixados”, valorizando saberes locais “em uma atmosfera caracterizada pela sensação de *Flow* e redução de ameaças” (NUNES, 2022, p. 238). Para o fomento da Criatividade Local, buscou-se verificar de que forma um programa de acompanhamento para as/os professoras/es, em formação inicial, pode afetar as ações pedagógicas, levando em consideração as condições e recursos disponíveis no contexto específico.<sup>2</sup>

Nesse âmbito, para a materialização de uma proposta de mentoria, apoiei-me na interface entre a Psicologia da Criatividade (CSIKSZENTMIHALYI, 2014), a Psicologia Humanista (ROGERS, 1975, 1977, 1997) e as premissas da Era Pós-método (KUMARAVADIVELU, 2012), além de estudos acerca do papel da mentoria na formação inicial de professoras/es (FÜHRER; CRAMER, 2020). Durante a mentoria, professoras/es em formação inicial em Letras Alemão perceberam sua capacidade agentiva como parte de uma comunidade profissional, analisando seu contexto, suas ações e reações, bem como os efeitos por elas produzidos.

Nesta releitura da tese em 2023, a proposta de mentoria é aplicada no contexto de uma disciplina de tronco comum que reúne diferentes línguas e tem como foco a “Prática como Componente Curricular” (PCC). Corroborando a visão de que o espaço das PCCs pode representar “um excelente lugar de encontro (também de confronto), de convergência, de problematização” (MOHR; WIELEWICKI, 2017, p. 11), apresento constatações e experiências práticas (nem sempre bem-sucedidas). Neste novo contexto, as discussões são retomadas e analisadas sob o prisma pluricultural crítico que buscávamos durante os encontros no curso, bem como no momento de elaboração e aplicação de atividades na educação básica. Sendo assim, o foco recai na formação de professores e nos entrelugares da práxis educativa (FREIRE, 1987), reforçando a urgência de questionamentos decoloniais diante de políticas linguísticas, materiais didáticos, parâmetros curriculares e ações pedagógicas.

Como no contexto da tese, foram retomadas questões intrigantes: “Como ser criativo diante das amarras que nos cercam? Até que ponto o professor pode ser criativo? Será que ministramos aulas arcaicas, mesmo dispostos a acompanhar as mudanças?” (NUNES, 2022). E a principal dúvida das/os estudantes diante da saída a campo: como realizar “tudo isso” na prática? A dicotomia teoria e prática parece se manter e traz à tona abismos entre elementos indissociáveis,

<sup>1</sup> No âmbito deste artigo, não me restrinjo à língua alemã. A proposta é ampliada para línguas em geral, sem restrições.

<sup>2</sup> Este artigo tem seus fundamentos oriundos da tese de doutorado defendida em 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.8.2021.tde-11032022-212301>>. Acesso em: 02/12/2023.



mesmo diante de propostas como as disciplinas de PCC que buscam reduzir essa distância desde sua elaboração há pelo menos vinte anos<sup>3</sup>.

Ademais, abordar o tema criatividade pode ser uma atitude ousada diante da dimensão e complexidade do conceito, além de gerar expectativas e receios quando vista como um ideal imaginário bem distante das realidades educacionais, mesmo presente em diversos planejamentos de ensino. No entanto, que tipo de criatividade é idealizada nesses contextos? A criatividade que vincula o sujeito a um talento inato? A criatividade que prestigia o “progresso” e o “*mainstream*” sob instruções neoliberais de desempenho? Ou criatividades que ampliem a dimensão do conceito como possibilidade de ação e ressignificação, como (re)configurações subjetivas, abalando estruturas conformistas e homogeneizantes?

Com o intuito de revisitar a proposta defendida na tese no contexto da disciplina, o texto foi estruturado em três seções principais, além da introdução. A primeira busca sintetizar conceitos-chave do aporte teórico da pesquisa direcionados ao novo contexto. A segunda seção apresenta aspectos metodológicos da mentoria no contexto da disciplina para formação de professores de línguas, investigando como um programa de mentoria contribui para a percepção do poder criativo em práticas locais. Por fim, a terceira apresenta provocações e perspectivas futuras em considerações finais.

## 2. “Amálgama” de teorias para compor caminhos possíveis

Nesta seção, considerando a dimensão do artigo e a proposta de discussão, destaco conceitos basilares do estudo em pauta, tais como: as premissas de Rogers sobre ameaças e a escuta ativa (1975, 1977, 1997), o módulo *doing* como agências pedagógicas de Kumaravadivelu (2012), a sensação de *flow* (CSIKSZENTMIHALYI, 2014) na Psicologia da Criatividade, além de ponderações sobre o programa de mentoria como suporte na formação pedagógica (FÜHRER, CRAMER, 2020).

Ademais, vale mencionar estudos sobre a perspectiva decolonial<sup>4</sup> (MIGNOLO, 2003, 2017; QUIJANO, 2008) e a interculturalidade crítica (WALSCH, 2009; CANDAU; RUSSO, 2010) que compunham o conjunto de teorias abordadas na disciplina de PCC em questão. No contexto do curso em 2023, as discussões e o aporte teórico da tese foram, portanto, retomados e analisados sob o prisma crítico e pluricultural almejado no curso, bem como durante a elaboração e aplicação de atividades no contexto da educação básica.

Como primeiro elemento dessa amálgama teórica, destaco a escuta empática e ativa de Carl Rogers (ROGERS, 1997), capaz de abrandar mecanismos de defesa, rigidez e insegurança, para ceder espaço à imaginação criadora (ROGERS, 1997, p. 204). Rogers enfatiza que a

<sup>3</sup> A inserção das PCCs foi efetivada na resolução de 2002 CNE/CP 1/2002 e 2/2002) do Conselho Nacional de Educação (MOHR; PEREIRA, 2017).

<sup>4</sup> Para um apanhado histórico do movimento decolonial: Luciana Ballestrin (2013) apresenta, em seu artigo “América Latina e o giro decolonial”, a constituição e a trajetória do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), dando início ao movimento com a noção de “giro decolonial”. Diferentes autoras/es em diferentes contextos se vinculam à perspectiva decolonial. Considerando o escopo do artigo, menciono apenas alguns/algumas fontes abordadas diretamente no artigo.

compreensão empática por meio da “escuta ativa e sensível” (ROGERS, 1997, p. 327) possibilita a criação de um ambiente acolhedor, para lidar com eventuais “ameaças”, promovendo o autoconhecimento e transformações no âmbito de uma aprendizagem significativa e dialógica. Segundo o autor, ameaças são inevitáveis em diferentes âmbitos de nossa existência, gerando bloqueios, inseguranças, bem como a manutenção e/ou criação de padrões (ROGERS, 1975, p. 161). No entanto, podemos criar formas de enfrentamento por meio de um processo consciente, produtivo e transformador diante de “situações ameaçadoras”, buscando soluções em trabalhos coletivos e criativos com abertura e flexibilidade e desenvolvendo o pensamento crítico. Além de construir redes de apoio em coletivos, é preciso considerar o lado humano e interpessoal no processo de aprendizagem (ROGERS, 1975, p. 126), conciliando diferentes seres e saberes.

Para Rogers, toda pessoa tem seu potencial que pode ser liberado (ROGERS, 1975, p. 126). Nesse sentido, pequenas atitudes e as descobertas na experiência podem reverberar e encontrar dimensões maiores, ao sair do plano do discurso para a ação. Assim, outras pessoas são afetadas, esse movimento é contagiante e desperta para a busca de novos caminhos. Concordando com Rogers (1977), o ser humano individualista, como centro do mundo, não é privilegiado nesta concepção. Pelo contrário, a pessoa é vista como parte integrante desse mundo, suas ações impactam e reverberam em outros seres e espaços, envolvendo o Cosmos e a vida em sua complexidade (ROGERS, 1977, p. 44).

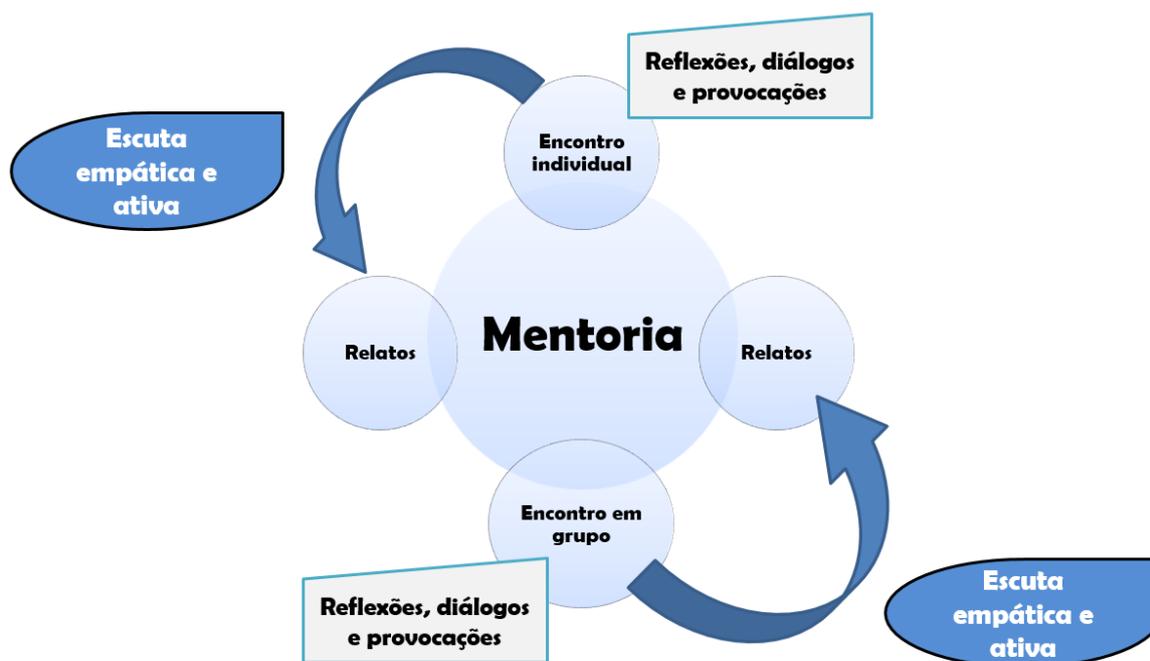
Um segundo elemento neste conjunto corresponde a uma das facetas do processo de formação pedagógica sugerido por Kumaravadivelu (2012) e representado pela sigla KARDS: *Knowing* (Sabendo), *Analyzing* (Analisando), *Recognizing* (Reconhecendo), *Doing* (Fazendo) e *Seeing* (Vendo). Dentro desta trama complexa que articula diferentes perspectivas, meu foco recai sobre a agência pedagógica, representada no módulo *Doing* (“fazendo”). Esse módulo engloba a ação pedagógica, o diálogo entre envolvidas/os e especialistas, além da geração de teorias próprias. Por meio deste diálogo, todas/os se beneficiam de experiências conjuntas. Para facilitar o processo de percepção e reflexão pedagógica, é necessária uma agência consciente e informada, ou seja, é preciso receber orientações, provocações e impulsos em diálogo, caracterizando os princípios do programa de mentoria.

Com efeito, sem envolvimento e engajamento livre e agradável, o caminho para esta proposta parece inviável. Para estimular a Criatividade Local, destaco a experiência plena de *flow* (do *fluir*) como terceiro elemento. Estar em *flow* significa se engajar na experiência de corpo e alma. Por meio dessa sensação, o tempo passa rápido, porque a atividade é de algum modo gratificante e as pessoas estão tão envolvidas que não precisam necessariamente de recompensas externas (CSIKSZENTMIHALYI, 2014, s/p.). Nos estudos sobre a criatividade, diferentes pesquisadoras/es relatam sobre a relevância da interação entre pessoas para o processo criativo (NUNES, 2022, p. 69-70). Em sua abordagem sistêmica, Csikszentmihalyi (2014) expõe sobre o papel de juízes, no sistema social, como aqueles que definem se um produto é criativo ou não. Nessa esfera estamos nós, professoras/es, sujeitas/os a adotar uma postura rígida, desencorajando a criatividade; ou despertadas/os para desafiar essas posturas promovendo um ambiente de criação mais inclusivo e inspirador.



Para a configuração do programa de mentoria, esses elementos fundantes estão imbricados no processo: a escuta empática e ativa, a agência pedagógica com base no diálogo e o estímulo ao engajamento livre e à sensação de *flow*. Nessa configuração, a/o mentora/mentor assume uma posição não hierárquica, provocando análises críticas e coconstrutivas (FÜHRER; CRAMER, 2020a, p. 751), em um processo dinâmico de aprendizado mútuo, interação e reciprocidade. Apoiar as/os estudantes, nesse processo, não implica retirar-lhes a autonomia ou tornar essas pessoas dependentes. Ao contrário, “a/o mentora/mentor transita entre diferentes papéis, ora incitando as/os estudantes a posicionarem-se de modo crítico, ora oferecendo-lhes suporte técnico ou pedagógico, caso necessário” (NUNES, 2022, p. 97). A figura 1 ilustra a orientação em forma de mentoria a professoras/es em formação inicial, realizada inicialmente no âmbito do curso de Letras Alemão, mas que pode ser expandido para outros contextos<sup>5</sup>.

**FIGURA 1.** Esquema de acompanhamento – Mentoria<sup>6</sup>



Fonte: NUNES, 2022, p. 241.

Esse processo cíclico é baseado em uma relação de confiança entre mentora/mentor e professoras/es em formação, sem julgamentos e dicotomias positivistas (como “certo”, “errado”, “bom”, “ruim”), mas pautado em reflexão crítica e deslocamentos. No contexto da mentoria de

<sup>5</sup> Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética nas instituições envolvidas. O projeto foi submetido por meio da Plataforma Brasil – base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos. Cadastro de projetos: <<https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>>. Acesso em: 02 dez. 2023.

<sup>6</sup> Não será possível detalhar critérios, etapas e procedimentos metodológicos da pesquisa neste artigo, indico, para mais informações, o capítulo 3 da tese que pode ser consultado no link: <<https://doi.org/10.11606/T.8.2021.tde-11032022-212301>>. Acesso em: 02 dez. 2023.

professoras/es em formação, foram enviados relatos retrospectivos em áudio para possibilitar o registro das vivências, percepções e pontos de vista ao longo de um semestre. Esse material serviu de base para a organização de oficinas e rodas de conversa, gerando outros movimentos, experimentações e conexões na práxis pedagógica e incentivando a Criatividade Local por meio de discussões, trabalhos de colaboração e parceria.

Ao conferir ao programa um carácter sociopolítico e crítico, o entrelaçamento de teorias no programa é ampliado por perspectivas decoloniais e pela interculturalidade crítica, que nos convidam a expandir a nossa visão para movimentos e leituras outras, deslocando o foco dos centros hegemônicos e colonizadores para o contexto local com suas especificidades. Como descreve Walsh (2009, p. 21), “a interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso”. Como “ferramenta pedagógica” (WALSH, 2009, p. 25) e “estratégia ética, política e epistêmica” (CANDAUI; RUSSO, 2010, p. 166), a interculturalidade crítica promove o reconhecimento de saberes diversos, questionando a manutenção de centros de poder, ser e saber. Os processos educativos assumem uma relevância ímpar para combater o racismo e diferentes formas de desumanização. São projetos de luta, resistência, de rearticulação e reconstrução, “de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização” (WALSH, 2009, p. 22).

A realização do programa de mentoria docente, pautado no estímulo à Criatividade Local, dialoga com essas perspectivas, pois envolve pessoas em seu tempo e lugar, reconhecendo saberes silenciados e apagados, valorizando a agência contextualizada e fornecendo apoio profissional e pedagógico por meio de compartilhamentos de experiências. Crucial, nesse processo, é a consciência sociopolítica crítica, pois ao aprendermos e ensinarmos línguas hegemônicas inevitavelmente seremos confrontadas/os com a história de colonização, com relações de poder e dominação (NUNES, 2022, p. 60).

Como somos constituídos pela colonialidade e pelas marcas da modernidade em nossas histórias e bibliografias (MIGNOLO, 2003), desatar esses laços de dependência não é trivial. O fortalecimento de pessoas e grupos locais por meio da proposta aqui apresentada pode ser um caminho. A promoção de debates críticos sobre a “decolonialidade à brasileira” na área de ensino de línguas deve trazer à tona aspectos marcantes dessas relações com as línguas, como a questão de “latifúndios linguísticos” (PUH; NUNES, 2023) que, assim como grandes propriedades da monocultura, privilegiam algumas línguas, falantes e centros de poder em detrimento a outros espaços, línguas e culturas.

Movidas/os por essas discussões, criamos uma linha de ação em uma disciplina de Prática como componente curricular, envolvendo a elaboração e aplicação de atividades em uma feira intercultural e a oferta de materiais “fora da curva”, sem a pretensão de esgotar as possibilidades, mas como ponto de partida para futuras ações. Como se constata, o conceito de Criatividade Local permeia toda pesquisa, pois está presente em todas as fases do processo. É nesse entre-espaço de negociação, considerando recursos e condições, que as criações, os deslocamentos e (des)encontros acontecem. Sobre esse movimento, discorro na seção seguinte.



### 3. Os impulsos da mentoria, impactos e (des)encontros na disciplina de PCC

Em minha tese, acompanhei o trabalho de professoras/es em formação já atuantes em cursos extracurriculares, investigando percepções, atitudes e posicionamentos, além de suas próprias teorias sobre o conceito de criatividade. Após ministrar três disciplinas de PCC na graduação em Letras Estrangeiras (como é denominada na instituição), constato a possibilidade de ajustar esse formato de mentoria para o acompanhamento em intervenções e observações na educação básica, com o intuito de acompanhar a ida a campo e de realizar o planejamento de atividades previstas em contextos específicos.

Como defendo na proposta para formação de professoras/es, a mentoria não deve estar presa a fases estanques na grade curricular. O acompanhamento pode ser realizado desde as primeiras experiências e visitas às escolas para aqueles que desejam receber um suporte mais direcionado (NUNES, 2022, p. 243). Como ação paralela ao conteúdo previsto em ementas e planos de ensino, considero que um programa de mentoria, nos moldes do sugerido, possa ser expandido e vivenciado como espaço para problematização, reflexão, discussão e ação diante das primeiras experiências docentes<sup>7</sup>.

No âmbito da disciplina “Língua, ensino e Interculturalidade na educação básica” – uma PCC de tronco comum, aberta a todas as línguas –, abordamos temas como plurilinguismo; dominação e colonialidade; inter- /transculturalidade; políticas linguísticas em educação linguística crítica; a educação indígena; interculturalidade e movimentos negros; desafios decoloniais e coletivos, entre outros. Durante o semestre, dialogamos com textos de autoras e autores que trazem à tona uma série de denúncias, reflexões e críticas ao modelo de vida humana vigente: Ailton Krenak, Nego Bispo, Cida Bento, Vera Candau, Jerá Guarani, bell hooks, Catherine Walsh, para citar apenas algumas e alguns. Os deslocamentos provocados pelo debate teórico revelaram o poder da agência pedagógica, além de conferirem empoderamento às pessoas envolvidas.

Diante das primeiras provocações e experiências com propostas de produção de material didático e a concepção de uma sequência didática, pautada nos princípios da perspectiva decolonial e da interculturalidade crítica, os deslocamentos e desconfortos começaram a ser sentidos. Em rodas de conversa, os principais comentários de estudantes giravam em torno da busca pela materialização das teorias em práticas cotidianas. Se apontamos para espaços de reflexão e de compartilhamento, não podemos fixar-nos na teoria sem consonância com a prática, seguindo o dito popular: “Não faça o que eu faço. Faça o que eu digo”, como expõe Rogers (1977, p. 155). De fato, a práxis de Freire (1987, p. 52), na qual prática e teoria caminham juntas, precisa ser vivida, visando à transformação pessoal e social.

Após leituras e deslocamentos provocados em rodas de discussão e trabalhos em pequenos grupos durante a primeira parte do curso, foi proposto, em um segundo momento, a organização de um evento para saída a campo no Colégio de Aplicação da universidade, o qual denomi-

<sup>7</sup> No primeiro semestre de 2019, foi publicada a resolução CNE/CP N. 2 (BRASIL, 2019) que prevê a mentoria como parte do currículo na formação docente.

namos “Feira Intercultural”. Esse evento reuniu todos os grupos do terceiro ano da escola com aproximadamente noventa participantes.

Durante a elaboração das propostas, os grupos foram divididos nas diferentes línguas do curso (alemão, inglês, francês, italiano e espanhol), pois as salas de aula disponíveis correspondiam a um espaço específico para cada língua. Essa delimitação de “territórios” foi realizada pela praticidade, mas não se revelou como a melhor maneira de organização, pois criamos/reproduzimos espaços “fixos” para línguas/culturas.

O programa de acompanhamento e mentoria seguiu durante toda a preparação no período de três semanas. Para o dia do encontro (figura 2), foram mobilizados recursos e vinte seis estudantes da disciplina se dividiram em 17 estações de aprendizagem ou estandes que ofertavam diferentes atividades, elaboradas com base nas premissas da interculturalidade crítica e do aporte teórico da disciplina. Organizamos um total de cinco salas de línguas, com materiais diversos, ferramentas digitais, música, dança, jogos, entre outros. De acordo com o número de pessoas envolvidas, algumas salas puderam contar com mais ofertas. Estudantes de diferentes línguas transitaram por todos os ambientes e participaram das diferentes atividades. A cooperação entre os visitantes foi notável: aprendizes e professoras/es se ajudavam mutuamente, trocavam informações e participaram ativamente das atividades em todas as línguas.

**FIGURA 2.** Cartaz de divulgação da Feira Intercultural



Fonte: elaboração própria.

Dentre as estações, figuravam temas como antirracismo, autoras apagadas na história, personalidades outras, regiões outras (como Cuba pela música, Filipinas e Guiné Equatorial), *Zumbi lives*, uma “aventura pela língua no mundo”, histórias coletivas, músicas e sensações, curiosidades e informações decoloniais em quebra-cabeças e jogos digitais, como Kahoot, para citar apenas algumas ofertas e esboçar o panorama das atividades propostas. Como impulso à continuidade do projeto, planejamos uma publicação conjunta com as atividades oferecidas na feira, como forma de divulgação e aceno para futuros diálogos e parcerias. Como “ninguém faz nada sozinho”, o fato de contar com a abertura à participação por parte das/os estudantes representou a força motriz para a realização do projeto. Outro aspecto decisivo foi a flexibilidade para lidar com situações imprevisíveis. Esses elementos – abertura, participação, flexibilidade – são cruciais e estão imbricados no conceito de Criatividade Local.

Apesar dos desafios encontrados ao longo do percurso, o resultado e a acolhida no local visitado acabaram por motivar os envolvidos a prosseguir com novas tentativas e projetos nessa direção. Ademais, já contamos com a mobilização de estudantes, para criar um projeto de extensão que leve essas feiras a outros espaços e outras escolas da rede pública. Neste ponto, observo como as teorias se entrelaçam na prática, resultando em ações pedagógicas. A escuta ativa e a horizontalidade contribuem para promover o engajamento livre e a sensação de fluxo, mesmo diante de ameaças, inseguranças e dificuldades, conforme delineado no programa de mentoria.

Como aspectos a serem revistos em experiências futuras, vale destacar a necessidade de planejamento adequado para a dimensão temporal, por se tratar de um período mais curto em comparação com o acompanhamento semestral de docentes em formação. Por ser intenso e mais conciso, essa intervenção requer da/o mentora/mentor tempo e energia para orientar grupos e pessoas. De fato, esse é outro desafio para a proposta, pois diante das carências de recursos nas universidades públicas e da demanda de trabalho de docentes, sobrecarregadas/os em diferentes atividades (NUNES, 2022, p. 100), resta-nos buscar aliadas/os para apoiar a proposta e seguir exigindo mudanças desse quadro educacional.

Além disso, ameaças ao desenvolvimento da Criatividade Local, em meio a inseguranças, apatia e falta de interesse pela proposta estiveram presentes. Como mentora, procurei manter a proposta sem imposições ou posturas autoritárias, atitude que custou muita perseverança e confiança no trabalho conjunto. A meu ver, sem engajamento livre, esse tipo de proposta não atinge seus objetivos primeiros. Com base no pressuposto de que a agência pedagógica pode provocar transformações sociais e pessoais, foi possível observar diferentes atitudes ao longo do processo: partindo de posições avessas a atividades escolares para ações concretas de envolvimento livre por parte das/os estudantes.

Quanto à condução prática da disciplina, o início desse percurso suscitou muitas dúvidas sobre como elaborar a atividade de forma que as pessoas pudessem estar livres para interagirem e transitarem pelas estações. A proposta envolvia a criação de “estações de aprendizagem” que não exigissem a presença e a (“desejosa”) explicação formal de professoras/es, mas apenas o acompanhamento e orientações para o trabalho em pequenos grupos. Em certos momentos, as/os estudantes apresentaram dificuldades para sair do esquema tradicional de aula, no sentido res-

trito da palavra. Para auxiliar nesse processo, foram apresentados exemplos concretos de ações semelhantes em outros momentos e espaços, para que a proposta pudesse ser concretizada.

A escolha das temáticas para as atividades também seguia um esquema mais tradicional, e até mesmo colonizador, de ensino em um primeiro momento. Para agir contra essa tendência, recorreremos várias vezes às nossas leituras da disciplina e à discussão sobre a práxis pedagógica, evidenciando nossas tendências a reproduzir discursos colonizadores quando reforçamos (mais uma vez) binarismos “lá, melhor; aqui, pior” (NUNES, 2023), quando apagamos variedades linguísticas e enaltecemos línguas de prestígio em um “país das maravilhas” no Norte global e em cenários idealizados (NUNES, 2022, p. 178).

De maneira geral, os resultados do projeto foram positivos e as equipes valorizaram o compartilhamento de experiências nos processos colaborativos. No entanto, divergências e resistências à proposta dialógica do projeto surgiram, o que pode ser, de certa forma, esperado em encontros humanos. No entanto, seguindo os preceitos de Rogers, que afirmava que toda pessoa tem seu potencial e pode contribuir à sua maneira, foi priorizado o diálogo na busca por alternativas em conjunto. É válido ressaltar que essas intervenções podem ser desgastantes para a/o mentora/mentor, uma vez que se trata de um processo em constante (de)construção e de (re)leitura de si.

E sim, existem diversas barreiras para iniciar trabalhos com essa perspectiva, incluindo possíveis divergências entre pessoas do grupo, a conciliação de dimensões institucionais, os arranjos administrativos, o cronograma e toda a estrutura que deve ser preparada para a realização do encontro. A colonialidade está presente em nosso ser, e muitas vezes nos faz querer sempre ter razão, o que pode dificultar o trabalho em equipe. Aprender no coletivo e aprender a conviver são os maiores desafios da humanidade. Se não nos deslocarmos e mudarmos nossa perspectiva, estaremos fadados à extinção. Ao apontar essas dificuldades, não tenho a intenção de desanimar ninguém. Pelo contrário, esses percalços podem servir como combustível para lidar com os obstáculos, para compartilhar experiências, alterar o que for possível, reivindicar mudanças e tentar juntos de novo (e de novo e mais uma vez).

Precisamos aprender mais sobre generosidade. É como diz Jerá Guarani (2021, p. 19):

É esse conceito que faz a nossa vida ser boa na aldeia, é isso que buscamos: ter só o suficiente, ajudar o próximo com nossos conhecimentos sem cobrar e ser solícita – o tempo inteiro estar atenta e estar a postos para ajudar o outro que precisa, independentemente de quem é, de onde veio.

Estamos distantes desse modelo de vida, mas podemos seguir reinventando e revisitando saberes e modos outros de conhecer e de estar no mundo. Projetos locais em conexão podem indicar o quanto esse movimento pode ser promissor, até mesmo para que ainda possamos (con)viver neste planeta.

#### 4. Considerações finais

Buscar entender e analisar sua própria prática por meio de diálogos em disciplinas já nos primeiros semestres na graduação pode contribuir para a inicialização e a continuidade profissional, tornando essa passagem menos ameaçadora e mais empoderada, encarando os desafios

com mais lucidez e força conjunta. Ademais, o acompanhamento e a promoção de atividades que envolvam o trabalho conjunto entre universidades, escolas e comunidade possibilitam a criação de pontes e a visibilidade das ações e projetos institucionais que beneficiam e aproximam os maiores interessados em promover uma educação de qualidade, libertadora e significativa a toda população.

E essa foi a proposta do trabalho com a feira intercultural. Com esse trabalho, experienciou-se a Criatividade Local como o “lugar fluido, um espaço de negociação de sentidos” (2022, p. 238). A sensação plena em *flow* com a realização do trabalho conjunto ultrapassa os limites da disciplina. As sementes ali plantadas podem engajar o grupo em outros projetos em diferentes contextos, tornando a ação criativa contagiante. Ademais, a Criatividade Local pode provocar deslocamentos, como condição para analisar as demandas globais/institucionais, sem aceitá-las incondicionalmente, mas avaliando sua (in)adequação a partir de seu local, ressignificando e dialogando com essa demanda, sem subjugar-se.

A prática de mentoria em diferentes contextos exigiu ajustes e a constante construção e reconstrução de significados. Durante esse processo, foi necessário acessar e reconhecer as próprias ameaças e o desejo de completude, revisar posturas e tomadas de decisões pedagógicas. Dúvidas, anseios e angústias foram compartilhados em rodas de conversa ou individualmente, visando a repensar o contexto de formação, sem recorrer a soluções simplistas ou julgamentos binários, comuns no modelo colonialista de ensino (NUNES, 2022).

Para estabelecer um repertório de atividades e ações, foi necessário superar barreiras e posturas preconcebidas, que eram consideradas as únicas possíveis e “corretas”. Além disso, foi fundamental promover atitudes que se opõem ao “latifúndio linguístico” (PUH, NUNES, 2023), valorizando o plurilinguismo e o trabalho conjunto e percebendo que somos falíveis e incompletas/os. Nesse sentido, disciplinas com a proposta de PCC são imprescindíveis. É fundamental reconhecer essas questões na prática, pois a experiência direta é mais enriquecedora do que a mera leitura em um artigo.

Vale lembrar que estamos ainda descobrindo esses percursos, discutindo, avaliando o que seria exatamente o debate decolonial, o potencial da Interculturalidade crítica e da Criatividade Local, como debates tão necessários durante a formação do profissional de Letras. Não temos respostas prontas, no entanto, já plantamos algumas sementes para seguir pensando, agindo, tentando de novo e mais uma vez...<sup>8</sup>

## CONFLITO DE INTERESSES

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

<sup>8</sup> Agradeço aos estudantes da disciplina de “Língua, ensino e Interculturalidade na educação básica” pela parceria, pelos ensinamentos e compartilhamentos durante esse percurso.

## REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, Luciana. (2013). América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, (11), 89-117. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>. Acesso em: 29 nov.2023.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2 de 19 de fevereiro de 2002**, 04 de março de 2002. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=159251-rcp002-02&category\\_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=159251-rcp002-02&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- CANDAU, Vera. M. F; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 10, n. 29, p. 151-169, jul. 2010. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3076>>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. Teoria do *Flow*, pesquisa e aplicações. Tradução: Marina Gomes. **ComCiência**, n. 161, set. 2014a. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000700010&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000700010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 17ª edição. 1987.
- FÜHRER, F.-M.; CRAMER, C. Mentoring und Coaching in der Lehrerinnen- und Lehrerbildung. In: CRAMER, C.; König, Johannes; Rothland, Martin; Blömeke, Sigrid (Hrsg.). **Handbuch Lehrerinnen- und Lehrerbildung**. Bad Heilbrunn: Julius Klinkhardt, 2020a. S. 748-755. Disponível em: <<http://doi.org/10.35468/hblb2020-091>>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- GUARANI, Jerá. Para nós, o futuro é indígena. In: MOULIN et al. (org). **Habitar o antropoceno**. BDMG Cultural, Cosmópolis, 2022. Disponível em: <<https://bdmgcultural.mg.gov.br/wp/wp-content/uploads/2022/02/bdmg-cultural-livro.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- KUMARAVADIVELU, B. **Language Teacher Education for a Global Society: A Modular Model for Knowing, Analyzing, Recognizing, Doing, and Seeing**. New York: Routledge, 2012.
- MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017a. Disponível em: <<http://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- MOHR, A.; WIELEWICKI, H. de G. **Prática como componente curricular: que novidade é essa 15 anos depois?** Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.
- NUNES, E. C. R. **Entre “becos sem saídas” e o “pulo do gato”**: Criatividade Local e mentoria na formação inicial de professores de alemão no Brasil. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-11032022-212301. Acesso em: 30 nov. 2023.
- PEREIRA, B.; MOHR, A. Origem e contornos da prática como componente curricular. In: MOHR, A.; WIELEWICKI, H. de G. (Orgs.) **Prática como componente curricular: que novidade é essa 15 anos depois?** 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017, p. 19-38.
- PUH, M.; NUNES, E. C. R. Os entrelugares e o futuro aberto da formação e atuação docente em língua alemã na luta contra o latifúndio linguístico. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. e14201, 2023. DOI: 10.28998/2175-6600.2023v15n37pe14201. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/14201>>. Acesso em: 2 dez. 2023.



QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Tradução: Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria Ferrão. (Org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.



# Flaubert : la machine célibataire

Michel Sicard

Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Paris (FR), France.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5019-1552>

E-mail: [sicard.micheljp@gmail.com](mailto:sicard.micheljp@gmail.com)

## RÉSUMÉ

Cet article propose une nouvelle lecture de *L'Idiot de la famille* loin des conceptions biographiques traditionnelles — chronologiques, dialectiques, psychanalytiques, thématiques. Selon les voies ouvertes par Sartre depuis *L'Imaginaire*, où signes et magie se côtoient, il s'agit d'une méthodologie kaléidoscopique d'inspiration « conceptuelle », proche de Marcel Duchamp : le sujet est pris dans la transparence du verre, en un regard traversant procédant par des coups de sonde radioscopiques à différents niveaux : personnages (père, mère, amis proches), relations sexuelles, lieux et référents livresques. Il s'ensuit des pliages d'ombre et de lumière qui éclairent les obsessions de Flaubert : rêves d'ascension ou de chute, passivité, bêtise, fétichisme, sado-masochisme, dont la recherche d'objets, aux multiples accouplements possibles, dessine une forme d'œuvre et d'herméneutique en éventail, par fragments disjoints, constituant la « machine célibataire Flaubert », dans des conceptualisations du corps sans organes ou de la caresse, plus tard développées par Deleuze et Derrida.

**MOTS-CLÉS:** Imaginaire; fétichisme; herméneutique; machine célibataire; sado-masochisme.

## Flaubert: a máquina celibatária

### RESUMO

Este artigo propõe uma nova leitura de *O idiota da família*, distante das concepções biográficas tradicionais — cronológica, dialética, psicanalítica, temática. Seguindo os caminhos abertos por Sartre desde *O imaginário*, em que coexistem signos e magia, trata-se de uma metodologia caleidoscópica de inspiração “conceitual”, próxima de Marcel Duchamp: o sujeito é capturado na transparência do vidro por um olhar transversal apoiado em varreduras de sondas de raios X, em diferentes níveis: personagens (pai, mãe, amigos íntimos), relações sexuais, lugares e referências livrescas. O que se segue são dobramentos de sombra e luz que iluminam as obsessões de Flaubert: sonhos de ascensão ou de queda, passividade, estupidez, fetichismo, sadomasoquismo, dos quais a busca por objetos, com múltiplos acoplamentos possíveis, desenha uma forma de trabalho e de hermenêutica em leque, em fragmentos desconexos, constituindo a “máquina celibatária de Flaubert”, nas conceituações do corpo sem órgãos ou da carícia, posteriormente desenvolvidas por Deleuze e Derrida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário; fetichismo; hermenêutica; máquina celibatária; sadomasoquismo.



## Flaubert: the celibate machine

### ABSTRACT

This article proposes a new interpretation of *The Family Idiot*, moving away from traditional biographical conceptions such as chronological, dialectical, psychoanalytic, and thematic approaches. Following the paths opened by Sartre in *The Imaginary*, where signs and magic coexist, it adopts a kaleidoscopic methodology inspired by a “conceptual” framework, akin to Marcel Duchamp. The subject is captured in the transparency of glass through a transversal gaze supported by X-ray probe scans at different levels: characters (father, mother, close friends), sexual relationships, places, and book references. What follows are folds of shadow and light that illuminate Flaubert’s obsessions: dreams of ascent or descent, passivity, stupidity, fetishism, sadomasochism. The pursuit of objects, with multiple possible couplings, outlines a form of work and hermeneutics in a fan-like fashion in disconnected fragments, constituting the “Flaubert’s celibate machine” as conceptualized in the notions of the body without organs or caress, later developed by Deleuze and Derrida.

**KEYWORDS:** Imaginary; fetishism; hermeneutics; celibate machine; sadomasochism.

*Dans Les Funérailles* Gustave décrit sans aucun doute une attitude familière d’Achille-Cléophas qui le scandalise profondément: quand le *pater familias* lève la tête et regarde son fils de côté (et de haut en bas) entre ses yeux mi-clos, celui-ci sent qu’une sonde magnétique entre dans son âme. Pour y trouver *nécessairement* de la pourriture ou pour l’y mettre si elle n’y est pas. Or pendant que ce démon voit le Mal jusqu’au fond du cœur de son rejeton, il *sourit*, le monstre: voilà le scandale (SARTRE, *L’Idiot de la famille*, p. 466).

## 1. Le grand transparent

Flaubert est vu dans *L’Idiot de la famille* non comme un objet à raconter dans sa vie durant, chronologiquement, mais comme un cas à éclaircir, un problème, une tache. Pas de narration donc, mais des ondes, des sondes, des projections. C’est une espèce de représentation de Flaubert en n dimensions que Sartre propose. Il est pris dans la transparence du verre d’un regard traversant et ses agissements sont scrutés comme des pliages d’ombre et de lumière. Il s’agit d’une méthode radioscopique, celle qu’il avait déjà expérimentée dans *L’Imaginaire* : un ensemble de signes significatifs, qui font un portrait récurrent de sa personnalité d’écrivain.

Ce serait en quelque sorte comme un portrait de Flaubert vu par Marcel Duchamp : un *Grand Verre*, ou Grand Ver(s), mis à nu par le regard porté sur le divan de l’analyste... Verre? Ou vers? Et vers quoi? Vers ce qui se programme. La programmation n’est pas la durée, la chronologie. Elle en est toujours le contraire, parce qu’elle déploie ses formes dans l’espace. Bien que des dates affublent le sous-titre de l’ouvrage — *Gustave Flaubert de 1821 à 1857* —, il n’y a pas de temps vécu, ni de temps objectif qui se déroulerait dans le « Flaubert ». Il y a des effets de non-temps — et de la topologie. Tout y est expliqué par la notion de voisinage. Flaubert est à la fois pris dans le schéma de *La Mariée* de sa muse Littérature et le *Célibataire*. Il s’essaie à des accouplements, à faire se transformer d’impossibles points en une ligne-œuvre. Nous sommes dans des relevés topologiques complexes, mais calculables.

Pas plus qu’il n’y a de récit de vie, il n’y a d’assignation du sujet à une vérité. Les parties de ce Grand Verre, vitrailliques, sont faites de concepts mineurs, ou de semi-concepts, loin de



l'esthétique et de la morale (comme Sartre s'y était déjà essayé avec le *salaud* et la *mauvaise foi*) : la *soumission*, l'*amitié frustrée*, l'*inaction*, le *sado-masochisme*. Une grande place est laissée aux amitiés de Flaubert, comme des parties possibles du Grand Verre : Alfred Le Poittevin, l'ainé-écrivain tyrannique, Bouilhet le Censeur, Maxime Du Camp le voyageur orientaliste qui inverse la donne... Cet écho se prolonge dans le troisième volume : Leconte de Lisle... De même, on trouve des figures de femmes notoires, en des portraits mineurs : la mère de Gustave, la mère d'Alfred, Louise Colet, George Sand... Comme chez Duchamp, le narrateur peut se transformer en femme, Marcel devenir Rose Sélavy, l'artiste se travestir en femme. Qui sait si le narrateur de *L'Idiot de la famille* est masculin ou féminin ? Ou si ce sont ses personnages féminins qui se virilisent, lui-même, l'auteur, devenant femme. C'est le grand renversement littéraire, car d'ordinaire l'auteur est homme. Avec quel empressement Sartre s'ingénie à détruire l'image du grand écrivain, et de ses antécédents, du père, de ce père scientifique et voltairien, qui voit souffrir et connaît si bien la souffrance, lui-même n'étant pas « empêché de mener la vie la plus paisible » (SARTRE, 1971-1972, p. 466). Tel est l'homme décrit dans *Les Funérailles du docteur Mathurin* : « Il connaissait la vie surtout, il savait à fond le cœur des hommes, et il n'y avait pas moyen d'échapper au critérium de son œil pénétrant et sagace ; quand il levait la tête, abaissait sa paupière, et vous regardait de côté en souriant, vous sentiez qu'une sonde magnétique entraînait dans votre âme et en fouillait tous les recoins » (FLAUBERT, 1990, p. 622-623). Ce savant hédoniste, qui meurt dans l'esprit du vin, est transformé par Sartre en docteur cynique de la vie. Il voit le Mal, et même sous les apparences flatteuses : « à travers le vêtement il voyait la peau, la chair sous l'épiderme, la moelle sous l'os, et il exhumait de tous cela lambeaux sanglants, pourriture du cœur, et souvent, sur des corps sains, vous découvrait une horrible gangrène » (FLAUBERT, 1990, p. 623). Sartre voit et détruit cette image virile et scientifique du Père ; mais lui ne s'expose-t-il pas aussi à être ce Docteur Mathurin, penché sur le corps de sa victime, quand il s'essaie à faire des relevés scopiques ?

Il y aurait toute une étude à faire sur l'aspect chirurgical du cas Flaubert auquel sa psychologie a souvent été assimilée, qui déteint aussi sur la méthode de son critique empathique. Mais le clinicien s'est un peu déplacé du chirurgical vers la psychiatrique, du scalpel vers l'analyse profane. Évidemment on pense à Artaud, qui joue aussi un très grand rôle dans la pensée de Sartre à propos de son théâtre, et qui commence, au moment où Sartre écrit sa version définitive de *L'Idiot de la famille*, à être étudié par d'autres philosophes comme le paradigme du « corps sans organes ».

## 2. Comment s'irréaliser ?

*L'Idiot de la famille* est une étude sur l'imaginaire. Non pas l'imaginaire imagiel, ou des phénomènes du visible, mais la façon pour une conscience — est-elle vide au départ ? — de se combler par des rêves qui transforment la réalité, au point que celle-ci ne s'y reconnaisse plus. C'est l'histoire de ce désir construit pas à pas qui est l'objet du livre *L'Idiot de la famille* et qui nous change de la thématique des psychologues, pour qui l'imaginaire est souvent lié à un traumatisme

primitif personnel et engendre une forme égotique régressive. Les écrits de jeunesse de Flaubert sont systématiquement parcourus, parce qu'ils sont source de ces pépites qu'on retrouvera développées, enrobées, serties dans l'œuvre majeure. Nul critique n'aura jamais autant utilisé les œuvres de jeunesse que Sartre, non comme un espace génétique — la génétique est surtout une affaire de forme, de style, de technique, par les chemins de la réécriture — mais comme la mise en évidence d'un fantasme initial qui dévoile le problème natif, la faille, la « plaie profonde » dans quoi l'œuvre se façonne ou se tresse. Lisez par exemple *Passion et vertu* et le schéma de *Mme Bovary* est là tout entier : femme qui n'arrive pas à aimer son mari, désenchantement, amitié amoureuse, adultère, suicide... Sartre passe au crible les œuvres de jeunesse de Flaubert, non pour en faire des préliminaires à un texte futur, comme un prélude, mais pour les montrer toujours-déjà gravées dans l'imaginaire de celui qui tente d'affirmer par sa plume ses obsessions. L'utilisation des œuvres de jeunesse est sans égale : elle est une basse lancinante. De même que se trouve là antérieurement les obsessions de ses amis écrivains, surtout Alfred Le Poittevin, dont Sartre fera une étude assez complète. Le *thème-image* — appelons-le comme cela — est ainsi donné d'un bloc. C'est un processus de littérature mineure, pour reprendre la terminologie de Deleuze, où la thématique du post-romantisme naissant se partage entre quelques familiers de province, Gustave et Alfred en l'occurrence. Cette idée des « mœurs de province », c'est-à-dire d'un délaissement qui développe dans l'esprit un ennui et une vacuité propice au découragement et au suicide, engendre une communauté provinciale qui risque de passer inaperçue, mais qui est la charge d'un discours décalé qui veut fuir toute maîtrise, celle de la capitale à laquelle Balzac, par les Rastignac ou autres personnages, avait su donner ses lettres de noblesse.

Mais le mal est plus grave. Il ne s'agit pas d'un *spleen* commun à une génération. Cette plaie profonde est une « plaie native », ancrée dans un sujet singulier. Elle fait corps à la vie et s'affiche par-delà la mort, du point de vue de la mort. L'imaginaire se crée chez Flaubert dès l'adolescence, quand l'aspirant écrivain a décidé de voir la vie du point de vue du Néant. Pour Gustave, « mourir, c'est s'irréaliser » (SARTRE, 1971-1972, p. 481). Ainsi voit-on la naissance de l'imaginaire dans cette tentative de dévoilement du monde par la mort, sous l'œil du scalpel paternel, qui est à la fois son miroir et son origine.

### 3. Le haut et le bas

Nul doute que le corps de Flaubert ne soit utilisé que comme un prototype des « aspirations » de l'être, via la matérialité, vers un projet d'articulation de vie. Le thème de la chute matérialise le tourniquet dans lequel Flaubert se trouve, entre la foi et l'incroyance. La dualité est symbolisée par des ascensions et des chutes. Cette spatialisation n'est pas extérieure, mais installée en lui : « Bref la verticale l'empale et le traverse » (SARTRE, 1971-1972, p. 591).

En raison de pressions liées à la philosophie de son père (le scientisme) et à sa classe sociale (la moyenne bourgeoisie), pour Gustave,

de ce fait, nous disons qu'il y a malgré tout une structuration de l'espace hodologique : vers le Bas. La chute *au-dessous de l'homme* vers la sous-humanité s'est inscrite dans ce corps en permanence.

Cela va de soi : nous avons vu que sa constitution passive se traduit, en cas de contrariété, par une propension permanente à l'évanouissement (SARTRE, 1971-1972, p. 592).

Et Sartre ajoute un péril supplémentaire, celui de perdre son titre d'humanité : « Or celui-ci n'est pas seulement, pour Gustave, la perte des sens, il est renoncement au statut d'être humain et adoption intentionnelle de celui de la chose : Garcia évanoui, est balayé comme une ordure, c'est une ordure » (SARTRE, 1971-1972, p. 592). Ainsi, pire que chez Kafka dans *La Métamorphose*, l'imaginaire de Flaubert est hanté par cette horrible déchéance qu'il vivra presque tous les jours dans son corps, comme « une menace permanente de tomber ». Il ajoute : « Il tombe d'ailleurs, il tombe sans cesse : il se laissera tomber sur le divan de Croisset, cent fois par jour et nous verrons que le sens primordial de l'« attaque de nerfs qui le terrasse en 44, c'est d'être une chute radicale et consentie au-dessous de l'humain » (p. 593).

Cette spatialisation confond volontairement de plan de l'imagem et celui de l'imaginaire qui, mieux que symboliser, offre un gramme spectaculaire de l'espace flaubertien, lui donnant sa structure visuelle et sa résonance esthétique. La thématique de la chute a déjà été analysée par Sartre à propos du Tintoret à la fin des années '50 : il y consacre une longue étude en s'appuyant sur *Le Miracle de l'esclave*, publiée de façon posthume. Là aussi, les corps tombent, poussés par un déséquilibre, et suivent les lois de la matière aveugle. Pour Le Tintoret, « l'artiste a perçu la force passive qui fait l'intime réalité des substances et, tout à la fois, les relie entre elles de l'extérieur ; sans trop savoir ce qu'ils lui reprochent, les amateurs d'art se déchainent contre le malappris qui leur *donne à voir* la pesanteur » (SARTRE, 1981, p. 175). Évidemment, la situation est plus complexe pour le peintre du *Cinquecento* : il doit respecter dans la technique les codes de la perspective qui débouche sur une illusion d'optique et dans la thématique se conformer aux croyances, à la religion et aux classes sociales. Tout se jouera par un jeu de chutes compensées, comme en témoignent les tableaux de *La Visitation* et de *L'Évanouissement d'Esther*.

Pour Le Tintoret selon Sartre, la pesanteur devient une obsession. Le peintre s'en obsède et en tire dans toutes ses toiles une sorte de signature. Nous n'en connaissons pas l'origine, car les documents nous manquent. En tout cas, les déséquilibres et les chutes y abondent. À propos de Gustave il s'agira de voir les choses avant l'obsession, d'en saisir la trajectoire par les strates qui le constituent, avant même que l'œuvre définitive ne rejoue la scène, puisée dans le corps même du sujet, apprenti et victime.

Chez Flaubert cette chute envahit l'espace mental : elle est totale et finale — il envisagera toujours le Pire —, mais elle est précédée par des rêves d'ascension, où se conjuguent cette aspiration à la noblesse — initiée par son père dans la présentation de Gustave enfant qu'il fit à la duchesse de Berry, où il fut distingué — ou à défaut au théisme maternel qu'il adopte aveuglément. Il envisage un moment le mysticisme, dont le rituel pompeux le fascine. Tout compte fait, Gustave hésitera entre la « croyance à Rien » et l'extase (SARTRE, 1971-1972, p. 606). S'il rêve d'une « féodalité spirituelle » qui jouerait comme puissance ascensionnelle, c'est pour mieux souligner l'aspiration qui le prend et l'emporte du plus bas vers le plus haut, vers Dieu : « Il est à la fois en haut de la pyramide féodale, comme calme attraction de Tout et au plus bas, comme pulsion intime qui naît dans les profondeurs abyssales » (p. 607) Haut et Bas

de complètent donc et sont la structure d'un ascenseur spirituel qui, loin d'offrir un chemin de salvation, laisse l'apprenti-auteur abasourdi et comme écartelé entre Bien et Mal, Esprit et Matière, car le Haut et le Bas finissent par s'appeler, se complémentariser et s'indifférencier.

Bref le mécanisme de la chute est analysé chez Sartre de telle façon qu'il lui donne une réalité graphique, multipliant les comparaisons avec des schèmes mathématiques, parlant de trajectoire, d'écart ou « écartèlement », de « dimension-force », de « lignes de forces ». Les linéaments dont il analyse les courbures et les inflexions matérialisent les concepts, la réflexion travaillant aux limites d'une pensée philosophique. Conclusion de cette cartographie analytique :

Il n'est pas rare que ces mêmes lignes de force au lieu de s'écarteler les unes des autres se vivent comme les structures d'un espace courbe — parfois même sphérique — déterminant l'aperception à se plier selon cette courbure : dans ce cas les termes extrêmes se rejoignent et la pléthore de significations, loin d'éclater dans un insoutenable arrachement, se débite en circuit fermé, les contradictions passent l'une dans l'autre : c'est l'égarment des tourniquets (SARTRE, 1971-1972, p. 612).

On semble plongé en pleine topologie et on croirait entendre Lacan et sa passion des nœuds et des ronds de ficelle. Cette théorie des tourniquets travaille toute la philosophie de Sartre et, dans « la constitution » de Flaubert, on y trouve son plein de couples antagonistes : « Nous avons indiqué en passant, conclut Sartre, un certain nombre des tourniquets où Fatum, Scientisme, Foi, Dieu, Néant, hiérarchie féodale et bourgeoisie égalitaire s'organisent en carrousels, obligeant le jeune homme fourbu à “tourner autour de sa pensée” comme il dit dans la première *Tentation* » (SARTRE, 1971-1972, p. 612).

L'organisation de ces formes contradictoires de pensée est la profondeur ambivalente même des textes de Flaubert, mais aussi de la pensée de Sartre qui, loin de chasser les contradictions, les organise en réseau, comme un système de tensions, qui sonne le prélude d'une nouvelle philosophie.

#### 4. L'Idée et la bêtise

Sartre ne veut guère s'aventurer dans cette structure antagoniste de pensée, tout au moins pas d'abord. Peut-être est-ce par soin d'éviter d'en faire une métaphysique manichéenne. N'a-t-il pas déjà par trop mobilisé des couples contradictoires de concepts ! La clef concrète qu'il adopte, c'est l'entrée par la bêtise, qui sera le drapeau du volume — et une belle injustice envers Flaubert. Mais pour l'heure, la bêtise est un nouvel exemple de tourniquet. Dans le combat entre la Science et la Foi, qu'il renvoie dos à dos, se révèle la bêtise fondamentale pour Flaubert qu'est la croyance. Aucune idée ne peut être pour lui assurée, mais débouche sur un scepticisme de principe. « L'ineptie, c'est de conclure », disait Flaubert. Donc la pensée est versatile, souvent bifide. La pensée est désincarnée, figée, venue du dehors, déjà-là, d'où le thème des « Idées reçues » : pour Flaubert « la pensée, chez lui, n'est jamais un *acte* ; elle n'invente rien, elle *n'établit jamais de rapport* ; elle ne se distingue pas du mouvement même de la vie ; activité passive, entraînée par le flot du vécu, elle n'est que la forme verbale du *pathos* (SARTRE, 1971-1972, p.

646). On peut la comparer au travail du rêve, ou au discours libre des associations verbales de l'analysé sur le divan. Le malheur, pour Flaubert, est que ces pensées-cailloux ne sont pas que des objets d'observations, il les accueille en lui, qui le transforment en plaie vivante :

Bref, c'est le martyr de la Bêtise, il l'a installée en lui avec tous ses conflits, elle tourne sur lui-même, se ronge et le ronge. Il saigne sous les morsures mais se contraint à l'immobilisme ; puisque toute idée, en lui, ne peut que refléter la matérialité des lieux communs ou le matérialisme de l'analyse, il surenchérit sur sa passivité douloureuse et refuse toutes les formes de Pensée (SARTRE, 1971-1972, p. 647).

À ce point de l'analyse surgit une autre idée sartrienne, pour décrire le phénomène flaubertien : la naissance de « pensées presque animales » (p. 647). Le schéma analytique de Sartre trouve ce qu'il considère comme une nouvelle piste dans ces pensées animales, se servant de la dualité forme/matière. Cette intuition de la matière que l'Idée rejoint est au cœur du mystère flaubertien dans son originalité même. Sartre tente de les décrire *a minima* :

Pensées "molles" et fluides, qui courent au ras de la vie et de la matière et souvent s'interpénètrent comme dans les rêves ; on pourrait voir en elles la Nature sans les Hommes car l'Homme en est absent, crispé dans sa négation, dans sa volonté d'absence ; en tout cas elles expriment la solitude la plus profonde, celle de la bête ; et ce sont elles qui donneront son incomparable richesse à *Madame Bovary*. Nous aurons à les décrire (SARTRE, 1971-1972, p. 647).

Cette description est bien sûr différée, renvoyée au quatrième volume non publié. En attendant il bifurque, souligne seulement au passage la décapitation de la Raison, le rejet de toute unité, l'absence d'humanisme... Et dans le triomphe de cette « pensée sauvage » (*dixit* Sartre) quelque chose revient du totémisme de *L'Imaginaire* qui salue la « conscience animale du monde » (p. 648). On ne sait si ces passages ont servi à Deleuze et Guattari pour leur « devenir-animal », mais il est sûr que d'écarter la rationalité au profit d'un sensualisme animal donne au texte flaubertien une ouverture qu'aucun réalisme n'avait entrevu jusqu'ici. Même si les travaux concernant la conscience et la pensée animale ne s'étaient pas encore développés comme ils le sont aujourd'hui, cette intuition, au départ plutôt métaphorique, ouvre la porte à une approche nouvelle des sensations et pensées vers laquelle ni la psychanalyse ni la psychologie expérimentale ou cognitive ne s'étaient aventurées.

## 5. Le regard et le fétiche

La deuxième partie de *L'Idiot de la famille* s'appelle : « La personnalisation ». Celle-ci est présentée en tant que « totalisation perpétuelle surgie comme une défense contre notre détotalisation permanente qui est moins une franche diversité qu'une unité effondrée » (SARTRE, 1971-1972, p. 653). À vrai dire ce mouvement dynamique qui justifierait une prétendue unité toujours menacée est en fait peu éloigné des thèmes de « la constitution », puisque la passivité de Flaubert interdit justement cette grande dynamique du projet qui caractérise les êtres totalement libres, et surtout les artistes, même si Flaubert essaie de s'y frayer un chemin. Cette dialectique

de convenance, provoquée notamment par une analyse de l'appartenance de classe de Flaubert et du rôle du père, doit être relativisée et l'on pourra ainsi regarder comme des structures d'inertie la suite des thèmes que Sartre développe : l'enfant imaginaire, le regard, le miroir et le rire...

Dans ces chapitres, on voit non pas des rôles et des tendances, mais l'amorce de ce que Deleuze et Guattari appellent, continuant la thèse du *devenir-animal*, le *devenir-femme*, en tant que « femme moléculaire », telle Virginia Woolf qui par l'écriture se fait un corps sans organes. L'analyse de Sartre est complexe. Elle continue celle sur Genet. Il y est question pour les deux d'imaginaire.

En s'appuyant sur des passages de *Madame Bovary*, et notamment d'inédits recueillis mais biffés dans le texte définitif, la « version primitive » rassemblée par Jean Pommier et Gabrielle Leleu, on peut arriver à une cartographie de la sexualité de Flaubert où s'énonce clairement sa jouissance, dans une véritable théorie du fantasme qu'élabore Sartre en quelques pages. Flaubert se constitue comme femme passivement violée par un femme active. C'est lui la proie et elle le prédateur, comme en témoignent les rapports « pervers » entre Emma et son deuxième amour : « Quand elle va faire l'amour avec Léon, le chasseur c'est elle » (SARTRE, 1971-1972, p. 710). Sartre commente le moment où Emma « se déshabille brutalement, comme un mâle », qui fait que « Flaubert se glisse en elle, pour s'admirer et rêver de l'abandon futur ». Le moment où elle se regarde a été supprimé, parce que ce « reflet prometteur serait trop accusé ». Sartre conclut que Gustave « est à la fois, dans cette scène, l'homme qui se déshabille, la femme vampire qui s'admire », après « s'être mise nue » (car la brutalité du déshabillage peut être aussi vécue — irréellement — comme mise à nu par un autre) et la jeune victime déjà nue, qui attend passivement les caresses » (SARTRE, 1971-1972, p. 711). Cette surdétermination de la mise à nu nous renvoie à un jeu complexe de miroirs et d'interversion des rôles. Là résiderait, selon Sartre, « l'importance croissante de l'imaginaire ». Et la perversion. « Ce que cherche Léon dans Emma, c'est la satisfaction de ce qui est devenu *son vice*, le désir de se rêver femme sous des caresses de femme. » (p. 711) Ce désir de changement de rôle et d'état physique ne va pas sans un changement de sensations, de perception, comme ce qui se passe lorsqu'on essaie de rentrer — certains artistes contemporains le font — dans une conscience animale. Sartre pointe les désirs de femme enceinte d'Emma, saveurs salées ou épicées, odeurs de brûlé pour expliquer son devenir-homme, l'installation de ses « désirs d'un autre en elle ». Dès lors, le couple se fissure, chacun allant à la recherche de son désir où se révèle, selon le texte de Flaubert « quelque chose d'extrême, de vague et de lugubre, qui semblait à Léon se glisser entre eux, subtilement, comme pour les séparer ». Sans s'orienter vers une interprétation freudienne, en rapport avec la théorie du phallus, l'analyse se recentre sur l'imaginaire, qui est pénétration et fissure tout à la fois. Sartre conclut sur ces étranges rapports sexuels qui combinent à la fois les jeux de rôle et l'attente du pour-soi désirant à une impossibilité de rencontre et de fusion, puisque la machine désirante s'alimente elle-même de son propre fonctionnement individuel : « Ainsi le couple Emma-Léon — hermaphroditisme double — reproduit le désir fondamental de l'enfant Gustave et son inquiétude devant l'impossibilité de faire coïncider dans la jouissance sexuelle le sujet vague et fuyant qu'il est pour soi avec l'objet net et précis — mais hors d'atteinte qu'il est pour autrui » (SARTRE, 1971-1972, p. 712).

S'appuyant sur la vie réelle de Flaubert, Sartre évoque les souvenirs de Kuchouk-Hanem, cette belle courtisane égyptienne, rencontrée à Esneh, qui lui fit, avant de lui faire l'amour une danse déshabillée, seulement vêtue d'un tarbouch, qu'elle enlève progressivement. C'est cette femme « irréaliste » que veut voir Sartre, dans l'imaginaire flaubertien, dont Gustave espère, retourné en Europe après un deuxième passage à Esneh, garder l'image. À propos de sa nuit avec Kuchouk-Hanem, Flaubert avait écrit dans sa correspondance, phrase reprise par Sartre (SARTRE, 1971-1972, p. 607) : « J'ai passé la nuit dans des intensités rêveuses infinies » (Lettre à Louis Bouilhet du 13 mars 1850). S'appuyant sur d'autres confidences, concernant des bordels visités sans avoir consommé, Sartre remarque que pour Flaubert l'image irréaliste de la femme ou de la scène, vaut mieux que la réalité. De là, son « abstention très préméditée », son abstinence, partielle, même avec la Muse, avec laquelle il mettra toujours des distances. Quand il revoit Kuchouk-Hanem, l'effusion physique est moins forte, mais il s'imprègne bien d'elle pour en conserver le souvenir : « Je l'ai regardée longtemps afin de bien garder son image dans ma tête » (lettre à Bouilhet du 2 juin 1850, reprise par Sartre). Ce travail de la réminiscence déporte le sujet vers un ailleurs qui le situe dans l'irréel. En somme, les désirs seront satisfaits sur le schème de réminiscences masturbatoires. « Gustave est voué à l'onanisme par son entreprise même de faire retotaliser en chair sa passivité constituée. » (SARTRE, 1971-1972, p. 714).

De là nous en venons au thème du fétichisme que Sartre extirpe de fragments inédits de *Madame Bovary*. Car en effet, l'objet réel dans son désir est toujours un intrus : « le partenaire est un gêneur », dit Sartre (p. 715). Cette irréalité se croise avec son sadisme, un sadisme passif, seulement imaginé. À partir des fragments inédits de la version primitive réunie par Pommier & Leleu, Sartre reconstitue le mécanisme désirant de Flaubert : 1) le regard se fait à l'insu du regardé ; 2) le rayonnement de la figure prédomine comme une icône, que le sujet réel ne peut que déranger et dont il préconise l'absence ; 3) la recherche d'un substitut (épisode du tapis d'Emma) est préféré à la figure réelle. L'image mentale étant insuffisante, il ne reste plus qu'à recourir au fétiche, après des tentatives de fétichiser Charles et la fille d'Emma, l'opération s'effectue en la figure d'un gant. Notons que le gant a une importance considérable déjà dans la pensée surréaliste, à commencer chez André Breton, notamment dans *Nadja* où l'on voit la photo d'un « adorable leurre qu'est, au Musée Grévin, cette femme feignant de se dérober dans l'ombre pour attacher sa jarretelle » de ses mains gantées, statue dont on nous dit qu'elle a des yeux, « ceux mêmes de la provocation ». Mais l'intention est différente chez Sartre de celle affichée dans le surréalisme. Le gant chez Flaubert n'y est ni une épure ni une enveloppe vide. Dans un passage inédit recueilli dans la version Pommier & Leleu, Léon trouve un gant d'Emma qu'il réussit à subtiliser. Le gant dont jouit Léon a l'avantage, selon Sartre, de calquer la chair réelle, mais aussi de la déshumaniser ; et c'est lui que Léon va habiter, pénétrer de quatre doigts, et « enfiler » nous dit Sartre. Il s'agit, du point de vue du fétichiste, « au lieu de chercher partout la trace du travail ou d'une caresse, [de] voler l'inerte effigie de la main qui fait l'un et l'autre, s'emparer du symbole passif de l'activité » (p. 718). Suit une longue description par Sartre de cette interprétation masturbatoire s'appuyant sur le fragment de la version primitive.

Sartre se réfère ici à une « interprétation freudienne » du fétichisme, vu à la fois comme incarnation et négation du phallus maternel. Rappelons l'hypothèse freudienne. Freud (1927,

p. 133): « Je vais certainement décevoir en disant que le fétiche est un substitut du pénis » (p. 133). Et il ajoute quelques lignes plus loin : « Je dirai clairement que le fétiche est le substitut du phallus de la femme (la mère) auquel a cru le petit enfant et auquel, nous savons pourquoi il ne veut renoncer » (p. 134). À n'en point douter, l'analyse sartrienne est fidèle à Freud, en étendant seulement le pénis de la mère au pénis de toutes les femmes. Le mécanisme complet de la relation amoureuse chez Flaubert se met en place :

Il lui est aisé de passer du rire qui est un viol de ses sentiments par Achille-Cléophas au trouble qui est, à ce qu'il s'imagine, un viol de sa féminité secrète par un mâle (le double sexuel du praticien-philosophe), alors qu'il se rêve femme étreinte par un homme faute de connaître son envie secrète d'être un homme passif et violé par une femme » (SARTRE, 1971-1972, p. 721).

Ce thème du fantasme du viol reviendra en maints endroits, notamment en ce qui concerne les rapports avec Louise Colet. Mais cette théorie du fantasme n'est pas si freudienne, malgré la volonté affichée : elle se donne dans une attitude d'ensemble qui se situe du côté de l'imaginaire, où il s'agit pour l'enfant, puis l'adulte de se constituer en chair féminine, cela demandant une projection dans l'imaginaire d'un être autre que le géant qu'il est. Or chez Freud ce double fantasmagorique ou fantasmé n'est jamais un dépassement, une projection, mais un retentissement récurrent, posture involontaire et névrotique, ce qui ne semble pas être le cas chez Flaubert, puisque le mécanisme est décrypté, dénoncé, vécu dans le trouble et le fantasme. Il ne semble pas non plus que Flaubert ait souffert de cette sexualité, ni même que ce penchant soit exclusif d'autres types de sexualité. Les rapports avec d'autres femmes, les prostituées, avec la gouvernante anglaise de sa nièce Caroline notamment, apparaissent autres. L'antipsychiatrie pourrait aussi offrir une autre entrée, comme une des clés de l'analyse de Sartre, le père-chirurgien servant de repoussoir aux formes familiales autoritaires qui déterminent l'orientation sexuelle et l'érection du fétiche, et aussi la séquestration que s'impose Gustave dans sa demeure de Croisset. L'analyse de Sartre concernant Kuchouk-Hanem, et l'allusion au couple Matho-Salammbô, témoignent de cette prise de distance imaginaire avec l'objet de son désir, par l'image orientale qui l'éloigne de ses origines et « mœurs de province », comme le couple domestique qu'il joue pour une nuit avec cette courtisane endormie près de lui.

## 6. L'Anti-autobiographie

Comme on le voit notre « célibataire », sous le spectre de l'imaginaire, s'affiche et se décline en figures différentes qui, comme chez Duchamp, échantent et travestissent les rôles entre masculin et féminin. En cela l'analyse de Sartre se décale considérablement du Flaubert vécu, sans aucun doute machiste, pour dessiner un autre personnage, ambivalent, travaillé par la bisexualité et le masochisme. De sorte que le texte de *L'Idiot de la famille* relève moins d'une biographie que d'un traité philosophique où s'affirment et s'approfondissent fantasme, fétichisme, travestissement, transsexualité... En somme une mise en place préfigurant trois décennies avant la lettre une *esthétique queer* au lieu et place d'une analyse psychanalytique classique, dominée par une

théorie du primat du phallus. Tout cela est produit par une fine analyse textuelle des lettres ou inédits de Flaubert qui risquerait de passer inaperçue à la simple énumération de biographèmes.

La notion d'interprétation ou d'herméneutique se pose à partir de ces analyses sartriennes. La démarche de Sartre étant à ses débuts phénoménologique, le volet herméneutique s'y greffe dans cette théorie du fétiche. Mais Sartre prend soin de s'écarter de toute interprétation symbolique (à l'inverse des surréalistes), comme de la vision énergétique de la pulsion telle qu'elle s'exprime dans le travail du rêve. Le fétichisme suppose une construction projective, ou à tout le moins une recherche d'objets disponibles à l'investissement libidinal. Reste à savoir si le scripteur herméneuticien ne se trouve pas lui-même investi dans cette recherche d'objets et ce dédouanement de la responsabilité maternelle. Sartre nous dit que Flaubert « n'a jamais tenu sa mère pour responsable de sa passivité constituée (SARTRE, 1971-1972, p. 721), renvoyant à la « malédiction paternelle » la cause de la tendance fétichiste. Sartre était-il exposé au même risque de « passivisation » ? Il semble que oui, Sartre n'étant pas un adepte de la virilité. Orphelin, que doit-on en conclure, quant au rôle du père absent et de son substitut le grand-père Karl, et quant à la responsabilité de sa mère ? Faute d'éléments probants apportés par *Les Mots*, on doit laisser la réponse au suspens. Et c'est sans doute ce que Sartre souhaite, décalant toujours ses analyses vers d'autres sujets, lui-même écartant son moi vers une probable mais impossible description.

Il semble ainsi que les images du sujet sous l'analyse ne soient que des pliages d'ombres. Les esquisses s'y déploient et s'y rétractent pour laisser la place à d'autres possibles, mais aucun concept n'assigne un sens, *le Sens*. Récit de vie, confession, psychanalyse : impossibles, même quand on s'approche au plus près. Et de fait aussi, autobiographie impossible. Sartre n'a jamais écrit une autobiographie. Il écrit sur des figures, familiales, amicales, fragment de vécu qui s'érigent et disparaissent ; il écrit sur une bibliothèque immense qu'il n'a jamais lui-même pu constituer, qu'il a cent fois commencée et dispersée. Les structures sérielles l'engagent dans ce récit impossible, trop vaste pour être énoncé, dont le style est une suite d'oxymores qui détruisent pas à pas ce qui s'énonce. Tout doit rester dans l'alliance des mots impossibles, leur rigueur d'apparat, quand le fond vertigineusement sombre dans l'indécis. La grand-mère « ne croyait à rien ; seul son scepticisme l'empêchait d'être athée. » « La Comédie du Mal se jouait contre la Comédie du Bien. » « Par torsion et plissement combinés, je décomposais mon visage ; je me vitriolais pour effacer mes anciens sourires. » Il y a cent formules du genre, où les religions, les idées, les postures s'effritent, tombent dans la contradiction, l'incertitude, l'insincérité, le renversement, le reniement. *Les Mots* sont un texte pour désapprendre, pour dé-dire, pour se dés-affirmer.

Ce qui différencie *Les Mots* de *L'Idiot de la famille*, c'est moins le niveau d'écriture que le niveau d'analyse : l'interprétation dans le « Flaubert » dénoue ce que le style des *Mots* gardait fermé comme un poing. Le rapport à la Mère et au *pater familias* est longuement interrogé, comme une des clefs du devoir-être. La passivité est-elle une philosophie, ou plutôt un art de vivre, plus apte aux caresses, reçues, données, au tactile, une sorte de philosophie du toucher, pré-derridienne ou Jean-Luc nancyenne ? Qu'est-ce que le rapport sexuel, lorsqu'il n'est pas toucher intime, pour Gustave qui fut dans son éducation sevré de caresses ? La caresse est l'horizon du manque où se profile l'herméneutique sartrienne. En même temps que ce manque signifie la non-limite



des corps, leur é-loignement comme limite à atteindre dans l'imaginaire. Cette non-limite nous plonge dans l'espace indisable, non atteignable par le langage, vers quoi le roman s'infléchit. En quoi ? Confidences ? Poésie de l'effleurement et du trouble ? De l'inarticulable du « vieux fond » que Sartre pointait dans sa préface ? Lévinas dit (cité par DERRIDA, 2000, p. 108) : « Toute passion, elle compatit à la passivité, à la souffrance, à l'évanescence du tendre. Elle meurt de cette mort et souffre de cette souffrance. » C'est tout cela ensemble que la toile de *L'Idiot de la famille* essaie de tendre, comme un espace d'éclairement, cherchant les ombres et les contrastes, les articulations possibles, les mécanismes du Sujet, d'un sujet propre, mais qui vaut pour tous les individus, tous les sujets. L'œuvre de Flaubert, par-delà ses amours, c'est sa passion, sa souffrance et sa mort, son lent suicide... Car l'écriture de l'indicible a accointance avec la mort.

Ainsi le « Flaubert », luttant contre la mort, est-il cet enfant-là, un fruit de la descendance, trop bien nourri, proluxe, né hors union, ou plutôt qui unit et unifie tous les fragments de ce corps éployé sans organes, une œuvre non de chair mais de ramures qui s'ouvrent dans l'éventail de leur probable/improbable réunion.

## CONFLIT D'INTÉRÊTS

L'auteur déclare qu'il n'y a aucun conflit d'intérêt à l'égard de la recherche.

## RÉFÉRENCES

DERRIDA, Jacques. **Le Toucher**. Jean-Luc Nancy. Paris : Galilée, 2000.

FLAUBERT, Gustave. **Œuvres de jeunesse**. La Pléiade, Paris : Gallimard, 1990.

FREUD, Sigmund. Le fétichisme. *In* : **La vie sexuelle**. Paris. Presses Universitaires de France, 1927.

SARTRE, Jean-Paul. **Les mots**. Paris : Gallimard, 1964.

SARTRE, Jean-Paul. **L'Idiot de la famille** : Gustave Flaubert de 1821 à 1857. Paris : Gallimard, 1971-1972, 3 tomes.

SARTRE, Jean-Paul. Saint Marc et son double. Le séquestré de Venise. Inédit. *In* : **Obliques**, n° 24/25, Sartre et les arts (éd. Michel Sicard), Editions Borderie, Nyons, 1981, p. 171-202.



# Mário Jorge, um poeta inquieto: do silêncio ao grito

Katherine de Albuquerque Mendonça

Universidade Federal de Sergipe, Sergipe (SE), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5583-688X>

E-mail: [katherinealbuquerque7@gmail.com](mailto:katherinealbuquerque7@gmail.com)

Alexandre de Melo Andrade

Universidade Federal de Sergipe, Sergipe (SE), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8467-607X>

E-mail: [alexandremelo06@uol.com.br](mailto:alexandremelo06@uol.com.br)

## RESUMO

Neste texto, investiga-se o fazer poético do escritor sergipano Mário Jorge no que diz respeito aos seus trânsitos literários, partindo do entendimento de que o poeta dialoga com diferentes movimentos artísticos. Assim, a leitura que se faz aqui do autor parte do pressuposto de que seus movimentos poéticos são, na verdade, reflexos da inquietude do sujeito. Nesse sentido, faz-se um recorte de cinco poemas dos livros *Cuidado, silêncios soltos* (1993) e *De repente, há urgência* (1997), com o propósito de, mediante análise e interpretação dos textos poéticos, identificar os momentos que definem o percurso de inquietude do poeta, tratando-os como um processo de transição que vai do silêncio ao grito, sem deixar de mencionar as fases de crises e autorreflexões. Partindo, então, desse escopo, o texto contempla de forma simbólica o que representa o silêncio, o grito e a inquietude no sujeito poético, à medida que perpassa pelos trânsitos literários do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia contemporânea; Mário Jorge; Trânsitos literários; Inquietude.

## Mário Jorge, a restless poet: from silence to scream

### ABSTRACT

In this text, the poetic process of Mario Jorge, Sergipean writer, is investigated regarding his literary interactions, assuming that the poet interacts with different art movements. Thus, the reading about the author is carried out on the assumption that his poetic movements are actually a reflection of the individual's restlessness. In this way, a selection of five poems is made from the books *Cuidado, silêncios soltos* (1993) and *De repente, há urgência* (1997) with the purpose of identifying the moments that define the poet's restlessness moments through the analysis and interpretation of the poetic texts, seeing those moments as a transition process that comes from silence to scream, not leaving the self-reflection and crisis phases behind. Based on that scope, the text symbolically contemplates what the silence, the scream, and the restlessness represent in the poetic individual as it traverses the literary interactions of the author.

**KEYWORDS:** Contemporary poetry; Mário Jorge; Literary transits; Restlessness.



## 1. Introdução

As produções literárias no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970, assumiram um caráter autocrítico, cuja perspectiva estava centrada em questionar a função da própria arte, bem como seu sentido e sua forma. Nesse cenário, novos movimentos poético-literários começaram a ganhar força no país, tais como a poesia marginal, o poema processo, a poesia concretista, a poesia práxis, cujos poetas representantes tornaram-se alvo de estudos e pesquisas. Nomes, como Chacal, Chamie, Paulo Leminski e Dias-Pino, ganharam destaque no referido contexto, em função das suas produções de cunho reflexivo e, muitas vezes, metalinguístico, uma vez que buscavam, por meio do poema, questionar o estatuto do próprio poema, colocando-o em perspectiva.

Diante dessa realidade, alguns poetas da época passaram a transitar entre diferentes movimentos, ora produzindo poesia marginal, ora criando produtos mais característicos da poesia práxis, por exemplo. Estes grupos foram chamados *Geração de 60*, assim denominado em 1971 por Nelly Novaes Coelho.

Em 1968, na capital sergipana, foi publicado um livro intitulado *Revolução*, do escritor Mário Jorge Vieira; esse livro conferiu ao poeta o rótulo de precursor do movimento concretista no estado de Sergipe. Todavia, sem editoração, fora publicado numa edição envelope – formato e estrutura característicos do movimento de poesia marginal. Diante disso, consideramos sugerir a imagem do poeta sergipano não somente como poeta concretista, mas como um poeta da Geração de 60.

Alinhado às variadas tendências de produção da década de sessenta, o poeta Mário Jorge escreveu uma grande quantidade de poemas que, devido à sua morte precoce, apenas foram publicados postumamente em livros organizados por estudiosos e familiares. O que se vê nessas publicações, e cabe pensar a respeito, são os trânsitos pelos quais o texto poético do escritor passa, flutuando por movimentos literários diversos e revelando múltiplas facetas de um escritor inquieto.

Considerando ser esse período situado em plena ditadura militar, o movimento e sentimento de inquietude presente no texto poético do escritor Mário Jorge, e de tantos outros desse mesmo contexto, reflete e revela a realidade do sujeito poético que vivenciava os conflitos da época. Mário Jorge, por sua vez, vítima direta do regime militar, preso aos 22 anos, logo após a publicação do seu primeiro livro, por atividades subversivas, morreu em um acidente de carro cinco anos mais tarde, antes de completar 27. Filiado ao partido comunista e sendo considerado, muitas vezes, como um ‘artista’, fez dos seus poemas uma arma na luta contra as injustiças do período ditatorial. Diante desse cenário, o texto poético de Mário Jorge ganha um novo sentido, na medida em que permite ao leitor compreender os trânsitos literários como reflexo de um sujeito inquieto por seu silenciamento, em busca da liberdade por meio do grito.

Assim, partindo do entendimento do contexto e do cenário no qual o poeta sergipano estava inserido, e considerando que o sentimento de inquietude é uma condição do sujeito, cabe refletir de que maneira o texto poético revela essa condição, isto é, em que medida os poemas revelam ao leitor o sentimento de inquietude do sujeito poético Mário Jorge. Para tanto, propõe-se um caminho que perpassa, através dos textos, suas fases de silêncio e de grito.

## 2. A inquietude no percurso poético

A ideia de sujeito inquieto parte do pressuposto de uma necessidade insatisfeita. Julgando a partir daí, cabe pensar a insatisfação, pela qual Mário Jorge atravessava, na relação entre o eu e o mundo. Quando se entende que o texto poético do escritor é construído, de forma geral, girando em torno de uma estratégia para a construção de um ideal de liberdade, vê-se que, por meio dessa estratégia, ele utiliza não uma, mas diferentes formas de lidar com as técnicas e temáticas comuns ao seu período de produção. Dessa maneira, é possível refletir sobre como o fazer poético de Mário Jorge evoca uma imagem multifacetada, na medida em que se reconhecem as diferentes faces que o poeta assume na tensão entre o eu e o mundo.

Elaborando essa ideia de que a relação entre o eu e o mundo do sujeito poético é de tensão ocasionada por uma necessidade insatisfeita, cria-se a imagem de um sujeito inquieto que, por conseguinte, traçou um percurso poético marcado por essas inquietações e angústias. Considerando as imagens poéticas do vazio, da liberdade e da aflição presentes nos poemas do escritor, cabe pensar a ideia de angústia proposta por Heidegger (1979) como uma determinação ontológica que retira o mundo do homem, assim “a angústia manifesta o nada. ‘Estamos suspensos’ na angústia. Melhor dito: a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em totalidade” (HEIDEGGER, 1979, p. 40; aspas do autor). Assim, o poeta expressa, de variados modos, suas fraturas diante de um mundo que lhe é avesso.

Diante desse cenário, o que se observa sobre o sentimento de inquietude como consequência da angústia é o reflexo que se tem na construção do sujeito e do texto poético, uma vez que o surgimento da angústia move o sujeito de um suposto lugar de tranquilidade para um lugar de inquietações, onde se percebe abandonado pelo mundo. Se um sujeito imerso em um mundo coletivo percebe-se só, surge o sentimento de solidão diante da incapacidade de articulação com o todo. Nesse sentido, tem-se a percepção de que a realização do ser depende apenas do próprio sujeito, gerando um sentimento ambíguo de libertação e consciência da solidão. É possível observar essa inquietude no percurso poético de Mário Jorge, por exemplo, no poema sem título publicado no livro *De repente, há urgência* (1997):

abriu-se o silêncio  
e eu fiquei assombro  
ante o fácil fato de existir  
enquanto o pão, a carne, o leite  
sintetizam enorme privilégio.

abriu-se o silêncio  
e eu fiquei assombro  
ante a inútil paisagem de um grito  
ecoado para ouvidos surdos.

abriu-se o silêncio  
e eu fiquei silêncio

(VIEIRA, 1997, p. 10).

Os versos nos apresentam uma construção poética de três estrofes; de cinco, quatro e dois versos, respectivamente. Sem muito rigor formal, o poema parece diminuir à medida que fala do silêncio, mantendo a constância de versos pentassílabos nos dois primeiros versos de cada estrofe, isto é, cada estrofe conta com dois versos em redondilha menor. Tal construção demonstra que o poeta, ainda com seu caráter experimental, ligado à ruptura e à radicalidade, tem domínio, também, das técnicas da tradição lírica.

Na primeira estrofe, Mário Jorge, simultaneamente, dá abertura ao poema e ao silêncio, como se houvesse uma ligação intrínseca entre eles. Decorrente do silêncio, surge o adjetivo “assombro”; como consequência da angústia, a inquietude; entendendo, ainda, que as características de assombro e inquieto não configuram, necessariamente, sinônimos, mas que ambos revelam um estado de espírito comum do sujeito que se percebe diante do silêncio, busca-se entender a que se deve o sentimento de angústia revelado no texto poético.

A ideia de assombro vem justificada pelo “fácil fato de existir/ enquanto o pão, a carne, o leite/ sintetizam enorme privilégio.”. Nesse momento, Mário Jorge marca sua posição diante da realidade do mundo, pontuando as desigualdades sociais como um incômodo latente, como causa do estado de assombro e, possivelmente, do sentimento de inquietude. Com isso, cabe pontuar a reflexão que se tem não acerca do silêncio, mas do silenciamento; como manter o silêncio que se abriu diante de uma realidade desigual e em crise? Mário Jorge convoca o seu leitor à crítica social, construindo uma antítese entre silêncio e grito, a qual se evidencia na estrofe seguinte, elaborando o assombro “ante a inútil paisagem de um grito/ ecoado para ouvidos surdos”. Tem-se com isso a imagem de um poeta inquieto, que não se conforma com a condição de silenciamento à qual estava submetido, que grita a necessidade de ser ouvido, mesmo por ouvidos que não estão sensíveis para ouvir. Nessa linha, assume-se uma postura que permite à literatura dialogar com os acontecimentos e contextos de sua época, o que nos lembra Octavio Paz (1993, p. 42) ao dizer que “a arte e a literatura são formas de representação da realidade”.

Daí, portanto, pensa-se a construção de um poema como apelo. O poeta revela, no terceiro verso da primeira estrofe, uma reflexão acerca do “fácil fato de existir”, abrindo uma perspectiva existencial do eu com o mundo. Assim, é possível colocar em perspectiva a diferença entre os verbos *viver* e *existir* – o primeiro verbo marca uma postura ativa diante da vida, enquanto o segundo demonstra uma postura mais passiva. Pensando a partir da relação de tensão que o sujeito estabelece com o mundo, em função do sentimento de ter sido abandonado por ele, provoca-se um eixo poético passivo de existência e sobrevivência em um mundo onde o sujeito precisa dar conta de tudo sozinho. Isto é, a percepção da solidão causada pelo sentimento de angústia gera no sujeito a postura passiva, por meio da qual se torna fácil existir diante da dura realidade de outrem. Esse aspecto demonstra também um distanciamento entre a figura do privilegiado, que tem acesso à subsistência básica – pão, carne e leite –, e do desprivilegiado, que vê nos itens de subsistência básica um enorme privilégio.

O que cabe pontuar, ainda, é o estado de assombro, que não foi decorrente apenas do “fácil fato de existir/ enquanto o pão, a carne, o leite/ sintetizam enorme privilégio”, mas sobretudo do silêncio que se abriu diante disso. Ou seja, o poeta revela, assim, o sentimento de angústia resultante do conflito entre o desejo – integração do eu com o mundo – e a realidade – distanciamen-

to entre o eu e o mundo. O silêncio, aqui, é marcado não só como a realidade de distanciamento, mas, principalmente, ressaltando o posicionamento de indiferença entre as partes.

Na segunda estrofe, o incômodo com o silêncio de um sujeito, ainda em estado de assombro, revela a seguinte imagem poética: “a paisagem de um grito/ ecoado para ouvidos surdos.” Aqui, o sujeito reforça a ideia de indiferença no contraste entre a idealização de um mundo justo e a imperfeição da realidade. Há, nessa segunda estrofe, a revelação de uma postura mais ativa, traduzida pela tentativa de grito, a qual, apesar de ser encarada como inútil, transmite uma mudança de postura, na medida em que recusa o fácil fato de existir na realidade do mundo para gritar o seu incômodo diante dessa realidade, mesmo que esse grito seja ecoado para ouvidos surdos.

Seguindo esse caminho, a terceira estrofe, de apenas dois versos, parece regredir para a postura de passividade, como resultado da frustração do sujeito poético, em função do seu grito não ter sido ouvido. Diante do silêncio que se abriu, dentre tantas outras posturas que o sujeito poderia ter assumido, ele revela, finalizando o poema: “e eu fiquei silêncio”. Essa mudança de postura diante do mundo sugere uma compreensão do estado de inquietude do sujeito poético para a criação de mundos possíveis. Outro ponto relevante, para essa compreensão, é o uso constante do pronome na primeira pessoa, remetendo uma fala do sujeito poético sobre si e marcando, por consequência, formas de se ver e se colocar no mundo mediante as relações de tensão, solidão e angústia. Note-se que o poeta diz ter ficado “silêncio”, e não (como se esperaria) “em silêncio”, o que sugere um silêncio substantivado, transfigurado na própria figura do poeta.

Assim, levando em conta os trânsitos entre a postura ativa e passiva, as oscilações das antíteses de grito e silêncio, e a aparente progressão do poema, finalizando-o com uma espécie de aceitação e conformidade, constrói-se a imagem de inquietude no percurso poético de Mário Jorge. Dessa maneira, entendendo que o poeta criou faces de si e do mundo para lidar com sua inquietude de forma plural, cabe estruturar como esse percurso poético foi realizado, considerando de que maneira o sujeito desenvolveu-se do silêncio ao grito e em que consistem suas reflexões e trânsitos.

### 3. A poética do silêncio

A inquietude é aspecto central da obra artística e do ativismo intelectual de Mário Jorge. Quando se pensa a imagem da inquietude – poesia inquieta –, articula-se a ideia de discurso poético em seu trabalho específico com a linguagem. A arte da poesia, então, estava voltada para os aspectos formais da palavra e da expressão do eu e do mundo. A partir dessa noção de inquietude, o silêncio pode ser lido como uma das imagens poéticas em Mário Jorge. O sentimento de impotência manifestado pelo escritor diante de um mundo sem harmonia social, política e econômica são as molas propulsoras da inquietação, cuja presença não tem fronteiras. Há, nesse percurso, uma percepção de mundo que faz aparecer a realidade como ela realmente é.

Assim, considerando essa percepção do mundo real que gera no sujeito poético o sentimento de angústia em razão das desarmonias, desvela-se o silêncio como representação do vazio e do nada. Há, por outro lado, o viés do silenciamento, amplamente percebido na construção poéti-



ca de Mário Jorge, uma vez que se percebe essa dualidade de vazios nos seus poemas – o vazio causado por um silêncio como consequência do sentimento de angústia, sensação semelhante ao esvaziamento de palavras, e o vazio causado por uma impossibilidade de falar, como gesto de censura, muito comum ao contexto histórico-político no qual o poeta estava inserido. Por essa razão, a temática do silêncio tornou-se algo frequente na produção poética do escritor.

A relação dada na construção de imagem do mundo real em conflito com os desejos do eu poético, que é vista nos textos de Mário Jorge, compõe o que se concebe aqui como organização do sujeito. Mário Faustino (1977) traz a perspectiva do poema como organização do próprio poeta, considerando a necessidade de um caráter metafísico no cerne da obra poética. Também argumenta que a poesia, para além de instrumento, é construído e, por isso, articula-se entre ética e estética, sem deixar de pontuar, no entanto, que apenas a ética não sustenta um poema. Pensando a historicidade nos termos de Octávio Paz, propõe-se uma difusão de linguagem poética vinculada ao estético e ao ético, pois “o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal” (PAZ, 1982, p. 15). Pensar a poesia como forma discursiva diferente da prosa, é estar diante da proliferação contemporânea de formas. Por isso, quando se fala de ética e estética, articula-se essa relação na experiência poética.

Nesse sentido, tem-se a ideia de um sujeito que busca reconectar-se com um mundo onde os processos técnicos e temáticos são diversos, e encontra na articulação entre o campo ético e estético a via para expressar a inquietude poética. Com isso, a imagem do silêncio na poesia de Mário Jorge não só evoca as questões voltadas para as desarmonias sociais, políticas e históricas, como também avança nos princípios teóricos de processos literários, os quais traçam a realização criativa e os dilemas estéticos da época. No livro *Cuidado, silêncios soltos* (1993), tem-se o poema sem título:

silêncios de verdes prados  
nos olhos secos do amor:  
o grito se fez pecado  
no ego que sei não sou  
(VIEIRA, 1993, p. 24).

O silêncio, aqui, se percebe como busca. O que se vê é o silêncio como um interlocutor desse sujeito poético. Os elementos da natureza possibilitam o recolhimento e a comunicação cujas metáforas – “silêncios de verdes prados” e “olhos secos do amor” – estabelecem o pensamento da busca do eu – “ego”. O silêncio, no caso, não é o lugar desejado, haja vista o jogo de oposições entre “silêncios” e “gritos”. Tais oposições, diante do uso dos dois pontos, sinalizam a imagem da ponte, como diz Martin Heidegger em *Construir, habitar, pensar*, isto é, ao ligar os opostos no intuito de “ultrapassar o que lhes é habitual e desafortunado” (HEIDEGGER, 2010, p. 132), o silêncio pode tanto incorporar a opressão e o silenciamento como pode provocar a tentativa de fala. E é desse entremeio que a condição do sujeito poético, o seu tempo e a sua existência se manifestam, abrindo-se para interrogar a sua existência sem configurar uma fuga à realidade – “verdes prados”, pois, sim, é da realidade (externo) que se funda a existência do silêncio

(interno). O que há, portanto, é a busca de resolução dessas tensões: intimidade entre o interior e o exterior.

No tocante ao aparato técnico do poema, percebe-se que é um texto curto, de apenas uma estrofe, com quatro versos em redondilha maior, e que conta com um esquema rímico de rimas alternadas (ABAB). Tem-se, ainda, a presença de rimas consoantes, como é o caso das palavras “prados” e “pecado”, e de rimas toantes, com as palavras “amor” e “sou”, nas quais o efeito sonoro da rima é percebido apenas na vogal tônica – som do “o” fechado. No que diz respeito à classe gramatical, observa-se tanto a presença de rima rica, já que as palavras “amor” e “sou” pertencem a classes gramaticais diferentes, quanto a presença de rima pobre, uma vez que ambas as palavras “prados” e “pecado” pertencem à classe gramatical dos substantivos. Isso posto, cabe pontuar que Mário Jorge, vale lembrar, considerado precursor do movimento concretista em seu estado natal, revela intimidade com o artefato poético. Assim, o trânsito do poeta pode ser visto não apenas nas suas fases do silêncio ao grito, mas também na estrutura poética em relação à forma, a qual flutua entre esquema rímico tradicional e manifestação de verso livre.

Retomando a reflexão acerca da Geração de 60 e reconhecendo que, por meio do seu caráter inquieto, Mário Jorge tem um perfil que se enquadra nos aspectos dessa geração, cabe reparar, ainda, nas nuances que dizem respeito à imagem de um poeta social, aquele que constrói o poema como realidade em si. Nesse sentido, como uma poesia de restauração e revolução, a imagem é de tensão porque interpreta o objeto externo para subvertê-lo, já que “a poesia é obra da cultura: nasce e vive na história dos homens” (BOSI, 1977, p. 234).

Nessa perspectiva de poeta social, Mário Jorge imprimiu uma identidade de sujeito que não se conforma e não aceita as realidades do mundo, e fez dos seus poemas, tal qual Bosi (1977) atesta, uma obra da cultura, uma vez que absorveu as demandas e desarmonias sociais para testemunhar sua época por meio da arte. O que se observa, nessa via, é que os registros poéticos do autor, seja pelo silêncio ou pelo grito, revelam o traço crítico do poeta. Quando se trata do silêncio, é a inconformidade ou perplexidade de se estar só e mudo, uma estratégia para lidar com a angústia. Quando se trata do grito, é a necessidade de ser ouvido em um mundo regido pelo individualismo, do qual o sujeito não é parte, o que pressupõe uma estratégia para expulsar a angústia. Assim, nem sempre Mário Jorge fala explicitamente do silêncio, mas faz uso de símbolos e metáforas para que esse silêncio seja, de alguma forma, ouvido, como podemos ver neste outro poema, também sem título, do mesmo livro, *Cuidado, silêncios soltos* (1993):

pencas de sóis nesta paisagem  
fantasmas de folhas murmurantes  
aonde o vento eterno  
habita-se  
(VIEIRA, 1993, p. 72).

Quando se coloca sob a posição do silêncio, há o sujeito poético em estado contemplativo, cuja busca é o lugar que habita. Há, como imagem poética, a projeção de dentro para fora, o que demonstra a perspectiva silenciosa do sujeito. O silêncio está simbolicamente representado nos elementos da natureza – sóis, paisagem, folhas, ventos –, ligados ao estado daquilo que não



se vê – fantasmas e murmúrios. Estes recortes da paisagem, próximos da imagética surrealista, desvelam a movimentação do mundo natural, testemunhado pelo olhar silencioso do poeta.

Numa estrutura menos formal de versos livres com encadeamentos, pode-se ver um poeta assumindo uma postura mais experimental diante dos versos, uma vez que não há esquema rímico, cada verso tem sua própria quantidade de sílabas. Nesse poema, vemos um sujeito reflexivo, apresentando paisagens de inquietação – muitos sóis, folhas que murmuram, vento eterno –, as quais revelam também a inquietação dos seus versos, ora mais longos, ora mais curtos.

Por meio de símbolos que demonstram muitas vezes a inquietude desse sujeito em desassossego, os poemas de Mário Jorge refletem a angústia de uma geração inteira, tanto no que diz respeito ao fazer artístico quanto no que diz respeito à estrutura poética dos textos. A ideia do silêncio, abordada aqui como consequência de um sujeito que está distante do seu próprio mundo, é lida como uma estratégia para entender essa separação do eu com o mundo do qual ele acreditava fazer parte. Nesse sentido, o sentimento de angústia que tira o sujeito do seu suposto lugar de tranquilidade leva-o a elaborar estratégias simbólicas para lidar com um vazio que nada preenche. Esse vazio é paradoxalmente representado, nos poemas de Mário Jorge, pelo silêncio.

Diante dessa perspectiva, cabe pontuar, ainda, o título do livro, *Cuidado, silêncios soltos*, que foi publicado no mesmo ano do seu livro anterior, cujo título é *Silêncios soltos*. Ainda que essas publicações sejam póstumas (o primeiro livro foi o único que Mário Jorge publicou em vida), elas nos revelam, por meio dos seus títulos, algo que incomodava e ao mesmo tempo fazia parte da trajetória do escritor: o silêncio. Vê-se, ainda, que se trata não só do silêncio, mas de um silêncio que está solto, que precisa ser digerido de alguma forma. E para alertar sobre os perigos desses silêncios soltos, uma interjeição: cuidado! Pensando nisso, entende-se que o sujeito poético, em busca de uma forma para conviver com essa angústia, fez do silêncio uma estratégia, mas não sua única estratégia. Assim, considerando a inquietude no percurso poético do escritor, torna-se válido direcionar o olhar para os processos de autorreflexão que o levaram a assumir uma outra estratégia: o grito.

#### 4. Trânsitos e reflexões

Se o silêncio do poeta é aqui entendido como forma de conviver ou lidar com a angústia, e o grito, como uma expressão que pretende expulsar essa angústia, compreende-se, também, que o sujeito passa por reflexões que o levam a esse movimento de partir do silêncio para o grito. Cabe, então, compreender em que medida essas reflexões levam o sujeito ao trânsito. Na bibliografia literária de Mário Jorge, o que se percebe é um movimento que dá abertura à experimentação da linguagem, refletindo os limites do objeto literário e forjando uma poesia de invenção. Pensa-se um projeto de avanço estético, uma releitura da tradição moderna, uma ruptura com os parâmetros estéticos em voga que partilham da mesma tradição e, dessa forma, formula-se uma chave irônica: intersecção entre as tendências.

Essa intersecção é entendida como aspecto da inquietude de um poeta que explora as diferentes vertentes literárias, à medida que expressa a angústia do seu tempo; assim, compreender



os trânsitos e reflexões a que o sujeito está imerso é, antes de tudo, entender o seu fazer poético, no tocante aos seus aspectos de criação, desde aspectos formais até as temáticas sociais que imprimem a realidade do seu tempo.

Lendo Mário Jorge como poeta que revela, por meio de sua criação poética, uma experiência com o eu e com o mundo, criando faces de si mesmo, passa-se, agora, ao momento de reflexão, no qual o escritor apresenta sua fase de crise, demonstrando de forma mais clara a necessidade do movimento, na medida em que denuncia a realidade do mundo e do sujeito. Tem-se como exemplo dessa fase de crise o poema *Reflexões atualizadas*, presente no livro *De repente, há urgência* (1997):

Reflexões atualizadas

A indiferença à morte

É necessária.

O sentimento ao homem

É indispensável.

A luta contra a injustiça

É realizável.

A vitória nesta luta

É difícil,

É árdua,

É dolorosa.

A repulsa ao podre

O amor ao bem

O humanismo,

A razão,

A justiça,

Atualmente são pecados.

Os bons são repugnados.

A lama é proliferada.

Dia a dia, hora a hora,

A humanidade é dilapidada,

A bondade é crucificada

(VIEIRA, 1997, p. 20).

Neste poema, o próprio título abre a reflexão – uma reflexão atualizada –, como se reforçasse o movimento de reflexão como algo constante, em evolução, em atualização. Nos versos, pode-se perceber a adjetivação que é dada a cada situação apresentada – necessária, indispensável, realizável, difícil, árdua, dolorosa. Seguindo essa perspectiva, cabe, agora, observar a quais situações o sujeito poético está se referindo.

A primeira situação apresentada, da indiferença à morte, é adjetivada como necessária; e a segunda situação, referente ao sentimento ao homem, adjetivada como indispensável. Há um paradoxo presente nessas adjetivações, uma vez que se o sentimento ao homem é apresentado como indispensável, a indiferença à morte não deveria existir, muito menos ser necessária. Esse

paradoxo nos revela a crise do sujeito: o desejo de que o sentimento ao homem não seja dispensável, em contraste com a indiferença à morte. Diante disso, o sujeito apela para uma ação, a luta, que, segundo ele, é realizável. No lugar de adjetivos mais enfáticos, como “necessária”, “fundamental”, “indispensável”, “urgente” etc., o sujeito opta pelo adjetivo “realizável”, que não demonstra a luta como ação que será feita, mas como ação que pode ser feita. Diante dessa postura, os versos seguintes surgem como uma espécie de justificativa da postura passiva assumida pelo sujeito – vencer na luta contra as injustiças é difícil, árduo e doloroso. Dessa maneira, o sujeito parece se colocar em reflexão, à medida que pensa se vale a pena enfrentar essa luta que trará dor mesmo diante do sentimento ao homem que é, para ele, indispensável.

No tocante à poesia, Eliot (1991, p. 33-34) alega que “[...] no decurso do tempo, ela produz uma diferença na fala, na sensibilidade, nas vidas de todos os integrantes de uma sociedade, de todos os membros de uma comunidade, de todo o povo.” Esse argumento leva à compreensão de que os poetas podem, direta ou indiretamente, se aproximar de suas comunidades, em busca de diálogos com o leitor. Por esse viés, o poeta passa a ser lido apenas como uma parte da criação poética e o leitor, como a outra parte, sendo o leitor convocado a participar dos processos de composição e criação literária. Assim, Mário Jorge parece convidar o seu público leitor a fazer parte desse processo e, por consequência, fazer parte da ação, da luta, de tal forma que ela deixe de ser apenas realizável e transite rumo a uma adjetivação mais ativa.

Esse poema-apelo transmite, também, a angústia da ausência do coletivo, da percepção de um sujeito separado do seu mundo e, por essa razão, evoca uma luta contra as injustiças e contra a indiferença. Entendendo a luta como movimento coletivo, mais uma vez, pode-se perceber a necessidade do sujeito de fazer parte do mundo, revelando sua angústia como consequência de se perceber só, no silêncio e no vazio. E, assim, por meio das reflexões, transita para um outro lugar, no qual se utiliza do grito como tentativa de expulsar o sentimento de angústia e solidão.

Seguindo pelos versos do poema, percebe-se, também, uma mudança de ritmo, pois se antes a preocupação era em adjetivar, agora a preocupação está mais centrada em situar e dar nome às situações – “A repulsa ao podre/ o amor ao bem/ o humanismo/ a razão/ a justiça”. Diante das substantivações, o sujeito provoca, novamente, pautas coletivas, tais como o amor, a justiça e o humanismo. Há, em seu momento de crise, um sinal de percepção que tira o sujeito do seu lugar de silêncio e o transporta para um lugar de necessidade de falar, necessidade de dar o nome, necessidade de adjetivar. E, a partir daí, as informações passam a ser captadas de forma mais rápida, uma vez que os substantivos e adjetivos assumem lugar no mesmo verso – “Os bons são repugnados”, “A humanidade é dilapidada”, “A bondade é crucificada”.

Essa mudança de fluxo que é dada no poema revela, também, a mudança de posição do sujeito. A ideia de que os bons são repugnados e a bondade é crucificada evoca, tanto no sujeito quanto no leitor, o sentimento de indignação diante de um mundo injusto que valoriza o ruim e despreza o bom; esse sentimento gera, por consequência, o desejo da luta, atraindo o movimento de trânsito do individual para o coletivo, do sujeito só para o sujeito como parte do mundo.

Os versos que concluem o poema (“A humanidade é dilapidada/ A bondade é crucificada”) trazem uma perspectiva de autorreflexão e autocrítica. Se a humanidade está sendo dilapidada, ou seja, desgastada ao extremo, cabe a intervenção do coletivo. A imagem poética que a dilapi-

dação evoca no leitor é interessante, uma vez que o trabalho de lapidação é uma técnica utilizada para modelar pedras preciosas. Tem-se, portanto, a imagem da humanidade associada à do diamante; entretanto, em vez de estar sendo modelada, a humanidade está sendo desgastada. Daí, fecha-se o poema com o verso final “A bondade é crucificada”, afirmando que a parte boa da humanidade está sendo, mais do que desgastada, crucificada. Este verso evoca a imagem de um Cristo bondoso, como o das religiões ocidentais, que morreu pregado numa cruz, para pagar pelos pecados do coletivo.

Assim, a reflexão trazida pelo poema *Reflexões atualizadas* traz sobretudo o momento em que o sujeito se percebe inquieto diante da angústia de não fazer parte do mundo, assinalando o seu medo da solidão. Evoca, para tanto, um humanismo, sugerindo também “A repulsa ao poder/ O amor ao bem”. Diante disso, o sujeito poético evidencia sua inquietude por meio das reflexões atualizadas, as quais culminam no trânsito do vazio para a ação, do silêncio para o grito.

## 5. O grito

Como a imagem do silêncio foi entendida como estratégia para lidar com a angústia de um sujeito em solidão, pensa-se agora sobre a representação do grito na poética de Mário Jorge. Já foi dito e percebido, aqui, o viés social que o poeta tem, principalmente considerando sua experiência pessoal frente ao regime ditatorial que o país enfrentava no seu período de produção, levando-o, inclusive, à prisão. Seu caráter crítico-político também já foi constatado, pontuando, ainda, que o poeta fora filiado ao partido comunista brasileiro. Diante disso, e partindo dos trânsitos e reflexões que levaram o poeta ao momento do grito, vê-se Mário Jorge em sua outra faceta: clamando por ação.

Consoante os estudos de Octávio Paz (1993, p. 57), “a poesia [...] busca a interseção dos tempos, o ponto de convergência. Diz que entre o passado esmaecido e o futuro desabitado, a poesia é o presente.” Ao direcionarmos o olhar para a poética de Mário Jorge, é possível perceber traços do presente; sua obra é, ainda, atual. Apesar de estarmos tratando de obras que se separam do presente em metade de um século, é fácil visualizar nelas traços que refletem a sociedade contemporânea. Por essa razão, Paz (1993) trata a construção poética como uma reconciliação entre passado, presente e futuro, visto que se tem “a imaginação encarnada num agora sem datas” (p. 57).

A partir dessa concepção de poesia engajada que reflete a realidade intemporal, tem-se a imagem do sujeito fazendo uso do grito como estratégia para expulsar a angústia da solidão. Pode-se inferir, ainda, que isso é feito a partir do movimento de tornar-se parte de uma pauta coletiva. Assim, entrar para uma luta contra as injustiças e desarmonias da sociedade, da economia e da política faz do sujeito parte de um todo, parte do mundo do qual não acreditava mais ser integrante. Dessa forma, o poeta denuncia a realidade, à medida que transita do silêncio para o grito.

Ainda que o grito apareça de modo latente e possa ser compreendido como ação do sujeito no mundo para liquidar suas atrocidades, podemos compreendê-lo de forma mais ampla, como a própria poesia a ressoar num mundo de sensibilidade e justiça comprometidas. Marcos Siscar



– poeta e crítico, estudioso dos movimentos de vanguarda no Brasil – propõe que se pense a resistência da poesia e a resistência à poesia; para tanto, diz que “A poesia *suporta*, ela explicita o drama da resistência, o drama do descompasso entre o que se almeja e o que se tem, entre o que se julga e o que se pode ver. Poesia é o suporte que resiste ao apagamento do insuportável, isto é, do intragável e do fascinante, a tudo o que não se pode resistir” (2016, p. 209).

Quatro anos após a publicação dos livros *Silêncios soltos* e *Cuidado, silêncios soltos*, tem-se a publicação da sua penúltima obra póstuma, *De repente, há urgência*. Esse último livro tem um poema como abertura que em seu primeiro verso diz: “Há urgência em mudar o panorama” (VIEIRA, 1997, p. 9). Desde o primeiro momento da obra, o sujeito poético revela sua proposta de subverter a lógica tradicional para mudar o panorama, o que só é possível através da luta. Diante disso, o poema selecionado para representar esse último movimento do trânsito do poeta faz parte também desse livro:

Nos dedos  
 (tentáculos de urânio)  
 nas mãos  
 (rios de sangue)  
 nos braços  
 (garras da fome)  
 do monstro  
 (nascido na extorsão)  
 aurora, paz, porvir, etc.  
 qualquer palavra  
 qualquer  
 o importante  
 é ação  
 (VIEIRA, 1997, p. 12).

No poema, a imagem de um monstro é apresentada. Um monstro que possui braços, mão e dedos – estrutura física do ser humano –, mas acrescenta a ele elementos que não são comuns ao homem, tal como os tentáculos, criando a figura de uma espécie diferente de qualquer criatura antes conhecida. Elaborar ainda a situação que gerou a existência desse monstro: a extorsão.

Entende-se a extorsão como ação de ameaça, envolvendo violência, e foi nesse solo de violência que o monstro em questão nasceu. A ideia de monstrosidade apresenta, em suas partes, tentáculos de urânio, rios de sangue e garras de fome. Nesse caso, buscando uma reflexão acerca dos tentáculos, os quais aparecem em grande quantidade em alguns animais, vê-se a imagem de um monstro com grande alcance, pois há nele tentáculos, braços, mãos, dedos e garras. Nesses tentáculos, a presença do urânio evidencia, mais uma vez, o traço da violência, uma vez que se trata de um elemento natural radioativo muito utilizado em indústrias bélicas, inclusive nas famosas bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial.

Direcionando a perspectiva para os rios de sangue nas mãos do monstro, imagem novamente associada à violência, pode-se pensar um cenário de guerra que remete a essa paisagem de rios de sangue, atribuída à morte. A ideia de sangue nas mãos remete à atribuição de culpa, como

se o sujeito poético denunciasse o dado monstro como culpado pela morte do coletivo. Em se tratando ainda dos elementos apresentados como partes desse monstro, tem-se as “garras da fome” em seu braço, o que remete à imagem da fome coletiva, realidade de muitos no Brasil, no período de violência do regime ditatorial. Essas garras, ao que parece, não são do monstro, mas das marcas deixadas em seu braço pelos sujeitos que, em desespero, imploravam por alimento.

A imagem central do poema, como se vê, é o monstro. Pensar essa imagem na esteira de José Gil (2006), é partir do pressuposto de que ela revela mais do que é visto, ou seja, uma vez diante da exibição da deformidade, o monstro revela a sua aberração, pois, “[...] ao revelar o que deve ser oculto [...]” (GIL, 2006, p. 79), um corpo não codificado devora os signos da linguagem e provoca angústia no ser cultural. Assim, com seus tentáculos, os monstros se proliferam, ou melhor, com isso, a humanidade transforma a si mesma e modifica a sua história e natureza.

Diante da situação apresentada, entende-se a figura do monstro como símbolo de poder, uma vez que a ele é atribuída a responsabilidade pela violência, pela fome e pelos rios de sangue dos sujeitos. Esse poder, por sua vez, pode ser lido como simbologia do sistema, que se organiza de forma desigual, injusta e desarmônica, o que justifica não só o descontentamento do coletivo, como a angústia do sujeito poético. Para tanto, e como único meio de resolução da situação, evoca-se a ação. Entende-se o grito, então, como ação – estratégia para expulsar a angústia e não mais se silenciar. Só a partir dessa circunstância de grito é que o sujeito atingiria a paz e a aurora que estão por vir. Os versos “qualquer palavra/ qualquer” provocam um lugar de que os gestos não correspondem apenas às palavras desejadas, mas também à ação; é a palavra-ação impulsionada pelo reconhecimento da monstruosidade – “extorsão”.

Nesse sentido, o que se pode ver nos trânsitos do sujeito poético é a inquietude não como fruto do silêncio ou do grito, mas esses elementos como evidência de um poeta inquieto, em função da sua condição de angústia. Percebe-se, então, que se, por um lado, o poeta busca no silêncio uma estratégia para lidar com o sentimento de solidão, por outro, busca, por meio do grito, se libertar desse sentimento. Assim, os trânsitos do silêncio ao grito são vistos em suas fases de crise e reflexão, nas quais o poeta assume a postura crítica ante a realidade do mundo e revela a condição de não aceitação, transitando, também, da postura passiva para a postura ativa. Dessa forma, entender esses elementos do sujeito poético é, antes de tudo, entender sua elaboração poética, uma vez que o ritmo dos seus poemas transita na mesma proporção dos sentimentos e sentidos expressos pela poesia. Afinal, poeta inquieto, poesia inquieta.

## Considerações finais

No contexto da poesia das décadas de 60 e 70, os grupos experimentalistas abriram frestas para inúmeros virtuosismos de linguagem a serem absorvidos pelas gerações contemporâneas, ao passo que refletiram, em larga medida, a rasura estabelecida entre o eu e o mundo diante da opressão política e das desigualdades sociais. Mário Jorge, bastante conhecido em seu estado natal (Sergipe), e ainda de pouca projeção nacional, revela uma sensibilidade poética que integra estas vertentes, transitando do Concretismo ao Poema-Práxis, do Poema-Processo à reelabora-



ção dos versos da tradição, mas sempre empenhado na projeção dos dramas sociais e políticos de seu tempo.

Ao tratarmos do silêncio e do grito na obra do poeta, intentamos demonstrar o aspecto central de sua obra, fundamentado na fissura entre o eu e o mundo, entre a consciência poética e a indiferença social, entre a sensibilidade poética e a realidade opressora. Tendo se engajado nos movimentos sociais – o que também o aproxima do perfil dos artistas da época –, estreitou o vínculo entre a literatura e a sociedade. Oscilando entre o silêncio esmagador e o grito revolucionário, Mário Jorge ratificou as grandes tendências da poesia da Geração de 60, inclusive refletindo, em clave metalinguística, sobre o potencial transformador da poesia.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Os autores participaram de todas as etapas de produção do artigo: pesquisa, discussão e escrita – rascunho original, revisão e edição.

## FINANCIAMENTO

A pesquisa recebeu financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cadastrado sob o processo nº 88887.836808/2023-00.

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

COELHO, Nelly Novaes. **Carlos Nejar e a geração de 60**. São Paulo: Saraiva, 1971.

ELIOT, Thomas Stearns. A função social da poesia. In: ELIOT, Thomas Stearns. **De poesia e poetas**. Tradução e prólogo por Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 26-37.

FAUSTINO, Mário. **Poesia-Experiência**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

GIL, José. **Monstros**. Tradução por José Luiz Luna. Lisboa: relógio d'água editores, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 6.<sup>a</sup> ed. Tradução por Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 125-141.

HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** Tradução por Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. Tradução por Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.



PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução por Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SISCAR, Marcos. **De volta ao fim: o “fim das vanguardas” como questão da poesia contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

VIEIRA, Mário Jorge. **Cuidado, silêncios soltos**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

VIEIRA, Mário Jorge. **De repente, há urgência**. [s. ed.].

VIEIRA, Mário Jorge. **Revolução**. [s. ed.].



# Inscrição poética e epitáfio: representação e aprofundamento metapoético a partir de Jorge de Sena e Ruy Belo

Francisco Saraiva Fino

CEL – Universidade de Évora, Portugal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9781-438X>

E-mail: [fmsfino@gmail.com](mailto:fmsfino@gmail.com)

## RESUMO

“Every poem an epitaph”, o célebre verso de T.S. Eliot de “Little Gidding”, desvela-se num sentido proposicional interrelativo de dimensões que se foram instituindo enquanto objetos privilegiados de meditação por parte do autor de *Four Quartets* (1941), entre os quais o tempo, o sujeito e a palavra poética. Como forma poética e gênero em cujo objeto perpassa a temporalidade como valor, o epitáfio cedo se deslocou do âmbito referencial para reclamar com a elegia (mas também com a sátira) a memória poeticamente condensada do ser em desafio com o tempo. Entre o epitáfio e a morte, há a considerar a tensão e resistência do discurso ao apagamento do sujeito no tempo, tópico que a modernidade releu e multiangularizou esteticamente em experiências criativas, como a fragmentação, a heteronímia ou a impersonalização. Nestas, o discurso poético frequentemente se autorreflete na sua condição instável, vivida entre a experiência do sujeito e a irredutibilidade a essa mesma experiência. Como *sobre-vivência*, o sujeito participa desta instabilização em posições que, em alguma poesia contemporânea, a par de releituras mais comuns do epitáfio como homenagem ou *in memoriam*, se apresentam como experiências pertinentes no âmbito da (auto)representação, a que por vezes se coadunam reflexões de estatuto metapoético. Este artigo propõe dar conta destas condições e experiências através da reflexão sobre alguns poemas-epitáfios de Jorge de Sena e Ruy Belo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito; Representação; Epitáfio; Jorge de Sena; Ruy Belo.



## Poetic inscription and epitaph: representation and metapoetic deepening from Jorge de Sena and Ruy Belo

### ABSTRACT

“Every poem an epitaph”, the famous line by T.S. Eliot’s “Little Gidding”, reveals itself in an interpellative propositional sense, claiming dimensions that were instituted as privileged objects of meditation by the author of *Four Quartets* (1941), such as time, subject and poetic word. As a poetic form and genre whose object pervades temporality as an important value, epitaph soon moved from the referential scope to claim, with elegy (but also with satire), the poetically condensed memory of the being in defiance of time. Between epitaph and death, we must consider tension and resistance of discourse to the erasure of subject in time, which modernity has reread and aesthetically multiangularized in creative experiences such as fragmentation, heteronomy or impersonalization. In these, poetic discourse is often self-reflected in its unstable condition, lived between the subject’s experience and irreducibility to that same experience. As *sur-vival*, the subject participates in this instability in positions that, in some contemporary poetry, along with more common re-readings of epitaph as homage or *in memoriam*, are presented as relevant experiences in the scope of (self)representation, to which reflections of metapoetic status are sometimes combined. This article proposes to account for these conditions and experiences through reflection on some epitaph-poems by Jorge de Sena and Ruy Belo.

**KEYWORDS:** Subject; Representation; Epitaph; Jorge de Sena; Ruy Belo.

## 1. Introdução

Iniciamos este texto sobre o epitáfio e a inscrição do sujeito no poema com uma breve reflexão, a partir de ideias sugeridas pela leitura de quatro versos de “Little Gidding”, a conhecida sequência final de *Four Quartets* de T. S. Eliot:

Toda locução e frase é um fim e um começo,  
 Todo o poema um epitáfio. E qualquer acto  
 É um passo para o cepo, para o fogo, pela garganta do mar abaixo,  
 Ou para uma pedra ilegível: e é daí que partimos (ELIOT, 2004, p. 91).<sup>1</sup>

Os versos anteriores colocam-nos diante de uma perspectiva de comunicação poética em que o epitáfio recebe, por metonímia, a substância do poema no que este contém de condição resistente, iluminante e dinâmica. Do poema, todo epitáfio colhe um princípio de transcendência e de libertação em relação ao oblívio, à erosão, à imobilidade, vendo-se convertido à uma forma de resiliência que se torna o fim e o princípio de inscrição de uma memória individual no espaço e no tempo. Como acentuava Alastair Fowler (1982, p. 76), qualquer que seja o material em que se inscreve, o epitáfio, sinal da morte simultaneamente ativo e contemplativo, não é pedra ou lápide nua em absoluto, ao contar com o registro frequente de um nome próprio, embora, como o mesmo autor também elucidou, esse gesto não implique necessariamente a redutibilidade ao real através da ligação inequívoca a um sujeito empírico.

Ao adequar-se ainda à ideia de materialidade perene sugerida no provérbio latino *verba volant, scripta manent*, o epitáfio parece contar teleologicamente com a transcendência da memória no tempo através de um ato de desafio ou perturbação da ordem natural, se entendermos

<sup>1</sup> No original: “Every phrase and every sentence is an end and a beginning, / Every poem an epitaph. And any action / Is a step to the block, to the fire, down the sea’s throat / Or to an illegible stone: and that is where we start” (ELIOT, 2004, p. 90).

vislumbrar a inscrição na superfície pétrea como um gesto de violência contra a natureza: o lapicida cinzela a pedra nua preparada de antemão através do atrito e abandona-a ao tempo e aos elementos, até à redescoberta ocasional por um ou vários viandantes que a tomarão como objeto de meditação, conforme Gercino e Poussin sugeriram nas pinturas conhecidas sob o título *Et in Arcadia ego*. Esse gesto de violência, por sua vez, tende a enfatizar, numa perspectiva linguística, a diferença do homem face à afasia da natureza, processo que, no século XVIII, Condillac, Rousseau (e, poeticamente, Hölderlin) haviam assinalado nas observações em torno do grito e das condições iniciais da origem heroica das línguas (KRISTEVA, 1988, p. 206-255). Com a invenção da escrita, a inscrição na pedra prosseguirá o projeto de *dar a ver a linguagem* e perpetuá-la como característica intrínseca do humano; no caso da inscrição no epitáfio, ele concretiza-se numa superfície simbólica que, por si mesmo, presentifica, em permanência, a morte. De fato, o epitáfio coloca em evidência o paradoxo do desafio feito ao oblívio, mas na medida de uma superação sempre condicionada à contingência da existência humana e, concomitantemente, ao alcance imperfeito das vibrações do grito heroico que a natureza permite transcender no tempo e que o poeta, como veremos, busca na sua época reconstituir através da poesia.

Recordemos a esse propósito que Giambattista Vico (1725), em *Scienza Nuova*, encarava a formação da língua poética ou heroica num momento pós-articulatório, posterior à primeira língua divina (hieroglífica), esta em permanente desafio hermenêutico no seu mutismo cheio de possibilidades<sup>2</sup>. O mesmo autor estabelece a coincidência entre o nascimento da escrita e o surgimento da língua poética, a cargo dos poetas teólogos, na idade heroica, num contexto de expressão da natureza do humano enquanto criador da palavra poética. Esta conclusão segue-se às observações de Vico sobre o caráter essencialmente poético da natureza primitiva do homem (VICO, 2005, p. 916) numa idade em que a imaginação e o instinto não se encontrariam ainda submetidos aos imperativos da razão, tendo a criação poética decorrido no âmbito de uma falha ou insuficiência da compreensão racional dos fenômenos naturais que se mostravam à comunidade e que os poetas teólogos recriariam com a invenção dos tropos (com destaque para a metáfora). Desse modo, a linguagem colocava-se à disposição do grupo, como um bem cuja preservação na memória coletiva e na conservação da comunidade representava um forte motivo legitimador. Sendo nesta acepção uma “palavra mitográfica” (“qualquer metáfora pode ser tomada por uma curta fábula”, citado em KRISTEVA, 1988, p. 202), o seu valor civilizador inicial implicaria a legitimidade da sua resistência ao olvido e, do mesmo modo, a conservação das condições iniciais. No caso do epitáfio poético, a relação mitográfica entre a escrita, a força criadora da palavra poética e o intuito de conservação são destacadas por Samuel Johnson (1740), no estudo “An essay on epitaphs”, quando reconhece a grande probabilidade do seu nascimento em simultâneo com a arte da escrita e o seu importante valor testemunhal e exemplar quanto à preservação das boas ações humanas em proveito do seu progresso: “A natureza e a razão ditaram a todas as nações que preservar as boas ações do esquecimento é do interesse e é dever

<sup>2</sup> Elio Franzini destaca a relação incorreta entre os termos *mythos* e *mutus* por parte de Vico, ambos centrais no estabelecimento de uma lógica poética; ao fazer de *logos* sinônimo de *mythos*, tal implicará que “ser mudo indica então todas aquelas possibilidades expressivas que, desde o gesto ao hieróglifo, comunicam sem utilizar a palavra. O *logos* é uma realidade muda, ou mítica, e é o sinal da criatividade original do homem” (FRANZINI, 1999, p. 154).

da humanidade” (JOHNSON, 1825, p. 237, tradução nossa)<sup>3</sup>. Neste e noutros passos, Samuel Johnson não exclui a existência de inscrições com outros propósitos (a sátira é o mais citado), embora estes sirvam para confirmar a importância da perpetuação da memória de todos os que constituem exemplos de virtude a imitar e cuja perfeição depende sobretudo do domínio de uma arte compositiva baseada em princípios racionais: “Examinar, por conseguinte, em que consiste a perfeição dos epitáfios e quais as regras que devem ser observadas ao compô-los será, pelo menos, tão útil quanto outras investigações críticas” (JOHNSON, 1825, p. 238, tradução nossa)<sup>4</sup>.

## 2.

As condições referidas anteriormente não serão objeto de ruptura na modernidade, que irá antes redescrevê-las de acordo com as expectativas e angústias do novo homem perante uma ordem de transcendência livre do longínquo arbítrio demiúrgico ou das aporias do pensamento positivo quanto ao seu papel na sociedade. Num contexto como este, o epitáfio poético poderá acumular a sua tradicional função de preservação exemplar da memória do herói de uma comunidade com a apreciação de outras potencialidades, algumas decorrentes do aprofundamento da sua natureza contemplativa; afinal, o epitáfio circunda a morte, mas não a evita, faz dela mensagem e testemunho meditativo, abre-se ao passado que é memória da linguagem, e não apenas memória pessoal. A sua ação é a da permanência ou persistência da memória de uma época anterior ao grito que o indivíduo se esforça por recaptar e que lhe é anterior, altamente complexa e fluida, porém comunicável. O epitáfio não surge como suporte ou *medium* de um ato ilocutório diretivo (comunicação do que se pretende fazer no futuro, rezar pela alma ou agir exemplarmente), mas é essencialmente indireto, por implicar a capacidade de o alocutário nele reconhecer a redescritção de um sujeito individual através de mundividências assentes em diferentes experiências da linguagem. Nesse ponto, torna-se também um lugar transitivo, de acesso, entre outras circunstâncias, à permanência objetiva do mundo, tal como o poema constitui acesso e difusão de perspectivas acerca do mundo e da sua memória, sendo na transitividade destas variáveis com o leitor que o sujeito se reconstitui e livremente *sobre-vive*, tal como a chama breve e lassa das experiências meditativas da comunidade seiscentista de “Little Gidding”, que incluíam a observação do “espírito das rosas” libertado pelo fogo<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> No original: “*Nature and reason have dictated to every nation, that to preserve good actions from oblivion, is both the interest and duty of mankind*”. O texto foi publicado inicialmente no *Gentleman's Magazine*, periódico mensal londrino em que trabalhou desde 1738. Seguimos a edição de Robert Lynam, *The Works of Samuel Johnson, with Murphy's Essay*. London: George Cowie and Co., 1825, vol. V., p. 237-244.

<sup>4</sup> No original: “*To examine, therefore, in what the perfection of Epitaphs consists, and what rules are to be observed in composing them, will be at least of as much use as other critical inquiries*”. As orientações deste texto de Samuel Johnson distanciam-se, neste âmbito, de outros posteriores em que questiona a codificação classicista e discute a superioridade do gênio e da imaginação (FRANZINI, 1999, p. 114-115).

<sup>5</sup> A experiência é descrita por Northrop Frye, que encontra neste poema, tal como em “East Coker” (com algumas diferenças), “o retorno do poeta ao ponto da história em que, para ele, o mundo moderno começou” (FRYE, 1963, p. 87). A importância do fogo para esta comunidade derivava da sua identificação com a comunicação do *logos* divino (o fogo pentecostal que desceu do céu), que, no âmbito da visita do poeta a esta comunidade, evocaria a necessidade de comunicação com os mortos, os seus guias poéticos por entre uma Londres devastada pelos *raids* nazis (FRYE, 1963, p. 88).

Aceder ao sujeito textual através do epitáfio, sob a perspectiva eliotiana de autossacrifício da personalidade, implicará a aceitação de um princípio de permanência transmutável da memória condicionado pelo esbatimento (mas não anulação) do sujeito empírico. Nesse sentido, tenderá à participação na inscrição do poema-epitáfio, formando com ele uma unidade circular de linguagem indistinta, quanto a princípio ou fim, por nela se privilegiar a constante plurissignificação e polivalência de sentidos, deflagrada pela instância do leitor. No epitáfio literário, a interpelação clássica ao leitor, pressuposta ou diretamente invocada, adquire especial importância, por se verificar que é pela sua interação com o texto que o autor finalmente surgirá na sua representação funcional e figural. Do aprofundamento comunicativo resultante, do qual o poema é já inscrição realizada de relações (comunicação, leitor, texto, autor, memória, tradição), as irradiações transcendem o fechamento arquiteitual da forma-epitáfio e abrem-se em feixes de aproximações a outras formas potenciadoras de comunicação e de reflexão, como o retrato, a elegia, o apontamento metapoético, a paródia e a sátira.

### 3.

As experiências que consideraremos em seguida, a partir de poemas de Jorge de Sena e Ruy Belo, mostram-se, entre outros igualmente pertinentes, como exemplos da potenciação do *autoepitáfio*, termo que escolhemos para aproximar a projeção pelo texto da *sobre-vivência* da figura autoral, e o distinguir de outras formas mais concordantes com a tradição clássica das inscrições e homenagens, localizáveis como experiências na literatura portuguesa desde o século XVI e, posteriormente, acolhidas em poemas de Fernando Pessoa e de Eugénio de Andrade, entre outros autores.

O primeiro poema foi incluído por Jorge de Sena na obra *Fidelidade* (1958) e deverá ser lido na sua relação interna com as restantes composições da mesma, profundamente voltadas para a meditação sobre o tempo, a ausência e a morte:

#### EPITÁFIO

De mim não buscareis, que em vão vivi  
de outro mais alto que em mim próprio havia.  
Se em meus lugares, porém, me procurardes  
o nada que encontrardes  
eu sou e minha vida.

Essas palavras que em meu nome passam  
nem minhas nem de altura são verdade.  
Verdade foi que de alto as desejei  
e que de mim só maldições cobriam.  
Debaixo delas a traição se esconde,  
porque demais me conheci distante  
de alturas que de perto não existem.



Fui livre, como as águas, que não sobem.  
 Pensei ser livre, como as pedras caem.  
 O nada contemplei sem êxtase nem pasmo,  
 que o dia a dia  
 em que me via  
 ele mesmo apenas era e nada mais.

Por isso fui amado em lágrimas e prantos  
 do muito amor que ao nada se dedica.  
 Nada que fui, de mim não fica nada.  
 E quanto não mereço é o que me fica.

Se em meus lugares, portanto, me buscardes  
 o nada que encontrardes  
 eu sou e minha vida (SENA, 1988, p. 28).

Previamente à atitude de intervenção, a fidelidade a um destino, como refere no poema homônimo da série, implica um distanciamento por parte do sujeito quer através da solidão, quer de uma vida-outra (“E os destinos vivem-se / como outra vida. Ou como solidão.”, SENA, 1988, p. 18-19), a iniciar no momento da inscrição da palavra poética, que é o da suspensão do próprio tempo, como assinalara em poema anterior, “A Cidade Feliz”, em versos como “Falando todavia, tudo se suspende; / e que não existe para sempre mesmo depois das palavras?” (SENA, 1988, p. 17). Apesar desta referência, viver uma vida-outra não pressupõe necessariamente uma experiência de outramento como a que percorre, por exemplo, a obra pessoana, mas antes o regresso a um mundo interior que é um outro da dimensão empírica do sujeito e que lhe permite a conservação da unidade, aspecto de especial destaque na poética seniana<sup>6</sup>. Em simultâneo, este regresso põe-no ao alcance de experiências diferenciais que dão conta da fidelidade a uma atitude que parte de uma meditação testemunhal da linguagem poética em que esta se converte, à vez, testemunha, numa existência prévia e exterior ao sujeito (mas que lhe é apesar de tudo consubstancial), e testemunho, mercê da ação transmutadora do poeta. A linguagem diz, comunica e comunica-se, mesmo que a sua relação com o sujeito se esclareça no polo dialético negativo. Composições, como “O Poema” (SENA, 1988, p. 22) ou “De Poesia Falemos” (SENA, 1988, p. 23), aprofundam metapoeticamente esta relação dialética em versos, como “Contemplo inutilmente a voz que surge / e é tão inútil como contemplá-la. / Inútil escrevê-la, dar-lhe a fala / mansa e provável com que procurá-la / por entre ecos urgentes e confusos” (SENA, 1988, p. 23), os quais manifestam a alusão tematizada em outros momentos à linguagem considerada unidade tensa no seu grau zero, irregular, encerrando a potencialidade de dizer a verdade e a sua negação.

Fidelizar o sujeito, será também fidelizar a palavra poética ao seu pensamento, ou seja, tomar a “*illegible stone*” do poema de T. S. Eliot, citado no início deste estudo, como ponto de partida

<sup>6</sup> Jorge Fazenda Lourenço valoriza esta ideia ao destacar a relação de inclusão mútua entre poeta e poesia na perspectiva de uma tensão dialética de base fenomenológica, afirmando “uma forte implicação do sujeito autoral no seu objeto de linguagem, e, por consequência, uma relação entre o autor empírico e o autor textual que tende para o isomorfismo” (LOURENÇO, 2010, p. 120).

para a transmutação e depuração da linguagem ao serviço do desejo de inscrição do sujeito no mundo. A irreducibilidade da linguagem poética a todos os discursos, porém, impõe a convivência com essa tensão, aspecto que Luís Adriano Carlos coloca em destaque, ao constatar que “a fidelidade não significa obediência e que a autêntica fidelidade criadora, cuja natureza é testemunhal, transcende radicalmente o prescritível” (CARLOS, 1999, p. 181). Fidelizar a palavra poética a um pensamento, implica, desse modo, inscrevê-la com o sujeito na lápide nua onde a morte de ambos é encenada tensionalmente naquele que passa a constituir-se como espaço simultâneo de mediação e de meditação. Não deixa de ser sugestivo, como o mesmo investigador apontou, que um dos títulos provisórios desta obra, precisamente “Epitáfios e outros Poemas”, sirva para acentuar esta relação.

Em “Epitáfio”, que poderemos ler como conclusão da sequência “Tríptico do Nada” (SENA, 1988, p. 26-28), confirma-se a negatividade do mundo na ficcionalização da morte do sujeito, ensaiada já em poemas como “Sexta-feira” (SENA, 1988, p. 24-25) e na derradeira parte, o conjunto apontado: “Morri. Que nesta procissão tão natural de mortos / ida connosco e onde vamos” (SENA, 1988, p. 27); por sua vez, os primeiros versos de “Epitáfio” destacam o signo das alturas como espaço privilegiado de contemplação – “De mim não buscareis, que em vão vivi / de outro mais alto que em mim próprio havia” (SENA, 1988, p. 27) –, a par do assinalar de valores éticos, como a fidelidade à verdade ou a um mundo desejado de verdade em oposição à sua hostilidade permanente, cujo desafio havia já sido veementemente proposto em epitáfio anterior, escrito em 1938 e publicado em *Post-Scriptum II* (1º volume), em versos como “Eles bem sabem... / o que é, é que uma pessoa assim irrita!...” (SENA, 1985, p. 201).

Já no final de “Tríptico do Nada”, o sujeito esclarecia-se como “Substância do mundo, inerte e velocíssima: / como ela sou enfim, / morto que estou e com o amor em mim” (SENA, 1988, p. 28); aqui, a morte ficcional age classicamente como libertação ou metamorfose alquímica, no sentido de defender a fidelidade ao mundo a partir de um princípio de liberdade cuja encenação prossegue no poema e que poderá corresponder ao que tradicionalmente Samuel Johnson considerava o melhor assunto de um epitáfio, “*a private virtue*” (JOHNSON, 1825, p. 243). A transcendência situa-se num limbo sem referência mais concreta que a de uma sede da vontade, não se operando em retorno, porquanto o poema assume o devir na imagem aquática – “Fui livre, como as águas, que não sobem” (SENA, 1988, p. 28) –, fazendo antes supor a transcendência a apoiar-se no testemunho imanente do mundo do qual também as palavras advêm e fazem parte. A tensão manifesta-se na falta de confiança absoluta na sua fidelidade à expressão, uma vez que as suas limitações são tão paradoxais como o sujeito que se desejava, como no verso citado, substância “inerte e velocíssima”. Negando-lhes a distância própria de uma dimensão arquetípica, a linguagem poética compreende a condição humana do sujeito e, como tal, eticamente comprometida e subordinada à crítica, em versos como “Essas palavras que em meu nome passam / nem minhas nem de altura são verdade. / Verdade foi que de alto as desejei / E que de mim só maldições cobriam / Debaixo delas a traição se esconde, / porque demais me conheci distante / de alturas que de perto não existem” (SENA, 1988, p. 28).

Se, como concluía Luís Adriano Carlos, “não há maneira de dizer a fidelidade sem a fidelidade do dizer” (CARLOS, 1999, p. 180), este dilema ético não apresenta outra solução de continuidade

que não remeta para o testemunho de uma peregrinação dependente da contingência do humano e da linguagem, em que a meditação contínua desempenhe a função depuradora das imperfeições de ambos. Como de resto referia, na segunda parte de “Mensagem de Finados” (primeiramente “Pentacórnio”), a verdade será “Apenas ser-se humano além de nós; / ouvir e ver, e não ouvir, não ver, / quanto de nós e de outros nos divida. / Porque divisos somos na unidade extrema: / muitos em nós como nos outros muitos. / Mas de verdade e de erro nos unimos” (SENA, 1988, p. 47).

#### 4.

Quanto à segunda experiência de autoepitáfio, com a qual Ruy Belo rematava *Homem de Palavra[s]* em 1970, o privilégio concedido à *sobre-vivência* do sujeito, na sua inscrição no poema, deverá ser lido nesta poética como espaço de habitação, para o qual o epitáfio concorrerá enquanto espaço-forma-simulacro potenciador da relação entre aquele e a palavra poética:

Cólofon ou epitáfio

Trinta dias tem o mês  
e muitas horas o dia  
todo o tempo se lhe ia  
em polir o seu poema  
a melhor coisa que fez  
ele próprio coisa feita  
ruy belo português  
Não seria mau rapaz  
quem tão ao comprido jaz  
ruy belo, era uma vez (BELO, 2009, p. 364)

O sentido proposicional que Gastão Cruz observara em *A Poesia Portuguesa Hoje* (1973) em outros poemas desta obra (e que Ruy Belo confirmaria no prefácio da sua segunda edição), derivado do destaque concedido à proposição enquanto unidade estrutural, sujeita a saltos de sentido que por vezes se acolhem em zonas temáticas diversas (CRUZ, 2008, p. 209-210), surge também, neste poema, através da oscilação de sentidos, estabelecida entre o suporte formal, as alusões ao sujeito e à condição da memória cultural de que vários aspectos nesta composição vão dando conta. Nesse caso, verifica-se que a unidade se concentra na comunicação entre as proposições derivadas da redescrição literária de certas características formais do epitáfio lapidar – a brevidade do poema, a identificação biografemática com a repetição do nome próprio, a indicação da *origo* (“português”) e a inclusão de fórmulas tipificadas (como é o exemplo de “jaz”)<sup>7</sup>, estas últimas

<sup>7</sup> A propósito da interseção entre a elegia e o epitáfio, Rui Lage faz destacar, no estudo *A Elegia Portuguesa nos sécs. XX e XXI: perda, luto e desengano* (2010), a importância deíctica desta última forma poética, levando-o a considerá-lo “um poema deíctico, pois se refere às coordenadas que definem a própria situação enunciativa: ao tempo, mas, sobretudo, ao espaço da enunciação. A deixis do epitáfio recorre a um advérbio de lugar por excelência, ‘aqui’ (por vezes o sintagma ‘aqui jaz’) que localiza o espaço da sepultura por referência à localização do sujeito de enunciação” (LAGE, 2010, p. 110-111).



reveladoras de um modo particular do uso da ironia que, “minante da seriedade contemplativa e sentimental da voz que predominantemente usa”, Joaquim Manuel Magalhães relacionou com a modernidade eliotiana (MAGALHÃES, 1981, p. 153)<sup>8</sup> – e os contributos da tradição lírica dos cancioneiros quinhentistas, responsáveis pelo ressurgimento do epitáfio clássico na literatura portuguesa. A presença destes é testemunhada quer na seleção do título “Cólofon”, apontamento temporal transtextualmente assimilável à nota final de um *incunabulum*, quer nas particularidades formais, nomeadamente a presença de rima, a redondilha maior e a estrofe única de dez versos estruturalmente semelhante à esparsa.

Ao leitor (ao viandante) deste autoepitáfio reserva-se, por seu lado, a tarefa de reconhecimento destas e de outras experiências *sobre-viventes* que o poeta vai desvelando no poema, aspecto que Ruy Belo, na linha de T. S. Eliot, assumiu metapoeticamente na “explicação preliminar à segunda edição” de *Homem de Palavra[s]*, ao declarar que “de olhos postos no futuro, o poeta moderno escreve com toda a poesia anterior, com toda a poesia e a arte anteriores e contemporâneas por trás” (BELO, 2009, p. 248). A intemporalidade inerente ao sentido desta tarefa de iluminação e cumplicidade significa explicar o epitáfio como *desdobramento* da condição *sobre-vivente* da palavra poética no âmbito de uma mundividência própria, na qual o sujeito também se inscreve como *sobre-vivência* de modo a formar uma unidade de sentidos em potência.

Metapoeticamente, o tempo do sujeito-poeta é “todo o tempo”, para “polir o seu poema / a melhor coisa que fez” (versos 3 e 4), labor contínuo que é também uma forma de aperfeiçoar a terra e, em simultâneo, de antecipar o epitáfio, ou seja, o regresso à terra ou ao tempo do silêncio e da imobilidade (representado em sentido temporalmente inverso na referência indireta ao *incunabulum*, do ponto de vista etimológico, o gesto de “colocar no berço”, mas também o nome da faixa que impede os movimentos do recém-nascido), que o mesmo tenderá a expressar como fazendo parte de uma memória narrativa (o “Era uma vez” destituído de empiricidade). Trata-se de uma forma de regresso que, contrariamente ao devir na fidelidade à imanência observada a propósito do autoepitáfio de Jorge de Sena, opera segundo a perspectiva do reconhecimento, nesta circunstância, entre o sentido antinatural do empreendimento poético, que retira a palavra do silêncio da terra para submetê-la ao ruído e à insubordinação no mundo, e o propósito de regresso a esse silêncio que o ato de escrita concede como possibilidade derivada da própria natureza anti-heroica do sujeito-poeta. No breve texto “Ao correr dos dias” de 1972, recolhido em *Na Senda da Poesia* (1969), Ruy Belo afirmava dar palavras como as árvores dão frutos, atividade antinatural, mas legitimada pela poesia e entendida como uma violência exercida sobre a natureza; acrescentava ainda:

<sup>8</sup> Joaquim Manuel Magalhães considerou este uso da ironia como um dos contributos mais importantes de Ruy Belo para a poesia portuguesa contemporânea, descrevendo-a como “não vincada, mas tenaz, sem sarcasmo, mas jocosa, da sentimentalização excessiva do mundo do vivido e do sentido” (MAGALHÃES, 1981, p. 153). Por sua vez, uma leitura genética deste poema pode mostrar-nos que, a dado momento do processo da sua composição, este aspecto terá sido considerado na sugestão de jogo de palavras entre “jaz” e “jaz[z]” que um apontamento a lápis no dactiloscrito/autógrafo de uma das fases de composição revela. O mesmo documento revela-nos que a composição era uma sétima e que o título inicial seria apenas “Cólofon”, sendo “ou epitáfio” acrescentado posteriormente a lápis (BELO, 2011, p. 46-47).

Mas ao escrever, dou à terra, que para mim é tudo, um pouco do que é da terra. Neste sentido, escrever é para mim morrer um pouco, antecipar o regresso definitivo à terra. Escrevo como vivo, como amo, destruindo-me. Suicido-me nas palavras. Violento-me. Altero uma ordem, uma harmonia, uma paz que, mais que a paz dos cemitérios, é a paz, a harmonia das repartições públicas, dos desfiles militares, da concórdia doméstica, das instituições de benemerência. Ao escrever mato-me e mato (BELO, 2002, p. 325).

Sendo a desordem uma consequência do ato poético, os seus efeitos na sociedade, ainda de acordo com o mesmo texto, devem ser procurados na denúncia de si mesmo e de todos os que se institucionalizam, pois “a poesia é um acto de insubordinação a todos os níveis, desde o nível da linguagem como instrumento de comunicação, até ao nível do conformismo, da conivência com a ordem, com qualquer ordem estabelecida” (BELO, 2002, p. 325). A responsabilidade do poeta pouco concordará com o heroísmo que Giambattista Vico supunha nas circunstâncias que apontamos no início deste estudo, mantendo-se, não obstante a perspectiva que enunciou na *Scienza Nuova*, a admissão de uma realidade muda sobrevivente da origem sagrada do logos poético que o poeta, na perspectiva de Ruy Belo, procura recuperar sempre que nas palavras busca “um contorno para o silêncio” (BELO, 2002, p. 325) ou pretende “rodeá-las de silêncio” (BELO, 2002, p. 325), como também refere num outro trecho de “Poesia Nova”. Perante esta tarefa, assegurando, no mesmo texto, a materialidade da palavra como objeto do mundo exterior com existência própria, entende-se que “só o nome do autor lembra a quem o ler aquele que lhe deu as palavras para subsistir” (BELO, 2002, p. 88). Se por um lado, relendo Vico, na origem toda a palavra seria poética e o seu dinamismo fá-la-ia situar entre a natureza e o espírito num ímpeto que é o fundamento da possibilidade do seu constante devir (BELO, 2002, p. 72), já o poeta aspira à circularidade daquele que teve a tarefa de restituir à palavra a sua leveza incorruptível e de a reconduzir à sua origem primeva – “A palavra poética é, portanto, aquela em que não se perde a memória da primeira imagem e da metáfora que a gerou” (BELO, 2002, p. 70) –, para aguardar, por sua vez, o regresso à unidade com a terra “sob a qual jazerá, finalmente tranquilo, finalmente pacífico, finalmente adormecido, finalmente senhor do silêncio que em vão tentou apreender com as palavras (...)” (BELO, 2002, p. 326).

No poema como autoepitáfio, as condições reunidas reiteram figurativamente a circularidade comunicante desse fim e princípio que T. S. Eliot valorizou nos enunciados do excerto de “Little Gidding”<sup>9</sup>, o berço e o túmulo onde o sujeito *sobre-vivente* habita e no qual é permitida a unidade instável que lhe é característica. O regresso à terra ou à “condição horizontal” donde lhe nasce o rosto, como enunciava em “Figura Jacente”, o último poema de *O Problema da Habitação* (1962) significará, por conseguinte, uma passagem pela habitação que cada poema, princípio e fim singulares, propõe como abrigo paradoxalmente desabrigado, exposto ao relento nos arredores de uma incerta transcendência:

<sup>9</sup> De acordo com Fernando J. B. Martinho, o impacto das proposições de T. S. Eliot em “Little Gidding” deve ser devidamente valorizado, uma vez que, como argumenta, “terão estado sempre no seu horizonte como pontos de referência de uma escrita capaz de conciliar o mais elevado grau de exigência literária com a necessidade de se manter aberta a um amplo e fecundo espaço de partilha” (MARTINHO, 2011, p. 58).



Meu rosto nasce desta condição horizontal  
de quem tem a cobri-lo todo o seu cansaço  
Deus teve para mim morte mais rasa  
do que a morte que o sol encontra entre as águas  
Desfez-se a curva última da estrada  
nada ficou após meus gastos passos

Ninguém morrerá ainda tanto como eu  
só tive de estender um pouco mais o corpo  
Sobre o meu rosto passam uma a uma as gerações  
e vem lavar-me a água os velhos pés  
E diz-me Deus, tão acessível como o mar nas praias:  
— Tu és cada vez mais aquilo que tu és

Há entre as oliveiras sítio para o sol  
e a brisa da infância canta rindo nos ramos  
entre o cheiro do giz e as canções da escola

Deus é perto de mim como uma árvore (BELO, 2009, p. 167)

Como observava Silvina Rodrigues Lopes a propósito de Ruy Belo,

Na sua casa imaterial, feita da matéria e do imaterial que são as palavras, o poeta confunde-se com a passagem e o desejo de passar. Passagem de palavra em palavra que gera a constelação de figuras (ideias, sensações), o vento do pensamento, imortal, secreto, sem rasto, fecundo” (LOPES, 2011, p. 14).

## 5. Conclusão

Entre o devir na fidelidade do sujeito à experiência tensa da palavra e o movimento cíclico de regresso do sujeito à condição iluminada e silenciosa de toda a origem poética após a devolução da palavra-habitação à liberdade em devir, as duas experiências de epitáfio de Jorge de Sena e Ruy Belo reclamam metapoeticamente para o poema a persistência paradoxal do que Otavio Paz definia como “*quietud de movimiento*” (PAZ, 1998, p. 25), a detenção autorreflexiva do tempo que não deixa de fluir nessa unidade ou lápide tensa que, sendo o poema, nos interpela sobre o nosso modo de, com ele, habitarmos o mundo.

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.



## REFERÊNCIAS

- BELO, Duarte. **O núcleo da claridade: entre as palavras de Ruy Belo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.
- BELO, Ruy. **Na Senda da Poesia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- BELO, Ruy. **Todos os Poemas**. 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- CARLOS, Luís Adriano. **Fenomenologia do discurso poético: ensaio sobre Jorge de Sena**. Porto: Campo das Letras, 1999.
- CRUZ, Gastão (2008). **A vida da Poesia: textos críticos reunidos (1964-2008)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- ELIOT, T. S. **Ensaio de Doutrina Crítica**. Tradução por Fernando de M. Moser. Lisboa: Guimarães Editores, 1962.
- ELIOT, T. S. **Four Quartets**. Tradução por Gualter Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- FOWLER, Alastair. **Kinds of Literature: an introduction to the theory of Genres and Modes**. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- FRANZINI, Elio. **A Estética no Século XVIII**. Tradução por Isabel Teresa Santos. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- FRYE, Northrop. **T. S. Eliot**. London: Oliver & Boyd, 1963.
- JOHNSON, Samuel. An essay on epitaphs. In: LYNAM, Robert (Org.). **The Works of Samuel Johnson, with Murphy's Essay**, vol. V. London: George Cowie and Co., 1825, p. 237-244.
- KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Tradução por Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LAGE, Rui. **A Elegia Portuguesa nos sécs. XX e XXI: perda, luto e desengano**. Dissertação (Doutoramento em Literatura) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2010.
- LOPES, Silvina Rodrigues. Como quem num dia de Verão abre a porta de casa. In: **Colóquio/ Letras**, n. 178, set./dez. 2011, p. 9-21.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda. **A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, Metamorfose, Peregrinação**. Lisboa: Guerra & Paz, 2010.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. **Os Dois Crepúsculos: sobre a poesia portuguesa actual e outras crónicas**. Lisboa: a regra do jogo, 1981.
- MARTINHO, Fernando J. B. Ruy Belo e T. S. Eliot. In: **Colóquio/Letras**, n. 178, set./dez. 2011, p. 51-60.
- PAZ, Octavio. **El Arco y La Lira**. 3. ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1998.
- SENA, Jorge de. **Poesia II**. 2. ed. Lisboa: edições 70, 1988.
- SENA, Jorge de. **Post-Scriptum II**, 1. vol. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- VICO, Giambattista. **Ciência Nova**. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.





# Literatura, música, atmosferas: *Senhorita Else*, de Arthur Schnitzler

Maria Cristina Franco Ferraz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5142-8734>

E-mail: [mcferraz@hotmail.com](mailto:mcferraz@hotmail.com)

## RESUMO

Em *Senhorita Else* (*Fräulein Else*), publicado em 1924, fluxo de pensamento e composição musical se articulam, produzindo atmosferas que, a um só tempo, manifestam turbulências históricas da Viena da época e delas escapam. Nessa novela criada pelo médico e escritor Arthur Schnitzler (cujo pai era médico de Freud), acompanha-se o monólogo interior de uma jovem vienense de dezenove anos pertencente a uma família abastada à beira da ruína. No livro, a jovem Else vê-se diante de uma situação crítica: precisa obter, a qualquer custo, um empréstimo para salvar o pai endividado. É o que irá tentar junto a um rico sexagenário, vendedor de obras de arte, que lhe promete emprestar a soma sob uma condição: vê-la nua. A novela é atravessada por turbilhões de afetos: erotismo, força vital, inclinações insurgentes, impulsos suicidas, amor pelo pai, indignação, desprezo, raiva. No ápice do enredo, fragmentos da partitura do *Carnaval* de Schumann entrelaçam-se ao texto, no momento em que Else cumpre e descumpre sua promessa, desnudando-se diante dos hóspedes do hotel para, a seguir, suicidar-se com uma overdose de Veronal, fármaco então muito utilizado para tratar insônia e excitabilidade nervosa. O clímax atmosférico é composto a partir de fragmentos de uma escrita musical que ritmam a crise final de Else, seu fluxo de consciência em processo de abolição. O desfecho, a morte, articula de modo indecível sua destruição e um voo final: “*Ich fliege... ich träume... ich schlafe... ich träu... träu – ich flie...*” (Estou voando... estou sonhando... estou dormindo... son... son... - voan...”).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura comparada; Arthur Schnitzler; Robert Schumann; Guy de Maupassant; Atmosferas decadentistas.



## Literature, music, atmospheres: Arthur Schnitzler's *Miss Else*

### ABSTRACT

In *Fräulein Else* (*Miss Else*), published in 1924, stream of thought and music composition intertwine, creating atmospheres that simultaneously express the historical turbulence of the *Belle Époque* Vienna and tumultuous affects that escape from it. This work written by the physician Arthur Schnitzler (whose father was Freud's physician) consists of the inner monologue of a nineteen-year-old Viennese girl from a wealthy family on the brink of ruin. The young Else finds herself in a critical dilemma, as she needs to obtain a loan at any cost to save her indebted father. This is what she will attempt with a wealthy Sexagenarian, an art dealer, who promises to lend her the money under one condition: to see her naked. The novella is moved by affects such as eroticism, vital force, insurgent and suicidal impulses, love for her father, indignation, contempt, and hate. At the climax of the plot, fragments of Schumann's *Carnival* blend with the text, when Else fulfills and breaks her promise, undressing herself for the hotel guests and then committing suicide with an overdose of Veronal, a drug commonly used at that time to treat insomnia and nervous excitability. The atmospheric climax is created by fragments of a music composition that rhythmizes Else's final crisis, her stream of thought in the process of abolition. The outcome, death, undecidably articulates her destruction and a final flight: "*Ich fliege... ich träume... ich schlafe... ich träu... träu – ich flie...*" (I am flying... I am dreaming... I am sleeping... dream... dream... - fly...).

**KEYWORDS:** Comparative literature; Arthur Schnitzler; Robert Schumann; Guy de Maupassant; Decadent atmospheres.

## 1. Uma jovem burguesa da *Belle Époque* vienense

*Senhorita Else* é um pequeno romance publicado em 1924 pelo médico e escritor austríaco Arthur Schnitzler (1862-1931). Considerado uma obra-prima, o livro é relativamente pouco conhecido no Brasil. O texto não é presidido por uma voz neutra, onisciente, tal como a de um narrador convencional. O que o compõe é um monólogo interior de uma jovem burguesa vienense, de dezenove anos, entremeado com algumas vozes e diálogos por ela restituídos em um fluxo de pensamento ininterrupto. Essa noção de fluxo de pensamento (*stream of thought*), elaborada pelo filósofo William James (cf. JAMES, 1890)<sup>1</sup>, já estava se efetuando na literatura na década de 1920; por exemplo, nos romances de Virginia Woolf. A história de Else se passa, pelo que é indiciado, possivelmente no início do século XX, em plena *Belle Époque*. A personagem passa férias de final de verão em um luxuoso hotel (Hotel Fratazza, que existe até hoje) em San Martino de Castrozza, na região norte dos Apeninos, Itália. Esse local era então um importante destino turístico da alta sociedade do Império Austro-Húngaro, que viria a colapsar logo após a Primeira Guerra Mundial.

O clima de excitação, entremeado por ares crepusculares sugestivos de declínio, decadência e derrocada iminente, pode ser sintetizado em uma frase que retorna, como um ritornelo, algumas vezes no texto: "O ar parece champanhe" [*Die Luft ist wie Champagner*]. Certo estado febril é associado a esses ares: "Estou com febre, evidentemente. Ou já fiquei menstruada? Não, estou com febre. Talvez por causa do ar. Como champanhe." (SCHNITZLER, 1985, p. 19)<sup>2</sup>. Com

<sup>1</sup> Frequentemente se chama de "fluxo de consciência" o que William James tematizou, no capítulo IX de seu livro de 1890, *Princípios de Psicologia*, como *stream of thought*, literalmente fluxo de pensamento.

<sup>2</sup> Para facilitar a leitura deste artigo, as citações estarão diretamente referidas à tradução brasileira (SCHNITZLER, 1985), cotejada com o original (SCHNITZLER, 2011) e por vezes ligeiramente alterada, para ficar mais próxima do texto original.



seu pico ultraproeminente, o monte Cimone pesa opressivamente sobre a paisagem emocional: “O Cimone está gigantesco e assustador, como se fosse desabar sobre mim” (idem, p. 22). A jovem Else perfaz movimentos vertiginosos entre picos de excitação, de intensa vitalidade, e inclinações desenfreadas em direção a sua própria destruição. Oscila entre movimentos afetivos ascendentes (excitação e febre de viver) e descendentes (desejo de morrer): cimos e abismos. O Cimone a oprime ou lhe sugere atirar-se de suas alturas convidativas. A escrita desse fluxo de pensamento dilacerado e em vias de se autodestruir vai se intensificando, alcançando uma aceleração rítmica que convoca, em seu clímax, a música de Schumann.

Robert Schumann, cuja obra-prima para piano intitulada *Carnaval Op. 9* (1835) irrompe no texto, tentou suicídio e terminou sua vida em um manicômio. Fragmentos da partitura de duas peças que compõem a obra interceptam o fluxo discursivo do romance, produzindo um turbilhão em que o declínio e a dissolução de um mundo também convocam e como que prenunciam novos mundos por vir. Vejamos como isso se dá no romance de Schnitzler. Mencionemos, de início, certas particularidades sobre o autor do romance, suas relações com outra importante figura da Viena da época: Sigmund Freud.

## 2. O Carnaval de *Else*: Arthur Schnitzler, Sigmund Freud, Robert Schumann

De saída, *Senhorita Else* suscita alguns espantos, por conta de sua situação discursiva: um médico e escritor vienense logra expressar em detalhes, e com rara agudeza, os dissonantes movimentos subjetivos de uma jovem mulher proveniente de uma camada social favorecida. Observe-se que Schnitzler acabou por abandonar a prática clínica, passando a elaborar sofrimentos e impasses subjetivos em sua obra ficcional. Em sua formação médica, próxima da de Sigmund Freud – como ele, judeu vienense –, Schnitzler estudou males muito pesquisados na época, tais como afasias e histeria, bem como a técnica da hipnose, tão relevante epistemológica e cientificamente na passagem do século XIX ao XX. No entanto, em vez de se dedicar a tratar Elses de carne, osso e mal-estar em novos dispositivos clínicos, o autor parece ter preferido efetuar literariamente uma subjetividade-Else. Não por acaso, Sigmund Freud – que se tornou, aliás, paciente do pai de Arthur Schnitzler, médico laringologista – se surpreendia com a capacidade demonstrada pelo romancista de penetrar nos meandros e nos impulsos conflitantes das subjetividades, especialmente femininas, daquele momento histórico europeu. Em duas cartas endereçadas ao romancista, Freud exprime sua imensa admiração pelo autor. Na primeira delas, confessa inclusive sua inveja. Eis um trecho da carta de Freud a Arthur Schnitzler datada de maio de 1906: “Sempre me perguntei, fascinado, de onde o senhor pôde ter obtido este ou aquele conhecimento secreto que adquiri através da minha árdua exploração do objeto e, finalmente, terminei por invejar o poeta [*Dichter*, escritor, criador] a quem, no mais, admiro”<sup>3</sup> (TAVARES, 2017, p. 2-3).

<sup>3</sup> No original: “Ich habe mich oft verwundert gefragt, woher Sie diese oder jene geheime Kenntnis nehmen konnten, die ich mir durch mühselige Erforschung des Objektes erworben, und endlich kam ich dazu, den Dichter zu beneiden, den ich sonst bewundert” (Citado em TAVARES, 2017, p. 2).

Em outra carta, por ocasião do aniversário de sessenta anos de Schnitzler em 1922 – portanto, dois anos antes da publicação de *Senhorita Else* –, Freud se pergunta por que não buscara se aproximar mais do autor para trocar ideias com ele. Confessa, então, que o temia como a um inquietante *Doppelgänger*, aquela figura assustadora do duplo ameaçador a que dedicara um conhecido ensaio de 1919<sup>4</sup>. Freud ressalta que a percepção de Schnitzler, fina, sutil, sobre as “verdades do inconsciente”, sobre “a natureza pulsional do ser humano”, a aposta no abalo de certezas culturais e convencionais, as ideias sobre “a polaridade vida-morte” soavam-lhe de uma “inquietante familiaridade” (TAVARES, 2017, p. 4-5). E conclui:

Obtive assim a impressão de que o senhor sabe por intuição – na verdade, porém, devido a uma acurada autopercepção – aquilo que eu descobri através do diligente trabalho junto a outras pessoas. Creio de fato que o senhor é, essencialmente, um incomparável pesquisador psicológico das profundezas, tão honestamente imparcial e destemido como nunca houve antes [...]” (TAVARES, 2017, p. 5, tradução ligeiramente modificada)<sup>5</sup>.

Enquanto Freud se esforçava por cernir e pensar teoricamente o mal-estar da sociedade de sua época, dedicando-se à “ádua exploração” de seus *objetos*, Arthur Schnitzler optou por adotar a máscara de uma jovem da alta burguesia vienense, estilhaçada entre conflitos de ordem pulsional, erótica, social e afetiva. O fluxo de pensamento de Else, criado por um autor masculino, é ritmicamente modulado por afetos em turbilhão. Nesse sentido, o texto estabelece uma relação intrínseca com a música romântica, também ela às voltas com atmosferas impregnadas de intensidades afetuais, com seus altos e baixos, suas diferentes e contrastantes temperaturas sensíveis. Assim é que, quando irrompem, no texto, os breves trechos de partitura musical, parecem ter sido convocados pelo ritmo do próprio monólogo interior de Else. Os pedaços de partituras que interceptam o romance e encaminham seu desfecho referem-se ao *Carnaval* de Schumann, composição ela mesma constituída por pequenas peças sonoramente articuladas.

Como o compositor a descreveu, trata-se de *Pequenas Cenas sobre Quatro Notas* (*Scènes Mignonnes Sur Quatre Notes*). O jogo de máscaras também está presente nessa composição romântica. Um deles intitula-se “Florestan”, personagem extrovertido, animado, exagerado e ansioso. Dois dos fragmentos de partitura inseridos no romance (o primeiro e o terceiro) foram extraídos de “Florestan”. Na tradução afectual criada pela música erudita: *Passionato* e *Adagio*. O outro fragmento de partitura que intercepta o romance e que corresponde ao segundo trecho de partitura citado no texto se chama *Reconnaissance*. Seu andamento é o *Animato*, cadência entre *Adagio* e *Passionato*. Oscilações afectuais em um fluxo contínuo. No *Carnaval* de Schumann, também se insere – mas não no romance – a pequena peça chamada “Eusebius”, que convoca o compasso sereno e suave de um adágio. Outra máscara, Eusebius é caracterizado como in-

<sup>4</sup> Trata-se, obviamente, do ensaio *Das Unheimliche*, que parte da exploração de outro texto literário, *Der Sandmann* (O Homem da areia), de E. T. A. Hoffmann (Cf. CARVALHO e FERRAZ, 2021).

<sup>5</sup> “So habe ich den Eindruck gewonnen, daß Sie durch Intuition – eigentlich aber infolge feiner Selbstwahrnehmung – alles das wissen, was ich in mühseliger Arbeit an anderen Menschen aufgedeckt habe. Ja ich glaube, im Grunde Ihres Wesens sind Sie ein psychologischer Tiefenforscher, so ehrlich unparteiisch und unerschrocken wie nur je einer war [...]” (TAVARES, 2017, p. 4).

trovertido, deprimido, contido, sonhador<sup>6</sup>. Else encarna, com igual intensidade, ambos os movimentos, ascendente e descendente, prevalecendo no clímax do romance, como em *Florestan e Reconnaissance*, ritmos afectuais mais excitados, como o *Passionato* e o *Animato*, matizados por toques de *Adagio*. Quando afetos estão em jogo, trata-se de variações e modulações que se sucedem sem solução de continuidade. A música os exprime de modo direto; o texto também trabalha o ritmo, a respiração, o fôlego, mesmo que de maneira menos imediata. Ambos interpelam o corpo e seus afetos, expressando forças em ebulição.

O que está em jogo é, portanto, uma mascarada, uma vertiginosa *mise en abyme*, um carnaval em que rodopiam, no mínimo, a personagem Else, o autor Schnitzler, talvez também Freud, o compositor Schumann e suas máscaras contrastantes, Florestan e, de certo modo, Eusebius. Esse entrelaçamento de variações rítmicas em que quatro notas vibram e reverberam compõe um rico tecido sonoro e atmosférico capaz de apreender e expressar forças afetivas, culturais e históricas que, de modo intensivo, dão consistência aos cumes e abismos de um mundo prestes a ruir. Conforme veremos, no clímax do enredo, o desmascaramento de uma sociedade decadente e hipócrita irá marcar o evento que desencadeia o desfecho do romance, bem como o fim de Else.

### 3. Enredos e armadilhas em *Senhorita Else*

Vamos então ao enredo: a história se passa na tarde e na noite de um dia 3 de setembro. Jovem vienense, Else passa o final do verão como turista em San Martino de Castrozza. O texto começa com uma partida de tênis com um primo (Paul) e outra moça (Cissy), partida que Else resolve abandonar. A primeira frase do romance é bastante sugestiva. Paul, seu primo, que era ginecologista (no original, *ein Frauenarzt*, literalmente *médico de mulheres*) pergunta: “Você realmente não quer mais jogar [*weeterspielen*], Else?”. Na abertura do romance, essa pergunta já sugere que, para Else, era difícil seguir jogando, apontando para sua recusa em *weeterspielen* e aludindo, desde o início, aos conflitos da moça para se adequar a todos os jogos à sua volta. Desde o início, portanto, Else sai do jogo. Ela recebe então uma carta urgente da mãe que, de modo tolo e chantagista, implora à filha que obtenha um empréstimo importante junto a um sexagenário (von Dorsday) que também se encontrava no hotel, a fim de saldar uma dívida do pai, advogado que fraudara certo negócio financeiro. Caso a dívida não fosse quitada na maior brevidade de tempo, o pai seria provavelmente preso, provocando escândalo e arruinando a reputação de toda a família.

Através do fluxo de pensamento de Else, fica-se igualmente sabendo que o velho von Dorsday lançava para ela olhares cobiçosos quando visitava a família, o que sugere de que modo os pais pretendiam se valer da moeda Else para obter uma saída da embaraçosa situação financeira em que se tinham metido. Ao falar com o Sr. von Dorsday, abastado comerciante de arte que já ajudara o pai de Else no passado, a jovem é confrontada com um pedido inesperado, pois o comerciante lhe diz que emprestaria a soma sob uma única condição: vê-la alguns instantes nua. Ou em seu quarto ou em uma clareira do bosque que cercava o hotel. A proposta indecente se

<sup>6</sup> Cf. <<https://classicosdosclassicos.mus.br/obras/schumann-carnaval-opus-9/>>. Visitado em: 14/08/2022.

conclui em francês: “*Je vous désire*” (SCHNITZLER, 1985, p. 35). Na novela, portanto, a ruína de valores aponta para a vitória de um único *valor*: a mercadoria, que atravessa relações familiares, eróticas, sociais e culturais, como a própria arte, por exemplo, campo do sensível também ele reduzido aos fluxos de mercado.

A partir dessa proposta a ser cumprida na noite daquele mesmo dia, o fluxo de pensamento de Else entra em círculos vertiginosos, cada vez mais acelerados, atravessados por afetos e pensamentos discordantes: ódio, desprezo e amor pelo pai, nojo e sentimento de dever filial, impulsos suicidas, mas igualmente devaneios eróticos, prazer por saber-se dotada de um belo corpo, desejo de desvelar-se de graça (mas não para Dorsday, nem contra dinheiro) e, sobretudo, muita vontade de viver. Além disso, extrema solidão e diversos toques de autoironia. Por vezes deseja que o pai se mate; outras, quer salvar o pai, sacrificar-se por ele e suicidar-se em seguida. Ou ainda realizar todos os seus desejos eróticos, à revelia do julgamento da família e de sua sociedade.

Em certo ponto, Else decide fazer algo que ao mesmo tempo cumpre e descumpra o trato com Dorsday: “Se alguém tem que me ver, então todos deverão me ver! Ah! Que ideia magnífica!” (SCHNITZLER, 1985, p. 55). A moça termina por descer aos salões, vestida apenas com um casaco, nua por baixo, e enquanto o *Carnaval* de Schumann soa ao piano (e trechos de partitura entram no texto), desnuda-se diante de todos, antes de entrar em colapso e desabar de vez. Conforme o diagnóstico proferido por Paul, o primo *médico de mulheres*: crise histérica. Vivida por Else, entretanto, essa nudez equivale a um novo nascimento: “Não estou louca, de jeito nenhum. Apenas um pouco excitada. O que é natural, em se tratando da minha segunda encarnação no mundo. Pois a antiga Else já morreu” (1985, p. 56, tradução alterada). O que para a sociedade só pode ser doença, histeria, loucura, para a jovem vienense funciona a um só tempo como um baile de desmascaramento de seu meio hipócrita, mercadológico, niilista, e um novo começo. Em todo esse contexto, comparece um importante personagem coadjuvante: o fármaco Veronal.

#### 4. O Carnaval da *mulher nervosa*: Else e Veronal

Sedativo e sonífero do grupo dos barbitúricos, comercializado com esse nome, Veronal foi o primeiro tranquilizante introduzido no mercado no início do século XX. Descoberto pelos ganhadores do prêmio Nobel Emil Fischer e Joseph von Mering, o fármaco possuía propriedades hipnóticas, gerando rápida dependência. De 1903 até a metade da década de 1930, foi o sonífero mais utilizado para tratar de insônia por excitabilidade nervosa. Sua ação no corpo de Else é minuciosa e detalhadamente trabalhada no romance pelo autor médico. A introdução do fármaco no enredo revela de que modo, em classes abastadas, ele era utilizado para tratar perturbações e sintomas em “mulheres nervosas”, contraponto negativo da figura normativa e bem ajustada da mãe burguesa na modernidade disciplinar. Como Michel Foucault tematizou, na sociedade moderna disciplinar, o avesso da mulher que se realizava em seu papel de mãe era a figura da *mulher nervosa*.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Cf. FOUCAULT, 1976, p. 137, tópico “Histerização do corpo da mulher”: « la Mère, avec son image en négatif qui est la ‘femme nerveuse’, constitue la forme la plus visible de cette hystérisation. »



Vale a pena resgatar, de modo breve, a história do Veronal e certo anedotário sobre esse fármaco tão utilizado nas primeiras décadas do século XX. Foi o químico Adolf von Bayer que, em 1864, sintetizou a substância que viria a ser chamada de “ácido barbitúrico”. Quando Bayer o experimentou, não observou em seu corpo qualquer efeito especial. Apenas em 1903, entretanto, Emil Fischer e Joseph von Mering produzem um derivado da substância, que, dessa vez, passa a provocar um sono profundo. Publicam seu trabalho com o título “Sobre uma nova classe de medicamentos hipnóticos”. Várias anedotas circulam sobre o nome comercial do produto. Em certas versões, von Mering teria participado de um congresso em Verona, Itália, quando soube dos resultados experimentais obtidos por seu colega e parceiro, Emil Fischer. Em outras versões, o termo se referiria ao latim *verus* (verdadeiro), uma vez que a substância se tornara *verdadeiramente* ativa<sup>8</sup>. Na sequência, Bayer e Merck patenteiam o nome *Veronal*. Há, entretanto, outra história mais saborosa acerca do nome comercial do fármaco. Esse nome se deveria ao fato de von Mering ter tomado uma dose do medicamento em um trem e só ter despertado na cidade italiana de Verona.<sup>9</sup> Curiosamente, Else também passava férias na Itália. E precisava aplacar sua inquietação vital com esse famoso barbitúrico.

No monólogo e fluxo de pensamento de Else, Veronal surge como um aliado sinistro, porém indispensável: “Seria terrível se eu não tivesse mais Veronal. Teria de jogar-me da janela e não teria coragem. Mas com o Veronal a gente dorme lentamente e não acorda mais, sem tortura, sem dor. A gente se deita, toma-o de uma só vez, sonha, e tudo acaba” (1985, p. 54, tradução modificada). Adormecer e aplacar a sede de vida da jovem. A referência ao Veronal adentrou igualmente, de modo factual, o campo da literatura: por exemplo, a poeta portuguesa Florbela Espanca suicidou-se em 1930 com uma overdose desse famoso barbitúrico.

As propriedades hipnóticas do Veronal, seu longo período de semidesintegração no corpo, que pode chegar a mais de cem horas, explica sua ação prolongada, que, em doses altas, termina por paralisar paulatinamente quase todas as funções corporais, até a morte. Tais efeitos são explorados ao longo do romance, sobretudo no processo final do suicídio, na agonia de Else, quando, após a moça ter ingerido uma dose maior, ainda consegue ouvir e assistir à cena à sua volta – e registrá-la para os leitores –, já quase sem poder se mover. Isso antes de começar a delirar. Por conta de seus efeitos secundários nocivos, nos anos 60 do século passado, Veronal foi substituído por outros princípios ativos, como as benzodiazepinas.

O barbitúrico usado por Else era sem dúvida bastante compatível com o mal-estar de um mundo em declínio, com os picos e depressões de jogos financeiros em bolsas de valores, nos quais seu pai era viciado e se afogava. O pai, segundo Else, era acometido por uma *Spielleidenschaft*, verdadeira paixão pelo jogo; segundo a jovem, uma espécie de loucura. Jogos de tênis, mas também financeiros, especulativos; turismo de luxo, fármacos para aplacar mulheres nervosas; mal-estar em pleno pré-guerra europeu, agitando-se em um carnaval de afetos. Face a esse mundo, a jovem Else se enoja. Para remediar sua náusea, recorre ao Veronal, acabando por ser tragada pelos vórtices desse carnaval.

<sup>8</sup> Cf. <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/veronal/>>. Site consultado em: 20/06/2023

<sup>9</sup> Cf. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbital>>. Site consultado em: 20/06/2023.

O escritor-médico Schnitzler compôs um romance em que revisita o *Carnaval* de Schumann em dois de seus movimentos (excitação e calma/depressão), realizando-o literariamente e dando consistência ficcional à peculiar atmosfera das classes abastadas vienenses à beira da ruína, no Império Austro-Húngaro prestes também ele a ruir, centrando o enredo nos altos e baixos afetivos e psíquicos de Senhorita Else. Nesse contexto, estilhaçada pelos dilemas impostos tanto pelo pedido da mãe, que negociava a beleza e juventude da filha, quanto pela proposta do velho senhor decadente – não por acaso, mercador de arte –, Else passa em revista suas possíveis saídas. Por instantes, devaneia tornar-se atriz, ter amantes, tal como uma conhecida sua. Se, como Dorsday lhe ensina, tudo tem seu preço, tanto fazia virar esposa, artista ou puta. Mas Else não vislumbra outras alternativas: “Não fui feita para uma existência burguesa e também não tenho talento para ser artista” (1985, p. 48). Como se sabe, artista e puta eram termos intercambiáveis.

Em certos momentos, ecoam ideias aproximáveis daquelas de uma contemporânea de Schnitzler, Virginia Woolf. Por exemplo, diante dos impasses de sua situação, Else se pergunta por que não dispunha de dinheiro; se aflige por não ter sido educada para ganhá-lo. Sua educação de moça refinada tinha-se restringido ao estudo de piano, de francês, inglês, um pouco de italiano, além de palestras sobre História da Arte, idas à ópera e ao teatro<sup>10</sup>. Lia também romances, tal como indicado pela referência a *Notre Coeur* [Nosso Coração], de Guy de Maupassant. Em mais alguns anos, precisamente em 1928, Virginia Woolf lhe teria sugerido saídas mais precisas e eficazes: não apenas conquistar *a room of one's own* [um quarto só para si], mas ganhar 500 por ano *by your wits* [por sua inteligência]<sup>11</sup>.

## 5. *Nosso coração (deles): Else leitora de Maupassant*

É interessante retomar, ainda que brevemente, o livro que Else lia e que estava em seu quarto de hotel no dia derradeiro em que se passa o texto. Último romance de Guy de Maupassant, *Notre coeur* foi inicialmente publicado em 1890, na renomada *Revue des Deux Mondes*. O enredo gira em torno da paixão arrebatadora de um entediado burguês de 37 anos, celibatário e melancólico, por uma jovem viúva de 28 anos, mulher *moderna* que se vinga do falecido e detestável marido por meio de seu sucesso mundano, cercando-se de admiradores, colecionando “favoritos” sem se entregar por inteiro a nenhum deles. O foco do romance recai sobre o protagonista masculino, André Mariolle. Portanto, esse *nosso coração* diz respeito, sobretudo, ao coração do homem burguês. Isso fica evidente em uma passagem do texto em que o narrador, cúmplice das angústias amorosas do personagem principal, parece fundir-se a ele, afirmando que “nada satisfaz, mesmo nas horas mais íntimas, a necessidade dela [no original, *d’Elle*, com maiúscula] que *carregamos conosco*” (Id., p. 158, minha tradução, grifo meu). Esse *nós* parece, portanto, restrito ao coração de certo homem burguês em eterna busca pela mulher ideal, pela quimera da completude do seu próprio desejo. Eis como Madame de Burne é apresentada pelo personagem do

<sup>10</sup> Em certo momento, afirma ter chorado com a *Dama das Camélias*.

<sup>11</sup> WOOLF, 2000, p. 66.



amigo escritor, Gaston de Lamarthe (autor fictício de um romance intitulado, justamente, *Une d'Elles*, *Uma d'Elas*), em conversa com Mariolle: à diferença das mulheres sensíveis e amorosas dos romances antigos, dotada de um irresistível charme moderno, Madame de Burne é deliciosa, desde que se aprenda a não se apegar a ela (MAUPASSANT, 1902, p. 32). Ou seja, o romance explora a polarização entre *nós* e elas. Ou *uma delas*.

Em alguns momentos, o narrador parece penetrar a personagem feminina, mantendo-se, entretanto, sempre à distância, como que fora dela. Segundo o narrador, M<sup>me</sup> de Burne seria dotada de uma habilidade felina, de uma curiosidade inesgotável, divertindo-se quando lograva conquistar, pouco a pouco, os homens que frequentavam sua casa, até tornar-se a Única, o Ídolo soberano de um séquito de apaixonados. Como se pudesse penetrar o coração da personagem, o narrador assim explica seus móveis psicológicos – ressentimento e vingança:

Isso havia crescido nela lentamente, como um instinto oculto que se desenvolve, o instinto da guerra e da conquista. Durante seus anos de casamento, talvez tenha germinado em seu coração uma necessidade de represálias, uma necessidade obscura de devolver aos homens o que recebera de um deles, de ser dessa vez a mais forte, curvar as vontades, derrotar resistências e também fazer sofrer. Mas ela havia sobretudo nascido coquete... (Id., p. 38, minha tradução).

Ainda que de Burne tivesse razões para vingar-se dos homens por meio de jogos amorosos, mais do que adentar a subjetividade dessa mulher burguesa, o narrador onisciente e o personagem do escritor, nos poucos momentos em que esboçam um movimento de aproximação, tomam distância para analisá-la. E julgá-la. Vingança, por sua vez, de ambos por talvez lhes ter escapado essa mulher coquete e moderna. Conforme vimos, Arthur Schnitzler realizou radicalmente um outro movimento, afastando-se do “nosso coração” masculino para habitar a pele, a subjetividade de Else. As relações entre ambos os romances emergem em outros detalhes. Por exemplo, enquanto Else, pouco antes de descer aos salões vestida apenas com seu casacão, admira seu belo corpo frente a um espelho, no quarto do hotel banhado pela luz do luar, a coquete Michèle de Burne costumava admirar-se em um jogo triplo de espelhos que adornavam seu banheiro. Conforme explica o narrador, as três partes articuladas desse espelho “permitiam que a jovem mulher se visse ao mesmo tempo de frente, de perfil e de costas, que ela se fechasse em sua imagem” (Id., p. 36, minha tradução). Esse fechamento da mulher em uma imagem indica também que o narrador, o personagem romancista Lamarthe, coadjuvante da paixão do protagonista, e este último funcionam de fato como três espelhos que encerram a mulher em uma enigmática efígie, que, embora tripla, mostra-se bem pouco facetada. Outro é o clima – próximo, terno, atormentado – do espelho ficcional que Arthur Schnitzler, nos anos 1920, irá oferecer a Else. E aos leitores.

Um outro ponto de contato entre ambos os romances, bastante revelador, merece ser ressaltado. Além do sucesso do livro *Notre coeur* na *Belle Époque*, o que por si só justificaria sua presença no quarto da turbulenta Else, vejamos de que modo o narrador e o protagonista do romance de Maupassant têm seus corações enlaçados e confundidos em outras observações acerca de M<sup>me</sup> de Burne. Ela surge assim como uma transformação nova e histórica do “eterno feminino”. Ambos completam:



[...] um ser refinado, de sensibilidade indecisa, alma inquieta, agitada, irresoluta, que parecia já ter passado por todos os narcóticos com os quais se acalmam e se perturbam os nervos, pelo clorofórmio que atordoa, pelo éter e pela morfina que excitam o sonho, embotam os sentidos e adormecem as emoções (MAUPASSANT, 1902, p. 56, minha tradução).

Para os ressentidos pretendentes, as intensidades e o poder de sedução de M<sup>me</sup> de Burne precisam ser remetidos a todo tipo de fármaco. Em uma época um pouco anterior àquela em que se passa *Senhorita Else*, a medicalização da mulher burguesa marcaria, segundo as perspectivas do narrador e do protagonista, a virada modernizadora de um suposto “eterno feminino”. A mulher do século XIX já era tratada como nervosa, perturbada, necessitando de fármacos para aplacar seus anseios, sufocados pelos espartilhos de força da sociedade burguesa. No alvoroço de altos e baixos nervosos, reguladores são aplicados em dois sentidos: tanto como estimulantes quanto como calmantes apaziguadores. O texto de Maupassant incorpora inclusive um termo que, proveniente de religiões e culturas africanas, começava a se firmar no campo da investigação teórica acerca do mal-estar das sociedades modernas ocidentais: “Mais do que qualquer outra, M<sup>me</sup> de Burne sentia-se nascida para o papel de fetiche, para essa missão dada às mulheres pela natureza de serem adoradas e perseguidas, de triunfar sobre os homens pela beleza, graça, pelo charme e a coqueteria” (Id., p. 169, minha tradução).

Ressentido por não ter conseguido conquistar para si a moça, e desejando abrir os olhos de André Mariolle (também visando a boicotar a paixão que neste nascia), o cínico e cruel Lamarque traça um quadro venenoso de Michèle de Burne, que, segundo ele, não é uma mulher. Equaciona seu julgamento em termos de valor, de valor de consumo:

Oh! É muito bom para degustar, mas não vale um verdadeiro vinho de outrora. Veja, meu caro, a mulher só foi criada ou veio a este mundo para duas coisas, as únicas que podem fazer com que suas verdadeiras, grandes e excelentes qualidades desabrochem: o amor e a criança. [...] Ora, estas são incapazes de amar e não querem ter filhos. Quando elas os têm, por descuido, é uma infelicidade, depois um fardo. Em verdade, são monstros (Id., p. 117, minha tradução).

É evidente que tais personagens são ventríloquos de certa mentalidade reinante. Maupassant não deixa de registrar agudamente, nesse romance, o que se passa no *nosso coração*, naquele dos homens burgueses de seu tempo. Quando pouco mais de 30 anos depois Arthur Schnitzler incorpora Else, a monstruosidade parece mudar de lado. É o que se pode observar ao longo do romance e, especialmente, em seu desfecho.

## 6. O fim e o voo de Else

Retomemos então o final de *Senhorita Else*, procurando tornar mais presente e sensível o campo atmosférico que ele secreta. Uma notável força rítmica e afectual é suscitada pelo contraponto estabelecido entre fragmentos do já fragmentário *Carnaval* de Schumann e o fluxo de pensamento de Else, prestes a se esgarçar em sua agonia e morte. Seu suicídio se traduz então como assassinato, soando como uma violenta acusação, lançada por Schnitzler, à sociedade vienense: “Os assassinos!

Todos são uns assassinos! Dorsday e Cissy e Paul. [...] e mamãe, uma assassina. Todos me mataram e fingem não saber de nada” (1985, p. 72). Caso Else sobrevivesse, seu destino já estaria traçado de antemão: o asilo de alienados, como ainda consegue ouvir à sua volta. O delírio final, entrecortado por chamados por “Else”, que ela ainda consegue ouvir, no processo de paralisia progressiva provocado pelo Veronal, também exprime, de modo lancinante, as agonias de um tempo histórico:

Onde está você, Paul? [...] Mamãe, onde está você? Cissy? Por que vocês me deixam correndo sozinha pelo deserto? Tenho medo de estar tão sozinha. Prefiro voar. Sabia que podia voar... [...] O que há? Um coro? Um órgão também? Canto junto. Que música é essa? Todos cantam. As florestas e também as montanhas e as estrelas. Nunca ouvi nada tão lindo. Nem vi uma noite assim, tão clara. Me dê a mão, papai. Vamos voar juntos. O mundo é tão belo quando se pode voar. Não me beije a mão, sou sua filha, papai. ‘Else! Else!’ Eles estão gritando de tão longe! O que querem? Não acordar. Estou dormindo tão bem. Amanhã cedo. Sonhando e voando. Voando... voando... voando... dormindo e sonhando... e voando... não acordar... amanhã cedo... ‘El...’ Voando... sonhando... dormindo... son... son... – voan...” (1985, p. 74/75, tradução modificada).

Esse desfecho apresenta uma ambiguidade significativa. Em alemão, *ich fliege* (eu voo), quando interceptado pelo derradeiro sopro de vida na última sílaba do romance, transforma-se em *ich flie...*, superpondo-se sonora e visualmente a um outro verbo alemão, *fliehen*, fugir, escapar. Em sua forma flexionada: *ich fliehe* [eu fujo, escapo]. Talvez então Else e o mundo em que vivia pudessem, ao se extinguirem ao mesmo tempo, gerar novos movimentos. Movimentos de escape, de fuga, sugerindo a abertura para novos e outros mundos possíveis.

## FINANCIAMENTO

CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa).

## CONFLITO DE INTERESSE

A autora não tem conflitos de interesses a declarar.

## AGRADECIMENTOS

Para Carlos Abbenseth, *in memoriam*.

## REFERÊNCIAS

CARPEAUX, Otto Maria. **Uma nova história da música**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1977.

CARVALHO, Louise Ferreira e FERRAZ, Maria Cristina Franco. “Autômatos, duplos e delírios atmosféricos da subjetividade moderna: O homem da areia, de Hoffmann”. In: **Revista Estação Literária**, volume 27, série 1, Universidade Estadual de Londrina, 2021.



FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité 1 : la volonté de savoir**. Paris : Gallimard, 1976.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Chicago/Londres/Toronto: Encyclopaedia Britannica, 1952.

MAUPASSANT, Guy de. **Mon coeur**. Paris: Société d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1902.

SCHNITZLER, Arthur. **Fräulein Else**. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 2011.

SCHNITZLER, Arthur. **Senhorita Else**. Tradução de Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Duas cartas de Sigmund Freud a Arthur Schnitzler: tradução e comentários. *In: Revista ARTEEFILOSOFIA*, número 23, Universidade Federal de Ouro Preto, dezembro de 2017.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. Londres: Penguin Classics, 2000.



# A retórica amena de Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)

Isabel Scremin da Silva

Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3322-5666>

E-mail: [isabelscremin@gmail.com](mailto:isabelscremin@gmail.com) | [isabelscremin@usp.br](mailto:isabelscremin@usp.br)

## RESUMO

Este artigo propõe uma investigação acerca da concepção de retórica para Alexandre de Gusmão (1629-1724), padre que atuou à frente da Companhia de Jesus na América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII. Servirão de matéria a este artigo alguns dos escritos do jesuíta, conforme análise de passagens em que define sua noção de estilo, atrelada a virtudes teológicas e a efeitos letrados de humildade, simplicidade, sinceridade e verdade, conceituados em oposição a excessos elocutórios de “retórica humana”. Veremos que Gusmão, embora visasse a objetivos instrutivos, usava de retórica amena e deleitosa para promover o entendimento da doutrina católica pós-tridentina além-mar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alexandre de Gusmão; Companhia de Jesus; Retórica.

## The pleasant rhetoric of Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)

### ABSTRACT

This article aims at investigating the notion of rhetoric according to Alexandre de Gusmão (1629-1724), priest who worked for the Society of Jesus in Portuguese America, between the 17th and the 18th centuries. Some Gusmão's writings are going to be analyzed here, especially some excerpts where the jesuit defines his notion of style, related to theological virtues and stylistic effects of humbleness, simplicity, sincerity and truth, in opposition to an excessive “human rhetoric”. Despite Gusmão's writings have instructive goals, they handle a pleasant and delightful rhetoric in order to promote an understanding of the post-Tridentine Catholic doctrine practiced oversea.

**KEYWORDS:** Alexandre de Gusmão; The Society of Jesus; Rhetoric.



## 1. Do assunto

Ao jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), responsável pela edificação do Seminário de Belém da Cachoeira, atribuem-se ao menos nove títulos, impressos em Portugal e circulados na América, a saber: *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Prezepio* (1678); *Historia do Predestinado Peregrino, e sev Irmão Precito* (1682); *Arte de crear bem os Filhos na Idade da Puericia* (1685); *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos* (1686); *Meditações para Todos os Dias da Semana, pelo Exercício das Tres Potencias da Alma* (1689); *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron* (1715); *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720); *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé* (1734) e *Arvore da Vida, Jesus Crucificado* (1734).

Instrutor de noviços, reitor em diferentes instituições de ensino em solo brasílico e provincial da Companhia de Jesus na América Portuguesa por dois governos, Alexandre de Gusmão<sup>1</sup> foi personagem importante à conjuntura teológica, política e letrada luso-brasileira entre a segunda metade do século XVII e o primeiro quartel do XVIII. Com base na bibliografia acima mencionada, observamos a prática de uma escrita doutrinária, catequista e moralizante, direcionada à reforma de hábitos de seus leitores e ouvintes, sobretudo iniciantes na doutrina e recém-ingressados na ordem de Loyola.

Nessas letras em que sobeja o *docere*, objetivo poético-retórico horaciano de ensino e proveito, encontramos algumas passagens de elogio à simplicidade do discurso e de censura à retórica. Não obstante essa censura, os escritos de Gusmão utilizavam-se de retórica para suscitar afetos em seu público, mesmo que fossem afetos amenos e suaves. Nas duas primeiras seções deste artigo, portanto, investigaremos a concepção de retórica para o jesuíta, passando por suas noções de *estilo*, de *simplicidade*, de *humildade*, de *sinceridade* e de *verdade*, e por suas censuras contra os exageros de ornamentação elocutória. Na terceira seção, por fim, adentraremos o terreno da mansidão de afetos, brandos e deleitosos, propícios à memorização e ao aprendizado da doutrina católica pós-tridentina.

Veremos, ao longo deste artigo, como Gusmão se opõe a uma determinada visão de retórica, vinculada ao engano e ao esvaziamento de sentidos, sem negá-la de todo, usando-a, inclusive, para o manejo de afetos desejáveis à persuasão de sua audiência.

## 2. Estilo humilde

“Com mayor rezão se deve venerar com o silencio, que com nosso humilde estilo explicar” – afirma o jesuíta Alexandre de Gusmão no “Prologo ao Leytor” de *Escola de Bethlem* (1678, não paginado), ao perguntar-se com que palavras poderia falar do nascimento de Cristo.

“Faço-o nesta fôrma assim para mouer a curiosidade do Leytor, como para imitar o estilo de Christo nosso Mestre, & Senhor, do qual diz o Euangelista, que nunca já mais prégaua ao pouo, senão debaxo de alguma Parabola, com que explicaua a verdade de sua doutrina” – declara o

<sup>1</sup> Ao padre Alexandre de Gusmão (1629-1724) se deve a instrução de dois famosos nomes setecentistas, Alexandre de Gusmão (1695-1753), diplomata de D. João V, e Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), o “padre voador”, inventor da passarola.

jesuíta em outro “Prologo”, agora de *Historia do Predestinado Peregrino* (1682, não paginado), quando justifica a seus leitores a escolha pelo gênero da parábola.

“Pertendo reduzir a breve estylo, pelo uso, e exercicio das tres potencias da alma, aquellas Meditaçãoens, que outros tratáraõ mais por extenso” – informa Gusmão, também ao leitor, em *Meditações para Todos os Dias da Semana* (1689, não paginado), após alegar, na dedicatória “Ao Patriarcha Santo Ignacio”, que seu livrinho fora retirado da mina preciosa dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola (1491-1556).

Dessas três citações, note-se que um vocábulo lhes é comum: estilo. Estilo humilde, como no primeiro trecho; estilo breve, como no terceiro; estilo de Cristo, como no segundo, onde se entende estilo humilde e breve, ou ainda estilo útil, doce e brando, em discurso que encena a virtude católica da mansidão. Estilo, para Gusmão, significava o modo de escrever; noutros termos, estilo participava do gênero retórico-poético escolhido e praticado decorosamente pelo orador e pelo poeta.

Estilo humilde remetia a estilo simples, *humilis*, preceituado no *Orator* de Cícero. Sutil em sua persuasão, era estilo que simulava fluidez sem demonstrar simulacro, que deleitava sem evidenciar ornamentos, que negligenciava sem descuidar. Sem de todo excluir o caráter sanguíneo de quem o pronunciava, promovia elegância, pureza e certa sobriedade: discurso simples, feito de palavras comuns e ordens diretas, rejeitava cosméticos, *medicamenta candoris et ruboris* (CÍCERO, *Orator*, §79), e utilizava a metáfora como fosse gesto a expressar o sentimento sincero do pensamento que a palavra enunciava (GONÇALVES, p. 147).

Como estilo, a simplicidade flutuava entre os gêneros, podendo estar em altos e baixos, também em gêneros medianos. Gênero ameno era gênero da lírica, por exemplo, e de escritos espirituais, como os de Manuel Bernardes (1644-1710), Agostinho de Santa Maria (1642-1728), José de Santa Maria (1670-1736), Maria do Céu (1658-1753), Antônio do Rosário (1647-1704), dentre tantos que compartilhavam com a lírica, salvaguardadas suas diferenças, de pelo menos um terreno comum, o de participarem de estilo vasto, múltiplo, acomodado a gêneros e subgêneros dos mais diversos.

No caso do prólogo de *Escola de Bethlem*, a menção ao estilo humilde não apenas antecipava à audiência o que iria encontrar no livro, como também punha em cena a virtude católica da humildade, enaltecida por Gusmão e pelos seus coevos como a principal das virtudes católicas relacionadas diretamente ao fiel, junto da pobreza, castidade, modéstia, temperança, fortaleza, paciência e mansidão. Além disso, humilde referia-se ao *ethos* discursivo, que se rebaixava a ponto de afirmar ser o silêncio da veneração mais eficaz do que palavras de louvor, mas obediente a ponto de efetuar sua obra mesmo assim, sincero ao admitir as imperfeições dela e de si próprio. Estamos no campo da sinceridade, hermenêutica e elocutória, obtida enquanto um efeito estilístico de discurso (LICHTENSTEIN, 1994, p.82).

Para definirmos o estilo humilde declarado por Gusmão, devemos de contrapô-lo ao seu negativo: o estilo empolado, ornamentado demais, distanciado da verdade, dobrado em refolhos, muito turvado e pouco ordenado – o estilo da “retórica humana”. Para isso, sigamos o peregrino de *Historia do Predestinado* (1682), única obra de ficção do jesuíta em que se delineiam os caminhos opostos de dois irmãos, Predestinado e Precito, rumo a Jerusalém e

à Babilônia, respectivamente. Em uma das etapas de sua peregrinação, Predestinado visita os governadores de Nazaré, chamados Culto Divino e Religião, em cujo palácio, “estava por armas, ou braço a esfera do mundo com a letra de S. Paulo: *Nolite conformari seculo*: pelo qual emblema entendeu o Peregrino, quanto em Nazareth podia aprender” (GUSMÃO, 1682, p. 48).

O que o peregrino Predestinado transforma em doutrina, a partir da letra de Romanos 12, 2, é que os ditames do mundo estariam sempre ao contrário dos ditames de Deus; portanto, não seria lógico querer seguir o mundo e conformar-se, concomitantemente, aos dogmas divinos. Pelo que se depreende a tensão entre mundo e Deus, carne e espírito, que permeou toda a obra de Gusmão e toda uma longa tradição de escritos espirituais, calcada nas *Confissões* agostinianas, mas que não se reduziu a uma recusa definitiva de Gusmão para com o mundo.

Não à toa, à porta de Nazaré estavam também “tres estatuas, ou imagens, que pareciao Idolos” (idem). Depois descobrimos seus nomes: *Respeito humano*, *Que dirão?* e *Interesse próprio*. Estavam dispostas aos pés do chão, para aqueles que entrassem em Nazaré não as reparassem ou, se reparassem, não as adorassem. Estátua, imagem, ídolo: *eikon*, *eidolon*: falamos agora do simulacro, do símile, do ícone, do último segmento da linha cortada no Livro VI da *República*, do quarto grau de conhecimento, o que parte do sensível, do visível sobretudo, e que apresenta as maiores distâncias em relação ao Ser.

É o terreno da pintura, da escultura, da retórica também, onde Platão (e, muito posteriormente, os pós-tridentinos em suas delimitações às iconografias cristãs) firma o leme contra Górgias e contra uma outra concepção de retórica, para a qual o ser e o parecer não se repeliam, mas se identificavam a ponto de a éfrase se autonomizar (CASSIN, 2005, p. 251), de a similitude que divide a metáfora em seus segmentos, em Aquiles e leão, dissolver-se em quadro do presente, em único tempo em que, instantaneamente, Aquiles é leão – assunto que não nos é possível desenvolver aqui.

Daí a disposição das estátuas ao chão, a curiosidade de Predestinado ao vê-las pisadas e a suspensão do enigma fazerem, de alguma forma, o peregrino perguntar-se o que significava enxergar, ou seja, o que se desvendava, em segundo momento, por trás dos olhos do corpo. Todavia, para desenganar de uma vez por todas o peregrino, Religião, governadora de Nazaré, não encontra outro recurso a não ser dispor a seus olhos, enfim, uma imagem, o emblema de *Palavra de Deus*: “Para de todo se persuadir lhe mostrou Religião huma cadeira ao modo de Pulpito, onde estava huma Virgem muito santa, pura, & sincera, ornada, mas não com demazia, nem com afeites da Vaidade” (GUSMÃO, 1682, p. 49-50).

“Para de todo se persuadir” – isto é, para que não houvesse dúvidas na interpretação do *eikon*, para que a doutrina fosse, sem excedentes nem faltas, bem ajustada à representação e para que as palavras convencessem assim que chegassem aos olhos. “He de tal energia no persuadir” (GUSMÃO, 1678, p. 14), exalta Gusmão enquanto *persona* maravilhada diante da cena da Natividade, descrita e construída em *Escola de Bethlem* (1678) com energia, ou *enargeia*, obtida por elocução que só se provava à medida que se efetuava. “Ao bom orador é suficiente dizer o que convém, mas dizê-lo com arte é próprio do eloquentíssimo”, afirma Quintiliano (*Institutio Oratoria*, VIII, 13), ao cabo, que a eloquência não tinha outra prova que não a si mesma.



No entanto, lembra a *Arte Poética*, de Horácio, que as palavras não são pinturas, são *como* pinturas: em mundo de palavra, há sempre o símile. As coordenadas espaciais da imagem elucubrada por Gusmão, que conduzem o leitor, ou ouvinte, a olhar cada coisa de cada vez, diferentemente da concomitância de todos os signos num único quadro, elevam a visão do nível do chão, onde estavam os ídolos contrários à doutrina católica, ao nível do púlpito, ao nível da pregação, portanto.

Em sua prosa mais característica, Gusmão traça correspondências, descreve para logo em seguida nomear, evidencia o percurso lógico de seus raciocínios, deixa os síndetos de suas orações às claras, escaneia a geometria de suas imagens conforme minuciosa proporção e enumeração entre cada elemento visível e sua exegese. Esta sua defesa à humildade do discurso, bem como à sinceridade e a outros atributos elocutivos que veremos a seguir, não se dava à toa, uma vez que Gusmão atuou, durante um período conturbado, para a Companhia de Jesus, de modo que jesuítas portugueses eram censurados por seus métodos de pregação e por suas agudezas praticadas durante o Seiscentos ibérico, demonstradas e variadas na preceptiva de Baltasar Gracián (1648).

Nesse sentido, Gusmão parece ser representante de uma concepção outra de retórica, emergente dentro da Companhia, em oposição ao acúmulo de sutilezas e de *conceptos*, muito embora nosso jesuíta tenha se utilizado deles na mediania de seus gêneros (SILVA, 2023). Pois, como vimos acima, a virgem que se encontra no púlpito, *Palavra de Deus*, compartilha com o pregador de um espaço intermédio: nem muito elevado, nem muito rasteiro – mediano, visível aos de baixo e aos de cima, passível de imitar e de ser imitado, estilo humilde de outros adjetivos seguidos: santo, puro, sincero. Ornado, mas não afetado pela vaidade. Honesto, em suma.

### 3. Simplicidade, sinceridade e verdade: contra os exageros da retórica humana

Entre as letras divinas e humanas, a escrita espiritual de Gusmão reclama a não ociosidade do tempo, pecado católico da acídia. “Honesto”, sempre que aparece na obra gusmaniana, adjetiva tudo o que é proveitoso, útil, laborioso no que aproveita o tempo em vista de sua finalidade eterna. Nesse sentido, a honestidade contrapõe-se, em *Historia do Predestinado* (1682, p. 44), ao Passatempo, alegorizado em bairro de Bethaven, cujas únicas preocupações eram “jogos, rizados, & entretenimentos, donde não poucas vezes nascem mil dissensoês”. Em Passatempo, as palavras desentendiam-se, as significações se alargavam e os ornatos, próprios da cosmética, da roupa-gem e dos cuidados com a beleza, multiplicavam-se em dobras.

*Perspicuitas* é termo utilizado, por Quintiliano, para se referir ao uso das palavras; perspicuidade, em Bluteau, é sinônimo de clareza. No início do Livro VIII, o orador da *Institutio Oratoria* elenca as artes femininas de embelezamento do corpo, suas depilações, tinturas e vestidos, similares às que aparecem no Livro III da *Ars Amatoria* de Ovídio. Análoga a elas aparece a elocução do discurso, qualificada por Quintiliano como *afetada* (*adfectatur*) à medida que as palavras perdem seu uso, quer dizer, perdem a utilidade de vestir os assuntos, lu-

zindo por si mesmas: *affectatio*, novamente segundo Bluteau (1728, v. 1, p. 150), “val o mesmo, que grande dezejo, & paixão”.

Afetadas, enfeitadas demais, as palavras tornam-se vaidade, em escala católica de vícios e virtudes. Em chave pós-tridentina, vaidade é *vanitas*: é quando se perdem a oportunidade, a ocasião, a prudência – o *kairós*, tempo compartilhado entre orador e auditório, tempo que acomoda o emprego das palavras à matéria e que confere entendimento ao discurso. De dama muito ornada, sumamente preocupada com o corpo, Vaidade torna-se alegoria cristã de pecado que não leva em conta o tempo: ligando-se à luxúria, é pecado da exibição de ornatos sem outro fim que não o prazer. Exibição, voltemos aos gêneros retóricos, é campo do epidítico, do demonstrativo e ostentatório, em que a persuasão se obtém apenas ao olhar. Daí os perigos, para Gusmão, de a evidência virar ídolo ou heresia de retórica puramente humana, apartada de interpretação doutrinária que a fizesse intermediária entre Deus e os homens.

Se, por um lado, um elogio só se efetuava elogiando, um discurso epidítico corria o risco de ser mal-entendido por quem ainda não conseguia visualizá-lo. A *Palavra de Deus*, como vimos em passagem de *Historia do Predestinado* (1682), era virgem sincera. Sinceridade significava “modo de obrar, ou fallar sem refolho” (BLUTEAU, 1728, v. 7, p. 655). Sinônimo de lhanza e simplicidade, *sencillo* era “lo que es simple, y no tiene doblez, dizese algunas vezes de el hombre llano, y claro que trata verdad” (COVARRUBIAS OROZCO, 1674, fl. 173r.). Sob determinada acepção de retórica praticada entre os séculos XVII e XVIII na Companhia de Jesus, a aparência de um discurso simples adquiria estatuto de virtude, de pureza de desejo e de conformação à vontade divina, verbalizada enquanto ética moralizante do hábito dos “justos”, os quais não teriam outro recurso de expiação de culpas a não ser confessá-las, seja em exames gerais ou particulares, em frente a supervisores ou diante da própria consciência.

Assim, notemos como a alegoria da *Palavra de Deus* assemelhava-se à representação de uma outra virgem presente também em *Historia do Predestinado* (1682), nomeada Confissão. Aos pés de um sacerdote, para quem entregava o próprio coração, Confissão estava vestida de branco e “parecia mui simples, sincera, & verdadeira”:

Bem entendeo Predestinado a significação de tudo isto, porque o Sacerdote era o Confessor, a Virgem a Confissão, & naquellas figuras lhe queria Arrependimento significar, qual deuia hum, & outro ser. [...] A Virgem a seus pès simples, sincera, & verdadeira mostra qual ha de ser a boa Confissão, *simples sem preambulos de inuteis exordios; sincera, sem refolho de opinioes duuidozas; verdadeira sem vicios de falsas repostas*. Ter a cara, & peito descuberto, denota que ha de ser a Confissão clara, & sem rebuço, & que deue o penitente descobrir todo o seu peito ao Confessor, pondo em suas mãos toda a sua consciencia, que isso significaua estar dando seu coração ao Sacerdote (GUSMÃO, 1682, p. 143, grifos nossos).

Destinados a amplo auditório, os escritos de Gusmão compartilhavam com gêneros teológico-políticos de pregação a mediania do púlpito e a finalidade pragmática de guiar seus leitores e ouvintes para os caminhos de Deus. Destinados a cada um, os escritos de Gusmão guardavam algo da intimidade do confessor. Intimidade ínfima, por certo, encenada dentro de parâmetros teológico-retóricos seiscentistas, mas acomodada às vidas dos leitores, muitos dos quais

imersos em espaço que antes de meados do Seiscentos, no interior da América Portuguesa, não havia internato onde meninos eram educados e onde livros em vernáculo lhes ensinavam como agir, como vestir, como falar, como confessar pecados.

De todo modo, Confissão alegoriza não apenas o sacramento católico da confissão, mas uma concepção pós-tridentina de estilo humilde, vinculado à sinceridade, simplicidade e verdade do discurso. Simples: “sem preambulos de inúteis exordios”; sincera: “sem refolho de opinioes duuidosas”; verdadeira: “sem vicios de falsas repostas” – são os adjetivos e as significações atribuídos à Confissão, sintaticamente distribuídos por Gusmão conforme recurso elocutório de recolha e enumeração. Essa disposição confere lógica e ritmo ao discurso, condensando os conceitos e os desenvolvendo em três partes análogas, anaforizadas pela preposição “sem”, que define os conceitos a partir daquilo que lhes faltam.

Em Gusmão, o critério de unidade de seus escritos parece residir justamente na simplicidade do estilo que defende: estilo útil, não afetado por preâmbulos, isto é, por discursos “que precede[m] a alguma narração” (BLUTEAU, 1728, v. 6, p. 677). Quintiliano (*Institutio Oratoria*, VIII, 55), ao discorrer sobre a elocução, afirma: “toda palavra, que não esclarece a compreensão nem serve de ornamento de estilo, pode ser dita viciosa”. Em chave católica, a palavra que resta, que não se adequa ao seu gênero, é palavra ociosa, vaidosa, enganosa por fazer passar o tempo sem aproveitá-lo. Mais uma vez, Quintiliano: “mesmo aquela ἀφέλεια [‘aféleia], simples e natural, tem certa beleza pura, apreciada também nas mulheres” (idem, 87).

O natural artifício, no entanto, não seria naturalmente simples de se obter (HERMÓGENES, 1997), exigindo do poeta a sabedoria de encadear cada parte da imitação ao seu todo; do orador, a eloquência de adequar cada componente da elocução à matéria do discurso; do pregador, a prudência de fazer de cada palavra, ela própria, encarnação das virtudes e dos vícios a serem praticadas ou negados pelo auditório. Em síntese, a *Palavra de Deus*, simples, sincera e verdadeira, era efeito de retórica fingida em simplicidade, sinceridade e verdade – como a beleza simples, de naturalidade forjada, da mulher citada acima por Quintiliano.

“Porque muitas vezes hey ouuido a esta Virgem Palaura de Deos mui *ornada de ricas pessas*, *affeitada com lindas flores*, seguida de *copiozos concursos*, & não vi os misterios, que aqui vejo?” (GUSMÃO, 1682, p. 51), pergunta Predestinado à Religião, maravilhado por ver a *Palavra de Deus* tão diversa do que costumava ouvir nos lugares “onde se préga a Palaura de Deos”. Nesta passagem, podemos observar que as semânticas da retórica e da pintura cambiam: o ornamento mistura-se à elocução, as peças (os panos) e as flores aos tropos, os concursos copiosos ao amálgama de recursos elocutórios que em discurso se atropelam e em pintura se sobrepõem.

Religião, em resposta ao peregrino, suspira: “Oh como te enganas, Peregrino! Porque essa que tu dizes não he Palaura de Deos, senão Rhetorica humana, que ainda que he muito parecida à Palaura de Deos, não he a mesma; senão outra mui diuersa” (idem). E no que elas se diferem? Poder-se-ia perguntar, mas Predestinado não o faz. Não o faz porque a pergunta já fora respondida: a *Retórica Humana* opõe-se à *Palavra de Deus* por não ser simples, nem sincera, nem verdadeira. Por ter exórdios demais, refolhos demais, vícios demais: por passar o tempo em fingimento que, de certo modo, residia também na *Palavra de Deus*, mas nela fingindo não fingir.

Sem refolhos, a palavra sincera estaria mais próxima da verdade: a palavra sincera imitava melhor e, nesse sentido, era até mais ilusória do que a palavra enganosa: “Sem refolho de opiniões duvidosas”, define Gusmão a sinceridade, próxima assim do gênero epidítico, no qual não se debatem julgamentos nem deliberações, mas onde se louva, se censura, se mostra e se evidencia. Em retórica cristã, o epidítico torna-se o gênero privilegiado da fé e da oração. De sinceridade e simplicidade combinadas, a *Palavra de Deus*, por fim, é verdadeira, último dos três adjetivos: verdadeira porque virtuosa, de lhanos artifícios e de dobraduras planas, de recreação proveitosa e honesto passatempo, “sem vícios de falsas repostas”.

Se simplicidade e sinceridade vinculam-se à elocução do discurso e alegorizam o estilo humilde praticado por Gusmão, a verdade invade o campo da matéria, da doutrina, da ética e da moral. Equiparando-se à sinceridade e à simplicidade, a verdade fazia com que o ser e o parecer se reunissem: a censura aos idólatras de tomarem por verdade o engano dos sentidos adquire agora, aplicada à verdade de cunho cristão, o valor de mezinha bem administrada que põe diante dos olhos a doutrina tida por verdadeira, descrita em écfrases, sentenciada em ditames, ensinada em metáforas e alegorias de evidente moralidade, delimitada em comparações cujos dois polos do entimema se confirmam ou se opõem: “Porque como ensina a Filosofia, a comparação só se faz entre couzas do mesmo genero, ou especie; pôde haver com tudo paralelo; porq na mesma Filosofia se diz, que hum contrario à vista de outro contrario melhor se conhece” – argumenta Gusmão no Proêmio do tratado intitulado *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720, p. 6-7).

Argumento que, por seu turno, justifica, ao longo do tratado citado, as oposições entre o Inferno e o Paraíso e que, ao mesmo tempo, explicita toda a invenção, disposição e elocução dos opúsculos de Gusmão, autorizados por Aristóteles em sua *Retórica* (III, 1407a): “os contrários são mais fáceis de reconhecer (e mais fáceis de reconhecer quando colocados junto uns dos outros), e porque se afiguram semelhantes ao silogismo”. No entanto, as comparações não deviam se confundir, lembra vez ou outra Gusmão, que admite ser a tentativa humana de dimensionar a grandeza do Paraíso (e, por oposição, a baixeza do Inferno) falha e imprecisa, similar à busca de “comparar hum tijolo com huma cidade” (GUSMÃO, 1720, p. 28-29).

#### 4. Mansidão

Como as letras espirituais de Gusmão poderiam encenar a virtude católica da temperança, afastando os leitores, ouvintes e espectadores do sumo deleite das palavras, dos sons e das imagens, mas não os apartando a ponto de que não lessem, não ouvissem nem vissem o que estas letras representavam e performavam? A resposta consistia, para o jesuíta, na virtude da mansidão: “E certamente além da mansidão, e simplicidade de Pomba, deve o Prégador observar duas cousas particulares da Pomba, que são a sinceridade, e mais a Prudencia, que ainda he mais necessaria, que a das serpentes” (GUSMÃO, 1734b, p. 40-41).

Por mansidão, Bluteau (1728, v. 5, p. 297) entende “brandura de condição”, do latim *mansuetudo*. No caso de Gusmão, ser manso não se tratava de defeito, mas de qualidade do cristão



de alma branda, tranquila, benigna e disposta a obedecer. Manso era fogo que queimava lento, paciente, que não incendiava a alma a ponto de cegar os olhos com esperanças nem imaginações vãs. Sendo o fogo metáfora máxima da paixão amorosa, sendo seu objeto por excelência o coração, fogo manso era fogo que ardia em coração brando – metáfora, por sua vez, da alma enquanto tábua rasa em que se imprimiam preceitos espirituais tipografados pelas palavras, capazes de amenizar, suscitar ou demover paixões. “Huma reposta branda mitiga a ira: pelo contrario huma palavra aspera levanta furor; porque como diz o mesmo, a lingua branda faz brando o coração duro: *Lingua mollis confringit duritiem*”, argumenta Gusmão (1734b, p. 97) com sentença de Provérbios 25, 15. Por dureza, também se entendia a dureza da vontade, considerada à época como uma das potências da alma.

Coração traspassado de setas, coração arrancado, coração enroscado por víboras, coração voltado para o alto junto com olhares direcionados ao céu, coração incrustado com o nome de Jesus, coração assinalado com a imagem da cruz: coração aflito, coração humilde, coração sincero e sem malícia: coração que ama, coração que padece, coração que se arrepende e coração que lastima, coração que se alegra e se entristece, coração que ouve os desígnios divinos e coração que obedece. Em suas formas passivas, ativas ou estáticas, a metáfora do coração abunda na obra gusmaniana.

Principal órgão aristotélico, onde as paixões dos sentidos circulam e se encontram, do coração os afetos saltam aos olhos, inundando-os de lágrimas, e as palavras correm à “boca da abundância do coração” (GUSMÃO, 1689, p. 206). De tanto visualizar a imagem de Cristo crucificado dependurada à parede, desde ao acordar até ao dormir, o devoto acabaria por imprimir no coração a imagem do *Ecce Homo*, materializando-a em órgão que corporifica a memória. Em chave agostiniana, no coração se incrustariam as leis da nova aliança entre o homem e Deus (BOUZA, 2019, p. 526). *Multa tulit, fecitque puer: sudavit, & alsit*, cita Gusmão (1678, p. 19) a passagem de Horácio, traduzindo-a e cristianizando-a como o esforço necessário, de suor e trabalho, para se alcançar as ciências do céu.

Em coração que laborava, contudo, não se podia endurecer, sob risco de perder a maleabilidade de impressão: em tela impermeável não se podia pintar, nem em tábua assaz dura se podia gravar. Abrandada pela “manteiga de devoção” (GUSMÃO, 1678, p. 289) que, esquentada em fogo manso, conferia base ao preparo dos alimentos, a dureza do coração amainava e umedecia a língua que então seria capaz de sentir o mel retirado de um romance, isto é, de um poeminha traduzido ao vernáculo, ao sabor da língua portuguesa, como o louvor de Boaventura transcrito abaixo, traduzido provavelmente por Gusmão. Formado por quadrilhas de redondilha menor, por seus diminutivos brincam, mimosos à fantasia do poeta, de seu tradutor e de seu ouvinte, a *persona* e o menino Deus:

*Meu parvulozinho,  
Que não tendes par,  
Feliz, quem levar  
De vós o abraçinho.*

*Feliz, quem lambera  
Os pès, & as mãozinhas,  
E as lagrimaszinhas  
Vo las detivera.*

*Feliz, finalmente,  
Quem só aqui morasse,  
E obsequios dobrasse  
Continuadamente.*

*Ay, pois não convem,  
Que eu chegue a abrandar  
Ao Menino, & chorar  
Com elle tambem.*

*Ay, pois seus membrinhos  
Não posso aqueutar,  
E nem sempre estar  
Iunto aos bercinhos.*

*Nada este Menino  
Aborreceria,  
Antes se riria  
Como pequenino.*

*Tambem se doeria  
Deste pobrezinho,  
E com chorozinho  
Perdão me daria.*

*Feliz quem pudesse  
A sua Mãy servir,  
Para então pedir  
Que lhe concedesse*

*Hũa vez no dia  
Ao Filho beijar,  
E com elle brincar  
Por galanteria.*

*Oh como de gosto  
Banhos lhe fizera,  
E agoa trouxera  
Com suor de meu rosto.*

*Nisto sempre andàra  
Da Mãy ao gostinho,  
E do pobre Filhinho  
Os panos lavàra.*

Nos versos acima, dispostos em *Escola de Bethlem* (GUSMÃO, 1678, p. 270), observa-se a predominância de recursos elocutórios que performam risinhos, brincadeiras e carinhos, no interior de um campo semântico ameno e suave, comum ao cenário de doces, bebidas e flores que prevalecem no impresso citado. Trata-se de marcas de um gênero mediano que não nega os afetos, pelo contrário, move-os continuamente ao amplificar os padecimentos de Cristo (como em *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*, de 1734) e os pavores dos castigos eternos (como em *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno*, de 1720), mas os abranda na suavidade de metáforas, alegorias, semelhanças e outros tropos que transmitem a doutrina com o prazer de uma escrita que a todo momento proclama seu proveito (*docere*), nunca se isolando, contudo, do deleite (*delectare*) que a elocução em si contém.

No coração, generalizam-se as espécies singulares dos sentidos, sobretudo as imagens obtidas pela visão. No entanto, ressalva López Pinciano em *Philosophia Antigua Poetica* (1596), em diálogo com o *De Anima* aristotélico, que os olhos não tocam diretamente os objetos, não os saboreiam, não sentem suas texturas, não experienciam a materialidade que através das cores pode ser vista ou imaginada, mas não desenganada na pele, coisa que apenas dois dos sentidos podem fazer, o paladar e o tato.

São eles, o gosto e o toque, que se conjugam em uma passagem bíblica repetida ao menos duas vezes nos tratados de Gusmão: a do livro engolido por João no Apocalipse 10, 8-11. Doce por fora e amargo por dentro, esse livro alegoriza não apenas as letras divinas, como as letras humanas obedientes às divinas, quer dizer, as letras espirituais, incluindo as de Gusmão, letras que dispõem da elocução para misturarem-se à saliva do entendimento e para chegarem às entranhas da vontade mais íntima do fiel, ao coração. Cristianiza-se, assim, outra máxima horaciana, a da doce utilidade, *utile dulci*:

Este he o livro que Deos mandou provar, & engolir a S. João no Apocalypse, que sendolhe doce na boca, lhe amargou nas entranhas; isto he que sendo doce aos fieis, que o rumião, & contemplão, he amargo aos Judeos, & Gentios, que o reprovão. Vai disposto por aluzão, & metáfora ao livro usual, por metáforas, & aluzoes da Sagrada Escripura, para mayor devação, & corrosidade do que isto ler (GUSMÃO, 1678, p. 31-32).

Se te parecer obra de pouco lustre, não podes negar, que pode ser de muyta utilidade. Bem sey que: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*; mas se souberes misturar a consideração do bem; & mal eterno, como neste Tratado se contem, poderà ser, que atines com o ponto, que consiste em acertar com a verdadeyra eleyção entre o bem, & mal eterno (GUSMÃO, 1720, não paginado).

Para bons entendedores, meia metáfora basta. Mas para os que não a conseguissem entender, restava ainda uma última prova, a do sabor final. O gosto primeiro, alertava Gusmão em o Prólogo de *Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno* (1720), era o doce das metáforas, da elocução em

suma, responsável por suavizar as imagens e os sons, para que os olhos pudessem ver, e não cegar; para que a língua pudesse degustar, e não cuspir. Contudo, o que devia predominar à boca, lembremos o epílogo do “Sermão da Sexagésima”, de Antônio Vieira (1608-1697), era o amargor da doutrina, a insatisfação com os próprios hábitos, o desengano ao perceber o livro da própria vida como livro mal composto, indecoroso com sua cabeça de homem e corpo de bestas feras:

Se buscas neste Tratado o gostoso, & não o util, prova-o con tudo, que se o não achares doce na boca, como o de S. João, por ventura, que te amargue como elle no coração, que he o nosso intento principal. Melhor se conhece a doçura do mel, depois de haver provado o amargo do fel. Todos os livros Sagrados, estão cheyos de promessas, & ameaças (GUSMÃO, 1720, não paginado).

## 5. Considerações finais

Para que o término deste artigo não seja amargo, ressaltemos a importância do deleite (*delectare*) para as letras instrutivas de Alexandre de Gusmão. Como afirmamos, por mais catequizantes que os escritos do jesuíta fossem, constituíam-se eles de palavras, de discursos e, portanto, de retórica – esta arte de falar bem que permeou, com suas diversas faces, o mundo letrado ibero-americano até (ao menos) o século XVIII.

Em primeiro e principal plano, os discursos de Gusmão visavam ao *docere*, objetivo poético-retórico atualizado na América Portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Em visada católica pós-tridentina, o *docere* assume para Gusmão o sentido de aproveitamento moral, de ensinamento doutrinário, de instrução catequética. Retóricos, esses discursos não deviam prescindir do *delectare*, alcançado pelo jesuíta através de elocução simples, humilde, sincera, honesta, verdadeira; elocução, em suma, que mimetizava a doutrina, pondo-a diante dos olhos do leitor-ouvinte.

Contra os excessos da cosmética retórica, o jesuíta não se opõe de todo a ela, fazendo uso de seus ornamentos para forjar e promover afetos amenos, suaves e brandos, deleitosos o bastante para a mudança de hábitos, para a memorização de preceitos e para a manutenção da esperança em vida eterna; para que a audiência, enfim, não se desesperasse em demasia quando a amarga prédica findasse, “porque al fim todo acaba, e passa como huma figura de comedia” (GUSMÃO, 1734b, p. 199).

## FINANCIAMENTO

Pesquisa com bolsa concedida pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.
- BOUZA, Fernando. Escribir a corazón abierto. Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 68, p. 507-534, mai/ago 2019.
- CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de Agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas; Edusp; Fapesp, 2007.
- CASSIN, Barbara. **O Efeito Sofístico: sofística, filosofia, literatura**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastian de. **Parte Primera del Tesoro de la Lengva Castellana; o Española**. Madri: Por Melchor Sanchez, 1674.
- GONÇALVES, Soraia Nascimento. **Contributos para a Definição do Orador Ideal** – Estudo e Tradução do “Orator” de Cícero. 362p. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- GRACIÁN, Lorenzo [Baltasar Gracián]. **Agudeza y Arte de Ingenio**. Huesca: por Juan Nogues, 1648.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Arvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santissima Virgem Maria N. Sra. Dolorosa ao Pé da Cruz**. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Eleyçam entre o Bem, & Mal Eterno**. Lisboa Occidental: Oficina da Musica, 1720.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Escola de Bethlem, JESVS nascido no Presepio. Dedicado ao Patriarca S. Ioseph**. Evora: Oficina da Universidade, 1678.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Historia do Predestinado Peregrino, e sev Irmão Precito: Em a qual debaxo de huma misteriosa Parabola se descreue o sucesso feliz, do que se ha de saluar, & a infeliz sorte, do que se ha de condenar**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1682.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Meditações para Todos os Dias da Semana, pelo Exercício das Tres Potencias da Alma, conforme ensina Sto Ignacio Fundador da Companhia de JESU**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689.
- GUSMÃO, Alexandre de. **O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé no Sentido Allegorico, e Moral**. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa, 1734.
- HERMÓGENES. **L'Art Rhétorique**. Tradução de Michel Patillon. Lausanne: L'Age d'Homme, 1997.
- HORÁCIO. **Arte Poetica de Q. Horacio Flacco**. Traduzida & ilustrada em Portuguez por Candido Lusitano. Segunda Edição, Correcta, e emendada. Lisboa: Na Officina Rollandiana, 1778.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Cor Eloquente**. Tradução de Maria Elizabeth Chaves de Mello e Maria Helena de Mello Rouanet. São Paulo: Siciliano, 1994.
- LÓPEZ PINCIANO, Alonso. **Philosophia Antigua Poetica**. Madri: Por Thomas Iunti, 1596.
- QUINTILIANO. **Instituição Oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, tomos I, II, III, IV.
- SILVA, Isabel Scremin da. **As Voltas do Compasso**: um estudo retórico da obra espiritual de Alexandre de Gusmão. 2023. 320p. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.





# Jorge de Lima: itinerários da memória

Gilda Vilela Brandão

Universidade Federal de Alagoas, Maceió (AL), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2464-3011>

E-mail: [gildabrandao@gmail.com](mailto:gildabrandao@gmail.com)

## RESUMO

Poesia neoparnasiana, modernista, surrealista, hermética, social, católica, são esses os paradigmas críticos atribuídos, de um modo geral, à criação poética de Jorge de Lima (1893-1953). A par de relevantes contribuições, procuramos, neste breve artigo, mostrar que, independentemente da multiplicidade de dicções, a fonte inesgotável de sua lírica é a memória. Em diferentes momentos líricos, o memorialismo preenche o espaço do poema, tornando-se, simultaneamente, metalinguagem, alusão, recurso intratextual e intertexto histórico. Matéria de poesia, enfim.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jorge de Lima; Memória; Poesia.

## Jorge de Lima: itineraries of memory

### ABSTRACT

Neoparnassian, modernist, surrealist, hermetic, social, Catholic poetry – these are the critical paradigms generally attributed to the poetic creation of Jorge de Lima (1893-1953). Alongside significant contributions, in this brief article, we aim to show that, regardless of the multiplicity of voices, the inexhaustible source of his lyricism is memory. In different lyrical moments, memorialism fills the poem's space, simultaneously becoming metalanguage, allusion, intratextual resource, and historical intertext. Ultimately, it is the subject matter of poetry.

**KEYWORDS:** Jorge de Lima; Memory; Poetry.



## 1. Introdução

Nosso interesse é propor algumas reflexões sobre o papel da memória na poética de Jorge de Lima. Logo de partida, Rangel Bandeira (1959, p. 43) nos alerta: “Mal comparando, a obra de Jorge de Lima lembra uma enguia. Quando tentamos agarrá-la, num de seus aspectos essenciais, eis que ela desliza por entre os nossos dedos e perde-se nos meandros de nosso pensamento”.

Costuma-se, geralmente, classificar essa *obra-enguia* em fases, que vão desde a publicação, em 1914, dos *XIV Alexandrinos* (fase parnasiana), passando pela poesia social (fase modernista) até a poesia hermética (fase surrealista) de *A túnica inconsútil, Anunciação e encontro em Mira-Celi*, culminando com um longo poema que até hoje surpreende a crítica: *Invenção de Orfeu* (1952).

No entanto, um modo eficaz de abordagem da obra de Jorge de Lima seria tentar nos desfazer de barreiras classificatórias que a palavra *fase* insinua, isto é, uma interrupção brusca, algo deixado definitivamente para trás. Deixar para trás é esquecer. Ora, repetir para não esquecer: eis aí o ponto fundamental na invenção do poeta alagoano. É preferível, então, vê-la como uma pluralidade de dicções, conforme, aliás, já havia anotado Rangel Bandeira:

Podemos afirmar, como começo de indagação, que ele [Jorge de Lima] não deixou nunca de sentir-se inquieto diante dos caminhos infinitos da arte e da vida. Não foi nem mesmo mimetismo o que o fez enfileirar-se nas correntes artísticas do momento. O que desejava era superar o infinito, encontrando o seu fim, atingindo finalmente seu objeto estético. Isto é sua afirmação total de artista, o que nem sempre conseguiu. *Nesse sentido é que foi inquieto, talvez o mais inquieto de todos os nossos poetas* (RANGEL BANDEIRA, 1959, p. 18; grifo nosso).

É bem possível que as inquietudes de ordem estética, assinaladas por Rangel Bandeira, já se achem esboçadas no conhecidíssimo *O mundo do menino impossível*, publicado no Rio de Janeiro em 10 de janeiro de 1927. No afã de colocar Jorge de Lima nas fileiras modernistas, muitos, como Wilson Martins<sup>1</sup>, consideram que, nas traquinagens do menino, estão configurados os princípios defendidos pela Semana de 22: ao destruir os brinquedos de fabricação estrangeira, substituindo-os por sabugos de milho, Jorge de Lima, com seu modo solto de ver-sejar, estaria aderindo aos preceitos modernistas, rejeitando uma tradicional forma fixa, o *soneto* e, por conseguinte, abandonando o cânone parnasiano da arte como requinte.

Se, por um lado, a reflexão de Martins é aceitável, por outro, é possível perceber que a destruição dos brinquedos importados, substituídos por sabugos de milho, simboliza o mundo mágico da infância fadado a desaparecer diante dos primeiros sinais de maquinização no país. Forma rústica de iluminação, o candeeiro – tema recorrente na obra de Lima – aparece furtivamente nos últimos versos, distribuídos em escala descendente, indo do amplo decassílabo a versos de

<sup>1</sup> O poema, ilustrado pelo autor, foi colorido a lápis Faber pelo irmão Hildebrando de Lima e incluído nos *XIV Alexandrinos*, no mesmo ano em que terminou o curso de Medicina. Sant’Ana (1994, 48) assinala que o poema “teve em Maceió banquete comemorativo, realizado no salão de recepção no Bela Vista Palace Hotel, organizado por um grupo de amigos”. Wilson Martins (1978, p. 553) comenta: “É também como parnasiano que Jorge de Lima (1893-1953) estreia em 1914, com os *XIV Alexandrinos*, e fiel ao parnasianismo se conservará até 1925, data de sua adesão à poesia modernista, com *O mundo do menino impossível*, folheto impresso em Maceió, incluído, dois anos mais tarde, no volume *Poemas*.”

cinco e sete sílabas (redondilha menor e redondilha maior), como que simulando a luz bruxuleante do lampião:

E vem descendo uma noite encantada  
Da lâmpada que expira  
lentamente  
Na parede da sala

Interessante como, no processo poético de Lima, temas, como o do candeeiro, saem dos limites de um só livro, voltam de maneira obsessiva e se espalham por toda a obra. Assim neste hermético soneto, do Canto IX, de *Invenção de Orfeu*:

Éramos seis em torno de uma esfera  
armilar. Um candeeiro antigo diante  
de seus olhos. E súbito se gera  
o vácuo na memória bruxuleante.<sup>2</sup>

No poema *Meninice*, incluído em *Poemas* (1927), o ambiente rememorado, tranquilizador, lembra, à semelhança de *Infância*, de Drummond de Andrade (2007, p. 17), uma pintura de gênero: uma sala de uma velha casa colonial, o retrato do avô, o menino e sua irmã garatujando com lápis de cor, os pais lendo em voz alta o romance folhetinesco *Rocamboles*, de Pierre Alexis Ponson du Terrail (1829-1871). Eis o quadro:

Lembras-te minha irmã  
Da velha casa colonial em que nascemos  
E onde havia o retrato do vovô Simões Lima?  
[...]  
Da mamãe, do papai,  
Suaves mas austeros e que liam à noite  
O *Rocamboles* de Ponson du Terrail?

Da mesa de jantar em que garatujávamos  
A lápis de cor, quanta coisa havia? (LIMA, 1974, v. I, p. 86).

Todo seu trabalho poético é atravessado por um diálogo profundo com o passado, motivo pelo qual se põe à distância das ideias vanguardistas, propostas por Mário de Andrade, com quem, aliás, se relacionava<sup>3</sup>. Tanto é assim que, “indagado sobre o que pensava do Futurismo – sinônimo então de Modernismo – se era “uma arte ou pantomima”, [Jorge] abriu um sorriso de espanto [...]

<sup>2</sup> Ivan Junqueira (2007, p. 15) assim define “esfera armilar”: antigo instrumento astronômico em cuja constituição entram seis anéis metálicos que simbolizam círculos da esfera celeste.

<sup>3</sup> Mário de Andrade, como se sabe, morou um certo período no Rio de Janeiro. É dele este curioso depoimento: “Já muito se comentou, se elogiou e se caçoou, sem maldade, dessa espécie de salão literário que é o consultório de médico do poeta. Porque médico é Jorge de Lima e digo, por minha experiência, médico bom [...] No consultório dele há verdadeiramente duas salas de espera: uma para os clientes de medicina, outra para os clientes da poesia [...] A qualquer momento das horas de consulta, há sempre no escritório um doente e um poeta” (ANDRADE, 1974, p. 45-46).

“Hein? Que penso do Futurismo? Não penso” (SANTANA, 1994, p. 42). A impetuosidade das propostas modernistas certamente intimidava-o. Onde Mário via progresso, luzes e automóveis (*Pauliceia desvairada*), Jorge via pobreza, sombra e escuridão. É o que esteticamente atesta o conhecido soneto *O acendedor de lampiões* (*XIV Alexandrinos*, 1974, p. 62) – imagem-síntese da pobreza, guardada pelo menino interiorano (União dos Palmares) –, e, note-se, um dos raros poemas da literatura brasileira cujo foco central é um humilde trabalhador urbano.

## 2. A memória-lenitivo

Pesadas as coisas, os poemas enquadrados, pela historiografia literária, na chamada fase *regional-modernista*, o distanciam da plêiade paulista, dada a presença saliente da memória – temática irrelevante para os idealizadores da Semana de 22. É, aliás, neste sulco memorialístico que Alfredo Bosi percebe uma afinidade sentimental entre Jorge de Lima e Manuel Bandeira:

Em ambos os casos [o de Manuel Bandeira e o de Jorge de Lima], porém, a memória, como forma de pensamento concreto e unitivo, é o impulso primeiro e recorrente da atividade poética. Ninguém se admire se a elas voltarem os poetas como defesa e resposta ao “desencantamento do mundo” que, na interpretação de Max Weber, tem marcado a história de todas as sociedades capitalistas (BOSI, 1977, p. 152-153).

Décadas antes, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) veria nessa inflexão noturna um traço marcante da escrita do autor dos *XIV Alexandrinos*, que o distinguiria de um dos pilares da poesia parnasiana, Olavo Bilac:

Se a poesia de Bilac, como a de todo o parnasianismo, foi essencialmente diurna, como bem se conclui do retrato parecido que dele nos deu o sr. Melo Nóbrega [...], a poesia do sr. Jorge de Lima é essencialmente noturna, como em geral se tem manifestado a mais moderna tendência das letras em nossos dias. E é por isso mesmo que o mistério lírico foi quase nulo em Bilac e é no poeta da “Túnica inconsútil” a própria substância de sua mensagem poética... (AMOROSO LIMA, 1941, p. 107).

Em contraste absoluto com a euforia progressista, Jorge de Lima expressa um sentimento de rejeição aos avanços da industrialização e à consequente exploração do proletariado urbano. Há, para o autor de “Mulher proletária” e “Menina Morena”, um sentido oculto na máquina. Gananciosa, ela devora os velhos banguês guardados e, seu baú de memórias. Percebe-se a impotência do eu lírico em face da sua dominação, como neste poema intitulado *Mamãe máquina*, publicado, em 1935, em *Estudos de Minas*, e incluído em *Poemas dispersos*:

Libertei-me do ar;  
 Libertei-me do fogo  
 Libertei-me da água,  
 Libertei-me da terra  
 Sou escravo da máquina (LIMA, 1974, v. IV, p. 28).



Dentre outros, reportamo-nos ainda ao “Poema à pátria”, de *Poemas negros*, obra escrita durante a Segunda Guerra Mundial, publicada, em 1947, no Rio de Janeiro, em edição de luxo, com prefácio de Gilberto Freyre. Aqui, o eu poético contempla, atordoado, um país embaçado pela fumaça dos aviões:

Ó grande país  
 Tu aderiste também.  
 Teus urubus são inquietados  
 Nos teus ares altíssimos pelos aviões.  
 Nos teus céus os anjos já não podem solfejar,  
 Sufocados de fumaça, importunados pelo pessoal  
 Do Limbo.  
 Tu vais ficar irremediavelmente  
 Toda América,  
 Irremediavelmente gêmeo,  
 Irremediavelmente comum (LIMA, 1974, v. 1, p. 83).

O poeta necessita de algo que amortize sua angústia, e esse lenitivo é a *memória*, refúgio ao qual obsessivamente recorre, como neste amargurado “Ancila negra”, de *Poemas negros*:

Há ainda muita coisa a recalcar,  
 Celidônia, ó linda moleca iorubá  
 Que embalou minha rede,  
 Me acompanhou para a escola,  
 Me contou histórias de bichos,  
 Quando eu era pequeno  
 Muito pequeno mesmo. [...]

Há muita coisa a recalcar e esquecer;  
 O dia em que te afogaste,  
 Sem nos avisar que ias morrer,  
 Negra fugida na morte,  
 Contadeira de histórias do teu reino,  
 Anjo negro degredado para sempre  
 Celidônia, Celidônia, Celidônia  
 Depois nunca mais os signos do regresso.  
 Para sempre tudo ficou como um sino ressoando  
 E eu parado em pequeno,  
 Mandingando e dormindo,  
 Muito dormindo mesmo (LIMA, 1974, v. I, p. 170).

O núcleo do poema é a lembrança do “anjo negro”, a ama que partiu sem avisar. Há, nessa contadora de histórias, que narra cantando e canta narrando, uma sintonia perfeita com o eu poético, dividido entre dois imaginários contíguos: um imaginário coletivo (o intertexto histórico escravocrata) e um imaginário pessoal. Ou, como dirá Halbwachs, entre duas memórias:

Haveria, portanto, motivos para distinguir duas memórias, que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a outra, memória social. Mais exatamente ainda (e do ponto de vista que terminamos de indicar), diríamos memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral (HALBWACHS, 2006, p. 73)<sup>4</sup>.

É surpreendente como Jorge de Lima volta-se, incansavelmente, desde suas primeiras publicações, ao passado, até chegar a este soneto perturbador, o poema “XV- Canto I”, de *Invenção de Orfeu*. Aqui, em um contexto hermético de palavras e imagens, o poeta cria uma suprarrealidade de cujo núcleo, mais uma vez, é a lembrança do momento luminoso da amamentação:

A garupa da vaca era palustre e bela,  
uma penugem havia em seu queixo formoso;  
e na frente lunada onde ardia uma estrela  
pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela  
que do fundo do sonho eu às vezes esposo  
e confunde-se à noite à outra imagem daquela  
que ama me amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido; era o meu acalanto,  
e seu olhar tão doce inda sinto no meu:  
o seio e o ubre natais irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:  
semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu  
o leite e a suavidade a manar de dois seios (LIMA, 1974, v. III, p. 176).

Marcado por um turbilhão de imagens de tons nitidamente surrealistas, o poema toma contornos mais precisos. Aos poucos vai se esboçando a figura da ancila negra, aquela que, na vida real, morrera afogada na lagoa que circunda a cidade, e que ressurgue agora, envolvida metaforicamente, pelo úbere de uma vaca “pura e singela” – voz, semblante, canto e cheiro se confundem.

No poema XIII, Canto VII, de *Invenção de Orfeu*, obra de difícil interpretação, “cheia de violentas superposições metafóricas e de similitudes rebuscadas” (PROENÇA, 1999, p. 7), de alusões biográficas, metalinguísticas, religiosas, literárias, sociais e mitológicas, a indagação sobre

<sup>4</sup> Halbwachs define a noção de memória coletiva: “Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou de leituras – mas esta é uma memória tomada de empréstimo, que não é a minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Segundo Nicolas Capo, Joel Candau contesta esse conceito halbswchiano: “A juste titre, Joel Candau considère la mémoire socialement partagée comme une hypothèse conjecturale” [...] dans la mesure où seule la faculté de mémoire individuelle est attestée par les neurosciences. L’élan de la théorie Halbaschienne est même rompu lorsque l’auteur [Candau] affirme : “le fait que tout individu ait une mémoire individuelle socialement orientée ne signifie pas pour autant qu’elle soit partagée” [...]. La notion de mémoire collective serait une notion floue car marquée par trop d’ambiguïtés. Elle signifie tantôt “une entité extérieure aux individus et qui les surplomberait”, tantôt “une reproduction parfaitement autonome du passé, qui émergerait d’un ensemble de mémoires individuelles fonctionnant de façon massivement parallèle” (CAPO, 2005, p. 65-66-67). Sobre essa discussão, ver RICOEUR, 2000a, p. 146-151.

a sobrevivência da poesia persiste na seguinte fala de Orfeu. Nos primeiros versos da primeira estrofe, o poema se diz criação, desnuda-se, autorreferencia-se:

E esse velho e atroz poema  
 Quem acaso o arquitetou?  
 Que mão sem braço o escreveu? [...]  
 Ó tecido de memórias  
 recuadas de meu tempo  
 que a eternidade comeu!

Ó noites clavculares,  
 epopeia sem guerreiro,  
 humana sobrevivência  
 das lembranças recalçadas,  
 cem avós em cada cântico  
 prévio nunca amanhecido. (LIMA, 1974, v. III, p. 91).

O *pathos* da memória (“Ó noites clavculares [...] das lembranças recalçadas”) se afunda em um poço sem fim (“Ó tecido de memórias / recuadas de meu tempo”), como se o poeta estivesse saindo de um longo letargo. Nenhuma voz soberana assume o poema. As vozes que o teceram foram tragadas pelo tempo. O poema surge, como por magia, do nada, do acaso; *aparece*, por assim dizer, como *verdade*, no sentido heideggeriano do termo, isto é, como essência de poesia:

A essência da arte é a Poesia. Mas a essência da Poesia é a instauração da verdade. Entendemos aqui esse instaurar em sentido triplo: instaurar como oferecer, instaurar como fundar e instaurar como começar. Todavia, a instauração só é real na salvaguarda. [...]. A verdade que se abre na obra nunca é atestável nem deduzível a partir do que até então havia. Pelo contrário, o que até então havia é que é refutado pela obra, na sua realidade exclusiva (HEIDEGGER, 1990, p. 60).

Jorge de Lima não bebe da água de Lethe, figura mítica, filha de Éter e de Gaia (a Terra), encarnada no rio que corre nos Infernos e produz o esquecimento, e sim da fonte de Mnemosyne, a fonte da Memória<sup>5</sup>. Luciana Stegagno Picchio (1983, p. 81) acentua o estofo memorialístico de Manuel Bandeira e Jorge de Lima:

A musa adulta de Manuel Bandeira vê o Recife desde o “depois”, e o poeta vê-se a si mesmo criança, mas a criança com raiva de ser menino “porque não podia ir ver o fogo”. É a sua uma invocação de garoto ao ar livre, brincando de chicote queimado, por ruas que têm nomes lindos: rua da União, rua do sol, rua da Saudade, rua da Aurora. Mas é uma invocação que vem do “agora”, por quem sabe que tudo acabou: Recife morto. Enquanto Jorge de Lima, poeta que entre os primeiros da literatura

<sup>5</sup> Na mitologia grega (sobretudo, segundo Hesíodo), Mnemosyne é a deusa da memória, representada com as mãos no queixo, em atitude de meditação, filha de Ouranos (o Céu) e de Gaia (a Terra). Os antigos também a representaram como uma mulher madura, coberta de pedras preciosas e de pérolas. Já o esquecimento, está encarnado na figura mítica de Lethe (do verbo *lanthamo*, ser ignorado), filha de Éter e de Gaia. Lethe é também um rio cujas águas produzem o esquecimento. Mnemosyne devolve a lembrança para quem bebeu a água de Lethe (Ver WEINRICH, 2001).

brasileira cita o nome de Proust, consegue contar a infância de dentro da infância, contar as casas de dentro das casas [...].

O leitor de Proust<sup>6</sup> não quer se esquecer de se lembrar, porque sabe, como Santo Agostinho, que memória e esquecimento andam lado a lado: “Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde, e o esquecimento que lembro. Que é o esquecimento senão a privação da memória? (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 275). Memória e esquecimento não são, pois, pares opostos, mas complementares. Paul Ricoeur (2000a, p. 24) recoloca a questão:

O que é uma lembrança, qual a diferença em relação a um fantasma, a uma imagem? Chegamos à ideia da imagem-lembrança. O segundo momento é: como se busca uma lembrança? O grego tinha duas palavras para designar a memória: *mnémé*, que é a memória – eu tenho uma lembrança, uma lembrança surge no meu espírito; e em seguida, *anamnésis*: eu procuro a lembrança. Então qual é a relação entre o *pathos* da memória e a práxis de sua procura?

Perseguindo “a pista husserliana”, como ele próprio esclarece, Ricoeur recoloca os dois sentidos convergentes do ato memorialístico: a *mnème* e a *anamnésis*. No primeiro, a lembrança é caracterizada como um *pathos*, um *affectus* (eu sou afetado pela lembrança); no segundo, a lembrança surge como objeto de uma busca. *Mnème* e *anamnésis*: dois momentos retomados por Ricoeur em *La mémoire, l’histoire, l’oubli*: “A lembrança, procurada e encontrada simultaneamente, situa-se na encruzilhada de uma semântica e de uma pragmática”<sup>7</sup>.

Depurada no tema e na forma, a *mnémé* se faz metalinguagem em muitos poemas. Em *O filho pródigo* – alusão explícita à parábola bíblica do Evangelho de São Lucas –, o poeta, “distante da celebração futurista da velocidade mecânica” (ANDRADE, 1997, p. 78), lamenta o tempo que se foi e a impossibilidade de se fazer poesia. A pergunta, obsessivamente reiterada (“Cadê a luz trêmula de vela/ para alumiar o meu poema antigo?”) ganha, mediante a temática do candeeiro, um novo significado:

Cadê a luz trêmula de vela  
para alumiar o meu poema antigo?  
O lirismo perdeu sua liturgia.

As lâmpadas Osram velam funebremente a poesia [...] (LIMA, 1974, v. I, p. 150).

Marca formal recorrente na enunciação lírica de Jorge de Lima, a indagação revela, para além de uma autorreflexibilidade e uma autoconsciência poética<sup>8</sup>, uma situação agônica, conotada nos versos anafóricos do poema “Adeus, poesia”, de *Tempo e Eternidade*:

<sup>6</sup> Matriculado na Faculdade de Medicina da Bahia, Jorge de Lima concluiu o curso de medicina no Rio de Janeiro. Em 1929, é professor catedrático, por concurso, da Escola Normal (Maceió), onde leciona História Natural e de Literatura. Sua tese, intitulada *Dois ensaios*, contém, como indica o título, dois escritos: “Todos cantam sua terra” e “Sobre Marcel Proust”.

<sup>7</sup> No original: «Le souvenir tour à tour trouvé et cherché se situe ainsi au carrefour d’une sémantique et d’une pragmatique ».

<sup>8</sup> Não à toa, muitos de seus poemas expressam o impacto do mundo moderno.

SENHOR JESUS, o século está podre.  
 Onde é que vou buscar poesia?  
 Devo despir-me de todos os mantos,  
 os belos mantos que o mundo me deu. [...].  
 Devo despir-me do que é belo  
 Devo despir-me da poesia (LIMA, 1976, v. II, p. 43).

A dificuldade de se fazer poesia, em um século iluminado pela lâmpada elétrica no lugar dos velhos lampiões a gás, traz de volta a *memória-lenitivo*. Mais uma vez, o que vem à tona é o confronto entre o passado idealizado e o presente corroído. Se, em “Adeus, poesia”, a lembrança cai no vazio existencial – atitude que, em rigor, expressa o ser moderno –, em “O filho pródigo”, o contraste entre as lâmpadas Osram (o presente) e a luz trêmula das velas (o passado) é acionado pela memória voluntária proustiana, conceito estudado por Gilles Deleuze em *Proust et les signes*, resumido, abaixo, por Jean-Yves Petiteau<sup>9</sup>:

A melhor definição [de memória] é sem dúvida a que Gilles Deleuze deu a propósito da obra de Marcel Proust: a memória *voluntária* vai do presente atual a um presente dito que “foi”, isto é, a alguma coisa que foi presente e que não é mais. O passado da memória voluntária é, portanto, relativo: relativo ao presente que foi, mas também relativo ao presente em relação ao qual ele agora é passado. Isso quer dizer que esta memória não apreende diretamente o passado: ela o recompensa com presentes. [...]. A memória *involuntária*, antes de tudo, parece residir na semelhança entre duas sensações, entre dois momentos (PETITEAU, 2006, p. 2; tradução nossa).<sup>10</sup>

A memória dissemina-se discursivamente em toda sua poética, o que nos permite afirmar sem hesitação: são de natureza palimpséstica os poemas de Jorge de Lima, na medida em que aprofundam matizes anteriores, sem apagá-los de todo, o que nos obriga a um permanente e difícil cotejo entre eles. Por exemplo: imagens associadas à pobreza e à doença fluem obsessivamente em obras pertencentes a diferentes “fases”. É o que se observa quando se compara a estância XXX, de *Invenção de Orfeu*, ao poema “Felicidade”, de *Poemas escolhidos*:

XXX

Inda meninos, íamos com febre.  
 comer juntos o barro dessa encosta.

<sup>9</sup> O próprio Proust, em entrevista ao jornal *Le Temps*, datada de 13 de novembro de 1913, discorre sobre esse processo enunciativo: “Pour moi, la mémoire volontaire, qui est surtout une mémoire de l’intelligence et des yeux, ne nous donne du passé que des faces sans vérité; mais qu’une odeur, une saveur retrouvée, dans des circonstances toutes différentes, réveille en nous, malgré nous, le passé, nous sentons combien ce passé était différent de ce que nous croyions nous rappeler, et que notre mémoire volontaire peignait, comme les mauvais peintres, avec des couleurs sans vérité”. Disponível em: <[www.letemps.ch/marcel-proust-centans](http://www.letemps.ch/marcel-proust-centans)>.

<sup>10</sup> Cf. com o original: “La meilleure définition est sans doute celle que donne Gilles Deleuze à propos de l’œuvre de Proust: La mémoire volontaire va d’un actuel présent à un présent qui ‘a été’, c’est-à-dire à quelque chose qui fut présent et qui ne l’est plus. Le passé de la mémoire volontaire est donc doublement relatif: relatif au présent qu’il a été, mais aussi relatif au présent par rapport auquel il est maintenant passé. Autant dire que cette mémoire ne saisit pas directement le passé: elle le récompense avec des présents. [...]. La mémoire involontaire semble d’abord reposer sur la ressemblance entre deux sensations, entre deux moments”.

Será talvez, por isso, que o homem goze  
 ser a seu modo tão visionário e ébrio.  
 E ainda goste de ter em si a terra  
 com seu talude estanque e sua rosa,  
 e esse incesto contínuo, e infância anosa,  
 e céu chorando as vísceras que o cevam.  
 Tudo isso é um abril desenterrado  
 a ilha de se comer, ontem e agora,  
 e vontade contínua de cavá-los,  
 cavá-los com a maleita renovada.  
 Ó terra que a si própria se devora!  
 Ó pulsos galopantes, ó cavalos! (LIMA, 1974, v. III, p. 53-54).<sup>11</sup>

Felicidade

Tão bonita a Lagoa Mundaú  
 Eu vi os meninos pobres que iam tirar sururu  
 Um bando deles. Uns tinham doze ou treze anos e  
 [pareciam ter oito  
 Amarelos. Perto da Satuba tem um massapê ótimo.  
 Eles amassam, amassam, fazem balas. [...].  
 Comer terra! Quando a bala vermelhinha cor de telha toca  
 [na língua a boca e enche d'água para a bala se embeber. [...].  
 .  
 Gosto de terra não é gosto de comida, de sal, de açúcar, de  
 carne. É gosto diferente, de terra! É um gosto doente  
 [como gosto de maleita. [...].  
 Tudo é bom. A miséria é boa. A lama é amorosa. Parece que  
 [A vida é uma feitiçaria de sonho de maleita (LIMA, 1974, v. I, p. 152-153).

Examinando-os de perto, ambos os poemas aludem a uma realidade concreta, quer dizer, a uma vivência cercada de pobreza que o menino, morador da casa colonial pertencente aos avós,<sup>12</sup> guardou na memória. A citação abaixo, necessariamente longa, é esclarecedora no sentido de mostrar a importância que o biográfico assume nas suas obras de invenção, em prosa e em verso:

Tempos depois peguei a fatalidade desses barros pátrios para herói de minha minguada novela *Calunga*. [...]. Vivi esses estirões de terra mangueada, aningada, massapeada, vivi com os pés no chão, entre laguna e mar, em raiz de mangue, em água salobra, mestiçada como cambembe, eu aluviônico, eu baixo, eu terra. Mar, lagoa e rio, tudo construindo e destruindo, fechando a barra

<sup>11</sup> Sob o signo “cavalos”, ver LOBO, Luiza. O clássico e o moderno em Invenção de Orfeu. In: REBAUD, Jean-Paul (org.). *90 anos de Jorge de Lima*. Maceió: EDUFAL, 1983.

<sup>12</sup> Nascido em União (Al), Jorge era filho de José Mateus de Lima (pernambucano) e Delmina Simões Lima (sergipana). O pai tornou-se um comerciante de miudezas no Largo da Matriz, em União. O casal teve quatro filhos. Um dos irmãos, Hildebrando, nascido em Maceió, escreveu os seguintes romances policiais, sob o pseudônimo de Jack Hall: *O estranho assassinio de Mr. Arthwill* e *Os assassinos do Castello Saint Denis*, publicados em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

e abrindo a barra, [...]. Ao lado da lama peganhenta o giz para se comer, mascar. [...] Do alto do Cadoz vi a extensão de meu paraíso, a foz do Mundaú, rio que banha as terras dos Palmares, rio dos quilombolas, dos negros fugidos, rio de história oposta à do rio de S. Francisco que é o rio da conquista dos brancos. [...]. Os meninos perdidos do Mulungu me atraíam gloriosamente. Para ir ao encontro deles usei táticas. Fingia ir apreciar o movimento canoieiro da Levada [...], atingia a cacimba aterrada e eis o pátio da casa de taipa em que moravam em companhia da avó entrevada (LIMA, 1959, p. 118- 119).

No poema XXX, de *Invenção de Orfeu*, que, nas palavras do poeta e crítico Carlos Moliterno (1965, p. 87), reúne “as suas visões desde a infância e os estratos acumulados de sua cultura”, o eixo sintagmático, servindo de ponto de partida, são os dois primeiros versos: “Inda meninos, íamos com febre/ comer juntos o barro dessa encosta”. Aqui, a forte impregnação do real (comer barro) recebe um fluxo de imagens culminando num *nonsense*, isto é, num verso surreal que não se deixa compreender pelos parâmetros da razão: “Ó terra que a si própria se devora/ Ó pulsos galopantes, ó cavalos!). A terra, homologia da doença é, também, isomorfa do gozo (autofagia). Gozo e doença, doença e gozo. No poema narrativo “Felicidade”, o eu lírico se desvela na posição de observador (“Eu vi”). A constituição de sentido se faz mediante o mesmo jogo paralelístico – terra-barro-doença: “Gosto de terra não é gosto de comida, de sal, de açúcar, de carne. É gosto de maleita”<sup>13</sup>. Em “Felicidade”, o recurso compositivo empregado é a ironia, cuja síntese se dá em dois enunciados ríspidos: “A miséria é boa. A lama é amorosa”. Da discrepância entre a realidade evocada e a linguagem empregada nasce o irônico: “O ironista, em seu papel de ingênuo, propõe um texto, mas de tal maneira ou em tal contexto que estimulará o leitor a rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado “transliterar” não expresso de significação contrastante” (MÜECKE, 2005, p. 58).

Vê-se que a literatura de Lima se move em um redemoinho de memórias, que, não raro, ultrapassam o plano de experiências empíricas e remontam a tempos ancestrais, como nesta instância de *A túnica inconsútil*:

Suores salgados e amargos de mergulhadores escravos  
Se diluíram no mar  
Suores salgados e amargos de remadores de galeras  
Desceram para o mar  
Suores salgados e amargos de grandes batalhas navais  
Desceram para o mar  
O mar é cada vez mais amargo  
Onde está o mar inocente – propriedade do poeta? (LIMA, 1974, v. II, p. 52).

Na poesia de língua portuguesa, o mar, em suas relações conceptuais, históricas, simbólicas, sempre foi, diacrônica e sincronicamente, sinônimo de grandeza. Não aqui. O poema mimetiza, mediante versos crescentes (“Suores salgados e amargos de mergulhadores escravos”; “Suores

<sup>13</sup> O gosto anestésico da lama não é desconhecido pelo médico-poeta cujo *métier* é sutilmente aludido ao longo deste e de outros poemas.

salgados e amargos de remadores de galeras”) e decrescentes (“Se diluíram no mar”; “Desceram para o mar”), a ondulação das ondas, narrando a história inominável da escravidão – tópica relevante na escritura poética do autor<sup>14</sup>. Os dois primeiros versos soam espectrais, com batidas rítmicas fúnebres. A voz que indaga “Onde está o mar inocente – propriedade do poeta”? não pergunta propriamente sobre si, pergunta sobre o mundo. O poema mergulha numa temporalidade sem começo e sem fim, indiciada por um tempo verbal, remetendo a um passado remoto: pretéritos perfeitos precedidos de sujeitos indeterminados: “se diluíram”, “desceram”. Tomando como base de interpretação as orientações de Ricoeur (2000b, p. 53), pode-se dizer que Jorge de Lima utiliza simultaneamente traços mnêmicos (correspondentes ao primeiro momento da fenomenologia da memória) e traços mnésicos (correspondentes ao segundo momento, o momento “pragmático”), para interpelar um passado irrecuperável. Os significantes “escravos”, “remadores de galeras” e “batalhas navais” constituem os chamados traços mnêmicos; o significante “mar inocente” carrega o único traço mnésico.

Memória e escritura entrelaçam-se. Movendo-se em um universo sombrio, o poeta vai agregando tons e dicções a cada obra publicada, tendo a memória como núcleo temático de seu pensamento estético. Estamos diante de um poeta cujas inquietudes estéticas revelam uma personalidade atormentada, depressiva<sup>15</sup>, a ponto de Murilo Mendes (1959) afirmar: “Se Jorge de Lima não tivesse tomado consciência desta grandeza final do nosso destino [de escritor], não hesito em afirmar que poderia ter sido um suicida”. Em sua invenção poética, a memória funciona como uma forma de lenitivo contra a desumanização do mundo, o império da máquina e do capital.

## CONFLITO DE INTERESSES

A autora não tem conflitos de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

AMOROSO LIMA, Alceu (Tristão de Ataíde). Do condoreirismo ao misticismo. *In*: AMOROSO LIMA, Alceu (Tristão de Ataíde). **Poesia brasileira contemporânea**. Livraria Editora Paulo Bluhm, Belo Horizonte, 1941. p. 98-110.

ANDRADE, Fábio de Souza. **O engenheiro noturno: a lírica final de Jorge de Lima** [Prefácio de Davi Arrigucci Jr.]. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>14</sup> O poema “Nêga Fulô”, publicado em 1927 (500 exemplares) com prefácio de José Lins do Rego, em 1928, editado pela Casa Trigueiros (Maceió) e mais tarde (1929) inserido em *Novos poemas*, pode ser considerado como o poema fundador desta vertente. Ali, o real histórico e o fictício se conjugam para expressar as relações de dominação vigentes no período escravocrata. No poemeto “Senhores peço licença”, escreve: “Agora peço a você/ Ô caboclo brasileiro, caboclo ainda cativo, ler *O navio negreiro*/ para ficar informado/ do passado cativo” (LIMA, 1974, p. 15).

<sup>15</sup> “Outra crise de depressão ameaçou derrubar o gigante Jorge. O amigo Mendonça Jr. recordou que, durante conversas, o poeta ‘caía em transe’ e ‘ausentava-se para muito longe’. O guerreiro acenou para um retiro. O local escolhido foi a clínica de um amigo, nos arredores da extasiante e bucólica Floresta da Tijuca. Por lá, durante 10 dias, o poeta se recuperou com a pena na mão, a escrever os 78 poemas do *Livro de Sonetos*” (COELHO, 2014, p. 27).

- ANDRADE, Mário de. Nota preliminar. *In*: LIMA, Jorge de. **Tempo e eternidade**. Rio de Janeiro: Aguilar; Brasília: INL, 1974. p. 45-47.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CAPO, Nicolas; CANDAU, Joël. **Anthropologie de la mémoire. Temporalités** [online]. Disponível em: <<http://temporalites.revues.org/498>>. Acesso em: 21 set. 2019.
- COELHO, Fernando. Jorge no Rio de Janeiro. *In*: **Graciliano**. Maceió: Revista da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, ano VII, 2014, n. 21. p. 25-29.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JUNQUEIRA, Ivan. Quatro faces de Jorge de Lima. *In*: LIMA, Jorge de. **Poemas Negros. Novos poemas. Poemas escolhidos. Livro de sonetos**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LIMA, Jorge de. Minhas memórias. *In*: LIMA, Jorge de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959. p. 99-157.
- LIMA, Jorge de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Aguilar; Brasília: INL, 1974. 4.v.
- LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu ou Biografia épica, biografia total e não uma simples descrição de viagem ou de aventuras**. São Paulo: Círculo do Livro [por cortesia da Companhia José Aguilar Editora], s. d.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978. v. 5.
- MENDES, Murilo. Nota Preliminar. *In*: LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu. ou Biografia épica, biografia total e não uma simples descrição de viagem ou de aventuras**. São Paulo: Círculo do Livro [por cortesia da Companhia José Aguilar Editora], s. d. p. 7-19.
- MENDES, Murilo. *In*: LIMA, Jorge de. **A mulher obscura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959. [contracapa].
- MUECKE, D. **Ironia e irônico**. Tradução por Geraldo Gerson de Souza. Revisão de Vera Lúcia Beluzzo Bolognani e Valéria Cristina Martins. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PETITEAU, Jean-Yves. La méthode des itinéraires ou la mémoire involontaire. *In*: BERQUE Augustin; BONIN, Philippe et alli. **Colloque Habiter dans sa poétique première**. Conferência dada em 3 de setembro de 2006.
- POVINA CAVALCANTI, Carlos. **Vida e obra de Jorge de Lima**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1969.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. Apresentação. *In*: LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu**. [Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença]. Rio de Janeiro: Tecnoprint [199-?]. (Prestígio)
- RANGEL BANDEIRA, Antônio. **Jorge de Lima – o roteiro de uma contradição**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- RICOEUR, Paul. Un parcours philosophique. Propos recueillis par François Ewald. *In*: **Magazine Littéraire**. Morale, histoire, religion: une philosophie de l'existence. Setembro, 2000a (390).
- RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Seuil, 2000b.
- SANTANA, Moacyr Medeiros de. **Jorge de Lima: poesias esquecidas**. Maceió: Edufal, 1983.



SANTANA, Moacyr Medeiros de. **História do modernismo em Alagoas – 1922-1932**. Maceió: Edufal, 1980.

STEGAGNO PICHIO, Luciana. Jorge de Lima. O poeta e sua dimensão universal. *In*: REBAUD, Jean-Paul (org). Anais do II Simpósio de Literatura Alagoana. **Jorge de Lima, 90 anos depois**. Maceió: Edufal, 1983. p. 73-97.



## Deise Quintiliano e Roberta Stanke entrevistam Evanildo Bechara, professor, filólogo, linguista e lexicógrafo

Deise Quintiliano and Roberta Stanke interview Evanildo Bechara, professor, philologist, linguist and lexicographer



Evanildo Bechara (foto do dia da entrevista).

Nascido no Recife a 26 de fevereiro de 1928, o professor Bechara transferiu residência para o Rio de Janeiro em 1940, a fim de determinar sua formação cultural na companhia do tio-avô materno, Benedito Clímaco de Holanda Cavalcante. Filólogo, linguista e lexicógrafo, é Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou, por décadas, nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino fundamental e médio oferecidos pelo Liceu Literário Português, de onde é Vice-Presidente Cultural, além de ministrar palestras sobre



Educação e Língua Portuguesa em escolas e universidades dentro e fora do país. É membro do Comitê Científico da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, como representante da Academia Brasileira de Letras; membro da Comissão Nacional do Brasil junto ao Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP); membro da Academia Brasileira de Filologia; Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; Doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra; membro da Société de Linguistique Romane; membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da mesma instituição; e o representante brasileiro do Acordo Ortográfico vigente. Recentemente, em sua homenagem, foi instituída pelo Instituto de Letras da UERJ a *Cátedra Evanildo Bechara*, criada para promover eventos sobre Língua Portuguesa e estudos linguísticos no Brasil e em outros países<sup>1</sup>.

Nesta entrevista, o professor Evanildo Bechara responde a 6 questões diretamente relacionadas à sua trajetória profissional, no âmbito das Letras, nas suas áreas mais específicas de atuação. Nesse sentido, nosso convidado reflete sobre o ensino de Filologia Românica, da Língua Portuguesa, da gramática (BECHARA, 2019) e dos rumos e usos da nossa Língua materna, no Brasil. De fato, tão logo tivemos a honra de sermos convidadas a organizar o volume 61 da Matraga – “Miscelâneas” –, fomos informadas de que deveríamos proceder a uma entrevista com alguma personalidade no âmbito das Letras. Os pensamentos pesavam, pupilas ao alto, escleras salientes ao baixo. Estaríamos pensando na mesma pessoa? Sim. Estávamos. Mas, e as dificuldades, a ABL, a idade avançada, a agenda... seria possível? Obtivemos o telefone pessoal. Era um fixo. “– Eu vou tentar!” – disse. Caía a noitinha. A cuidadora atendeu e pedi para deixar um recado, solicitando uma pequena entrevista com o meu ex-professor, esclarecendo do que se tratava, muito receosa em incomodar. “– Não, professora, aguarde um instante. Ele faz questão de falar com a senhora.” Foi, então, que ouvi o mesmo timbre límpido da sala de aula (quase tão forte quanto o de outrora), a mesma inflexão melódica da voz, eivada de delicadeza. Num misto de alegria e profunda emoção, uma longa conversa se sucedeu. Ele se alegrava e se espantava com o fato de falar com a única aluna da turma Alceu Amoroso Lima a ter prosseguido na carreira acadêmica e diante de cada resposta que eu lhe dava – era ele que me entrevistava – recebia de volta um “– ôôô, que maravilha, minha filha!” E como uma árvore que olha para o seu fruto, um animal para a sua cria, um pintor para a sua obra, percebi, de imediato, o quanto ele se sentia partícipe, não apenas do processo de minha formação, mas de todas as formações das quais participara, bem como do jogo de sedução para o exercício da profissão que, juntamente com outros incríveis professores, ele ajudara a exercer na minha tomada de decisão definitiva: “– É isso o que eu quero fazer!”

Sob a égide de Proust, uma memória involuntária se desdobrou, já que a sonoridade vivificava eventos como numa película do Alain Resnais, baseada na sobreposição de imagens que se projetavam no meu telão interior. Brotavam, assim, reminiscências dos tempos primários da longa carreira do professor, que se estende por mais de sete décadas. Lá estava o jovem Evanildo, promovendo um regramento inaugural da matéria caótica preexistente no nosso universo lusófono, apoiada no modelo histórico-filosófico-pedagógico-linguístico.

<sup>1</sup> Dados biográficos cedidos pela ABL.

Embora tributária de regras provenientes do cânone, notadamente marcadas pela criação da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, em 1959, a normatização proposta por nosso demiurgo assimila o advento da ciência Linguística, da febre Estruturalista, sem negligenciar os aportes de uma nova ordem emergente, que seriam conglomerados na *Moderna Gramática Portuguesa*, de 1961, em sintonia fina com Caetano: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”. O verso traduz pertinentemente a relação entre o português do Brasil e o de Portugal – Camões tendo sido o poeta lusitano alçado à condição de parâmetro do português moderno. Com efeito, ao desenvolver estudos minuciosos da língua portuguesa, em suas mais diversas manifestações, vultuosos trabalhos acadêmicos, pesquisas e publicações, Bechara fornece à posteridade uma panóplia de tópicos que abrangem da gramática normativa a variações estilísticas, da linguística americana a fenômenos dialetais, passando pela filologia e pela fonêmica.

Nosso escopo maior é dar voz a esse grande protagonista da nossa história; é lançar no ar porções de pólen aptas a fecundar sua criatividade mnemônica; é trazer à luz sua gnose singular, norteadora de sendas seguras já trilhadas por nosso audaz antecessor. É sempre necessário retornarmos à fonte originária do pensamento bechariano, revisitando o “estado da arte” de suas reflexões para delas haurir o “substantífico tutano” de que nos fala Rabelais. Ante a precipitação do desfecho do diálogo – já tornado bate-papo –, era o momento da passagem do contato da generosa e competente assessora do professor, na ABL, Cristiane Cardoso, a quem deixamos aqui um agradecimento muito especial, pois, sem sua cooperação, solidariedade e sensibilidade, a entrevista não teria sido possível. Equalizando agenda, condições físicas, maneira e momento mais adequados de efetuar a gravação que, na sequência, deveria ser digitalizada, deu exequibilidade a nosso propósito, mas, sobretudo, a nosso desejo de contemplar leitores e leitoras da *Matraga* com essa pequena entrevista, de um grande Homem, que jamais se arrogou o papel de um *scholar* clássico, fato comum apenas aos gigantes, cuja imortalidade antecede à posse na ABL. Peço licença ao genial Gilles Deleuze, que proferiu, sobre Sartre, a célebre frase: “*il a été mon maître*”. O professor Bechara é o Mestre de todos nós.

**MATRAGA | Professor Bechara, o senhor poderia destacar os momentos mais gratificantes da sua trajetória como estudioso da Língua Portuguesa, explicitando como eles moldaram sua visão sobre a importância da gramática, tanto na perspectiva acadêmica quanto na da vida cotidiana do brasileiro?**

**E. B. |** Desde cedo, eu me preocupei com a boa exposição dos assuntos gramaticais. Tive a sorte de ter no meu caminho uma figura excepcional, a do Professor Manoel Said Ali Ida, que nasceu em Petrópolis, de uma família alemã. O professor Said Ali (BECHARA, 1962) me deu aquela orientação científica para estudar os assuntos sempre com muito cuidado, muita atenção, e vendo os diversos aspectos pelos quais o assunto poderia ser tratado, de modo que essa é uma preocupação constante de tudo por que tenho falado ou escrito durante a minha vida profissional de professor.

**MATRAGA** | O que o inspirou a se candidatar à ABL e como o senhor definiria a responsabilidade e a importância de fazer parte de uma instituição tão prestigiosa para a preservação e difusão da língua e da cultura brasileiras, bem como para a promoção da gramática no Brasil?

**E. B.** | Eu comecei na Academia, trabalhando na Academia como colaborador a convite do meu amigo e colega Arnaldo Niskier. Durante muitos anos, ocupei essa posição no setor de filologia e gramática, escrevendo os meus trabalhos, orientando os alunos que por acaso batessem à porta da Academia Brasileira de Letras para fins de orientação. De modo que toda a minha vida tem sido uma tentativa de melhorar não só a exposição da matéria, mas a compreensão de todos os problemas que o assunto envolve.

A Academia tem uma importância capital nos assuntos de Língua Portuguesa, cabe a ela o estudo da língua e da literatura nacional. Naturalmente, no campo da literatura nacional, nós temos os nossos amigos especialistas que trabalham ao nosso lado, mas em outro setor, com os assuntos relevantes da sua disciplina. O nosso trabalho na Academia, além da pesquisa pessoal, do trabalho pessoal de cada um, a nossa preocupação é também orientar aqueles que começam, de modo que muitos alunos que terminam a Faculdade de Letras com a tentativa ou o desejo de se especializar em Língua Portuguesa procuram, com muita razão, a orientação ou pelo menos os primeiros conselhos da Academia Brasileira de Letras.

**Matraga:** Considerando a natureza dinâmica da linguagem e a evolução histórica das línguas, como o senhor avalia o papel da filologia na contemporaneidade e sua relevância para preservar e compreender as variações linguísticas, os dialetos, os arcaísmos e neologismos, bem como as influências das novas tecnologias na forma como nos comunicamos?

**E. B.** | Uma língua não é somente um instrumental falado. Uma língua é também o seu repositório escrito. E esse repositório escrito nos orienta para a boa compreensão da língua, do seu estudo, do seu mecanismo e de como nós podemos levar isso aos jovens alunos que saem da Faculdade para se dirigirem à sala de aula como professor de Língua Portuguesa. Naturalmente, a Língua Portuguesa apresenta, como todas as línguas, variantes de todos os tipos, principalmente o que nos interessa agora mais de perto, a variedade científica. Então, ao lado da língua estudada pelos gramáticos existem as composições escritas por grandes autores, e o estudioso de língua procura ver como esses autores utilizam todas as potencialidades da língua escrita para a representação adequada e corrente dos seus pensamentos, emoções e sentimentos.

**MATRAGA** | Como o estudo da literatura pode enriquecer a análise filológica da gramática, e como as estruturas linguísticas presentes nas obras literárias podem ser utilizadas para se compreender a mutação e as variações da língua ao longo do tempo?

**E. B.** | Estudar uma língua é estudar toda a sua potencialidade. Isso nós tentamos fazer estudando os bons autores, estudando os mestres que nos precederam, entre os quais ponho em



primeiro lugar a obra do professor e meu mestre Said Ali. Ao lado do professor Said Ali, eu sempre procurei ver as orientações sempre muito bem formuladas ou quase sempre muito bem formuladas por Antenor Nascentes e pelo professor José Oiticica. Isto permitiu que eu levasse aos jovens e aos novos professores que saíam da Faculdade uma orientação científica capaz de atender às necessidades do rigor científico.

**MATRAGA | Considerando-se a importância de se manter a gramática viva e atualizada, de que maneira a aceleração das trocas interativas, em consonância com o mundo globalizado, na era digital, afetam positiva ou negativamente o trabalho do gramático de Língua Portuguesa?**

**E. B. |** O gramático trabalha com a língua literariamente exposta. Entretanto, ao lado dessa modalidade linguística se apresentam outras modalidades. Modalidades regionais, modalidades individuais, estilos especiais de autores. De modo que a gramática, sem perder a sua razão histórica, se serve desses instrumentos novos para mostrar que ao lado da língua-padrão, outras línguas, outras variedades de língua também funcionam nessa mesma língua comum.

**MATRAGA | Professor, o senhor não ignora que a constituição de uma história acadêmica tão duradora – na década de 1980, pelo menos, a disciplina de filologia românica 1 era exclusivamente ministrada pelo senhor, aqui na UERJ –, tendo formado gerações de alunos, a maioria dos quais, já admiradores, se tornaram orientandos, professores, pesquisadores, em suma, uma legião de acadêmicos que manteve um contato muito próximo com o senhor. A esse público especial que nos lê, que conselhos, advertências ou mensagem o senhor gostaria de transmitir, bem como às novas gerações de estudantes de Língua Portuguesa?**

**E. B. |** O papel fundamental do professor é transmitir a seus alunos o bom uso da língua. Entretanto, ao lado desse bom uso da língua, para assuntos literários e científicos, nós temos também variedades individuais, variedades regionais, variedades estilísticas e todas essas variedades são úteis. Um autor não é somente um conhecedor da língua-padrão, é também um conhecedor de todas as manifestações ou das mais importantes manifestações da sua língua exemplar. Então, pela obra, pela natureza da obra científica ou literária, a língua-padrão se modela por esse novo estilo e passa a ser um modelo para a geração futura.

A mensagem que eu deixo para todos os meus alunos, ou aqueles que não foram meus alunos diretamente em sala de aula, mas o foram pela minha obra escrita, eu aconselho o bom senso. Aconselho o bom senso no trato da língua, mostrando que a língua não é somente a variedade culta, mas as diversas variedades que põem ao escritor a possibilidade de se exprimir em outros dialetos dentro da própria língua-padrão.



## *O universo da linguagem:* sobre a língua e as línguas, de Aldo Bizzocchi

Jonathas de Cerqueira Castro

Universidade Estadual do Piauí, Teresina (PI), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6124-0485>

E-mail: [jdeccastro@aluno.uespi.br](mailto:jdeccastro@aluno.uespi.br)

Aldo Bizzocchi é doutor em Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorados em linguística comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em etimologia pela USP. Em 2021, Bizzocchi publicou *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas*. Em seu prefácio, o autor adverte que a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Dividida em quatro partes, a obra discute diversas questões relacionadas à língua e à sua compreensão de um ponto de vista científico. O autor utiliza recursos interessantes, para facilitar a compreensão do leitor, tais como figuras explicativas, para ilustrar conceitos complexos, e quadros comparativos abarcando diferentes línguas, evidenciando a similaridade entre elas, o que é um ponto bastante positivo. Ao final de cada capítulo, há notas explicativas sobre pontos específicos do texto.

Na parte I, “Uma ciência chamada linguística”, Bizzocchi aborda a origem da linguística enquanto ciência, por meio de sua revisão histórica, passando pelos períodos da Antiguidade (clássica), Idade Média e Idade Moderna. Um ponto positivo, e uma crítica pontual do autor, é a de que muitas das práticas que vigoram atualmente, como o estudo dos clássicos da língua portuguesa – malgrado o português falado no Brasil se distancie do português lusitano –, derivam de métodos originados no século XVII, período em que foram criadas as primeiras Academias francesas, as quais tinham como objetivo manter a “pureza” da língua, tornando padrão de correção e elegância o uso linguístico dos clássicos.

O autor aprofunda o estudo da linguística como ciência, destacando que o século XIX foi marcado pelo (possível) primeiro estudo linguístico dotado de uma metodologia científica, realizado por William Jones, que, por meio da análise de inúmeras palavras das línguas indus e europeias, utilizando-se do método de reconstrução por comparação, chegou a uma hipotética língua-mãe comum denominada indo-europeu.

Diversos outros pontos dignos de nota são abordados na seção introdutória, tais como a distinção entre língua e fala; a diferença entre os estudos diacrônicos e sincrônicos; o fenômeno da mutação linguística; e a origem de dialetos – cujo reconhecimento, muitas vezes, é uma questão



política e passível de forte estigmatização (aqui, Bizzocchi cita a aversão pelo dialeto que lembra o passado ruralista do Brasil).

Da leitura da primeira seção, o leitor compreende que a língua não é apenas um produto da cultura, mas também da história, visto que, por meio do estudo de uma variação linguística, é possível conhecer o passado de uma determinada população, tal qual o citado exemplo do dialeto caipira. Assim, a língua possui uma importante função de preservação da memória de uma cultura.

Bizzocchi ainda investiga a existência de uma língua predecessora, a língua-mãe das línguas atuais. Buscando responder a essa pergunta, pesquisadores cogitaram a existência de uma “protolíngua”, desenvolvida pelos primeiros hominídeos; essa teoria foi denominada “teoria da torre de Babel”. Tal protolíngua teria passado por estágios de desenvolvimento até chegar à fala articulada, a partir do momento em que a vida de nossos ancestrais se tornou suficientemente complexa, de modo a exigir uma comunicação mais sofisticada.

À medida que as atividades humanas se tornaram mais complexas, a comunicação se tornou essencial para lidar com as exigências da vida moderna. Isso levou a um aumento na complexidade da linguagem, tornando possível a expressão clara e precisa de ideias. Todavia, é importante ressaltar que uma análise puramente funcional da linguagem pode levar a uma visão limitada das línguas. Isso pode resultar em uma classificação hierárquica das línguas, nas quais algumas línguas (e culturas) são vistas como superiores a outras. Assim, o leitor deve estar atento para não ser levado por uma visão reducionista da linguagem, fazendo-se necessário que a análise dela seja mais ampla, incluindo aspectos sociais, culturais e históricos, a fim de evitar a perpetuação do preconceito linguístico.

Na parte II, “A mecânica da língua”, Bizzocchi busca explicar o funcionamento das línguas nos seus diversos aspectos. No primeiro capítulo, o autor aborda pontos como o sotaque; o gênero na linguística, com um ponto curioso de que, em muitas línguas, há a presença de três ou até quatro gêneros distintos; o uso dos números e a origem dos numerais. Por fim, Bizzocchi aborda as teorias que buscam definir o conceito de *palavra*, concluindo ser esta uma árdua tarefa, posto que nem linguistas, nem gramáticos conseguiram defini-la com exatidão.

Apesar de curta, a segunda parte da obra é bastante densa, focando muitas vezes, e de forma pormenorizada, as regras da gramática normativa, o que pode tornar, para alguns leitores, a leitura menos fluida. Para contornar esse problema, o autor lança mão de abordagens interdisciplinares sobre o assunto, trazendo conceitos da física e biologia, e até mesmo citando fatos históricos, para justificar a origem de determinados termos da linguística.

A parte III, “Linguagem, cultura e visões de mundo”, discute a relação entre a cultura e a língua, e como aquela varia de acordo com a mudança dessa, e vice-versa. Bizzocchi advoga que cada língua reflete uma particular visão de mundo, própria de cada cultura; essa visão é chamada de recorte cultural. Para o autor, o monolingüismo pode levar à limitação da visão de mundo, porquanto o modo de enxergar a realidade é “formatado” pela língua falada. Assim, aprender uma nova língua – conhecendo a sua cultura – leva a uma ampliação da visão de mundo.

Por fim, o autor indaga se a cultura determina a língua, ou se seria o contrário, concluindo pela impossibilidade de se saber quem surgiu primeiro, a linguagem ou a cultura, visto que am-

bas são intimamente ligadas. Um ponto importante abordado nessa seção diz respeito à categorização de línguas (e culturas) como “primitivas” ou “civilizadas”. Segundo Bizzocchi, a maioria das línguas “primitivas” não possui vocábulos abstratos (como conjunções e preposições), ou são limitadas em seus numerais, pois “a vida na selva não exige grande precisão aritmética. Também pouco exige frações, raiz quadrada, geometria [...]” (2021, p. 163).

A partir da leitura da seção, o leitor pode perceber o que entendo como um determinismo econômico, do ponto de vista do autor, pois ele concebe que a língua de um povo se condiciona a seu modo de produção ou sistema econômico. Dessa forma, um sistema econômico mais complexo levará a desenvolvimentos cultural e linguístico “superiores” àquele de uma sociedade tribal, cujos modos de produção e relações de poder são muito mais simples.

Entretanto, essa visão pode levar a uma concepção equivocada de que uma sociedade com um sistema econômico mais complexo é cultural e linguisticamente “superior” a uma sociedade tribal com modos de produção e relações de poder mais simples. Essa postura etnocêntrica que considera a cultura branca como superior às outras deve ser combatida e tratada com cautela, uma vez que foi usada para justificar a invasão e dominação de diversas sociedades tribais, como ocorreu na África e na Austrália, por exemplo. É fundamental reconhecer que não existe uma superioridade cultural ou linguística e que a diversidade é uma riqueza que deve ser preservada. Nesse sentido, a linguística deve trabalhar para entender e valorizar as diferenças linguísticas e culturais, sem perpetuar o etnocentrismo e a discriminação.

Na parte IV, “A linguagem e a mente”, o autor se propõe a explicar como o cérebro processa os símbolos, e como criamos as representações que são o fundamento do nosso próprio pensamento. Como dito, as línguas criam uma visão de mundo particular de cada cultura, de ver e pensar a realidade. Nessa seção, Bizzocchi aprofunda a discussão, ao afirmar que a realidade só pode ser pensada por causa de uma linguagem. O autor percorre os processos mentais ligados à linguagem, desde o uso de metáforas linguísticas, ao processo de abstração da linguagem, chegando a discutir como as línguas criaram nossos conflitos existenciais, por meio de criações abstratas (como a morte, Deus, a infinitude, o Nada, entre outros). Por conta desse poder de abstração da língua, Bizzocchi afirma que vivemos em uma realidade criada por nossos símbolos, tal qual em o mito da caverna de Platão (2019).

Outro ponto que merece aprofundada discussão e reflexão, é a preocupação do autor com relação ao extermínio das línguas. Segundo Bizzocchi, nos próximos 100 anos, 50% das mais de 6 mil línguas existentes desaparecerão, majoritariamente línguas de sociedades tribais africanas e americanas, tendo como principal causa as dominações econômica e cultural branca. Esse desaparecimento de línguas das sociedades tribais é fruto de um projeto de dominação político, social e econômico disfarçado de globalização e desenvolvimento, incentivado pelo modelo econômico capitalista, que dita a necessidade de expansão e de imposição de uma língua dominante (no caso, o inglês) aos diversos povos do globo, tolhendo-lhes suas línguas maternas e, por conseguinte, apagando suas culturas. As páginas dedicadas por Bizzocchi a esses temas são um ponto bastante positivo, e certamente devem ser trazidas para a sala de aula.

Como informado no prefácio, a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Na verdade, *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas* é um livro muito mais den-

so do que as suas 221 páginas o fazem parecer. Ainda assim, o autor torna a leitura agradável por meio de exemplos didáticos e comparações com outras disciplinas.

É uma leitura obrigatória, para quem almeja iniciar a formação acadêmica no campo da linguística, pois realiza o estudo das línguas e da linguagem desde a sua origem, analisando-as sob um contexto interdisciplinar. O autor, ainda, apresenta ao leitor ramos específicos da linguística, como a sociolinguística e a psicolinguística, o que é um ponto bastante positivo, pois atrai a atenção do leitor, de modo a lhe apresentar a possibilidade de seguir nesses ramos de pesquisa.

Por esse conjunto de motivos, a obra cumpre com o seu objetivo de apresentar ao leitor uma gama de informações de forma fluida e atrativa, sendo ideal para estudantes que estão no início da graduação.

## REFERÊNCIAS

BIZZOCCHI, Aldo. **O universo da linguagem**: sobre a língua e as línguas. São Paulo: Contexto, 2021.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: EDIPRO, 2019.





## *Joaquim por João: Cardozo* na poesia de Cabral, de Éverton Barbosa Correia

Eduardo da Silva de Freitas

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9771-9913>

E-mail: [eduardosfreitas@gmail.com](mailto:eduardosfreitas@gmail.com)

Constitui instigante paradoxo o fato de que a poesia de João Cabral, já definida como a “poesia do menos”, por amputar do signo seu excesso de significado (SECCHIN, 1999, p. 15), dê ensejo e inúmeras lucubrações a seu respeito. Igualmente instigante é a circunstância de que, apesar do acúmulo de textos que orbitam a produção cabralina, ainda seja possível acrescentar alguma novidade ao repertório exegético. É isso que mostra Éverton Barbosa Correia em *Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral*, lançado em 2022, pela editora Ponteio.

Dividido em quatro capítulos, o livro agrega uma interpretação fundada na dinamização de instrumentos e ideias teórico-analíticas extraídos da crítica textual, da estilística e das biografias de ambos os poetas. No capítulo de abertura, expõe-se esse aparato, que consiste em submeter à crítica textual e à leitura estilística os poemas em que João Cabral se refere ou remete a Joaquim Cardozo, poeta-engenheiro e figura poética mais presente na produção cabralina. Esgrimando esse instrumental, Éverton Correia realiza um estudo anatômico dos poemas selecionados, estabelecendo associações entre forma e sentido.

A análise dos poemas tem lugar no segundo e no terceiro capítulos. O *corpus* é dividido em duas subséries: uma, daquelas composições dedicadas a Joaquim Cardozo; outra, das peças em que o nome Cardozo é aproveitado lexicalmente, com conotações que extrapolam sua natureza denominadora de origem. Integram o primeiro conjunto os poemas “A Joaquim Cardozo”, de *O engenheiro* (1945); “A luz em Joaquim Cardozo” e “Pergunta a Joaquim Cardozo”, de *Museu de tudo* (1975); “Joaquim Cardozo na Europa” e “Na morte de Joaquim Cardozo”, de *A escola das facas* (1980); e “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, de *Crime na calle relator* (1988). Do outro subgrupo, fazem parte o trecho “Dos Coelhos ao cais de Santa Rita”, de *O Rio* (1954); um conjunto das quadras de “Poemas da cabra”, de *Quaderna*, (1960); e o poema “Prosa da maré na Jaqueira”, de *A escola das facas* (1980).

Na interpretação do *corpus*, Éverton Correia adota o expediente de inverter a cronologia de publicação das composições, começando, portanto, pelo último poema em direção ao primeiro. O recurso enfatiza a importância do diálogo estabelecido por Cabral com Cardozo, pois a aná-



lise tem início com o poema que enfeixa o maior número de versos dedicados pelo diplomata a seu amigo engenheiro. Assim, palmilhando o caminho inverso, no sentido de “acompanhar o desenvolvimento da obra cabralina pelo diálogo com o poeta mais frequentado no interior de sua obra” (CORREIA, 2022, p. 31), as leituras avançam em retrocesso: ao mesmo tempo que se acumulam as interpretações, recua-se no tempo quanto à interlocução poética.

O segundo capítulo começa com um estudo do poema “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, expondo a conturbada existência editorial dessa composição e descrevendo seus elementos de estilo. Éverton Correia assume que se trata de um “poema cambiante”, pelas alterações sofridas de publicação em publicação, e concentra a análise no ritmo e vocabulário da composição, com o fito de ilustrar como, a essa altura da produção cabralina, Joaquim Cardozo aparece plenamente como “um complexo estilístico que se desdobra em múltiplos procedimentos literários” (CORREIA, 2022, p. 46).

Ao avançar sobre as composições de *A escola das facas* – “Joaquim Cardozo na Europa” e “Na morte de Joaquim Cardozo” –, isentas de transtornos editoriais, o autor dedica especial atenção à rima e à métrica do primeiro poema, articulando-as às componentes lexicais e temáticas, para propor que, no poema, Joaquim Cardozo, “mais do que figura autoral, recortada da realidade tal qual outro referente qualquer, converte-se em figura de linguagem” (CORREIA, 2022, p. 76). Quanto ao outro poema, percorrendo suas instâncias formais, Éverton demonstra a conversão, por João Cabral, de um fato relativo à vida de Cardozo em matéria poética: o processo judicial sofrido pelo engenheiro, em decorrência da queda do edifício Gameleira em 1971, transforma-se em objeto estético que veicula a dúvida, a hesitação e a impotência.

Chega-se às duas composições de *Museu de tudo*: “Pergunta a Joaquim Cardozo” e “A luz em Joaquim Cardozo”. Do primeiro poema, também associado ao episódio com o prédio da Gameleira, destaca-se sua estrutura enunciativa, constituída de duas perguntas, para ressaltar que não expressam propriamente curiosidade, mas desalento e desconfiança. Na abordagem do segundo poema, ocorre uma reaproximação das organizações estrófica e sonora, ligando-as ao vocábulo “luz”, com o fito de mostrar o interesse de Cabral pela ideia de luminosidade de Cardozo. A conclusão é a de que o poeta-engenheiro produz a “irradiação de uma luz que se espraiaria por toda a compreensão daquela poesia [a de João Cabral] que se fez ilustrada” (CORREIA, 2022, p. 109).

O capítulo se encerra com a abordagem do poema estampado em *O engenheiro*, peça inaugural do diálogo estético entre os dois poetas. O autor acompanha a trajetória editorial do poema e sugere um paralelo entre a mudança ocorrida, por intervenção de Cabral, no antepenúltimo verso – originalmente estampado “que sonhaste”, passando a “que praticaste” até se consolidar em “que calculaste” –, e as alterações “pelas quais passou sua poesia no plano das ideias” (CORREIA, 2022, p. 121), no sentido da busca de uma precisão cada vez maior.

No terceiro capítulo, a atenção recai sobre os usos lexicais dados por Cabral ao nome Cardozo. Sempre lembrando a circunstância editorial das publicações e seguindo a cronologia inversa, Éverton Correia esmiuça a semântica que envolve a palavra em cada ocorrência. A primeira da abordagem é a presente em “Prosas da maré na Jaqueira”, em que Cardozo figura como um adjetivo, qualificando uma maneira de fazer versos de que João Cabral não disporia. Nos “Poemas da cabra”, de *Quaderna*, o nome de Cardozo vincula-se à ideia de centralidade, dureza e força,



elementos caros à estética de Cabral. Por fim, em *O rio*, Cardozo confere sabor memorialístico à paisagem do Capibaribe na viagem poética descrita por Cabral.

Arrematando o livro, o capítulo final dobra-se novamente às questões editoriais colocadas na abertura. O aparecimento de poemas inéditos, dois dos quais com referência a Joaquim Cardozo, quando a editora Alfaguara publicou *Poesias completas*, em 2020, é motivo para se refletir ainda uma vez sobre a relação entre uma obra e seu autor. Considerando que a ocasião de publicação é alheia à vontade de Cabral – tendo em vida oportunidade de estampar os poemas, preferiu não o fazer –, Éverton Correia defende que se “a publicação desses poemas expande a lavra autoral, não tem o condão de alterar a imagem que o autor forjou para si perante o público leitor” (CORREIA, 2022, p. 167).

Feita a breve exposição do livro, é oportuno tecer algumas considerações, ainda que sumárias, a seu respeito, a fim de aquilatar sua contribuição. Nesse sentido, uma comparação com as interpretações de Benedito Nunes e Antônio Carlos Secchin pode ser proveitosa. Nos livros que dedicaram ao poeta pernambucano, tanto um quanto outro traçaram o percurso poético de Cabral em suas linhas gerais, desde seu início até o momento em que o tomavam como assunto. Dessa perspectiva, que promove certa ideia sobre o desenvolvimento artístico de Cabral com foco nos temas e ideias de força dos livros, constrói-se uma visão preciosa do conjunto. Assim, Benedito Nunes fala de uma “retração ascética do Eu lírico” (p. 138), “arborescência da imagem” (p. 142), “poesia de superfície” (p. 157), “vontade de petrificar” (NUNES, 1974, p. 169). De modo semelhante, Antônio Carlos Secchin, em seu já citado *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*, deslinda as características marcantes de cada livro: do mundo onírico, de *Pedra do sono*, ao momento em que “o ‘eu’ se confere um lugar explícito no corpo do poema”, em *A escola das facas* (SECCHIN, 1999, p. 272).

Até pelo valor das observações, esse tipo de abordagem extensiva desperta o desejo por uma leitura que se demore mais na exposição das relações entre a forma e o conteúdo. No entanto, a natureza abrangente desses estudos dificulta o aprofundamento da análise. Ao selecionar um número pequeno de poemas, Éverton Correia avança justamente no sentido de explorar a dimensão formal das composições e extrair os significados que carregam. O autor repercute o ponto de vista cabralino de que o poema é sobretudo uma construção linguística, erigida com cuidadoso trabalho sobre sua forma, e se volta para o ritmo, o som, o vocabulário, a morfologia, a sintaxe, a dicção e a disposição do poema na página, vinculando-os à dimensão conotativa de cada composição em si e em sua relação com a trajetória poética de Cabral pela metonímia da interlocução com Joaquim Cardozo. A concentração no estilo dá corpo à dimensão ideativa da poesia de Cabral e relembra a solidariedade entre forma e conteúdo.

A atenção ao outro poeta pernambucano é igualmente um ponto a se destacar do trabalho. Por sua índole refratária à publicação, Joaquim Cardozo ainda aguarda atenção maior da crítica e uma compreensão que insira sua obra no cenário da poesia brasileira do século 20. Mostrar a intensidade do diálogo da poesia de Cabral com a de Cardozo tem valia tanto porque aponta um novo flanco para compreensão da busca estética do poeta-diplomata quanto porque dá visibilidade à produção do poeta-engenheiro. A crítica, sempre muito pronta a associar Cabral e Drummond, pode ganhar em considerar os contatos da poesia cabralina

com a de Cardozo, no mínimo, porque ele, assim como o outro, foi um poeta para quem “a formulação poética só é perfeita quando passa pelo crivo da racionalidade” (HOUAISS, 1967, p. 95). O livro sugere que é um paradoxo a se evitar: o de deixar de lado um poeta a quem João Cabral dedicou tanta atenção.

## REFERÊNCIAS

CORREIA, Éverton Barbosa. *Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral*. Rio de Janeiro: Ponteio; Faperj, 2022.

HOUAISS, Antônio. *Seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.



## Editoras e Colaboradores

### EDITORAS

#### Deise Quintiliano Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8018-1846>

Professora Titular em Letras Francesas (Língua e Literatura) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); doutora em Letras Neolatinas (pela UFRJ, com bolsa sanduíche do CNPq pela EHESS de Paris); Membro do PPGL/UERJ, atuando no Mestrado e Doutorado de Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Líder do Gr-pesq/CNPq “Grupo de Estudos Sartrianos”: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0703217912109695>> e Membro do GES (Groupe d’Etudes Sartriennes de Paris), desde 2001. Pós-doutorado em Letras pela UFRGS (2010). Recebeu bolsa de Pós-Doutorado CAPES/Sênior/Exterior (2013) e com base no convênio de cooperação internacional que assinou entre o IL da UERJ e a UFR (Littérature, Histoire et Sociologie da Université Paris 8), desenvolveu, em 2013, estágio de Pós-doutoramento PROCAD nessa Universidade. Autora da trilogia: *Sartre: Philia e Autobiografia*, *Engenho e Arte: Pós-Modernidade e Relatividade em Sartre*, *Sartre em dois atos: As Moscas e O diabo e bom deus*. Pesquisadora Procientista (UERJ/FAPERJ) desde 2008.

✉ [deisequintiliano@uol.com.br](mailto:deisequintiliano@uol.com.br) / [deisequintiliano@yahoo.fr](mailto:deisequintiliano@yahoo.fr)

#### Roberta Cristina Sol Fernandes Stanke

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9662-7064>

Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuante nas áreas de Língua Alemã e Formação de Professores. Especializou em Ensino de Alemão como Língua Estrangeira pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em cooperação com a Universität Kassel, na Alemanha, e o Goethe-Institut. É mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutora também em Linguística Aplicada pela UFRJ, com bolsa sanduíche pela *Friedrich-Schiller-Universität Jena*, na Alemanha. Na UERJ, atua no curso



de Graduação em Letras – Português/Alemão, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PP-GLetras) e na área de extensão, coordena, desde 2008, as oficinas de língua alemã em escolas públicas e os cursos de alemão do projeto LICOM/PLIC.

✉ [roberta.stanke@yahoo.com.br](mailto:roberta.stanke@yahoo.com.br) / [roberta.stanke@uerj.br](mailto:roberta.stanke@uerj.br)

## COLABORADORES

### Alexandre de Melo Andrade

É professor adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Letras/Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Editor-chefe da Revista de Letras *Travessias Interativas* – revista do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de produtividade do CNPq, nível 2.

✉ [alexandremelo06@uol.com.br](mailto:alexandremelo06@uol.com.br)

### Denilson Pereira de Matos

Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense/UFF (2008); Mestrado em Estudos da Linguagem (L. Portuguesa e Linguística) pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/RJ (2003); Especialista em L. Portuguesa UERJ (2000) e em EaD pelo SENAC (2010). Graduação em Letras Bacharelado e Licenciatura Português/Literaturas – UERJ (1995 e 1997). Atualmente é Professor associado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, docente permanente do PROLING: Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino – MPLE. Coordenador do curso Lato Sensu PRPG/UFPB: CLELP: Ciências da Linguagem com ênfase no Ensino de Língua Portuguesa. CLEaD: Ciências da Linguagem com ênfase na EaD. Líder do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base – TLB (UFPB/CNPq).

✉ [denilson@cchla.ufpb.br](mailto:denilson@cchla.ufpb.br)

### Eduardo da Silva de Freitas

Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Colaborador no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde concluiu o doutorado em Literatura Comparada, em 2013. É membro de grupos de pesquisa, como o Núcleo de Estudos Clássicos, da Fundação Biblioteca Nacional, e do Laboratório de Estudos Clássicos, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Seus interesses de pesquisa voltam-se especialmente para a compreensão dos gêneros poéticos na literatura latina e na literatura brasileira.

✉ [eduardosfreitas@gmail.com](mailto:eduardosfreitas@gmail.com)

### Elaine Roschel Nunes

É doutora em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (2021), com doutorado sanduíche (bolsa CAPES-Print – USP) na Universidade de Augsburg (Alemanha). Ganhadora do Prêmio “Luiz Antônio Marcuschi” de Teses e Dissertações da Anpoll de 2023. Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas de Formação de professoras/es de línguas, Educação Linguística e Mentoria. É professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina.

✉ [roschel.elaine@ufsc.br](mailto:roschel.elaine@ufsc.br)

### Ercilene Azevedo Silva Pessoa

Doutoranda em Linguística e Mestra em Linguística – PROLING/UFPB (2014). Especialização em Educação de Jovens e Adultos – UFPB (2013). Especialização em Ciências da Linguagem com ênfase em EaD – UFPB (2012). Graduação em Letras – UFPB (2011) e graduação em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana-PE (1998). Especialização em O Ensino da Geografia no Contexto Ambiental (FFPG – 1999). Professora de Língua Portuguesa na rede estadual – SEC PB e na rede municipal – PMJP, atuando no Ensino Fundamental e Médio. Atuou como Coordenadora do Polo de Apoio Presencial de Pitimbu/PB – UAB/UFPB Virtual e na função de Assistente à Docência no Polo de Apoio Presencial de Conde/PB – UAB/UFPB/Virtual. É tutora pela UFPB Virtual em cursos de graduação. Atualmente, integra o grupo de pesquisa TLB: Teorias Linguísticas de Base/CNPq/UFPB.

✉ [ercileneazevedo@hotmail.com](mailto:ercileneazevedo@hotmail.com)

### Evanildo Cavalcante Bechara

Filólogo, linguista e lexicógrafo, é Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou, por décadas, nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino fundamental e médio oferecidos pelo Liceu Literário Português, de onde é Vice-Presidente Cultural, além de ministrar palestras sobre Educação e Língua Portuguesa em escolas e universidades dentro e fora do país. É membro do Comitê Científico da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, como representante da Academia Brasileira de Letras, Membro da Comissão Nacional do Brasil junto ao Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), membro da Academia Brasileira de Filologia, Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra, membro da Société de Linguistique Romane, membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da mesma instituição, e o representante brasileiro do Acordo Ortográfico vigente. Recentemente, em sua homenagem, foi instituída pelo Instituto de Letras da UERJ a *Cátedra Evanildo Bechara*, criada para promover eventos sobre a Língua Portuguesa e estudos linguísticos no Brasil e em outros países.

✉ [cristianecardoso@academia.org.br](mailto:cristianecardoso@academia.org.br)



## Francisco Felipe de Oliveira Rocha

Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Graduado em Letras (Língua Portuguesa) pela mesma instituição. Tem interesse pelos estudos situados no quadro teórico da Linguística Textual, com foco no fenômeno da referenciação.

✉ [felopezoliveira.rocha@gmail.com](mailto:felopezoliveira.rocha@gmail.com)

## Francisco Saraiva Fino

É doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de Évora (Portugal) e Mestre em Criações Literárias Contemporâneas pela Universidade de Évora, na especialidade de Teoria da Criação Literária. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto (Portugal). Colaborador do CEL – Centro de Estudos em Letras, da Universidade de Évora. Responsável pela edição de *O Livro do Joaquim* (2007 / 2019) e *Sétimo Dia* (2021), do poeta Daniel Faria. Autor de *A Multiplicação do Espaço – Ensaio sobre a Poesia de Daniel Faria* (Teórica Editora, 2020). Desenvolve investigação nas áreas da poesia portuguesa moderna e contemporânea, na teorização crítica e nas relações entre discursos artísticos.

✉ [fmsfino@gmail.com](mailto:fmsfino@gmail.com)

## Gilberto Ferreira de Souza

Professor do Programa de Línguas Estrangeiras Modernas (PROLEM) da Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação (GRUPPE-UFF) e do Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico (LABPEC- UFF). Atuou na implantação da política linguística educacional de ensino de francês para crianças, nos primeiros anos do Fundamental, em escolas municipais de Niterói. Foi professor de língua adicional (francês) nos níveis fundamental e médio, em escolas das redes pública e privada. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense e Especialista no Ensino de Francês Língua Estrangeira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense.

✉ [gibadesouza@gmail.com](mailto:gibadesouza@gmail.com)

## Gilda Vilela Brandão

É Professora aposentada de Língua e Literatura Francesas e de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Alagoas. Pós-graduação em Letras (Ufal). Publicações: “Paris no imaginário cultural e literário do Rio de Janeiro *fin de siècle*”. **Fronteira Z**, n. 29, dez. 2022. p. 110-125. “José de Alencar e a crítica literária de seu tempo”. **O Eixo e a roda**. v. 30, n. 1. 2021. p. 83-101. “O efêmero e o *fait-divers* na crônica de João do Rio”. **Aletria**, v. 29, n. 2. 2019. p. 103-118. “Mário de Andrade e o surrealismo”. **Landa**, v. 4, n. 2. 2016. p. 53-69. “Graciliano Ramos e o sentimento

de absurdo”. **Diadorim**. v. 13, jul. 2013. p. 100-122. “A angústia da repetição em Jorge de Lima”. In: Brandão, Gilda Vilela (org.) **Jorge & Murilo**. Maceió: Edufal, 2015. p. 57-90

✉ [gildabrandao@gmail.com](mailto:gildabrandao@gmail.com)

### Isabel Scremin da Silva

É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Mestre pela mesma instituição (USP, 2023), graduada em Letras – Bacharelado em português pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2019). Este artigo é resultado de sua dissertação, intitulada *As voltas do compasso: um estudo retórico da obra espiritual de Alexandre de Gusmão*.

✉ [isabelscremin@gmail.com](mailto:isabelscremin@gmail.com) / [isabelscremin@usp.br](mailto:isabelscremin@usp.br)

### Jonathas de Cerqueira Castro

É acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Entre suas áreas de interesse estão os ramos da Linguística e Estudos Literários. Atualmente, faz parte de grupos de estudos voltados à Crítica Literária, bem como participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, dedicando-se ao ensino de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa em escolas públicas parceiras. Jonathas Castro acumula experiência na educação básica, tanto em instituições públicas quanto privadas, desempenhando o papel de professor bolsista.

E-mail: [jdeccastro@aluno.uespi.br](mailto:jdeccastro@aluno.uespi.br)

### Katherine de Albuquerque Mendonça

É doutoranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Letras (2020) e Mestre em Estudos Literários também pela Universidade Federal de Sergipe (2023), desenvolveu um trabalho de crítica literária acerca da poesia concretista em Sergipe, com foco no poeta Mário Jorge. Na pesquisa de doutorado, recebe financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

✉ [katherinealbuquerque7@gmail.com](mailto:katherinealbuquerque7@gmail.com)

### Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

Possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2001), especialização em Linguística Aplicada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2003), mestrado (2006) e doutorado (2013) em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é professora do quadro efetivo da Universidade do Estado



do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN (PPGL), Mestrado Acadêmico e Doutorado. Concentra interesse pelos estudos na área de Letras, com ênfase em Linguística, Linguística Aplicada e Língua Portuguesa, dedicando-se especialmente às seguintes temáticas: linguística textual, referencialização, argumentação, crítica genética, reescrita, livro didático, produção textual.

✉ [lidianemorais@uern.br](mailto:lidianemorais@uern.br)

### **Maria Cristina Franco Ferraz**

Professora Titular de Teoria da Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECO. Mestre em Letras e Doutora em Filosofia pela Universidade de Paris 1 – Sorbonne, com três estágios de pesquisa pós-doutorais em Berlim e outro realizado em Paris, com bolsas CAPES/DAAD e CAPES-PRINT. Pesquisadora do CNPq. Autora, dentre outros, dos livros *Nietzsche*, o bufão dos deuses; *Platão: as artimanhas do fingimento*; *Homo deletabilis*; *Ruminações: cultura letrada e dispersão hiperconectada* e, com E. Saint Clair, *Para além de Black Mirror – estilhaços distópicos do presente*.

✉ [mcafferraz@hotmail.com](mailto:mcafferraz@hotmail.com)

### **Michel Sicard**

É Professor Emérito da Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Nascido em 1950, escreveu seu primeiro estudo “Aspectos românticos da crítica literária de Sartre”, em 1972. Conheceu Sartre pouco depois e se tornaria um de seus principais interlocutores até o fim da vida. Publicou na revista *Obliques*: “Sartre” (1979) e “Sartre et les arts” (1981), dois grandes volumes contendo suas entrevistas com Sartre e as edições feitas por ele de obras inéditas sartrianas, notadamente “O engajamento de Mallarmé” e “São Marcos e seu duplo” (em *Tintoretto*). Publicou cerca de dez livros sobre Sartre, incluindo *Ensaio sobre Sartre* (Paris, Éd. Galilée) e *Sartre – Pensare l'arte* (Milão, Ed. Marinotti). Especialista em estética, Michel Sicard organizou exposições sobre Sartre (Villa Médicis, BnF) e, sendo ele mesmo artista, expôs extensivamente em todo o mundo (Alemanha, Coreia, China etc.) as suas próprias obras plásticas e os seus livros de artista.

✉ [sicard.micheljp@gmail.com](mailto:sicard.micheljp@gmail.com)

### **Mônica Maria Guimarães Savedra**

Professora associada da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (GLE) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Líder do grupo de pesquisa Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico (Labpec). Coordenadora do Projeto Print-Capes UFF Multilinguismo, Direitos Linguísticos e Desigualda-

de Social. Também é cientista do nosso estado (CNE) pela Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e bolsista de produtividade do CNPq. Atualmente é pró-reitora de pesquisa, pós-graduação e inovação da UFF.

✉ [msavedra@id.uff.br](mailto:msavedra@id.uff.br)

### Paul Voerke

É professor de idiomas e atua na formação de professores e docentes. Estudou alemão como língua estrangeira, história, espanhol e ciências da educação na Universidade de Leipzig (bacharelado, licenciatura e mestrado). Em sua tese de doutorado (defendida e publicada em 2017), junto à Universidade Friedrich Schiller (FSU) de Jena, na Alemanha, pesquisou a qualificação e as vias profissionais de estudantes brasileiros em cursos de alemão. De 2007 a 2019, atuou como docente em universidades no Brasil, Alemanha e Equador nas áreas de formação de professores, ensino de línguas, didática de idiomas e cultura, multilinguismo, política linguística e sustentabilidade. Desde 2021, trabalha como *Research Assistant* na FSU Jena, onde supervisiona vários projetos com parceiros internacionais, além de ensinar e pesquisar, ocupando, atualmente, o cargo de professor pesquisador de alemão como língua estrangeira.

✉ [paul.voerke@uni-jena.de](mailto:paul.voerke@uni-jena.de)

### Raissa Goncalves de Andrade Moreira

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, atuando na linha de pesquisa Diversidade e mudança linguística. É integrante do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de base (TLB), cadastrado no CNPq. Também é membro do projeto de pesquisa FVNexA em prol do ensino de conteúdos linguísticos em tempos de pandemia. Mestre em Linguística pelo programa de Pós-graduação em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/2019); graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/2015). Recentemente vem desenvolvendo pesquisas, tendo como suporte a perspectiva da linguística funcional clássica.

✉ [raissamoreira28@gmail.com](mailto:raissamoreira28@gmail.com)

### Telma Cristina de Almeida Silva Pereira

É docente da Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutora em Estudos de Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com pesquisa na área de Política Linguística. Na UFF, atua na graduação (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e na Pós-graduação (Programa Estudos de Linguagem). É também coordenadora acadêmica do Projeto de Universalização em Línguas Estrangeiras (PULE-UFF). Presidiu a Associação de Professores de Francês do Estado do Rio de Janeiro (APFERJ, 2014-2016); foi membro da direção da Federação Brasileira de Professores



de Francês (FBPF, 2015-2017) e membro da Diretoria da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN, 2015-2017). Atua no projeto Multilinguismo, direitos linguísticos e desigualdade social (Projeto PrInt-UFF). É vice-líder do grupo de pesquisa (CNPq) Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico (LABPEC-UFF).

✉ [tcaspereira@uol.com.br](mailto:tcaspereira@uol.com.br)